



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS-UFAM
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS-IFCHS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA - PPGSCA**

**PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA AMAZÔNIA: uma análise de experiências junto a povos e
comunidades tradicionais**

JOELMA GONÇALVES DA SILVA

**Manaus – AM
2024**

JOELMA GONÇALVES DA SILVA

PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA AMAZÔNIA: uma análise de experiências junto a povos e comunidades tradicionais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia-PPGSCA/UFAM, do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal do Amazonas-IFCHS/UFAM, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida

**Manaus – AM
2024**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S586p Silva, Joelma Gonçalves da
Produção científica na amazônia : uma análise de experiências junto a povos e comunidades tradicionais / Joelma Gonçalves da Silva . 2024
167 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Alfredo Wagner Berno de Almeida
Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas.

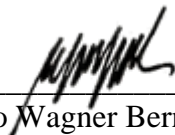
1. Produção Científica. 2. Povos e Comunidades Tradicionais. 3. Projeto Nova Cartografia Social da Amazonia. 4. divulgação de conhecimentos . I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

JOELMA GONÇALVES DA SILVA

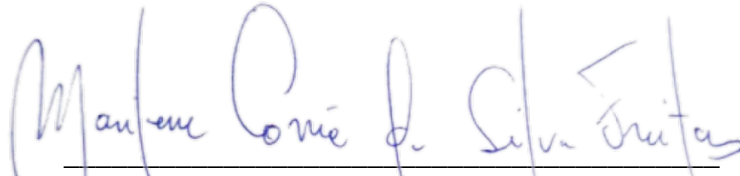
PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA AMAZÔNIA: uma análise de experiências junto a povos e comunidades tradicionais

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Linha de pesquisa: 2, Redes, Processos e Formas de Conhecimento, como parte das exigências para o título de Mestre em “Sociedade e Cultura na Amazônia”.

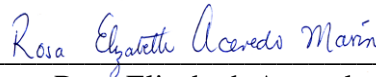
BANCA EXAMINADORA



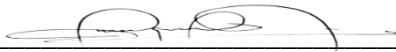
Professor Doutor Alfredo Wagner Berne de Almeida (Presidente)
Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM)



Professora Doutora Marilene Corrêa da Silva Freitas (Membro)
Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM)



Professora Doutora Rosa Elizabeth Acevedo Marin (Membro)
Universidade Federal do Pará (UFPA)



Professora Doutora Maria Magela Mafra de Andrade Ranciaro (Suplente)
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Documento assinado digitalmente

gov.br

DAVI AVELINO LEAL

Data: 03/05/2024 15:56:05-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor Doutor Davi Avelino Leal (Suplente)
Programa de Pós-graduação em História (PPGH/UFAM)

Dissertação Aprovada em: _____/_____/_____

Manaus-Am
2024

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho à Rede de Pesquisa do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, por toda dedicação a pesquisa junto a povos e comunidades tradicionais, certamente esses conhecimentos têm sido relevantes aos que lutam por seus direitos étnicos e territoriais.

AGRADECIMENTOS

Versando esse processo de construção da pesquisa científica que se apresentou árduo e solitário, estendo meus agradecimentos:

Primeiramente, a Deus elevo minha gratidão por proporcionar-me plena saúde física, condição psicológica e exímio equilíbrio emocional para, muitas vezes em meio ao desânimo, prosseguir com firmeza no decorrer desta caminhada. Toda honra seja dada ao Senhor!

Ao meu esposo Wanderley, aos meus filhos, Joiciane e Andrew Henrique, à minha neta, Maitê Eloá, gratidão por suportarem comigo angústias, ausências e me consolarem em meio a tensões vivenciadas.

Aos meus pais José Gonçalves (*in memoriam*) e Conceição Ribeiro Gonçalves (vítima de Alzheimer). Mãe, se possível fosse, sei que neste momento a senhora estaria ao meu lado, esbanjando aquele sorriso que lhe acompanhava quando, na escola, ouvia elogios a nosso respeito. Amarei vocês para sempre; como exemplo de vida e incentivo à educação, cujo zelo e empenho tornaram-se um marco nas nossas histórias de vida.

Aos meus irmãos, todo o reconhecimento por nossas conquistas em torno da educação, condição necessária para celebrarmos com a convicção de que somos capazes, sim, de alcançar novos horizontes. Amo vocês!

Aos amigos Ivo Rodrigo, Maria Hildeneide, Ana Cristina, Marcio Ouro, Elizangela, Silvio, Gizélia, Naione, M^a Deuzimar o meu muito obrigada pelo apoio e incentivo.

Ao Grupo de Aperfeiçoamento e Liderança (Lucivane, Nelma, Ozanir e Sirlene) perdão pela ausência e obrigada pela dedicação na *obra*.

À turma de 2022 do PPGSCA, em especial a Maria Edilene, Josyane e Luana, obrigada pela troca de experiências. Vocês sempre terão um lugar em meu coração.

Aos pesquisadores do Projeto Nova Cartografia Social da Amazonia-PNCSA, em especial ao Eriki Aleixo, Marcos Alan, Murana, que incentivaram a cursar este mestrado. Estendo estes agradecimentos ao Matheus Acosta, Suelem Maciel e a Thaiza: a vocês, toda minha gratidão e o meu muito obrigada pela ajuda e contribuições que me foram dadas.

Aos agentes sociais que me oportunizaram informações relevantes nesta construção, agradeço!

À Monica Cortez, pela atualização do Mapa das Atividades das Oficinas. Gratidão, minha amiga, pelo empenho em virtude do tempo exigido.

Ao prof. Dr. Davi Avelino Leal, meu supervisor no estágio docente, que honra foi agregar conhecimentos através da dinâmica de ensino assimilada. Agradeço pela oportunidade!

À minha amiga, professora Dra. Maria Magela de Andrade Ranciaro, obrigada minha querida, pelo tempo dedicado à leitura do texto construído; às sugestões dadas no momento desta elaboração científica. Que você receba muita luz em sua caminhada!

Às professoras Dra. Marilene Correa da Silva Freitas e Dra. Rosa Acevedo, por terem me honrado com suas presenças da Banca de Defesa e a mim propiciarem profícuo direcionamento nessa complexa teia de questionamentos que é a pesquisa científica.

Aos Coordenadores do PNCSA, obrigada pela confiança, com a certeza de que, por mais esforço que eu faça, não caberia no papel revelar a importância do trabalho ali desenvolvido. Assim, tanto a descrição quanto às reflexões acerca das atividades produzidas no âmbito do Projeto, extrapolam fronteiras e, nessa relação dialógica, certamente estaremos sempre à disposição no que diz respeito a colaborar com futuras ações e profícuas produções científicas.

Agradeço ao Coordenador do Núcleo Cartografia Social do Nordeste, Prof. Dr. Franklin Plassmann de Carvalho, que me proporcionou notável experiência durante a realização do Encontro da Rede de Pesquisadores Nova Cartografia Social ocorrido entre os dias 18 e 22 de setembro, com o tema “A construção de conhecimentos em situação de conflito”, na Universidade Federal do Recôncavo Baiano – UFRB, em Cachoeira/BA.. Essa troca de conhecimento por certo me proporcionou um novo olhar para realidade de povos e comunidades tradicionais.

Ao corpo docente do PPGSCA, em especial aos professores que ministraram as disciplinas para turma de 2022, permitindo-nos assimilar reflexões críticas sobre a Amazônia. Estendo também meus agradecimentos ao professor Doutor Allan Rodrigues de quem, na condição de aluna recém-chegada ao Programa, obtive as primeiras orientações no mestrado.

Ao meu orientador, professor Doutor Alfredo Wagner, coordenador geral do PNCSA, cuja experiência realizada junto à Nova Cartografia Social vai para além do adicionar, aqui, uma reflexão crítica. A afirmação desse compromisso, encontra amparo no olhar atento dos agentes sociais; uma forma de expressarem confiança e contentamento no decorrer do tempo em que junto a eles vivenciei essa relação de pesquisa. Obrigada por aceitar o desafio de minha orientação, por compreender minhas limitações face à grandeza e relevância do processo de produção literária do PNCSA, construída junto a povos e comunidades tradicionais. Esse rito de passagem, foi, para mim, desafiador e doloroso.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas-FAPEAM, pelo incentivo proporcionado através da bolsa de estudo, cujo financiamento contribuiu para a realização da presente pesquisa.

Daquilo que sabes conhecer e medir, é preciso que te despeças, pelo menos por um tempo. Somente depois de teres deixado a cidade verás a que altura suas torres se elevam acima das casas.

NIETZSCHE, 1999

RESUMO

A presente dissertação intitulada “Produção científica na Amazônia: uma análise de experiências junto a povos e comunidades tradicionais” apresenta uma análise crítica e reflexiva sobre as contribuições intelectuais e científicas produzidas na Amazônia, tendo como referência as pesquisas que foram e são desenvolvidas por instituições públicas de ensino e pesquisa. Para cumprir com o propósito correspondente ao processo de análise dos dados aqui interpretados, o presente trabalho tem como objeto de investigação a produção científica acionada pelo Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia-PNCSA. Logo, o objetivo principal da pesquisa centrou-se numa análise crítica e reflexiva junto a povos e comunidades tradicionais, levando a termo o marco inicial dessas atividades ocorridas no período de 2004/2005, momento em que o PNCSA estabelece sede no estado do Amazonas, passando a contribuir com a divulgação de conhecimentos face à luta por direitos étnicos e territoriais junto àqueles agentes sociais. Para efeito de análise dos dados da pesquisa empírica procedeu-se ao levantamento quantitativo e qualitativo dessas produções correspondente ao período de 2004-05 a dezembro de 2023. Esse procedimento metodológico permitiu vislumbrar a dinâmica da construção científica e intelectual do PNCSA, bem como foi possível analisar o processo das relações de pesquisa que vai desde a concepção acerca dos propósitos da Cartografia, perpassando pelo envolvimento e a contribuição do agente social no contexto de sua representação político-organizativa, enfatizando-se, também, o papel do pesquisador como agente facilitador para realização da pesquisa em meio aos registros ativos para autoafirmação étnica e territorial. Assim, por meio dessa concepção foi possível observar como a interdisciplinaridade permeia a discussão, apresentando nuances interpretativas ao dialogar com a antropologia e sociologia, a geografia e estatística, o direito, a cultura, a administração, entre outras áreas do saber.

Palavras-chave: Produção Científica, Povos e Comunidades Tradicionais, Projeto Nova Cartografia Social da Amazonia/PNCSA,

ABSTRACT

This dissertation entitled "Scientific production in the Amazon: an analysis of experiences with traditional peoples and communities" presents a critical and reflective analysis of the intellectual and scientific contributions produced in the Amazon, with reference to research that has been and is being carried out by public teaching and research institutions. In order to fulfill the purpose corresponding to the process of analyzing the data interpreted here, the object of this work is to investigate the scientific production triggered by the New Social Cartography of the Amazon Project (PNCSA). Therefore, the main objective of the research focused on a critical and reflective analysis with traditional peoples and communities, bringing to an end the initial milestone of these activities that took place in the period 2004/2005, when the PNCSA established its headquarters in the state of Amazonas, starting to contribute to the dissemination of knowledge in the fight for ethnic and territorial rights with these social agents. In order to analyze the data from the empirical research, a quantitative and qualitative survey was carried out of these productions corresponding to the period from 2004-05 to December 2023. This methodological procedure provided a glimpse into the dynamics of the scientific and intellectual construction of the PNCSA, and it was also possible to analyse the process of research relationships that range from the conception of the purposes of Cartography, through the involvement and contribution of the social agent in the context of their political-organizational representation, as well as emphasizing the role of the researcher as a facilitating agent for carrying out research in the midst of active records for ethnic and territorial self-affirmation. Thus, through this conception it was possible to observe how interdisciplinarity permeates the discussion, presenting interpretative nuances when dialoguing with anthropology and sociology, geography and statistics, law, culture, administration, among other areas of knowledge.

Keywords: Scientific Production, Traditional Peoples and Communities, New Social Cartography of the Amazon Project/PNCSA.

LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS, QUADROS E MAPAS

Figura 1 – Áreas mapeadas a partir das oficinas de mapas do PNCSA.	32
Figura 2 - Catálogo povos e comunidades tradicionais.....	37
Figura 3 - Catálogo mapeamento social contra o desmatamento e a devastação.....	39
Figura 4 - Catálogo de fontes documentais e arquivísticas sobre comunidades quilombolas no Brasil.....	40
Figura 5 – Coleção de livros Nova Cartografia Social.....	45
Figura 6 – Coleção de livros tradição e ordenamento jurídico.....	48
Figura 7 – Coleção de livros Fórum Pan-Amazônico.	49
Figura 8 – Coleção de livros Documento de Bolso.....	50
Figura 9 – Coleção de livros Luiz de Castro Faria.....	52
Figura 10 – Coleção de livros Cadernos de Debates Nova Cartografia Social.....	53
Figura 11 – Coleção de livros pedagógicos Insurreição de Saberes.	54
Figura 12 – Coleção de livros Antropologia da Amazônia.	55
Figura 13 – Coleção de livros Projeto de Mapeamento Social.	56
Figura 14 – Coleção de livros Autonomia e Mobilização.....	57
Figura 15 – Coleção de livros Aulas Inaugurais.	58
Figura 16 – Coleção de livros Narrativa Quilombola.	59
Figura 17 – Coleção de livros Narrativas das Quebradeiras de Coco Babaçu.	61
Figura 18 – Coleção de livros Pedra de Rumo.....	62
Figura 19 – Coleção de livros Pandemia e Território.....	63
Figura 20 – Coleção de livros de Narrativas Indígenas.....	65
Figura 21 – Coleção de livros Informes Legislativos.....	67
Figura 22 – Acervo fotográfico.....	68
Figura 23 – Cadernos Bibliográfico Cartográfico.....	69
Figura 24 – Info-PNCSA.....	70
Figura 25 – Criação do croqui Águas do Território Mendonça.	79
Figura 26 – Coleção de boletins informativos - Nova Cartografia Social da Amazônia.	83
Figura 27 - Coleção de boletins informativos Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil.....	84
Figura 28 - Coleção de boletins informativos Projeto Mapeamento Social.....	85
Figura 29 – Coleção de boletins informativos - Proyecto Mapeo Social de Pueblos y Comunidades Tradicionales en la Pan-Amazônia: una Red Social en Consolidación.....	87

Figura 30 – Coleção de boletins informativos Cartografia da Cartografia Social.	88
Figura 31 – Coleção de boletins informativos Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central.....	90
Figura 32 – Coleção de boletins informativos Projeto Estratégias de Desenvolvimento, Mineração e Desigualdades.....	91
Figura 33 - Coleção de boletins informativos Comunidades Tradicionais de Pescadores e Pescadoras Artesanais.....	93
Figura 34 - Coleção de boletins informativos Conhecimento Tradicionais de Povos e Comunidades do Nordeste do Brasil.	94
Figura 35 - Coleção de boletins informativos Megaprojetos em Implementação na Amazônia e Impactos na Sociedade e na Natureza.....	95
Figura 36 – Coleção de boletins informativos Povos e Comunidades Tradicionais do Alto Solimões.	96
Figura 37 – Coleção de fascículos Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos.....	99
Figura 38 - Coleção de Fascículos Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia.	101
Figura 39 – Coleção de Fascículos Crianças e Adolescentes em Comunidades Tradicionais da Amazônia.....	103
Figura 40 – Coleção de Fascículos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil.....	104
Figura 41 – Coleção de Fascículos Faxinalenses do Sul do Brasil.	106
Figura 42 – Coleção de Fascículos de Pescadores e Pescadoras Artesanais do Rio São Francisco.....	107
Figura 43 – Coleção de Fascículos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil Central. .	108
Figura 44 - Coleção de Fascículos Quilombolas do Sul.....	109
Figura 45 - Coleção de Fascículos Povos Indígenas do Nordeste.....	110
Figura 46 – Coleção de Fascículos Fundos de Pasto: nosso jeito de viver no sertão.....	111
Figura 47 – Coleção de Fascículos Direitos e Identidades.....	112
Figura 48 – Coleção de Fascículos Proyecto Mapeo Social de Pueblos y Comunidades Tradicionales en La Pan-Amazonía: Una Red Social en Consolidación.....	113
Figura 49 - Coleção de Fascículos Povos e Comunidades Tradicionais de São Paulo.	114
Figura 50 - Coleção de Fascículos Nueva Cartografía Social de Pueblos y Comunidades Tradicionales.	115
Figura 51 - Coleção de Fascículos Cultura e Resistência no Oeste do Pará.	116
Figura 52 - Coleção de Fascículos Projeto Mapeamento Social.	117

Figura 53 – Coleção de Fascículos Mapeamento Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Rio Tapajós.....	119
Figura 54 - Coleção de Fascículos Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central.	120
Figura 55 – Coleção de Fascículos Povos Indígenas do Rio São Francisco.	121
Figura 56 - Coleção de Fascículos Comunidades Tradicionais Quilombolas.....	122
Figura 57 – Coleção de Fascículos Nova Cartografia Social do Nordeste.....	123
Figura 58 – Coleção de Cadernos Projeto Mapeamento Social.	125
Figura 59 - Coleção de Cadernos da Nova Cartografia dos Sertões.	127
Figura 60 - Produção de <i>Reports</i>	128
Figura 61 - Intervenção de pesquisa: encontro das quebradeiras de coco babaçu para entrega do mapa situacional.	137
Figura 62 - Encarte do IX encontrão das Quebradeiras de Coco Babaçu.	141
Quadro 1 - Contribuições do PNCSA 2005-2008.....	34
Quadro 2 - Contribuições do PNCSA 2005-2024.....	34
Quadro 3 - Catálogo povos e comunidades tradicionais	37
Quadro 4 - Catálogo mapeamento social contra o desmatamento e a devastação	39
Quadro 5 – Catálogo de fontes documentais e arquivísticas sobre comunidades quilombolas no Brasil.....	40
Quadro 6 – Coleção de livros Nova Cartografia Social	45
Quadro 7 - Coleção de livros tradição e ordenamento jurídico.....	48
Quadro 8 – Coleção de livros Fórum Pan-Amazônico.	49
Quadro 9 – Coleção de livros Documento de Bolso.	50
Quadro 10 – Coleção de livros Luiz de Castro Faria.	52
Quadro 11 – Coleção de livros Cadernos de Debates Nova Cartografia Social.	53
Quadro 12 – Coleção de livros pedagógicos Insurreição dos Saberes.....	54
Quadro 13 – Coleção de livros Antropologia da Amazônia.	55
Quadro 14 – Coleção de livros Projeto de Mapeamento Social.....	56
Quadro 15 – Coleção de livros Autonomia e Mobilização.	57
Quadro 16 – Coleção de livros Aulas Inaugurais.....	58
Quadro 17 – Coleção de livros Narrativa Quilombola.....	59
Quadro 18 – Coleção de livros Narrativas das Quebradeiras de Coco Babaçu.	61
Quadro 19 – Coleção de livros Pedra de Rumo.	62

Quadro 20 – Coleção de livros Pandemia e Território.....	63
Quadro 21 – Coleção de livros de Narrativas Indígenas.....	66
Quadro 22 – Coleção de livros Informes Legislativos.....	67
Quadro 23 – Acervo fotográfico.....	68
Quadro 24 – Cadernos Bibliográfico Cartográfico: Viajantes e Naturalistas da Amazônia...	69
Quadro 25 – Info-PNCSA.....	70
Quadro 26 - Coleção de boletins informativos - Nova Cartografia Social da Amazônia.....	83
Quadro 27 – Coleção de boletins informativos Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil.....	84
Quadro 28 - Coleção de boletins informativos Projeto Mapeamento Social.....	86
Quadro 29 - Coleção de boletins informativos - Proyecto Mapeo Social de Pueblos y Comunidades Tradicionales en la Pan-Amazônia: una Red Social en Consolidación.....	87
Quadro 30 - Coleção de boletins informativos Cartografia da Cartografia Social.....	88
Quadro 31 - Coleção de boletins informativos Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central.....	90
Quadro 32 - Coleção de boletins informativos Projeto Estratégias de Desenvolvimento, Mineração e Desigualdades.....	91
Quadro 33 - Coleção de boletins informativos Comunidades Tradicionais de Pescadores e Pescadoras Artesanais.....	93
Quadro 34 - Coleção de boletins informativos Conhecimento Tradicionais de Povos e Comunidades do Nordeste do Brasil.....	94
Quadro 35 - Coleção de boletins informativos Megaprojetos em Implementação na Amazônia e Impactos na Sociedade e na Natureza.....	95
Quadro 36 – Coleção de Boletins Informativos Povos e Comunidades Tradicionais do Alto Solimões.....	97
Quadro 37 – Coleção de fascículos Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos...	99
Quadro 38 - Coleção de Fascículos Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia.....	102
Quadro 39 – Coleção de Fascículos Crianças e Adolescentes em Comunidades Tradicionais da Amazônia.....	103
Quadro 40 – Coleção de Fascículos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil.....	104
Quadro 41 – Coleção de Fascículos Faxinalenses do Sul do Brasil.....	106
Quadro 42 - Coleção de Fascículos de Pescadores e Pescadoras Artesanais do Rio São Francisco.....	107

Quadro 43 – Coleção de Fascículos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil Central.	108
Quadro 44 - Coleção de Fascículos Quilombolas do Sul.	109
Quadro 45 - Coleção de Fascículos Povos Indígenas do Nordeste.	110
Quadro 46 - Coleção de Fascículos Fundos de Pasto: nosso jeito de viver no sertão.	111
Quadro 47 – Coleção de Fascículos Direitos e Identidades.	112
Quadro 48 – Coleção de Fascículos Proyecto Mapeo Social de Pueblos y Comunidades Tradicionales en La Pan-Amazonía: Una Red Social en Consolidación.	113
Quadro 49 - Coleção de Fascículos Povos e Comunidades Tradicionais de São Paulo.	114
Quadro 50 - Coleção de Fascículos Nueva Cartografía Social de Pueblos y Comunidades Tradicionales.	115
Quadro 51 – Coleção de Fascículos Cultura e Resistência no Oeste do Pará.	116
Quadro 52 - Coleção de Fascículos Projeto Mapeamento Social.	117
Quadro 53 – Coleção de Fascículos Mapeamento Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Rio Tapajós.	119
Quadro 54 – Coleção de Fascículos Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central.	120
Quadro 55 - Coleção de Fascículos Povos Indígenas do Rio São Francisco.	121
Quadro 56 – Coleção de Fascículos Comunidades Tradicionais Quilombolas.	122
Quadro 57 - Coleção de Fascículos Nova Cartografia Social do Nordeste.	123
Quadro 58 – Coleção de Cadernos Projeto Mapeamento Social.	125
Quadro 59 - Coleção de Cadernos da Nova Cartografia dos Sertões.	127
Quadro 60 - Coleção de <i>Reports</i> .	128
Quadro 61 - Os grupos étnicos com maior quantitativo de produções.	130
Gráfico 1 – Livros produzidos por coleção.	41
Gráfico 2 – Livros produzidos por ano.	41
Gráfico 3 – Contribuições de <i>downloads</i> das coleções de livros.	42
Gráfico 4 – Contribuições das coleções em percentual.	42
Gráfico 5 – Quantidade de boletins informativos por ano.	80
Gráfico 6 – <i>Downloads</i> de boletins informativos por coleção.	80
Gráfico 7 – Boletins informativos por coleção.	81
Gráfico 8 – Quantidade de <i>downloads</i> de fascículos por coleção.	97
Mapa 1 - Oficinas de mapas - Série Cadernos e Boletins.	74

Mapa 2 - Oficinas de mapas - Série Fascículos.....	75
Mapa 3 - Cartografia dos Babaçuais.....	139

LISTA DE SIGLAS

AM-Amazonas

ANA- Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico

BNDES -Banco Nacional de Desenvolvimento

CEL-Centro de Estudos de Línguas

CEP-Comitê de Ética em Pesquisa

CIDH- Comissão Interamericana de Direitos Humanos

CLUA-Climate and Land Use Alliance

CNPq-Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

COCOMACIA-Consejo Comunitário de Mayor de la Asociación Campesina Integral del Atrato

DAJIRN-Departamento de Adolescentes e Jovens Indígenas do Rio Negro

ENEM-Exame Nacional do Ensino Médio

FCP - Fundação Cultural Palmares

FOIRN- Federação da Organizações Indígenas do Rio Negro

FOQMB-Organizações Quilombolas do Município de Barreirinha

FORD-Ford Foundation

FUNAI -Fundação Nacional dos Povos Indígenas

GLH-Graduação em Licenciatura de História

GPS-Sistema de Posicionamento Global

HSBC-Hong Kong and Shanghai Banking Corporation

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBICT-Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

ICMBio-Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

IFAM-Instituto Federal do Amazonas

IFCHS - Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais

IFMT- Instituto Federal do Mato Grosso

IFPR - Instituto Federal do Paraná

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

INPA - Instituto Nacional de Pesquisa da Amazonia

IPES-Instituições Públicas de Ensino Superior-

ISBN- International Standard Book Number

ISSN- International Standard Serial Number

KLA-Kenya Land Alliance

MABE-Movimento Atingidos pela Base Espacial de Alcântara
MAB-Movimento dos Atingidos por Barragens
MAST- Museu de Astronomia e Ciências Afins
MIQCB-Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu
MMA-Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima
MN/UFRJ - Museu Nacional - Universidade Federal do Rio de Janeiro
MONTRA- Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais de Alcântara
MPC- Ministério Público de Contas do Estado do Amazonas
MT-Ministério dos Transportes
PIM - Polo Industrial de Manaus
PNCSA-Projeto Nova Cartografia Social da Amazonia
PNUD-Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPGAS-Programas de Pós-Graduação em Antropologia Social
PPGCSPA-Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia
PPGSCA-Programa De Pós-Graduação em Sociedade e Cultura Na Amazônia
PROPESP- Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação
PROUNI - Programa Universidade para Todos
RTID - Relatório Técnico de Identificação e Delimitação
SEPPIR-Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
SIPAM-Sistemas Importantes do Patrimônio Agrícola Mundial
SisCultura-Seminário Internacional de Sociedade e Cultura na Amazônia
SPC/AM-Serviço de Proteção de Crédito do Amazonas
TCE/AM-Tribunal de Contas do Estado do Amazonas
UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina
UEA-Universidade do Estado do Amazonas
UEMA- Universidade Estadual do Maranhão
UFAC - Universidade Federal do Acre
UFAM-Universidade Federal do Amazonas
UFAP - Universidade Federal do Amapá
UFBA - Universidade Federal da Bahia
UFES - Universidade Federal do Espírito Santo
UFMA - Universidade Federal do Maranhão
UFOPA - Universidade Federal do Oeste do Pará
UFPA - Universidade Federal do Pará

UFPI - Universidade Federal do Piauí
UFPR - Universidade Federal do Paraná
UFRB - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFRR-Universidade Federal de Roraima
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina
UNAL - Universidad Nacional da Colômbia
UNAM - Universidad Autónoma de México
UNEB - Universidade do Estado da Bahia
UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso
UNIFESSPA - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
UNILA - Universidade Federal da Integração Latino-Americana
UNIMONTES-Universidade Estadual de Montes Claro
UNINORTE- Centro Universitário do Norte
UNIQUITA- União das Associações das Comunidades Negras Rurais Quilombolas do Município de Itapecuru Mirim
UNIR - Universidade Federal de Rondônia
UPE-Universidade de Pernambuco
USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	22
CAPÍTULO I - PROCESSOS DA PRODUÇÃO INTELCTUAL E CIENTÍFICA DO PROJETO NOVA	
CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA-PNCSA	28
1.1 PANORAMA HISTÓRICO-SOCIAL DO “PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA-PNCSA”	28
1.2 O PNCSA: UMA CONTRIBUIÇÃO SOB A ÓTICA INTELCTUAL E CIENTÍFICA DE SUA PRODUÇÃO	34
1.2.1 <i>Produção de Catálogos</i>	36
1.2.1.1 Catálogo Povos e Comunidades Tradicionais	37
1.2.1.2 Catálogo Mapeamento Social contra o desmatamento e a devastação	39
1.2.1.3 Catálogo de Fontes Documentais e Arquivísticas sobre Comunidades Quilombolas no Brasil	40
1.2.2 <i>Produção de Livros</i>	41
1.2.2.1 Coleção de livros Nova Cartografia Social	45
1.2.2.2 Coleção de livros Tradição e Ordenamento Jurídico	48
1.2.2.3 Coleção de livros Fórum Pan-Amazônico	49
1.2.2.4 Coleção de livros Documento de Bolso	50
1.2.2.5 Coleção de livros Luiz de Castro Faria	52
1.2.2.6 Coleção de livros Cadernos de Debates Nova Cartografia Social	53
1.2.2.7 Coleção de livros Pedagógicos Insurreição de Saberes	54
1.2.2.8 Coleção de livros Antropologia da Amazônia	55
1.2.2.9 Coleção de livros Projeto de Mapeamento Social	56
1.2.2.10 Coleção de livros Autonomia e Mobilização	57
1.2.2.11 Coleção de livros Aulas Inaugurais	58
1.2.2.12 Coleção de Livros Narrativas Quilombolas	59
1.2.2.13 Coleção de livros Narrativas das Quebradeiras de Coco Babaçu	61
1.2.2.14 Coleção de livros Pedra de Rumo	62
1.2.2.15 Coleção de livros Pandemia e Território	63
1.2.2.16 Coleção de livros Narrativas Indígenas	65
1.2.2.17 A coleção de livros Informes Legislativos	67
1.2.3 <i>Acervo Fotográfico</i>	68
1.2.4 <i>Cadernos Bibliográfico Cartográfico</i>	69
1.2.5 <i>Info-PNCSA</i>	70
1.2.6 <i>Notícias</i>	71
CAPÍTULO II - A DINÂMICA RELACIONAL NA CONSTRUÇÃO DO MAPEAMENTO SOCIAL: AGENTES	
SOCIAIS E PESQUISADORES NA LUTA POR DIREITOS ÉTNICOS E TERRITORIAIS	73
2.1 A PRODUÇÃO CIENTÍFICO-ACADÊMICA NO ÂMBITO DO PNCSA: UMA DINÂMICA RELACIONAL	76
2.2 PRODUÇÃO DE BOLETINS	80
2.2.1 <i>Coleção de Boletins Informativos Nova Cartografia Social da Amazônia</i>	83

2.2.2 Coleção de Boletins Informativos-Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil	84
2.2.3 Coleção de Boletins Informativos Projeto Mapeamento Social	85
2.2.4 Coleção de Boletins Informativos-Proyecto Mapeo Social de Pueblos y Comunidades Tradicional en la Pan-Amazonía: una red social en consolidación	87
2.2.5 Coleção de Boletins Informativos Cartografia da Cartografia Social	88
2.2.6 Coleção de Boletins Informativos Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central	90
2.2.7 Coleção Boletins Informativos Projeto Estratégias de Desenvolvimento, Mineração e Desigualdades	91
2.2.8 Coleção de Boletins Informativos Comunidades Tradicionais de Pescadores e Pescadoras Artesanais	93
2.2.9 Coleção de Boletins Informativos Conhecimento Tradicionais de povos e comunidades do nordeste do Brasil.....	94
2.2.10 Coleção de Boletins Informativos Megaprojetos em Implementação na Amazônia e Impactos na Sociedade e na Natureza	95
2.2.11 – Coleção de Boletins Informativos Povos e Comunidades Tradicionais do Alto Solimões..	96
2.3 PRODUÇÃO DE FASCÍCULOS.....	97
2.3.1 Coleção de Fascículos Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos	99
2.3.2 Coleção de Fascículos Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia	101
2.3.3 Coleção de Fascículos Crianças e Adolescentes em Comunidades Tradicionais da Amazônia	103
2.3.4 Coleção de Fascículos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil	104
2.3.5 Coleção de Fascículos Faxinalenses do Sul do Brasil.....	106
2.3.6 – Coleção de Fascículos de Pescadores e Pescadoras Artesanais do Rio São Francisco	107
2.3.7 Coleção de Fascículos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil Central	108
2.3.8 Coleção de Fascículos Quilombolas do Sul	109
2.3.9 Coleção de Fascículos Povos Indígenas do Nordeste	110
2.3.10 Coleção de Fascículos Fundos de Pasto: nosso jeito de viver no sertão	111
2.3.11 Coleção Direitos e Identidades	112
2.3.12 Coleção de Fascículos Proyecto Mapeo Social de Pueblos y Comunidades Tradicionales en La Pan-Amazonía: Una Red Social en Consolidación	113
2.3.13 – Coleção de Fascículos Povos e Comunidades Tradicionais de São Paulo	114
2.3.14 Coleção de Fascículos Nueva Cartografía Social de Pueblos y Comunidades Tradicionales	115
2.3.15 Coleção de Fascículo Cultura e Resistência no Oeste do Pará.....	116
2.3.16 Coleção de Fascículos Projeto Mapeamento Social.....	117

2.3.17 <i>Coleção de Fascículos Mapeamento Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Rio Tapajós</i>	119
2.3.18 <i>Coleção de Fascículos Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central</i>	120
2.3.19 <i>Coleção de Fascículos Povos Indígenas do Rio São Francisco</i>	121
2.3.20 <i>Coleção de Fascículos Comunidades Tradicionais Quilombolas</i>	122
2.3.21 <i>Coleção de Fascículos Nova Cartografia Social do Nordeste</i>	123
2.4 PRODUÇÃO DE CADERNOS.....	124
2.4.1 <i>Coleção de Cadernos Projeto Mapeamento Social</i>	125
2.4.2 <i>Coleção de Cadernos da Nova Cartografia dos Sertões</i>	127
2.5 PRODUÇÃO DE REPORTS	128
CAPÍTULO III - AS INTERVENÇÕES DE PESQUISA ENTRE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS	
COMO INSTRUMENTOS DE AUTOAFIRMAÇÃO ÉTNICA	130
3.1 OS GRUPOS ÉTNICOS: UM NOVO PROTAGONISMO EM AÇÃO.....	130
3.2 AUTOCARTOGRAFIA: UMA “NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL” EM DISPUTA.....	132
3.3 QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU: O PROTAGONISMO FEMININO SOB A ÓTICA DO MOVIMENTO POLÍTICO-ORGANIZATIVO	135
3.4 NARRATIVA QUILOMBOLA: A LUTA POR DIREITOS ÉTNICOS E PELA TITULAÇÃO FUNDIÁRIA DE TERRAS TRADICIONALMENTE OCUPADAS	143
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	149
REFERÊNCIAS.....	153
ANEXO 01 - LEVANTAMENTO DE MAPAS SITUACIONAIS	159

INTRODUÇÃO

A presente dissertação intitulada “Produção Científica na Amazônia: uma análise de experiências junto a povos e comunidades tradicionais”, foi elaborada para defesa de mestrado do curso de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA. Ela é resultado de inquietações que me acompanham desde o ensino médio, tendo tais reflexões sido instigadas através da disciplina de Sociologia quando das discussões sobre as lutas por reconhecimento identitário.

Por ter nascido na cidade de Parintins, município do estado do Amazonas, essas questões chamavam-me atenção, certamente pelo exemplo de vida tão característico de uma família interiorana, cuja luta e desafios por sobrevivência eram e são uma realidade. Com a minha aprovação no Curso de Bacharel em Administração no Centro Universitário do Norte-UNINORTE, com Bolsa Integral, proporcionada pelo Programa Universidade para Todos-PROUNI, outras percepções adicionaram-se à minha experiência resultante, portanto, dos estágios em empresas privadas, tais como: Assessoria Jurídica junto ao Serviço de Proteção de Crédito do Amazonas-SPC/AM (estágio curricular) e ao Hong Kong and Shanghai Banking Corporation/ HSBC (estágio curricular), bem como em instituições públicas, dentre outras o Ministério Público de Contas do Tribunal de Estado do Amazonas-MPC/TCE-AM (estágio curricular e cargo comissionado). No contexto das relações estabelecidas entre o campo da prática e o universo da teorização acadêmica, posso afirmar que se trata de experiências incomensuráveis, principalmente no MPC, órgão que fiscaliza e julga as contas públicas. Foi na dinâmica desse aprendizado que mais uma vez reacendeu o senso crítico ao perceber muitos gastos desnecessários com bastante provimentos em detrimento daqueles tão necessários e sem os devidos investimentos; situação essa possivelmente amoral e, via de regra, com amparo legal perante a lei. Ao concluir o curso superior e, tendo conquistado o título de Bacharel em Administração, isto tudo constituiu-se em um leque de oportunidades, permitindo-me ampliar meus conhecimentos que se aprofundaram com minha entrada no ano de 2015, no Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia-PNCSA¹, *locus* da pesquisa no qual em meio a 09 (nove) anos

¹ O Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA) que iniciou atividades entre 2004/05 e tem como objetivo dar ensejo à auto-cartografia dos povos e comunidades tradicionais na Amazônia. Com o material produzido, tem-se não apenas um maior conhecimento sobre o processo de ocupação dessa região, mas sobretudo uma maior ênfase e um novo instrumento para o fortalecimento dos movimentos sociais que nela existem. [...] A cartografia se mostra como um elemento de combate e sua produção é um dos momentos possíveis para a autoafirmação social. É nesse sentido que o PNCSA busca materializar a manifestação da auto-cartografia dos povos e comunidades nos fascículos que publica, que não só pretendem fortalecer os movimentos, mas o fazem mediante a transparência de suas expressões culturais diversas e de seus territórios respectivos (pesquisado em www.novacartografiasocial.com em 11/06/2022).

de experiências me proporcionaram maior compreensão acerca das lutas por direitos e reconhecimento étnicos face ao Estado. A exemplo de profícuo observatório social, ali começou minha participação em projetos de pesquisas, pois o PNCSA mobiliza instituições de educação públicas, pesquisadores e unidades sociais das mais diversificadas áreas; acompanha a atuação das lutas e dos conflitos sociais, pontos balizadores de busca e da construção em prol do reconhecimento e da autoafirmação das diversidades étnicas politicamente organizadas em territórios tradicionalmente ocupados. Essa experiência me fez apreender com mais afinco que o ensino e a pesquisa podem avançar em prol de conquistas maiores, extensivas, portanto, à sociedade abrangente. Essa prática, por fim, me fez perceber que o sentido dessas lutas se vincula imediatamente à luta econômica associada aos direitos políticos de povos e comunidades tradicionais.

Logo de início, em 2015, participei de um Projeto de Pesquisa financiado pela Ford Foundation-Fundação FORD, intitulado “Cartografia Social e Capacitação Técnica de Pesquisadores e Movimentos Sociais no Quênia e no Brasil”, que tinha como objetivo analisar situações de violação de direitos de povos e comunidades tradicionais no Quênia e no Brasil, frente à implantação de “megaprojetos”, destacadamente os “corredores”, e de outros empreendimentos, em especial, os direitos sobre os territórios tradicionalmente ocupados, tendo em vista ainda os direitos de participação política, que são instrumentais na defesa dos demais direitos coletivos. Com tal aprendizado, na ocasião por intermédio do PNCSA, pude acompanhar, por meio de observações, escutas, diálogos, os trabalhos realizados por meio de um Termo de Cooperação de Pesquisadores da Universidade de Nairobi, da Kenya Land Alliance/KLA, do Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia-PPGCSPA/UEMA, do Programas de Pós-Graduação em Antropologia Social/PPGAS-UFAM, do Programa Pós-graduação em Sociedade e Cultura da Amazonia/PPGSCA-UFAM e Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Foram três anos de muito aprendizado ao ouvir os relatos das trocas de experiências dos pesquisadores envolvidos – tanto os quenianos, quanto brasileiros – foi de suma importância.

No final de 2018 participei do Projeto de Pesquisa intitulado: “Cartografia da Cartografia Social: uma síntese das experiências”, sendo este também financiado pela Fundação Ford, que propôs reforçar as iniciativas de mapeamento social de povos e comunidades tradicionais, propiciando condições e possibilidades para um aprofundamento da discussão sobre as experiências e os processos de produção cartográfica. Esse Projeto apresentou uma pluralidade em sua realização, e, entre essa pluralidade, foi possível observar a pesquisa adentrando nas fronteiras Internacionais com a publicação de 02 (dois) Boletins Informativos realizados em Cuba, sendo eles: Boletim Informativo nº 02: La Marina – Barrio, Identidad, Religión y Tradición e o Boletim Informativo nº 03: Iroko, El Espíritu de lo Sagrado: Identidad de la Comunidad de La Ceiba, Balcón

Arimao, La Habana. Com a experiência nesse Projeto foi possível averiguar os benefícios que a pesquisa científica, quando registrada na forma documental, pode trazer aos que nela estão envolvidos. Vivenciei fatos relativos ao pedido de ajuda de uma etnia que estava sendo não só ameaçada, mas tirada à força do seu local de moradia. Esse momento de tensão foi apaziguado com a ajuda dos registros científicos e de leis específicas que lhes são de direito.

Acompanhei, ainda, o desdobramento do Projeto intitulado “Centros de Ciências e Saberes: experiência de Museus Vivos”, uma cooperação com o Museu de Astronomia e Ciências Afins-MAST e Universidade do Estado do Amazonas-UEA e financiado com recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq, cujos recursos seriam disponibilizados para criação dos chamados “Museus Vivos”, uma verdadeira consolidação da história de vida das comunidades tradicionais ali envolvida. Esse Projeto apesar de não ter liberado o recurso total que fora aprovado, é um dos Projeto que podemos citar como o que tenta manter vivo o registro das comunidades tradicionais.

Outra atividade em destaque é o “Projeto Cartografia Social dos Babaçuais”, que não acompanhei diretamente, mas que me possibilitou um suporte para análises profícuas apresentadas no capítulo III.

Desta feita, entrar em um processo de construção, desconstrução e reconstrução do saber, pode-se dizer que é um dos desafios mais complexos que o ser humano enfrenta no interior das mais diversas complexidades. Tais experiências adquiridas junto ao PNCSA é que me instigaram, no final de 2021, a participar do Edital N° 033/2021-PROPESP/PPGSCA/UFAM, logrando êxito com minha aprovação no mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia, voltado para a linha de pesquisa 2: Redes, Processos e Formas de Conhecimento.

Para cumprir o propósito correspondente a essa linha de pesquisa e, tendo como objeto de investigação a produção científica acionada pelo PNCSA, o presente trabalho tem por objetivo principal realizar uma análise crítica e reflexiva sobre as produções científicas existentes no âmbito do PNCSA junto a povos e comunidades tradicionais². Essa análise se dá tanto de forma quantitativa como qualitativa, considerando suas projeções na luta por direitos étnicos e territoriais e se justifica pela importância quanto a ponderações acerca da construção do conhecimento científico amazônico na contemporaneidade. A interdisciplinaridade do curso de Mestrado me possibilitara engendrar reflexões plurais que adentram a área da geografia,

² Art.3º, inciso I, do Decreto 6.040/2007, que caracteriza comunidades tradicionais como: [...] grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

Antropologia, Sociologia, História, com destaque nos aspectos cultural, social, ambiental e política. Por outro lado, destaca-se também a prospecção que se desenha por via de critérios capazes de evidenciar a qualidade das produções científicas desenvolvidas por pesquisadores na Amazônia brasileira e os efeitos sociais a partir de condições concretas apresentados em meios às produções nas quais os agentes estão envolvidos e que se fazem necessários para compreender esse processo de construção científica.

O PNCSA compreende uma rede³ de pesquisa voltada para os conhecimentos de povos e comunidades tradicionais, que se mobilizam contra atos de desmatamento, devastação e violência contra eles praticadas, além de suas lutas por seus direitos étnicos e territoriais que são constantemente violados.

Para alcançar as reflexões necessárias na construção da dissertação fez-se necessários os seguintes objetivos específicos: i). ordenar sistematicamente as modalidades de produção científica resultantes de pesquisas realizadas na Amazônia, com ênfase nas ações do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia; ii) mapear os grupos étnicos, povos e/ou comunidades tradicionais com participação nessas produções; iii) identificar nas produções textuais pontos relevantes utilizados pelos agentes sociais em seus processos de lutas por reconhecimento identitário; por devolução ou titulação de seus territórios.

Para o alcance dos objetivos acima expostos, convém identificar, aqui, as três categorias analíticas que conduziram as análises acerca dos propósitos para os quais este estudo se volta. São elas: “*nova*” *cartografia social, identidades coletivas e territorialidade*

A partir da orientação da Banca de Qualificação, foi possível delimitar a temática redimensionando minhas pretensões que *a priori* eram um tanto “ambiciosas”. Dessa forma, retirada as entrevistas e as visitas a campo, as reflexões centraram-se nas produções textuais. As sugestões apontadas indicaram o caminho ser percorrido cujos argumentos estão ordenadamente analisados através dos capítulos abaixo registrados

O Capítulo I, intitulado “Processos da Produção Intelectual e Científica do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia-PNCSA”, identifica os propósitos do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia-PNCSA, *locus* da presente pesquisa, apontando a interlocução realizada entre a tríade PNCSA X Instituições Públicas X Agentes Sociais, ao tempo em que se procedeu a um levantamento sistemático da produção textual realizado pela Cartografia desde a sua

³ Redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. Embora a forma de organização em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante de toda estrutura social [...]: uma sociedade em rede, caracterizada pela primazia da morfologia sobre a ação social (Castells, 1999, p. 497).

criação até o ano de 2023. Para a interlocução analítica acerca dessa produção, autores exponenciais contribuíram para o aprofundamento dos argumentos. São eles: Bourdieu (1983) sobre a dinâmica da configuração metodológica dos trabalhos de campo; Adonias (1963)⁴ e suas reflexões que perpassam o conceito de cartografia; Foucault (1996) e Borges (2006) quando de suas análises acerca da utilização dos mapas como instrumento de domínio popular; e Almeida (2013) cuja obra se reporta ao sentido político-organizativo atribuído à concepção de “nova cartografia social”. Essas reflexões articuladas à fala dos agentes sociais; suas formas de luta e resistência engendradas por via da pesquisa, me possibilitaram enveredar pelas análises dispostas nos subitens contendo os seguintes temas: 1.1 Panorama histórico-social do “Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia- PNCSA”; 1.2 O PNCSA: uma contribuição sob a ótica intelectual e científica de sua produção e seus subitens apresentando as coleções da produção, quais sejam: 1.2.1 Produção de Catálogos; 1.2.2 Produção de Livros; 1.2.3 Acervo Fotográfico; 1.2.4 Cadernos Bibliográfico Cartográfico; 1.2.5 Info-PNCSA; 1.2.6 Notícias. A partir da obtenção desses dados foi possível mapear todos os tipos de gênero textuais publicados pelo PNCSA.

O Capítulo II, que traz como título “A dinâmica relacional na construção do Mapeamento Social: agentes sociais e pesquisadores na luta por direitos étnicos e territoriais”, aborda assuntos relativos à dinâmica que se dá na relação e construção das pesquisas desenvolvidas pelo PNCSA com apoio de Instituições públicas, junto a povos e comunidades tradicionais. Neste capítulo foi possível evidenciar o protagonismo dos agentes sociais desde a solicitação do mapeamento da área e a forma pela qual se constrói a relação dialógica entre o agente social face à concepção das respectivas produções literárias. Como suporte teórico trago em reflexões de Acselrad (2015), Pacheco de Oliveira (2013), Bourdieu (1997), que analisam situação de poder através dos mapeamentos. Dessa forma, as análises estão ordenadas nos subitens assim identificados: 2.1 A produção científico-acadêmica no âmbito do PNCSA: uma dinâmica relacional; 2.2 Produção de Boletins; 2.3 Produção de Fascículos; 2.4 Produção de Cadernos; 2.4 Produção de *Reports*.

No Capítulo III, intitulado “As Intervenções de pesquisa entre povos e comunidades tradicionais como Instrumentos de Autoafirmação Étnica”, identifique e selecione os critérios capazes de evidenciar a qualidade das produções textuais resultantes das pesquisas realizadas

⁴ Cf. **Reis, Ferreira Arthur Cezar** – *IN: Prefácio. Adonias, Isa* — A cartografia da região amazônica. Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1963. 716 p. Mapas. 27 cm.

pelo PNCSA. Nele aponto os 319 (trezentos e dezenove) mapas situacionais, dentre os quais identifica-se a relevância das análises, permitindo-nos perceber que a “nova cartografia social” está num campo de disputa com outras cartografias, cujo instrumento tem alcançado profícuo e respeitoso reconhecimento na esfera jurídica. Desta forma, dentre centenas de publicações mapeadas existentes optou-se por discutir, no referido capítulo, dois estudos de forma mais detida, quais sejam: um diz respeito aos trabalhos sobre quebradeiras de coco babaçu, atividade, esta, voltada para as lutas de gênero feminino; e o outro trabalho faz referência às lutas pelas titulações fundiárias encampadas pelos movimentos político-organizativos dos quilombos, estendendo-se tais análises aos trabalhos promovidos por pesquisadores que atuam nas respectivas produções.

Importa acrescentar que as edições de 04 livros, 04 fascículos, 02 artigos e 02 mapas em inglês, francês, alemão e espanhol não foram incluídos em virtude de os danos da ação dos *hackers* não terem sido ainda reparados. Cabe informar, todavia, que os boletins em espanhol foram inseridos na presente dissertação.

CAPÍTULO I - PROCESSOS DA PRODUÇÃO INTELECTUAL E CIENTÍFICA DO PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA-PNCSA

À cartografia como trabalho do poder cabe um esboço dos diagramas, das linhas de força que delineiam lugares, morfologia e composições. Enfim, traduz as próprias estratificações de um exercício que lhe coloca a tarefa de prospecção ou de determinar-lhe natureza e outras características numa área.

*Antônio Basílio Novaes Thomaz de Menezes
(Cartografias de Foucault, 2008, p.27)*

1.1 Panorama histórico-social do “Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia-PNCSA”

As pesquisas científicas realizadas na Amazônia, no âmbito do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia-PNCSA, têm como instrumentos analíticos os mais diversos domínios de conhecimento, tais como: antropologia, geografia, direito, biologia, ecologia, economia e história. Os temas com maior incidência de discussão estão relacionados aos conflitos sociais por terras e territórios e aos conflitos étnicos articulados às lutas mobilizatórias de povos e/ou comunidades tradicionais, em que ressaltam os trabalhos descritivos.

Contemporaneamente, ao se falar de conflitos territoriais e sociais nessas comunidades, as evidências apontam se tratar de questões relacionadas à luta desencadeada pela conquista de direitos constitucionais referidos a esses segmentos historicamente representativos. Exemplo disso são os artigos prescritos na Constituição Federal de 1988⁵ e, em que pese o caráter diferenciador de pertencimento às terras indígenas as quais, por serem homologadas, estão definidas como bens da União, expressando, de certa forma, o poder tutelar do Estado. Contrapondo-se a isso, se tem aquelas terras que pertencem às comunidades remanescentes de quilombos e, em seu favor, tituladas pelo Estado brasileiro, sendo, assim, reconhecida a propriedade definitiva. “Não obstante esta distinção relativa à nominalidade, pode-se afirmar que ambas são consideradas juridicamente como *terras tradicionalmente ocupadas*” (Almeida, 2011, p. 112).

É nessa luta, seja por homologação das terras indígenas ou pela titulação fundiária, como é o caso das comunidades quilombolas, que o conflito se agrava em face do sentimento de pertença a essas *terras tradicionalmente ocupadas*. Na atualidade, os movimentos mobilizatórios atesta tratar-se de lutas por reconhecimento jurídico resultante da autodefinição

⁵ Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias-ADCT-CF/1988. Artigo 231 da Constituição Federal de 1988

dos agentes sociais pela conquista de seus territórios, ponto este subjacente à política de territorialidade. Assim, sob o prisma da concepção de fronteira étnica, de acordo com Bourdieu (1997, p. 160-165) trata-se de um “espaço social” que não se resume às áreas geográficas ou físicas vistas como algo estático. Barth conceitua essa fronteira da seguinte forma:

Embora a hipótese ingênua de que cada tribo ou povo manteve sua cultura graças a uma ignorância belicosa de seus vizinhos não seja defendida por mais ninguém, persiste a visão simplista de que o isolamento geográfico e social tenham sido os fatores críticos para a sustentação da diversidade cultural. Uma investigação empírica do caráter das fronteiras étnicas (...) produz duas descobertas em quase nada surpreendentes, mas que demonstram a inadequação deste ponto de vista. Em primeiro lugar, fica claro que as fronteiras persistem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam. Em outras palavras, as distinções de categorias étnicas não dependem de uma ausência de mobilidade, contato e informação. Mas acarretam processos sociais de exclusão e de incorporação pelos quais categorias discretas são mantidas, apesar das transformações na participação e na pertença no decorrer de histórias de vidas individuais (Barth, 1998, p. 188).

Dessa forma, a fronteira étnica diz respeito, sim, à dinâmica das contraditórias relações estabelecidas entre os agentes sociais e seus antagonistas, sejam eles internos ou externos. Neste sentido, consiste “numa fronteira política materializada nos marcos ou no reavivamento de pedra de rumo ou de limites naturais, cuja simbologia é acionada para fixar as diferenças” (Almeida, 2011, p. 95).

No contexto dessas perspectivas, aqui apresentamos o local de realização da pesquisa, o PNCSA, criado em 2004/2005 e que se configura atualmente como uma rede de pesquisa com apoio de instituições públicas, com núcleos localizados nas unidades federativas do Brasil, e que desenvolvem pesquisa nas esferas nacionais e internacionais. Para citar algumas instituições públicas, destacam-se as seguintes Universidades Públicas e diversos Institutos: Universidade Federal do Acre- UFAC, Universidade Federal do Amapá- UFAP, Instituto Federal do Amazonas-IFAM, Universidade do Estado do Amazonas-UEA, Universidade Federal do Amazonas-UFAM, Universidade do Estado da Bahia- UNEB, Universidade Federal da Bahia-UFBA, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB, Universidade Federal do Espírito Santo-UFES, Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, Universidade Federal do Maranhão- UFMA, Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, Instituto Federal do Mato Grosso-IFMT, Universidade Federal do Pará- UFPA, Universidade Federal do Oeste do Pará-UFOPA, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-UNIFESSPA, Universidade Federal da Integração Latino-Americana-UNILA, Universidade Federal do Paraná-UFPR, Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC, Instituto Federal do Paraná-IFPR, Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, Universidade de Pernambuco-UPE,

Universidade Federal do Piauí- UFPI, Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, Museu Nacional - Universidade Federal do Rio de Janeiro-MN/UFRJ, Universidade de São Paulo-USP, Universidade Federal de Roraima-UFRR, Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN, Universidade Federal de Rondônia-UNIR, Instituto Nacional de Pesquisa da Amazonia-INPA, Universidade Estadual de Montes Claro-UNIMONTES e Universidades Internacionais, tais como Universidad Nacional da Colômbia-UNAL, University of Nairobi-África, Universidad Autónoma de México- UNAM, University of Texas entre outras.

Neste sentido, a pesquisa contribui para uma reflexão crítica acerca da produção científica produzida na atualidade no contexto amazônico. Nessas análises, nos interessou observar como as instituições de pesquisa e ensino e, conseqüentemente, seus pesquisadores/as, se localizam nos diversos “campos de disputas”, nas formas como acionam seus capitais simbólicos e atuam conjuntamente com os agentes sociais⁶ que compreendem ser interlocutores de suas pesquisas. Nessa ótica, entendemos campo conforme Bourdieu:

para quem o campo científico é sempre um lugar de lutas, mais ou menos desiguais, entre os agentes desigualmente dotados de capital específico e, portanto, desigualmente capazes de se apropriarem do produto do trabalho científico que o conjunto dos concorrentes produz pela sua colaboração, objetiva ao colocarem em ação o conjunto dos meios de produção científica disponíveis (Bourdieu, 1983, p. 136).

O PNCSA, compreende uma rede de pesquisa voltada aos conhecimentos de povos e comunidades tradicionais amazônicas, que se mobiliza contra atos de desmatamento, devastação, além de suas lutas por seus direitos sociais e territoriais que são constantemente violados. Ao mencionarmos povos e comunidades tradicionais apoiamo-nos no Art.3º, inciso I, do Decreto 6.040/2007, que caracteriza a expressão como:

[...] grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

⁶ Integrantes de associações (de Quebradeiras de Coco, de Remanescentes de Quilombos, dos Apicultores, dos Artesãos, dos Moradores, dos Produtores Agroextrativistas, de movimentos (das Pessoas com Deficiência de Belém), dos Atingidos pela Base Espacial de Alcântara – MABE, dos Atingidos por Barragens – MAB, dos Catadores de Belém, dos Pescadores Artesanais, dos Ribeirinhos e Ribeirinhas das Ilhas e Várzeas de Abaetetuba – MORIVA, em Defesa dos Portos Públicos de Belém, do Movimento GLBT do Pará, e também do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu – MIQCB), dos sindicatos (dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Alcântara, dos Trabalhadores Rurais de Novo Airão) e demais entidades de representação referidas a uma ação coletiva, mais ou menos formalizada e institucionalizada, compreendida por agentes sociais (Shiraishi Neto, 2010, p.7).

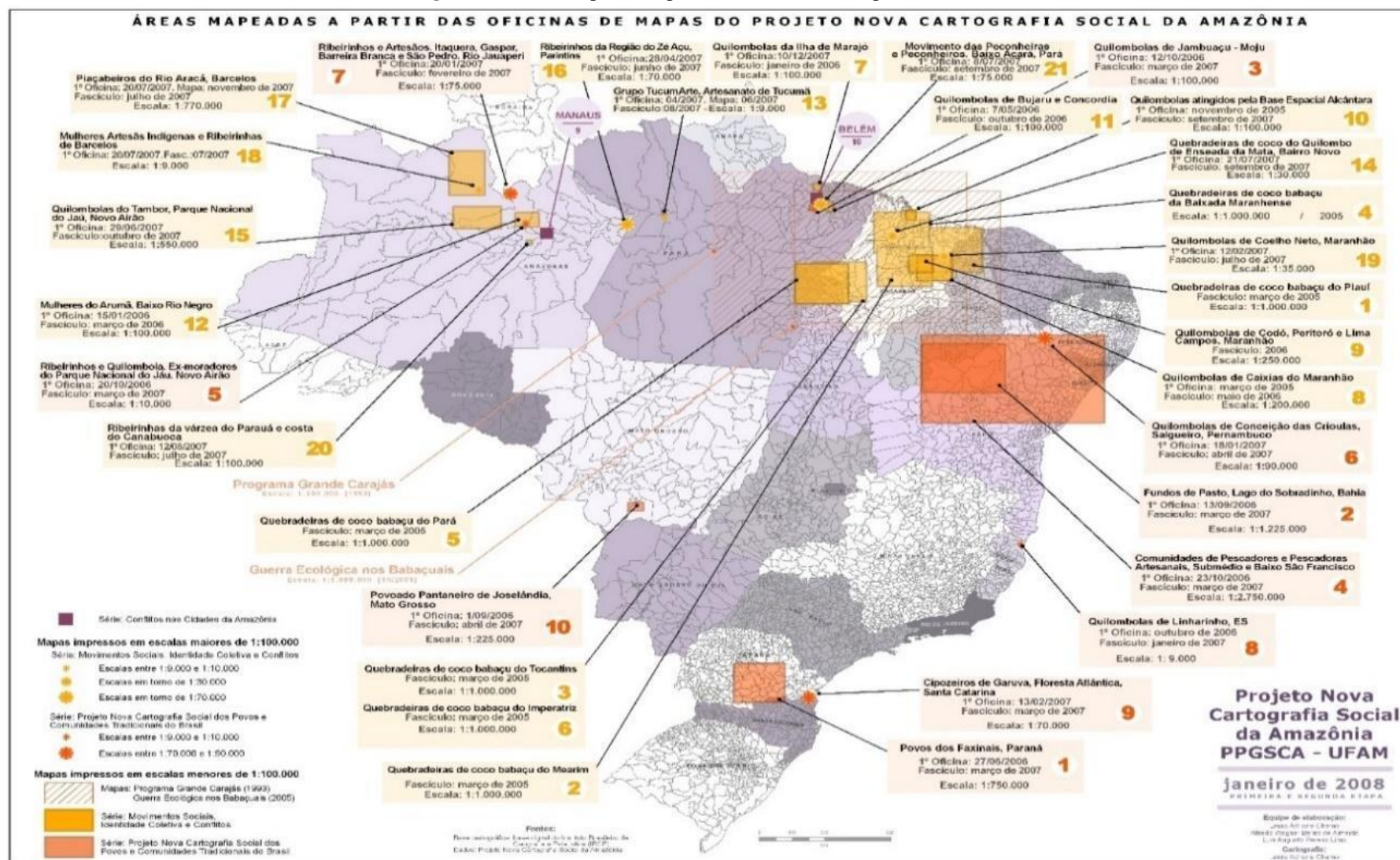
Para se entender a dinâmica que objetivou a rede de pesquisadores e agentes sociais referido ao PNCSA, é necessário vislumbrarmos com maior acuro o termo “cartografia” cuja expressão diz respeito a levantamentos georreferenciados de um determinado espaço territorial; uma forma de domínio sobre determinada área instigada (Adonias, 1963, p. XIII). Desta feita, o termo “nova cartografia” como “nova modalidade de descrição” com uso de mapeamentos sociais, não se limita somente a espaço geográfico, pois, para além disso, trata-se das relações de sociabilidade acionadas com e a partir da construção de conhecimento científico acerca de determinada realidade investigada.

É possível que as relações de poder se expressem na própria construção dos mapas, mesmo que esses não retratem fidedignamente a realidade de um determinado lugar. Para Foucault (1996) a cartografia e a construção de mapas estavam voltadas para a organização estratégica na ação de domínio. Atualmente, o mapeamento amazônico, tem por base a coleta de dados, realizada por satélite e órgãos do Estado, tais como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, a Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA), o Ministério dos Transportes (MT), os Sistemas Importantes do Patrimônio Agrícola Mundial (SIPAM), a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), e o Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA)

No que tange ao PNCSA, este vem atuando de forma ativa com o adicional do termo “nova cartografia social”, cuja terminologia “nova” reporta-se a uma cartografia construída a partir de dados levantados pela própria unidade social. Assim entendido, o conhecimento encontra sua fundamentação empírica nos locais de investigação acionada por ferramentas tecnológicas, fundadas, portanto, em instruções adequadas para construir informações capazes de servir como bases documentais para sua autoafirmação territorial (Almeida, 2013).

Conforme se verifica na Figura 01 abaixo registrada, é possível averiguar as experiências vivenciadas por comunidades nas quais as Oficinas de Mapas foram realizadas e mapeadas, envoltas portanto a resultados de produções científicas, tais procedimentos de pesquisa aqui identificados, serão discutidos e interpretados no decorrer da presente dissertação.

Figura 1 – Áreas mapeadas a partir das oficinas de mapas do PNCSA.



Fonte: Laura Adriana (PNCSA), 2008.

Na figura 1 é apresentado um mapeamento das atividades de oficinas realizadas até janeiro de 2008, ou seja, três anos após a criação do PNCSA (2005). Fato a respeito do qual não significa dizer que a relação de pesquisa com as comunidades tradicionais tenha se iniciado a partir dessa data, pois, de acordo com algumas análises realizadas no PNCSA, foram identificadas pesquisas que vem se desdobrando há mais de 3 (três) décadas, como citada na apresentação do livro “Terras Tradicionalmente Ocupadas”.

O levantamento das informações se dá em sua maior parte no *site* www.novacartografiasocial.com e na própria biblioteca do PNCSA, que possui um acervo próprio e catalogado de suas produções.

Um dos obstáculos enfrentados neste levantamento, para uma análise de forma mais acurada, foi o da busca cronológica das publicações. Explica-se: O PNCSA, por se tratar de ações sem fins lucrativos, os produtos das pesquisas são materializados nas publicações impressas e, de forma gratuita, o PNCSA encaminha tais produções para as próprias comunidades onde a pesquisa foi desenvolvida e os seus arquivos no formato digital são também disponibilizados gratuitamente no *site*. Mesmo que seus exemplares estejam acessíveis para consulta, ainda assim, o site tem enfrentado problemas de extravios dos arquivos digitais, fruto de ações irresponsáveis de *hackers* que prejudicaram e prejudicam a divulgação dessas produções científicas. Aliás, ressalta-se que ao longo desses 19 (dezenove) anos de pesquisas, a página de divulgação do PNCSA, criada em 2014, foi *hackeada* três vezes, ocasionando com isso a lamentável perda de alguns arquivos que compunham certas coleções, prejudicando, de certa forma, as análises quantitativas do acesso aos arquivos digitais apontados por *downloads* e a perda na memória de algumas publicações impressas, ocasionadas pelo esgotamento dos seus exemplares. O alcance do impacto social dessas ações criminosas é imensurável, tendo em vista que dentro da esfera nacional e internacional essas publicações são acionadas para fins de consultas, composição de processos jurídicos, composição de livros didáticos, entre outros.

A produção textual – resultante das ações de pesquisa encaminhadas sob a orientação científica do PNCSA –, será aqui identificada e analisada por meio do repertório de produção intelectual expresso a partir das publicações, a saber: catálogos, coleções de livros, acervo fotográfico, cadernos bibliográficos e cartográficos, info-PNCSA. As coleções de boletins informativos, fascículos, cadernos e *reports*, serão analisados nos capítulos posteriores por se tratar de pontos relevantes da dinâmica relacional.

1.2 O PNCSA: uma contribuição sob a ótica intelectual e científica de sua produção

Quadro 1 - Contribuições do PNCSA 2005-2008.

ACERVOS PNCSA 2005-2008		
	QTD	Download
01-Boletins Informativo	01	
02-Fascículo	73	
03-Livros	15	
04-Mapas	74	
	163	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, janeiro de 2024.

Quadro 2 - Contribuições do PNCSA 2005-2024.

ACERVO PNCSA JANEIRO 202		
Produção Textual	Quant.	Downloads
01-Acervo Fotográfico	3	645
02-Artigos	12	2031
03-Boletins Informativo	70	13180
04- Cadernos	12	1664
05-Cadernos Bibliográficos e Cartográficos: viajantes e naturalistas da Amazônia	7	801
06-Catálogos	3	2286
07-Fascículos	191	33357
08-Info PNCSA	27	1079
09- Livros	114	44375
10-Mapas	319	66028
11-Report	10	805
12-Notícias	120	36000
	888	202251

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, janeiro de 2024.

Com intuito de realizar uma análise reflexiva acerca das produções existentes no PNCSA, inicialmente, optou-se por organizar um levantamento quantitativo, conforme se verifica a disposição do material registrado no site e nos exemplares físicos existentes na biblioteca da Cartografia, em cujo local estão ordenadamente selecionados os exemplares dessa produção científica. Nos Quadros nº1 e nº 02, é possível perceber como a produção científica vem se alargando no contexto amazônico; já o quadro nº 01 apresenta a produção científica realizada até 2008 e o quadro nº 02 com a produção até janeiro de 2024. Nas análises dessas produções averiguamos o quantitativo das produções, que a “rede de pesquisa” do PNCSA vem se configurando, com o acréscimo de seus pesquisadores tanto em nível nacional como internacional. A partir de assinaturas dos termos de cooperação com Universidades Internacionais, percebe-se um acréscimos na qualificação acadêmica de seus pesquisadores com um quantitativo maior do nível de mestrado, doutorado, pós-doutorado, sendo possível

verificarmos que essa qualificação inclui os agentes sociais que passaram, em muitos casos, os que se envolveram com a pesquisa, que, ao buscarem sua inserção nas instituições de ensino e pesquisa, comprovam, através da pesquisa científica, serem eles mesmos os protagonistas de sua história. Outra reconfiguração percebida foi autodefinição das categorias étnicas assunto esse tratado nos capítulos posteriores. Toda essa gama de produções nos proporcionou maior suporte nas análises, permitindo-nos entender como se dá a relação entre os pesquisadores e agentes sociais envolvidos, estendendo-se à concepção e organização das produções.

Por mais que se tente colocar um critério lógico para a disposição das coleções no site e dentre as múltiplas possibilidades existentes, sabe-se, conforme adverte Foucault (1999), que toda classificação é, via de regra, arbitrária. Dentre as coleções produzidas, é possível analisar 03 (três) Catálogos, 17 (dezessete) coleções de livros, com 114 (cento e quatorze) publicações, 11 (onze) coleções de Boletins Informativos, totalizando 70 (setenta) publicações, 21 (vinte e uma) coleções de Fascículos, totalizando 191 (cento e noventa e uma) publicações, 02 (duas) Coleções de Cadernos com 12 (doze) publicações, *Report* 10 (dez) números publicados, 07 (sete) Cadernos bibliográficos e cartográficos, 28 (vinte e oito) Info-PNCSA publicados, 120 Notícias e 319 (trezentos e dezenove) Mapas Situacionais⁷.

Partindo desses levantamentos, foi constatado o quantitativo de 888 (oitocentos e oitenta e oito) produções resultantes da pesquisa científica, com mais de 880.000 (oitocentos e oitenta mil) exemplares impressos que foram distribuídos gratuitamente nas comunidades onde as pesquisas foram realizadas. No formato digital, o acesso alcançado na divulgação dos arquivos chega a 202.251 (duzentos e dois mil, duzentos e cinquenta e um) *downloads*. Isto contabilizado de 2017 após recuperação do site, até dezembro de 2023.

De acordo com os levantamentos realizados e a propósito de alguns dos resultados dessas pesquisas, foi possível verificar que maior parte dessas produções, expressa relações de conflitos agrários que incidem sobre as condições de vida e trabalho, em síntese: de luta dos movimentos representativos por autodefinição e reconhecimento de direitos étnicos e territoriais. Dentro dessa realidade não se pode medir uma produção científica levando em consideração somente os padrões determinados pelas agências de certificação que levam em consideração aprovações em *qualis*; é necessário, sobretudo, levar a cabo aquelas situações

⁷ Eles refletem uma nova realidade ou mais diretamente a tendência dos grupos se investirem, num sentido profundo, de uma identidade coletiva com propósito de reivindicar direitos essenciais à sua reprodução física e cultural. Esta nova realidade aparece associada à autodefinição dos agentes sociais e à sua condição de sujeitos. Catálogo Povos e Comunidades Tradicionais: Nova Cartografia Social, 2013, p.32).

mais relevantes como, por exemplo, a representatividade dessas comunidades e sua visibilidade política no confronto com as normas do poder, seja ele público ou privado.

Verificar essas produções de forma crítica seria romper com as análises que as avaliam apenas a partir dos índices “quantitativistas ou bibliométricos”. A propósito, de acordo com Almeida (2019, p. 13-4):

Os próprios óbices que remetem à qualidade desta produção, mesmo indicando as dificuldades de implementação de um padrão de trabalho científico e de produção permanente, parecem inclinar as interpretações para uma apreciação de cunho burocrático com ênfase em critérios quantitativos e nas medidas de institucionalização características das duas últimas décadas (...). Aceitar simplesmente dialogar neste plano institucional, tão marcado por critérios quantitativistas ou bibliométricos e por um tempo assaz encurtado, deixando de lado a reflexividade, a leitura crítica e um tempo de execução mais detido, pode consistir numa intrincada camisa de força intrínseca ao discutível gênero textual da “antropologia de relatório”.

Nesse sentido, nosso trabalho se volta para os critérios que evidenciam os efeitos sociais a partir de condições concretas nas quais os agentes estão envolvidos, tornando-se, isto, condição necessária para observar a qualidade das produções científicas implementadas por pesquisadores na Amazônia.

As análises dos itens subsequentes entre os quais estão: catálogos, livros, Artigos, Acervo fotográfico, Cadernos Bibliográficos e Cartográficos: viajantes naturalistas e Informes PNCSA, nos possibilitou pontos primordiais de relevância das publicações.

1.2.1 Produção de Catálogos

Nossas análises acerca do repertório de publicações textuais produzido pelo PNCSA iniciam através da coleção dos denominados “catálogos”. Eles apresentam os resultados das atividades realizadas e as produções que delas decorreram em um determinado espaço de tempo. Neles podemos identificar as Instituições Públicas de Ensino e Pesquisa, o quantitativo de pesquisadores, as comunidades tradicionais e agentes sociais envolvidos. Assim, em sua maioria, os catálogos são produto de atividades oriundas das oficinas de mapas, visto que nelas realizaram-se cursos de Legislações Ambientais Vigentes e treinamentos tecnológicos com o emprego da ferramenta de GPS, possibilitando, com isso, o registro de dados geográficos coletados pela própria comunidade.

Os catálogos apontam uma diversidade de informações, assinalando o quão minucioso foram os levantamentos e o cuidado que se teve em apresentar e/ou identificar, senão todos, a maioria dos agentes sociais envolvidos, bem como a equipe de pesquisa e os núcleos

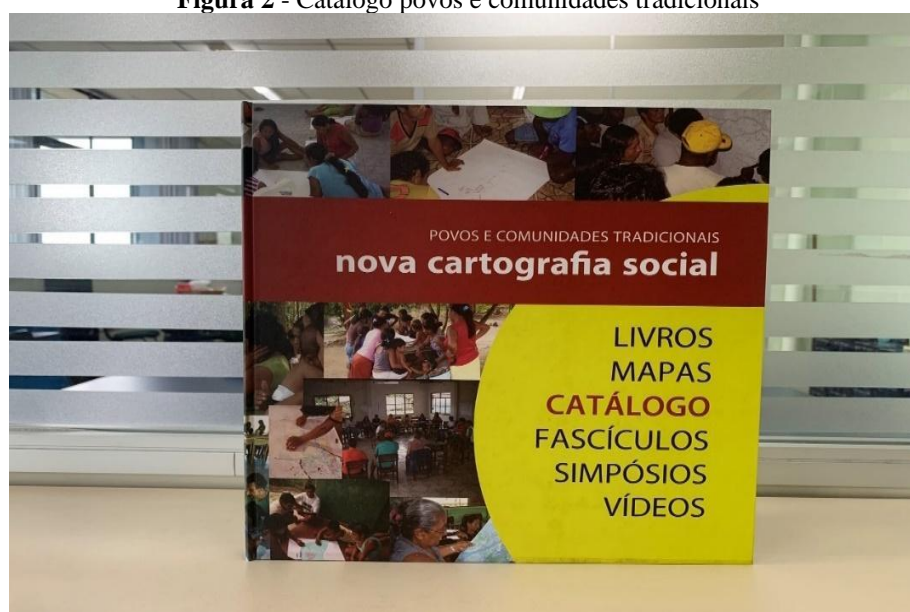
institucionais que colaboraram nas atividades, demonstrando, dessa forma, a expressividade e a mobilização que as relações de pesquisa podem alcançar.

As publicações de catálogos estão aqui analisadas, tendo por base o critério cronológico, conforme registro a seguir.

- 1) Catálogo Povos e Comunidades Tradicionais (Publicação: 2013);
- 2) Catálogo Mapeamento social contra o desmatamento e a devastação (Publicação: 2015);
- 3) Catálogo de Fontes Documentais e Arquivísticas sobre Comunidades Quilombolas no Brasil (Publicação: 2016).

1.2.1.1 Catálogo Povos e Comunidades Tradicionais

Figura 2 - Catálogo povos e comunidades tradicionais



Fonte: Suelem Maciel, Mestranda PPGAS/UFAM, junho/2023.

Quadro 3 - Catálogo povos e comunidades tradicionais

Catálogo	Ano	Downloads
01- Catálogo Povos e Comunidades Tradicionais – Nova Cartografia Social	2013	1.308

Fonte: Elaborado pela Pesquisadora, maio de 2023.

Decorridos 08 (oito) anos de atividades pelo PNCSA, em 2013 foi publicado o primeiro catálogo sob o título “Povos e Comunidades Tradicionais”. Nesta produção evidencia-se o grau de expressividade das ações mobilizatórias das pesquisas que se espraiam ao longo do território brasileiro.

Em sua composição há uma abrangência das atividades desenvolvidas até dezembro de 2012, cujos produtos resultantes dessas pesquisas perfaziam mais 200.000 (duzentos mil) exemplares, entre livros, Cadernos de Debates, Fascículos, Boletins Informativos e Mapas Sínteses.

Para além desse quantitativo, tais produções expressam as diversidades das identidades coletivas, apontando para mais de 35 (trinta e cinco) formas organizativas, identificadas através de várias nomenclaturas, a saber: Articulação, Associação, Central, Centro, Clube, Comissão, Comitê, Comunidade, Conselho, Cooperativa, Coordenação, Departamento, Eco, Equipe, Federação, Fundo, Grupo, Instituto, Irmandade, Kuntanawa, Movimento, Mulheres, Paróquia, Pescadoras, Pescadoras e Pescadores, Povo, Rede, Serviço, Setorial, Sindicato, Sociedade e União. Essas categorias organizativas contabilizam mais 212 (duzentos e doze) representações e contaram com 142 (cento e quarenta e duas) entidades apoiadoras, as quais evidenciam suas reivindicações e denúncias. Sobre a pesquisa realizada pelo PNCSA, Oliveira Filho⁸ afirma que:

O PNCSA está mostrando hoje em dia como fazer mapas pode ser uma atividade essencial na luta por direitos, permitindo às populações locais (indígenas, quilombolas, populações tradicionais) lavrarem por escrito, e com apoio da mais moderna e sofisticada tecnologia (GPS, etc), os seus direitos sobre as terras que ocupam. São as próprias comunidades que se mobilizam para construir seus mapas, para elaborar os seus fascículos, para distribuir as publicações e celebrar seus avanços. (Oliveira, 2013, p. 13).

Ainda descrevendo sobre o alcance e desdobramentos da pesquisa realizada pelo PNCSA junto às comunidades tradicionais, Palmeira⁹ relata que:

O Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia e seus desdobramentos, que Alfredo Wagner tem liderado, deixarão sua marca nas Ciências Sociais. É uma experiência simultânea de produção de conhecimento e intervenção social em que todos os lados produzem conhecimento e intervêm. Levando o método etnográfico aos seus limites, provocam um diálogo igualitário e produtivo entre o mundo acadêmico e diferentes povos e/ou comunidades e entre esses povos e/ou comunidades, guardando as especificidades das partes, rompendo com impasses que têm marcado esses relacionamentos. (Palmeira, 2013, p.155).

A contribuição desse catálogo à divulgação dos produtos, através do acesso ao seu arquivo digital somam 2.320 (dois mil trezentos e vinte) *downloads*. Isso contabilizado a partir de 2017, tendo a perda dos acessos entre o ano de 2014 e 2016 devido a invasão do *site* por *hacker*. Em torno de impressões tem-se 5 (cinco) mil exemplares. Todas esgotadas.

⁸ João Pacheco de Oliveira Filho, Antropólogo, Professor Titular do Museu Nacional-PPGAS-UFRJ. Citação extraída da Apresentação do Catálogo Povos e Comunidades Tradicionais/2013.

⁹ Moacir Palmeira, Antropólogo - Professor Titular do PPGAS - Museu Nacional-UFRJ. Citação extraída do Catálogo Povos e Comunidades Tradicionais/2013.

1.2.1.2 Catálogo Mapeamento Social contra o desmatamento e a devastação

Figura 3 - Catálogo mapeamento social contra o desmatamento e a devastação



Fonte: Elaborado pela Pesquisadora, maio de 2023.

Quadro 4 - Catálogo mapeamento social contra o desmatamento e a devastação

Catálogo	Ano	Downloads
02-Mapeamento Social contra o Desmatamento e a Devastação	2015	590

Fonte: Elaborado pela Pesquisadora, maio/2023.

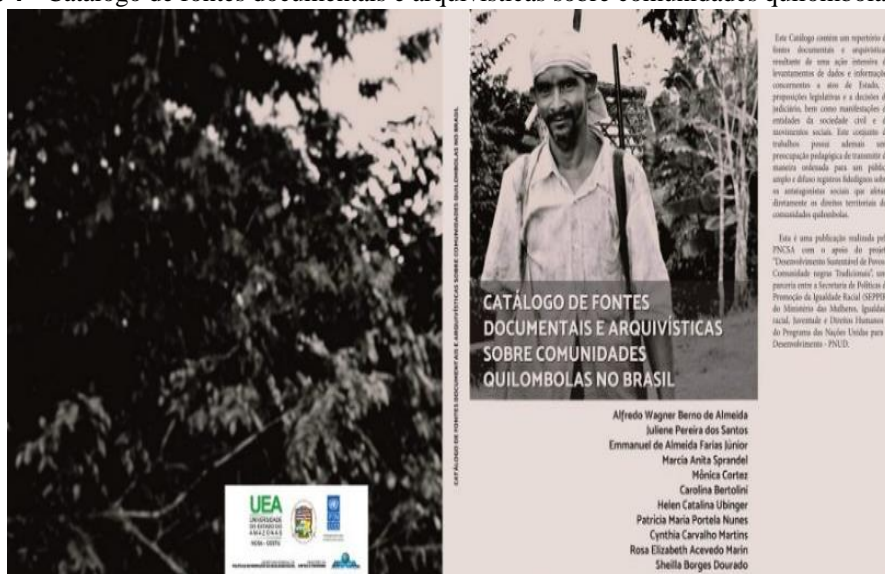
A elaboração e publicação do Catálogo “Projeto Mapeamento Social como Instrumento de Gestão Territorial contra o Desmatamento e a Devastação”, apresenta o resultado das atividades no período de 2011 a 2015, as quais foram realizadas com recursos financiados pelo Banco Nacional de Desenvolvimento-BNDES/Fundo Amazônia e executado a partir de contrato firmado com a Universidade do Estado do Amazonas/UEA. Nele são registradas as Instituições públicas envolvidas, bem como os pesquisadores e agentes sociais que ali colaboraram na execução das atividades.

O foco maior dessas atividades se deu no aperfeiçoamento dos agentes sociais nas ferramentas de mapeamento através das técnicas de GPS (Sistema de Posicionamento Global) e suas representações cartográficas. Os Cursos de Legislação Agrária e Ambiental, voltados ao combate de desmatamento, contribuíram para que o próprio agente social se torne conhecedor de seus direitos e autor das informações básicas sobre suas formas de existência (Almeida e Marin, 2015).

Para além de 5.000 (cinco mil) exemplares impressos e esgotados, através do acesso ao arquivo digital, somam-se 596 (quinhentos e noventa e seis) *downloads*.

1.2.1.3 Catálogo de Fontes Documentais e Arquivísticas sobre Comunidades Quilombolas no Brasil

Figura 4 - Catálogo de fontes documentais e arquivísticas sobre comunidades quilombolas no Brasil



Fonte: Elaborado pela Pesquisadora, maio/2023.

Quadro 5 – Catálogo de fontes documentais e arquivísticas sobre comunidades quilombolas no Brasil.

Catálogo	Ano	Downloads
Catálogo de Fontes Documentais e Arquivísticas Sobre Comunidades Quilombolas no Brasil	2016	422

Fonte: Elaborado pela Pesquisadora, maio/2023.

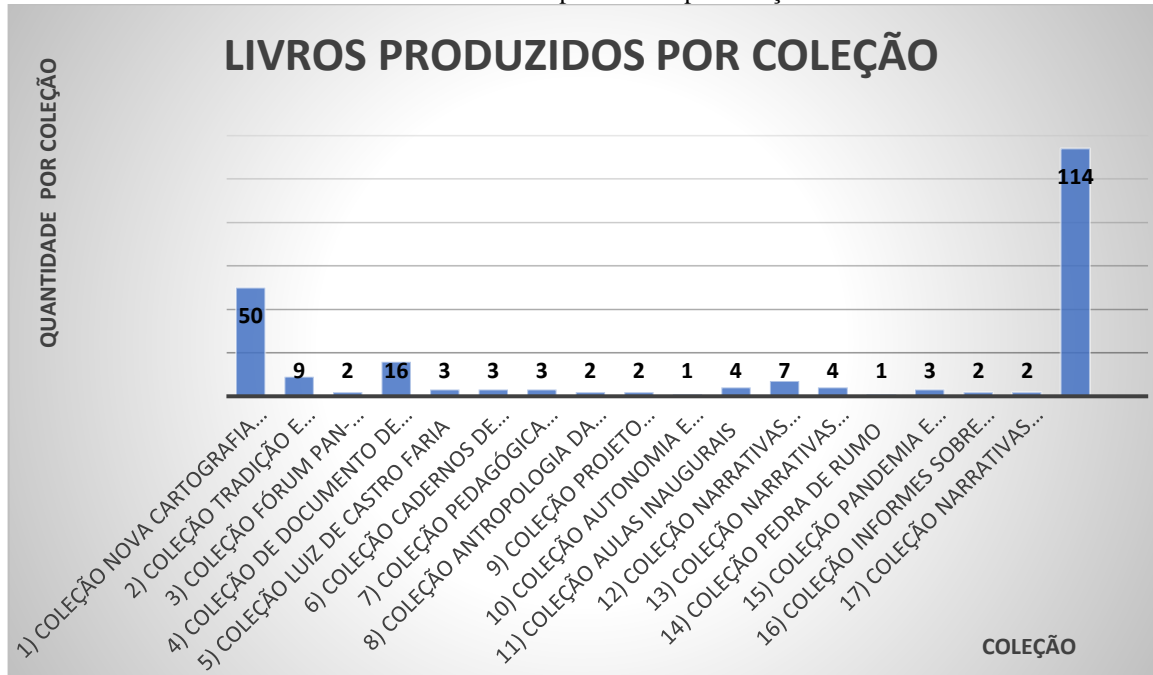
O Catálogo de Fontes Documentais e Arquivísticas sobre Comunidades Quilombolas no Brasil, é apresentado como resultado do Projeto Nova Cartografia Social das Comunidades Quilombolas no Brasil. Nele, os levantamentos de fontes documentais e arquivísticas foram submetidos à discussão e consulta pública de lideranças quilombola, pesquisadores e técnico da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial/SEPPPIR e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento/PNUD, (Orgs. Almeida, Farias Júnior, Sprandel, 2016).

Esse levantamento possibilitou a criação de um Banco de Dados, através do *software DSPACE*, que foi alimentado com as informações correspondentes a leis que regem as comunidades quilombolas, bem como os dossiês e informações de conflitos a que estão expostos os quilombos. Esses documentos foram avaliados e validados por parte de movimentos sociais quilombolas.

Essa contribuição se faz registrada através do acesso aos arquivos digitais, somando-se, além de 1.000 (mil) exemplares impressos, os 379 (trezentos e setenta e nove) *downloads*.

1.2.2 Produção de Livros

Gráfico 1 – Livros produzidos por coleção.



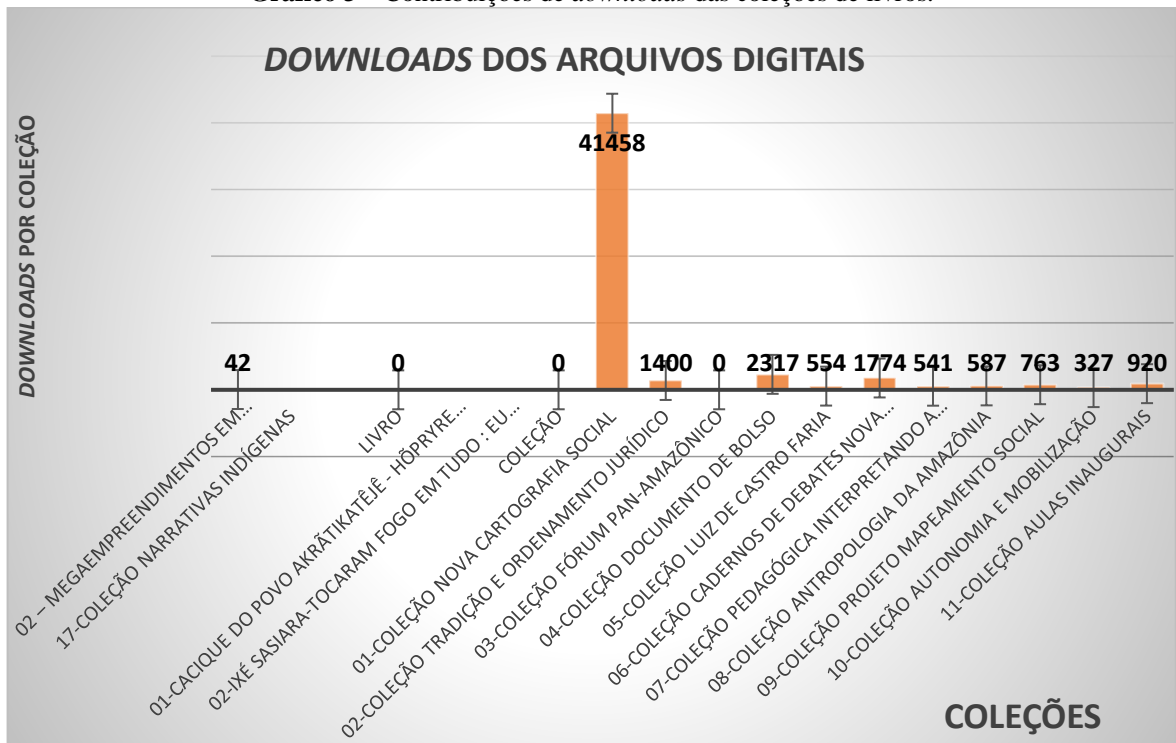
Fonte: Elaborado pela Pesquisadora, dezembro/2023.

Gráfico 2 – Livros produzidos por ano.



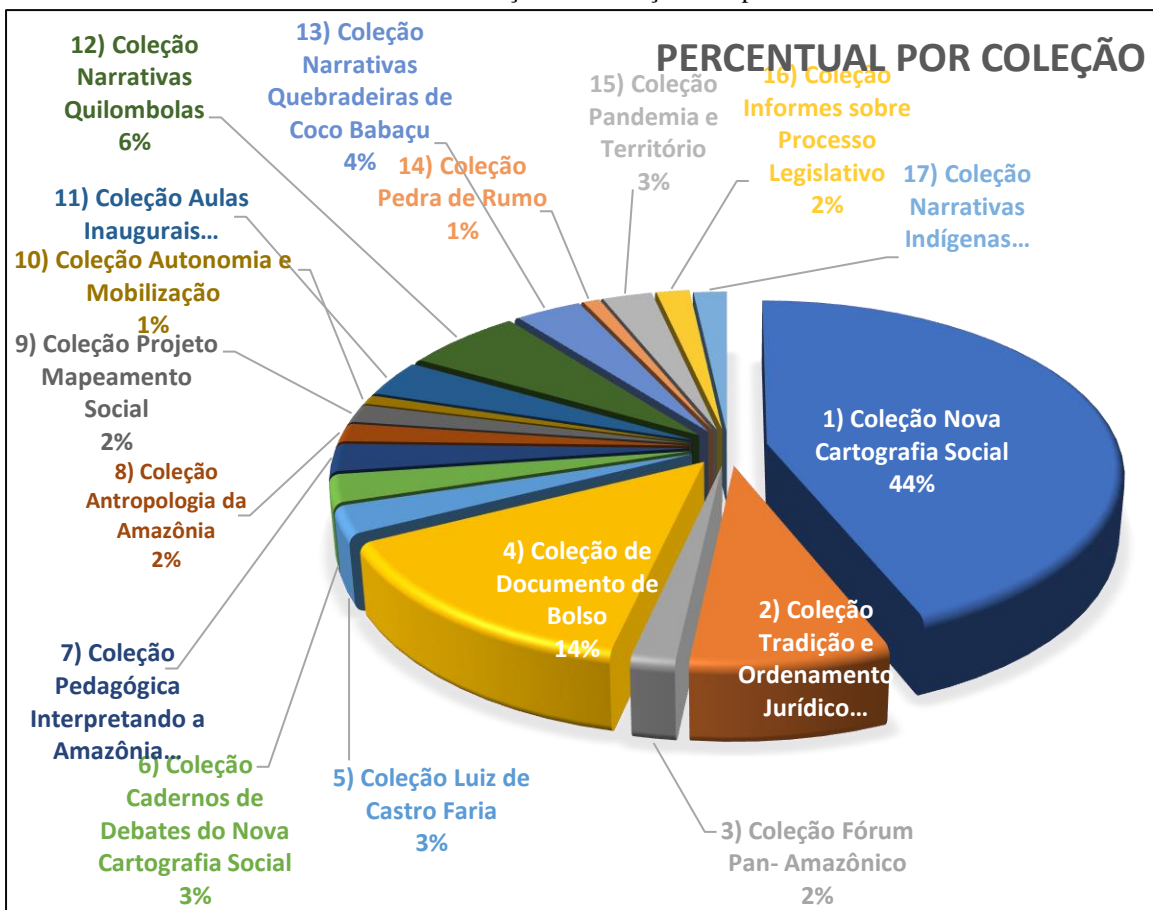
Fonte: Elaborado pela Pesquisadora, dezembro/2023.

Gráfico 3 – Contribuições de *downloads* das coleções de livros.



Fonte: Elaborado pela Pesquisadora, dezembro/2023.

Gráfico 4 – Contribuições das coleções em percentual.



Fonte: Elaborado pela Pesquisadora, janeiro /2024.

Partindo de análises referidas às publicações de livros foi encontrado um quantitativo de 114 (cento e quatorze) livros, subdivididos em 17 (dezesete) coleções. Utilizando o critério cronológico se tem o seguinte:

- 1) Coleção Nova Cartografia Social - 50 publicações produzidas entre 2005 a 2022;
- 2) Coleção Tradição e Ordenamento Jurídico - 09 publicações produzidas entre 2006 a 2013;
- 3) Coleção Fórum Pan-Amazônico – 02 publicações entre 2006 a 2009;
- 4) Coleção de Documento de Bolso – 15 publicações produzidas entre 2006 a 2014;
- 5) Coleção Luiz de Castro Faria – 03 publicações produzidas entre 2006 a 2022;
- 6) Coleção Cadernos de Debates do Nova Cartografia Social – 03 publicações produzidas entre 2010 e 2011;
- 7) Coleção Pedagógica Interpretando a Amazônia – 03 publicações produzidas entre 2011 a 2013;
- 8) Coleção Antropologia da Amazônia – 02 publicações produzidas entre 2013 a 2015;
- 9) Coleção Projeto Mapeamento Social – 02 publicações produzidas em 2014;
- 10) Coleção Autonomia e Mobilização – 01 publicação produzida em 2015;
- 11) Coleção Aulas Inaugurais – 04 publicações produzidas entre 2016 a 2019;
- 12) Coleção Narrativas Quilombolas – 07 publicações produzidas entre 2016 a 2021;
- 13) Coleção Narrativas Quebradeiras de Coco Babaçu – 04 publicações produzidas entre 2017 a 2021;
- 14) Coleção Pedra de Rumo – 01 publicação produzida em 2020;
- 15) Coleção Pandemia e Território – 03 publicações produzida em 2020;
- 16) Coleção Informes sobre Processo Legislativo – 02 publicações em 2021;
- 17) Coleção Narrativas Indígenas – 02 publicações produzidas entre 2021 a 2023.

Os gráficos (1, 2, 3 e 4), acima registrados, expressam uma visão geral sobre as 114 (cento e quatorze) publicações de livros editados até janeiro de 2024.

O gráfico 1, representa a quantidade de livros por Coleção, o gráfico 2 apresenta os livros produzidos por ano; o gráfico 3 refere-se à quantidade de *downloads* por Coleção; e o gráfico 4 registra o percentual de cada Coleção. Levando em consideração que tais gráficos expõem uma visão panorâmica sobre as produções de livros publicados desde 2005 até dezembro de 2023, é possível identificar a progressiva editoração de publicações ocorridas no decorrer dos anos, cujos títulos abordam os mais diversos assuntos em face das perspectivas situacionais em que tais temas são produzidos.

Dessa forma, é possível inferir sobre a dinâmica científico-pedagógica que perpassa o compromisso do PNCSA frente à contribuição através da qual tais produções concorrem para a compreensão de realidades amazônicas, interpretadas por via dessas atividades de pesquisa, subsequentemente transformadas em livros e/ou em produto de publicações no decorrer dos anos.

Cabe reiterar que todas as publicações estão relacionadas às várias nuances de questões que demandam assuntos gestados no âmbito das ciências sociais. É sabido que para alcançar tais resultados, faz-se necessário empenho e dedicação nos trabalhos de pesquisa. Adiciona-se a isso, a importância dos apoios financeiros equacionados, entre outros, por agências de fomento, permitindo-se com isso a elaboração e implementação de projetos de pesquisa que, portanto, propiciam condições de possibilidades operacionais até a elaboração final dos relatórios de pesquisa.

Aliás, cabe registrar, o reconhecimento público da atuação do PNCSA, que se deu inclusive pelo fato de tais produções terem sido objeto de discussão em uma das questões do Exame Nacional do Ensino Médio-ENEM em 2015 e 2017, propiciando dessa forma que o acesso ao *site* alcançasse grande repercussão: mais de 300.000 (trezentos mil) acessos.

As disposições das produções estão organizadas no *site*, por meio de coleção, as quais não seguem um critério lógico de formulação dos textos descritos nos livros, fascículos, ou nos cadernos, nos Boletins Informativos e nas demais produções que a compõem. Trata-se de assuntos que são acionados à medida que a unidade social se utiliza da relação de pesquisa para fixar ou imprimir seu protagonismo diante dos desafios vivenciados. Almeida dispõe o termo de *Archivos*, para asseverar que coleções:

[...] não consistem, portanto, no estudo das regras que orientam as formas de transmissão de conhecimentos científicos e de patrimônio imateriais, mas a relação entre os argumentos que compõem as formulações de esquemas interpretativos cristalizados na vida intelectual e os agentes sociais que os acionam, notadamente em situações de polêmica e de conflitos (Almeida, 2008, p. 10).

A divulgação das produções é realizada através da distribuição dos exemplares impressos entre as comunidades tradicionais e seus agentes sociais, bem como os pesquisadores acadêmicos. Os arquivos digitais são disponibilizados no *site*, que tem sofrido sucessivas ações de *hackers*, o que tem afetado a regularidade das inserções.

1.2.2.1 Coleção de livros Nova Cartografia Social

Figura 5 – Coleção de livros Nova Cartografia Social.



Fonte: PNCSA, fevereiro/2023.

Quadro 6 – Coleção de livros Nova Cartografia Social

Livro	Ano	Downloads
01 - Guerra ecológica nos babaçuais: processo de devastação das palmeiras, a elevação do preço de commodities e enriquecimento do mercado de terras	2005	
02-Antropologia dos <i>Archivos</i> da Amazônia	2008	918
03 - A Ideologia da Decadência: leitura antropológica a uma história da agricultura do Maranhão- 2ª Edição	2008	11.266
04 - Estigmatização e território: mapeamento situacional dos indígenas em Manaus	2009	360
05 - Conflitos Sociais no "Complexo Madeira"	2009	496
06 - QUILOMBOS DE ALCÂNTARA: Território e Conflito. O Intrusamento do Território das Comunidades Quilombolas de Alcântara pela Empresa Binacional Alcântara Cyclone Space	2009	396
07 - Candomblé e Umbanda no Sertão: cartografia social dos terreiros de Paulo Afonso	2009	
08 - Mobilizações Étnicas e Transformações Sociais no Rio Negro	2010	131
09 - Questões Agrárias no Maranhão Contemporâneo	2010	361
10 - Histórias do Padrinho Domingos: o doutor de ossos de Canelatiua – Domingos Ribeiro	2010	95
11 - Plantaram Xicão: os Xukuru do Ororubá e a criminalização do direito ao território	2011	172
12 - Quilombos e as novas etnias	2011	3357
13 - Os deslocamentos como Categoria de Análise: O garimpo, lugar de se passar; roça, onde se fica e o babaçu nossa poupança	2012	183
14 - Papo de Índio	2012	148
15 - Cartografia Social dos afroreligiosos em Belém do Pará	2012	
16 - Do Rio dos Pretos ao Quilombo do Tambor	2013	177
17-O Direito das Minorias	2013	1631

18-Identidades Coletivas e Conflitos Territoriais no Sul do Brasil	2014	219
19-Moradores da Maloca Grande: reflexões sobre os indígenas no contexto urbano	2016	
20-Acervo Cartográfico das Comunidades Quilombolas Tituladas	2017	341
21-Museus Indígenas e Quilombolas: Centro de Ciências e Saberes	2017	1193
22- A Tradicionalidade da Ocupação Indígena e a Constituição de 1988: A territorialização como instituto jurídico-constitucional-	2017	525
23-Barrando as Barragens: O Início do Fim das Hidrelétricas	2018	157
24-Social Cartography and Technical Training of researchers and Social Movements in Kenya and Brazil-Reports	2018	
25-Lessons Learned: Experiences in Kenya and Brazil in Social Mapping and Rights Advocacy	2019	62
26-Cimarrones, Marrons, Quilombolas, Boni, Raizales, Garifunas e Palanqueros nas Américas-	2019	214
27-Mineração e Garimpo em Terras Tradicionalmente Ocupadas: conflitos sociais e mobilizações étnicas-Volume I	2019	2159
28-Mineração e Garimpo em Terras Tradicionalmente Ocupadas: conflitos sociais e mobilizações étnicas-Volume II	2019	
29-Quebradeiras de Coco Babaçu: um século de mobilizações e luta	2019	227
30-Antropologia da Amazônia: dissonância e desafios a institucionalização	2019	728
31- “Cumprindo a Promessa da Abolição”- um panorama de movimentos quilombolas	2019	
32-Vermelho que te cobre, amarelo nobre – Povo Kambeba, garimpo e Estado espectral	2020	317
33-Territorio, Cultura y Pueblos: Megaproyectos, Actos de Estado, pueblos y Comunidades Tradicionales	2020	4714
34-Conflitos territoriais e povos e comunidades tradicionais: descrição etnográfica de territorialidades específicas	2020	224
35-Memórias Vivas do Povo Omágua (Kambeba) de Aparia Grande do Solimões de São Paulo de Olivença	2020	497
36-Outras Vozes: Ilhéus do Rio Paraná, Processos de Territorialização e a Construção Social da Identidade Étnica e Coletiva	2020	59
37-Mulheres Compositoras: Cartografias e Relações de Poder	2020	232
38-A Atemporalidade do Colonialismo: contribuições para entender a luta das comunidades quilombolas de Alcântara e a base espacial	2020	2268
39-Tempos de Destruição na Calha do Rio Tocantins: incessantes efeitos sociais e ambientais da UHE Tucuruí	2020	98
40-Ecocídio das Serras do Sertão – Volume 1	2021	142
41-Antropologia e Colonialismo: etnografias periféricas em Moçambique, Quênia, Sudão e Brasil	2021	202
42-Quilombolas de Alcantara: Militarização do Espaço Sideral e Privatização de Tecnologias Espaciais	2022	
43-Linchamento: Atos de justiça camponesa entre a "Humanização da Penalidade" e a "Desumanização do Indígena". Vol 02	2022	

44-Prisão, processo e pena: Etnografia e debates sobre encarceramento de indígenas em São Gabriel da Cachoeira - Amazonas	2022	
45-Território e Direito Territorial: Resistência para além do direito à moradia dos acabamundense	2022	
* ¹⁰ 46-Pandemia e Território- Volume Único	2020	6635
* ¹¹ 47- Antropologia: Duas Ciências – Notas para a história da antropologia no Brasil – Luiz de Castro Faria-	2006	554
48-Linchamento: Atos de justiça camponesa entre a "Humanização da Penalidade" e a "Desumanização do Indígena. Vol 03	2023	
49-Radical Cartographies: participatory Mapmaking from Latin America	2020	
50- Cartografías Radicales: Mapeo participativo en América Latina	2023	
		41.458

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

A Coleção Nova Cartografia Social é representada com o registro do quantitativo de 50 (cinquenta) livros. A Coleção apresenta a diversidade de pesquisa realizadas junto ao PNCSA, e que compõem um acervo com os mais variados assuntos acerca das lutas engendradas por movimentos representativos com ênfase nas discussões de gênero, de povos e comunidades tradicionais etc. No contexto dessas representações podemos citar: LGBTQIA+, indígenas, quilombolas, pescadores, ribeirinhos, entre outros. Via de regra, tais assuntos reportam-se às discussões sobre conflitos sociais e/ou territoriais existentes e a representatividade almejada diante ao Estado, quebrando com as pré-noções eruditas que tentam submetê-los à invisibilidade.

Dos 114 (cento e quatorze) livros publicados, a coleção colabora com 43,52% das produções, fato que se deve à pluralidade dos temas de pesquisa abordados. Proporcional à produção de livros dessa coleção, podemos contabilizar o acesso aos seus arquivos digitais em 41.458 (quarenta e um mil, quatrocentos e cinquenta e oito) *downloads*.

Nas análises, foi verificado a interdependência dos núcleos que compõem a rede de pesquisa, demonstrando a mobilidade das atividades científicas e o seu crescimento nas Unidades Federativas. Dessa forma, é possível também perceber o avanço na produção as publicações, que em contrapartida necessita de apoio financeiro para que a pesquisa científica possa ter o reconhecimento devido.

¹⁰ *O livro Pandemia e Território- Volume Único, encontra-se inserido na Coleção Nova Cartografia Social, mas pertence a coleção que leva o próprio nome, que possui o Vol. I, Vol. II, Vol. III, o fato de não o retirar desta coleção se dá pela perda dos registros que os *downloads*, do livro sofreria.

¹¹ *O livro Antropologia: Duas Ciências – Notas para a história da antropologia no Brasil- está em inserido em duas coleções, na Coleção Luiz de Castro Farias e na coleção aqui analisada, sua manutenção nesta coleção, se para efeito de registro dos acessos.

Uma questão analisada que também chamou a atenção nas produções de livros publicados por ano, se deu ao observarmos a quantidade de publicação ocorrida em 2020, sendo 15 (quinze) livros, editados em pleno período de Pandemia do COVID-19, demonstrando que a ciência e o conhecimento avançam mesmo em meio ao caos.

1.2.2.2 Coleção de livros Tradição e Ordenamento Jurídico

Figura 6 – Coleção de livros tradição e ordenamento jurídico.



Fonte: PNCSA, fevereiro/2023.

Quadro 7 - Coleção de livros tradição e ordenamento jurídico.

Livro	Ano	Downloads
01-Terras Tradicionalmente Ocupadas – 1ª edição.	2006	
02-Leis do Babaçu Livre: práticas jurídicas das quebradeiras de coco babaçu e normas correlatas - número 1	2006	
03-Terra das Línguas: lei municipal de oficialização de línguas indígenas São Gabriel da Cachoeira, Amazonas número 3	2007	
04-Terras Tradicionalmente Ocupadas – 2ª edição.	2008	1.054
05-Terras de Faxinais	2009	151
06-Tierras tradicionalmente ocupadas: Tierras de Quilombo, Tierras Indígenas, Babaçuais Libres, Castañares del Pueblo, Faxinais y Fondos de Pasto- Edição em Espanhol	2009	
07-Terras Indígenas nas Cidades: Lei Municipal de Desapropriação n° 302 Aldeia Beija-flor Rio Preto da Eva, Amazonas-	2009	114
08-Traditionally occupied lands in Brazil	2011	81
09- Traditionell Besetztes Land In Brasilien	2013	
		1.400

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho de 2023.

A coleção Tradição e Ordenamento Jurídico, conta com 09 (nove) publicações em sua seção. Suas análises iniciaram por volta de 1985, conforme consta da Apresentação elaborada

pelo autor na primeira Edição de “Terras Tradicionalmente Ocupada” (Almeida, 2006), a discussão traz consigo reflexões em torno das modalidades de uso comum dos recursos naturais, sendo considerado um momento de “transição” e de possibilidades até então por ser reconhecido na esfera formal jurídica.

Nela surgem as primeiras evocações aos conceitos de *autoidentificação* e de *terras tradicionalmente ocupadas*, propositura bastante discutida na atualidade e que se constitui num desafio iniciado há mais de três décadas, e cujos conceitos são utilizados na maioria das publicações dos livros produzidos no âmbito do PNCSA. A Coleção contribui ainda com publicações em línguas estrangeiras, tais como, na versão de inglês, de espanhol e alemão.

A contribuição no acesso aos arquivos em formato digital é de 1.400 (mil e quatrocentos) *downloads*, além de distribuição de 9.000 (nove mil) exemplares impressos.

1.2.2.3 Coleção de livros Fórum Pan-Amazônico

Figura 7 – Coleção de livros Fórum Pan-Amazônico.



Fonte: Suelem Maciel, Mestranda PPGAS/UFAM, junho/2023.

Quadro 8 – Coleção de livros Fórum Pan-Amazônico.

Livro	Ano	Downloads
01-Populações tradicionais Questões de terra na Pan-Amazônia	2006	
02- Terra Urbana e Territórios na Pan- Amazônia. III Fórum Social Amazônico, Ciudad Guayana (Venezuela)	2009	
		0

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

A Coleção Fórum Pan-Amazônico, apresenta discussões que mobilizaram reflexões e debates nos espaços sociais, tais como, conflitos, território, terra urbana e comunidades tradicionais. Essas questões foram apresentadas no Fórum Social Mundial, que colocou a Amazônia como região estratégica tendo em vista sua diversidade social, que apontaram suas

dificuldades operacionais e de funcionamento em meio às pesquisas que são desenvolvidas (Marin e Almeida, 2009).

Uma das publicações da Coleção traz discussões referente a Venezuela, apresentando questões idênticas àquelas sofridas no Brasil. O Fórum contou com a presença de seus representantes de Estado e as lideranças dos movimentos sociais ali existentes.

1.2.2.4 Coleção de livros Documento de Bolso

Figura 8 – Coleção de livros Documento de Bolso.



Fonte: Suelem Maciel, Mestranda PPGAS/UFAM, maio de 2023.

Quadro 9 – Coleção de livros Documento de Bolso.

Livro	Ano	Downloads
01- Pareceres Jurídicos: Direito dos Povos e Comunidades Tradicionais (2º da Coleção)	2007	381
02- Direito dos trabalhadores migrantes: convenções internacionais, protocolos adicionais e leis e decretos (1ª edição) e 3º da coleção	2007	98
03-Direito dos Povos e das Comunidades Tradicionais no Brasil: Declarações, Convenções Internacionais e Dispositivos Jurídicos definidores de uma Política Nacional (1ª Edição)	2007	428
04- Conhecimento tradicional e biodiversidade: normas vigentes e propostas – 1º VOLUME	2008	
05-Conhecimento tradicional e biodiversidade: normas vigentes e propostas – 2º VOLUME	2008	
06-Conhecimento tradicional e biodiversidade: normas vigentes e propostas – 2ª edição	2010	259
07-Direito dos Povos e das Comunidades Tradicionais no Brasil: Declarações, Convenções Internacionais e Dispositivos Jurídicos definidores de uma Política Nacional (2ª Edição)	2010	

08-Direito dos Povos e das Comunidades Tradicionais no Brasil: Declarações, Convenções Internacionais e Dispositivos Jurídicos definidores de uma Política Nacional (2ª Edição)	2010	
09- Pareceres Jurídicos: 2ª edição Direito dos Povos e Comunidades Tradicionais	2012	
10- Pareceres Jurídicos: 3ª edição Direito dos Povos e Comunidades Tradicionais	2013	
11-Direito dos trabalhadores migrantes: convenções internacionais, protocolos adicionais e leis e decretos -3ª edição	2013	
12-Conhecimento tradicional e biodiversidade: normas vigentes e propostas – 3a edição	2013	
13-Consulta e participação: a crítica à metáfora da teia de aranha	2013	407
14-Patrimônio cultural: identidade coletiva e reivindicação	2013	350
15-Resistência das comunidades através da tradição	2014	394
		2.317

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

A coleção Documento de Bolso, conta com a publicação de 15 (quinze) livros, sendo o primeiro deles lançado em 2007. Os livros dessa coleção, apresentam contribuições valiosas sobre as leis e decretos aprovados, servindo de referência para assegurar os direitos étnicos de povos e comunidades tradicionais, subsidiando discussões atualizadas sobre a autoafirmação, as lutas por reconhecimentos e reivindicações por direitos territoriais diante ao Estado brasileiro. Shiraishi Neto diz:

[...] a coleção denominada *Documento de Bolso*, consiste numa atividade auxiliar aos mencionados cursos de formação, visando suprir lacunas bibliográficas e propiciar a um público amplo e difuso um acesso mais direto a documentos jurídicos que reforçam os direitos de povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, quebradeiras de coco babaçu, seringueiros, faxinalenses, comunidade de fundos de pasto, pomeranos, ciganos, geraizeiros, vazanteiros, piaçabeiros, pescadores artesanais, pantaneiros, afro-religiosos e demais sujeitos sociais emergentes, cujas identidades coletivas se fundamentam em direitos territoriais e numa auto-consciência cultural. (Shiraishi Neto, 2010, p.7-8).

Em suma, a Coleção dá ênfase às lutas dos povos e comunidades tradicionais na esfera jurídica nacional e internacional, mostrando que suas fronteiras têm rompido a demarcação territorial geográfica chegando a instâncias maiores por reconhecimento.

Em termos da contribuição da coleção, no que diz respeito ao acesso de arquivos digitais através de *downloads*, ficou prejudicado o levantamento quantitativo, isso somado a perda de alguns arquivos digitais, devido a invasão maléfica no site do PNCSA, que além de trazer perdas nas contribuições digitais ainda trouxe perdas em trabalhos científicos.

Na disposição no site para acesso virtual, constata-se apenas 07 (sete) publicações das 15 (quinze) realizadas. A coleção contribui com 2.082 (dois mil e oitenta e dois) *downloads* em seus arquivos digitais.

1.2.2.5 Coleção de livros Luiz de Castro Faria

Figura 9 – Coleção de livros Luiz de Castro Faria.



Fonte: Suelem Maciel, Mestranda PPGAS/UFAM, maio/2023.

Quadro 10 – Coleção de livros Luiz de Castro Faria.

Livro	Ano	Downloads
01- Antropologia: Duas Ciências – Notas para a história da Antropologia no Brasil – Luiz de Castro Faria	2006	554
02- Raimundo Lopes: dois estudos	2010	
03- Paisagens Culturais e gênero de vida	2022	
		554

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho de 2023.

A coleção Luiz de Castro Faria, conta com 03 (três) livros, sendo o primeiro deles lançado em 2006, denominado **Antropologia: duas ciências**, de Luiz Castro Faria. Esse livro foi retirado do acervo do próprio autor e traz contribuições valiosas para o campo antropológico.

Em sua discussão, o autor insere uma crítica ao conhecimento erudito que generaliza a antropologia de uma forma biologizada. Essa contribuição foi relevante para a criação do curso de antropologia no Brasil, pois, antropólogos estavam surgindo em paralelo às universidades, ligados mais às ciências biológicas do que ciências humanas naturais (Castro Faria, 2006).

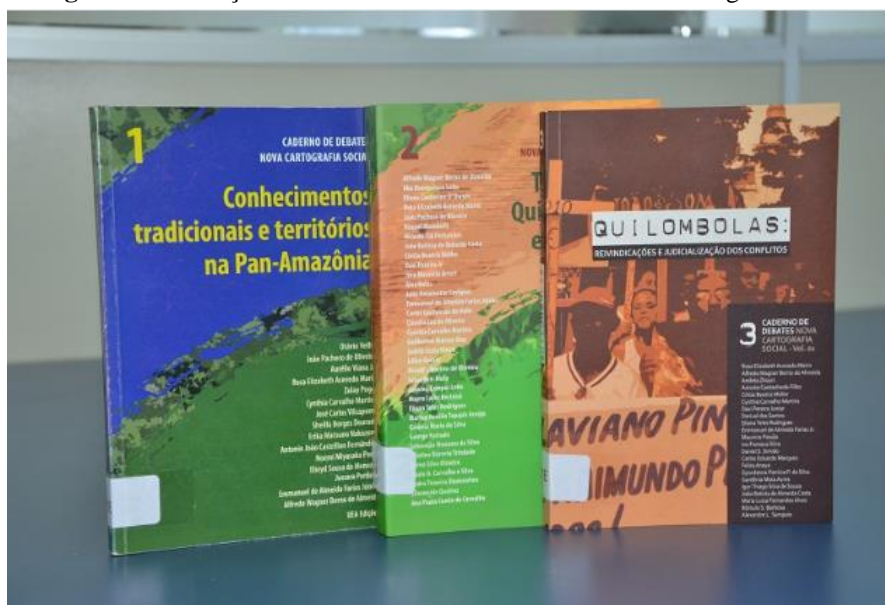
Outro livro da coleção com discussão específica é o de **“Raimundo Lopes: dois estudos resgatados”**. No texto de apresentação do livro, Castro Faria nos convida a travar a batalha contra a ilusão de rigor do senso comum erudito, que enaltecia os chamados “notáveis” e “acadêmico”, deixando de fora o reconhecimento de produtores intelectuais considerados “menores” ou “esquecidos”, no caso Raimundo Lopes, que surgia com análises da

antropogeografia ou geografia humana (Cunha, 2010). A proposta da coleção, continua com esses debates bem atuais sobre o reconhecimento de autores em produções intelectuais.

A coleção contribui com 554 (dois mil e oitenta e dois) *downloads* em seus arquivos digitais.

1.2.2.6 Coleção de livros Cadernos de Debates Nova Cartografia Social

Figura 10 – Coleção de livros Cadernos de Debates Nova Cartografia Social.



Fonte: PNCSA, fevereiro/2023.

Quadro 11 – Coleção de livros Cadernos de Debates Nova Cartografia Social.

Livro	Ano	Downloads
01-Conhecimentos tradicionais e territórios na Pan-Amazônia	2010	621
02-Territórios Quilombolas e Conflitos	2010	709
03-Quilombolas: Reivindicações e Judicialização dos Conflitos	2011	444
		1.774

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

A coleção “Cadernos de Debate Nova Cartografia Social”, traz discussões acerca de debates sobre como as unidades sociais utilizam seu conhecimento tradicional e como este se dinamiza nos campos das disputas. A coleção se sobressalta em destacar o avanço das estratégias empresariais para a exploração das terras e seus recursos naturais em nome de um desenvolvimento econômico célere. Tal situação ocorre da mesma forma na atualidade, visto se tratar de conflitos vivenciados nas comunidades tradicionais que lutam bravamente pela defesa de seus territórios.

Almeida (2010), afiança que esta coleção tem como objetivo:

[...] eleger temas estratégicos e mapear as diferentes interpretações a eles concernentes. Neste primeiro número focalizamos as polêmicas relativas aos

conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade, aos processos de territorialização correspondentes a comunidades locais e povos indígenas e seus efeitos sobre as políticas científicas e as práticas reivindicatórias dos movimentos sociais (Almeida, 2010, p. 6).

Nesse contexto, podemos argumentar as explanações significativas trazidas por autores de diversificadas áreas do conhecimento, que coadunam suas ideias em torno da expressividade do conhecimento tradicional como ferramenta de autoafirmação. A coleção contribui com 1.774 (mil, setecentos e setenta e quatro) *downloads*.

1.2.2.7 Coleção de livros Pedagógicos Insurreição de Saberes

Figura 11 – Coleção de livros pedagógicos Insurreição de Saberes.



Fonte: PNCSA, fevereiro/2023.

Quadro 12 – Coleção de livros pedagógicos Insurreição dos Saberes.

Livro	Ano	Downloads
01 - Insurreição de saberes 1: práticas de pesquisa em comunidades tradicionais	2011	541
02 - Insurreição de saberes 2: reinterpretações em Movimento	2013	
03 - Insurreição de saberes 3: tradição quilombola em contexto de mobilização	2013	
		541

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho de 2023

A “Coleção Pedagógica Insurreição dos Saberes”, traz a discussão das experiências vivenciadas nas atividades de trabalho de campo, demonstrando a relação de pesquisa que é construída no decorrer dos anos, tendo por objetivo a compreensão das realidades locais empiricamente observadas (Martins, 2013).

A coleção foi construída com apoio de pesquisadores, graduandos, mestres, doutores e os próprios agentes sociais que descrevem suas experiências de campo disposta em forma de artigos, os mesmos constituem os livros que compõem a coleção.

A coleção contribui com 541 (quinhentos e quarenta e um) acesso nos arquivos digitais.

1.2.2.8 Coleção de livros Antropologia da Amazônia

Figura 12 – Coleção de livros Antropologia da Amazônia.



Fonte: PNCSA, fevereiro/2023.

Quadro 13 – Coleção de livros Antropologia da Amazônia.

Livros	Ano	Downloads
01 – Frentes de Expansão e Estrutura Agrária: Estudo do Processo de Penetração numa Área da Transamazônica - 3º ed.	2013	364
02 – Regime Tutelar e Faccionalismo – Política e Religião em uma Reserva Ticuna	2015	223
		587

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho de 2023.

A coleção Antropologia da Amazônia apresenta discussão de cunho pedagógico e etnográfico; aborda assuntos de interesse do pensamento antropológico, apresentando a relação dos trabalhos de campo realizados, através dos quais isto tem possibilitado reflexões a situações emergentes. Uma das discussões se dá em torno da expansão das fronteiras agrárias que avançam há décadas, trazendo consequências desastrosamente incalculáveis (Velho, 2013).

Outra discussão está no segundo livro da coleção que é a relação de pesquisa em meio a imposição política e religiosa em uma aldeia Ticuna, com discussões sobre o faccionalismo religioso numa interface de dominação e interferência socioculturais (Oliveira Filho, 2015).

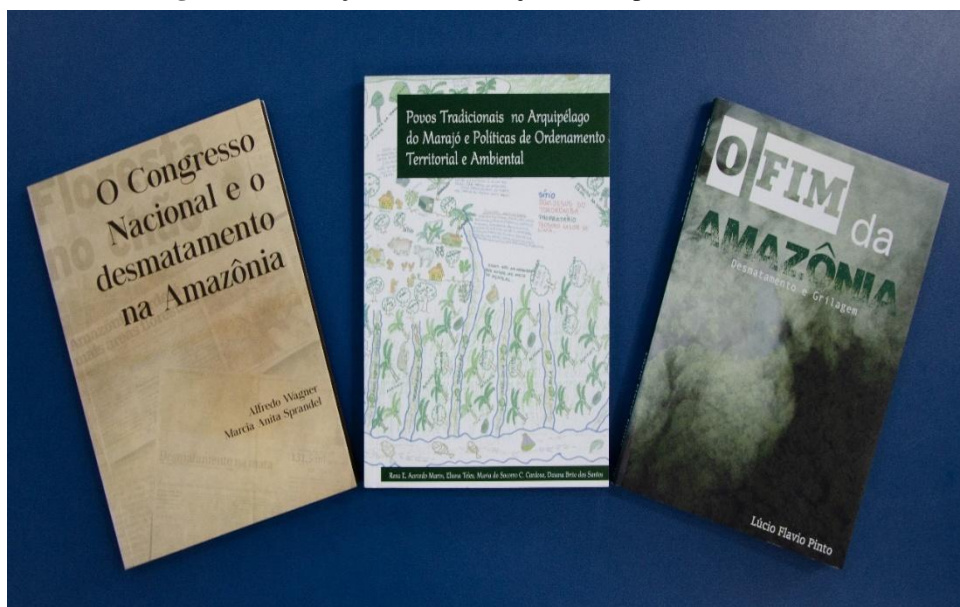
Os temas da Coleção são bem apropriados para a compreensão acerca dos conflitos que vêm se agravando na atualidade, com destaque àqueles problemas analisados nos estudos

etnográfico e antropológico acerca da correlação de forças entre poder instituído e segmentos representativos.

Em acesso via arquivos digital, a Coleção colabora com o compartilhamento de 587 (quinhentos e oitenta e sete) *downloads*.

1.2.2.9 Coleção de livros Projeto de Mapeamento Social

Figura 13 – Coleção de livros Projeto de Mapeamento Social.



Fonte: Suelem Maciel, Mestranda PPGAS/UFAM, junho/2023.

Quadro 14 – Coleção de livros Projeto de Mapeamento Social.

Livros	Ano	Downloads
01 – O Congresso Nacional e o desmatamento na Amazônia	2014	363
02 – O Fim da Amazônia – Desmatamento e Grilagem	2014	400
03 - Povos Tradicionais no Arquipélago do Marajó De Ordenamento Territorial e Ambiental	2015	
		763

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho 2023.

A coleção de livros Projeto de Mapeamento Social contribui com 03 (três) publicações. Trata-se de discussões que enveredam pelo levantamento de dados realizado a partir de acesso à fonte arquivista do Congresso Nacional e no Jornal Pessoal¹², material por meio do qual foi possível acessar assuntos relacionados ao Desmatamento na Amazônia e suas consequências. Esse levantamento apresenta um quadro atual de lutas contínuas e protagonizadas pelos movimentos representativos cujas informações relacionadas ao tema têm sido de interesse mundial. Os grandes conflitos causados pelo desmatamento descontrolado, atingem as formas

¹² Jornal Pessoal, blog criado pelo sociólogo, jornalista Lúcio Flávio Pinto, que se dedica a publicações referentes a questões amazônicas: informações publicadas em 3 de setembro de 2014.

de vida e trabalho de comunidades instaladas, mais especificamente, nas áreas da Amazônia brasileira.

Com essas duas publicações, a Coleção imprimiu forte contribuição focada no ano de 2014, instigando e contribuindo para o acirramento de debates sobre as questões climáticas e suas projeções quanto ao desdobramento nas crises ambientais do planeta.

No acesso via arquivos digital, ela colabora com o compartilhamento de 763 (setecentos e sessenta e três) *downloads*.

1.2.2.10 Coleção de livros Autonomia e Mobilização

Figura 14 – Coleção de livros Autonomia e Mobilização.



Fonte: PNCSA, fevereiro/2023.

Quadro 15 – Coleção de livros Autonomia e Mobilização.

Livros	Ano	Downloads
01 – Autonomia e Mobilização Política dos Camponeses no Maranhão	2015	327
		327

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

A “Coleção de livros Autonomia e Mobilização”, tem a segunda edição publicada em 2015. A primeira publicação é parte da pesquisa intitulada “Transformações Econômicas e Sociais no Campo Maranhense” construída entre 1978 e 1981. Ela traz como proposta discussões acerca das formas organizativas dos trabalhadores rurais no período de 1950 a 1980 e de comunidades denominadas “tradicionais” que, até 2014, alcançavam quase 3 (três) centenas (Almeida, 2015). Contribuição, essa, relevante para a discussão na atualidade, sobretudo por abordar como centralidade das reflexões os conflitos agrários, as formas de resistência popular e a autonomia que marca a reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas utilizadas, propondo-nos, com isso, formas de reflexividade livres de embaçamento.

A coleção colabora com o compartilhamento digital de 327 (trezentos e vinte e sete) *downloads*.

1.2.2.11 Coleção de livros Aulas Inaugurais

Figura 15 – Coleção de livros Aulas Inaugurais.



Fonte: Suelem Maciel, Mestranda PPGAS/UFAM, junho/2023.

Quadro 16 – Coleção de livros Aulas Inaugurais.

Livro	Ano	Downloads
01-Revisitando as Frentes de Expansão	2016	268
02-A história das ciências e os saberes na Amazônia séculos XIX e XX	2016	343
03-O lugar e as possibilidades da Política: sentidos da Cartografia Social	2017	
04-Memória e Transformação Social	2019	309
		920

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

A “Coleção de livros Aulas Inaugurais”, apresenta uma proposta pedagógica privilegiando em seus debates a atuação de autores com trajetórias renomadas e cujos temas estão em consonância com a proposta elencada no Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia-PPGCSPA/UEMA, os livros trazem consigo debates decorridos nas aulas inaugurais.

O primeiro livro da coleção, de autoria do professor Otávio Guilherme Velho, apresenta discussão que propicia reflexões sobre a pesquisa na Amazônia, e seus desdobramentos, tais como na etnografia e o seu processo histórico de relações sociais em movimento e a antropologia como prática de pesquisa que propicia compreender essas transformações sociais (Velho, 2016).

O segundo livro com a valiosa participação da professora Heloisa Maria Bertol Domingues, nos convida a repensar a história das ciências e dos saberes para região Amazônica (Domingues, 2016).

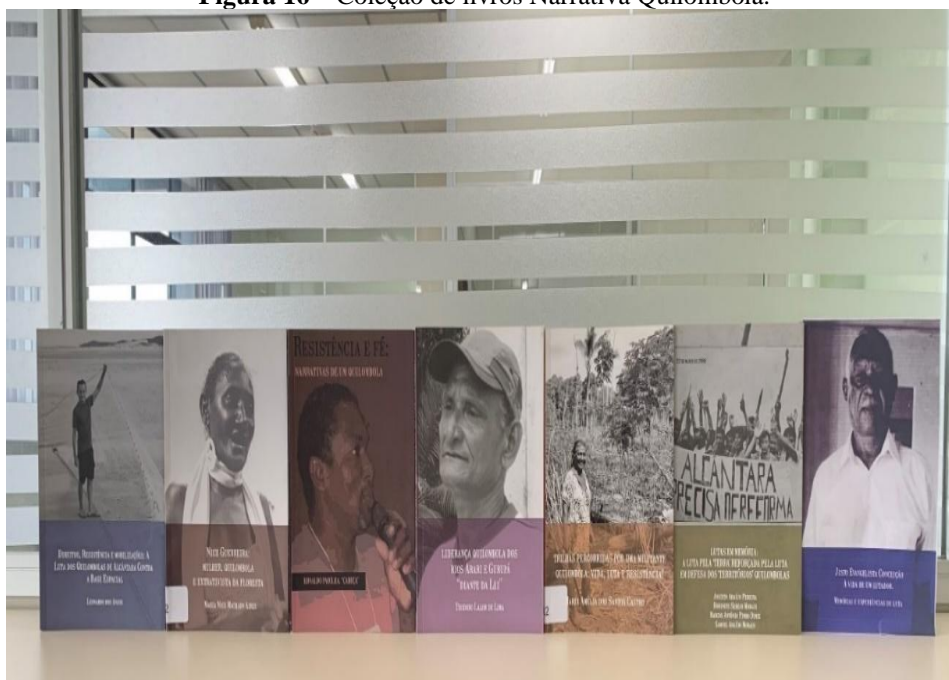
O terceiro Livro, do professor José Sérgio Leite Lopes, nos instiga a pensar nas “transformações dos movimentos sociais e a romper com as distorções entre movimento sociais urbanos e rurais; de operários e camponeses, dinamizando as análises com incorporações dos aspectos antropológicos” (Leite, 2016. p. 8)

O quarto número de autoria do professor Henri Acselrad, “nos oferece a possibilidade de pensar a cartografia social em contexto de lutas contemporâneas” (Acselrad, 2017, p. 9).

No acesso via arquivos digital, a coleção colabora com o compartilhamento de 857 (oitocentos e cinquenta e sete) *downloads*.

1.2.2.12 Coleção de Livros Narrativas Quilombolas

Figura 16 – Coleção de livros Narrativa Quilombola.



Fonte: Suellem Maciel, mestranda PPGAS/UFAM, junho/2023.

Quadro 17 – Coleção de livros Narrativa Quilombola.

Livro	Ano	Downloads
01-Direitos, resistência e mobilização: a luta dos quilombolas de Alcântara contra a base espacial	2016	373
02-Nice guerreira: mulher, quilombola e extrativista da floresta	2016	412
03-Resistência e fê: o “Cabeça”, narrativas de um quilombola	2016	321
04-Liderança quilombola dos rios Arari e Gurupá ‘diante da lei’	2016	197
05-Trilhas percorridas por uma militante quilombola: vida, luta e resistência!	2016	312
06-Lutas em memória: a luta pela ‘terra’ reforçada pela luta em defesa dos ‘territórios’ quilombolas	2016	492

07-A Vida de um Lutador. Memórias e Experiências de Lutas – Justo Evangelista Conceição	2021	191
		2.298

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

Os livros da “Coleção Narrativas Quilombolas”, apresentam relatos das experiências vivenciadas pelo próprio agente social. Conforme registro acima, dessas narrativas, se tem a publicação de 07 (sete) títulos contendo narrativas orais, cujos agentes sociais relatam suas lutas no enfrentamento a conflitos agrários, seus desafios em busca de autoafirmação por direitos étnicos e territoriais conquistados coletivamente. As afirmações do senhor Justos¹³ autor do livro 7 (sete) da coleção, expressam a importância em relação aos registros das falas:

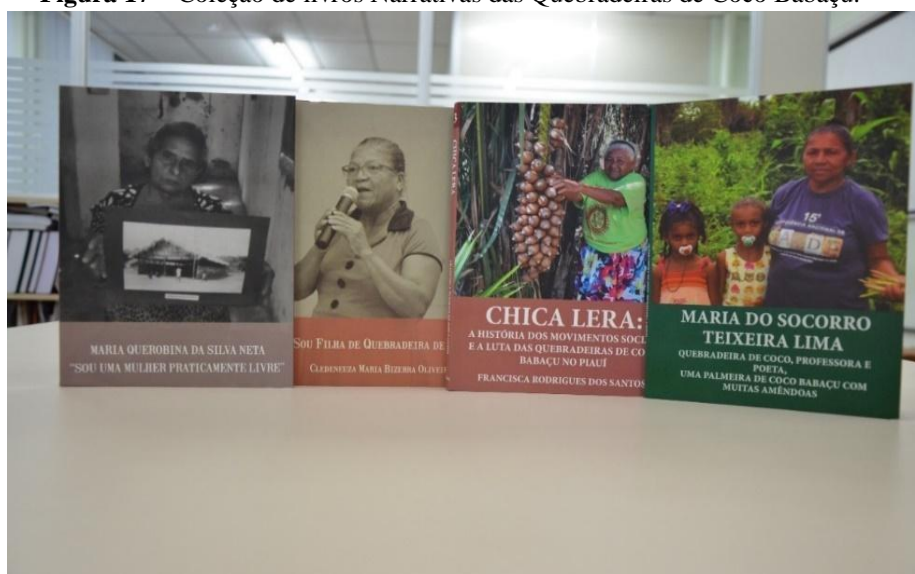
Em primeira mão eu quero agradecer a essa pessoa que desenvolveu essa entrevista, que eu sei que vai ser importante. Eu sei que é, e agradecer ao pai eterno, porque tudo que a gente desenvolveu na vida foi uma inteligência que ele deu pra gente e quero dizer que eu estou feliz nesse momento, não só pelo fato de vocês estarem aqui, mas, uma coisa que eu na minha vida, diante da trajetória que eu passei, eu tinha vontade, e isso está se realizando agora, sei que eu já estou na reta final da minha vida, diante do problema que eu tenho, diante da minha idade, mas o que eu queria e quero está se realizando e vai se realizar, é a minha história... para ficar de exemplo, para ficar de modelo, não só para os meus filhos, mas para os outros negros e trabalhadores rurais. (Evangelista, 2021, p. 21).

Narrar e documentar tais histórias de luta se torna uma forma de registrar sua própria existência diante aos descasos a que são submetidos no âmbito de instâncias governamentais ou outras formas de enfrentamento acerca desses aspectos da luta cotidiana. Os livros da Coleção Narrativas Quilombola, contribuem com o acesso de 2.298 (dois mil, duzentos e noventa e oito) *downloads* em seus arquivos digitais.

¹³ Liderança quilombola da comunidade UNIQUITA – (União das Associações das Comunidades Negras Rurais Quilombolas do Município de Itapecuru-Mirim).

1.2.2.13 Coleção de livros Narrativas das Quebradeiras de Coco Babaçu

Figura 17 – Coleção de livros Narrativas das Quebradeiras de Coco Babaçu.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora/abril-2023.

Quadro 18 – Coleção de livros Narrativas das Quebradeiras de Coco Babaçu.

Livro	Ano	Downloads
01-Sou filha de quebradeira de Côco" Cledeneuza Maria Bizerra Oliveira	2017	
02-Sou uma Mulher Praticamente Livre – Maria Querobina da Silva Neta	2018	189
03-Chica Lera: A história dos movimentos sociais e a luta das Quebradeiras de coco babaçu no Piauí – Francisca Rodrigues dos Santos	2019	143
04-Maria do Socorro Teixeira Lima – Quebradeira de coco, professora e poeta. Uma palmeira de coco babaçu com muitas amêndoas	2021	117
		449

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

A “Coleção Narrativa das Quebradeiras de Coco Babaçu”, contribui com 04 (quatro) livros. A produção surge a partir das narrativas realizadas pelos próprios representantes das unidades sociais, que contam suas lutas identitárias, conflitos e desafios em busca de sua autoafirmação e seus direitos territoriais. A respeito dessas histórias de vida transformada em livro, são descritos fatos que sugerem a importância de tais relatos, como se expressa Santos (2019)¹⁴, a interlocutora da pesquisa:

A nossa tradição de fazer um remédio caseiro está acabando. Não tem mais uma benzedeira, um benzedor. Mas tudo isso tem que descobrir, porque a história dessas pessoas tem que ser contada. A minha história tem que ser contada, a tua história tem que ser contada; se ninguém contar, outra pessoa não vai saber. Tudo isso está se acabando (Santos, 2019, p. 116).

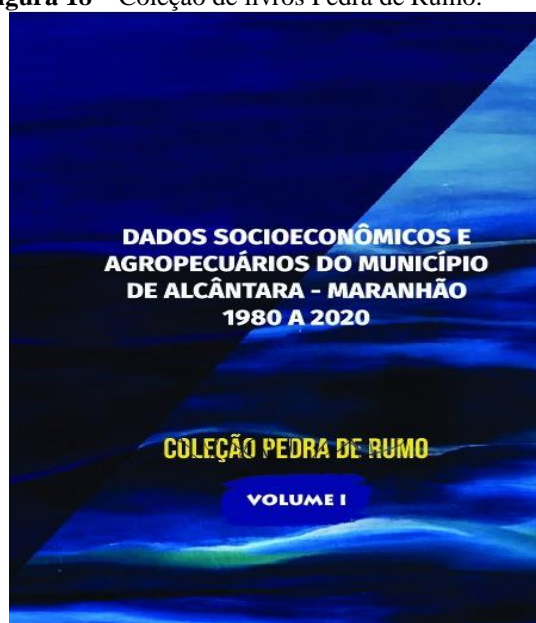
¹⁴ Francisca Rodrigues dos Santos - Quebradeira de coco babaçu.

As narrativas desempenham um papel primordial para os registros de suas histórias de vida, trazendo uma reflexividade crítica acerca de como cultura e tradição são afetados diretamente em meio aos conflitos vivenciados.

A coleção Narrativa das Quebradeiras de Coco babaçu, conta com o acesso de 449 (quatrocentos e quarenta e nove) *downloads*.

1.2.2.14 Coleção de livros Pedra de Rumo

Figura 18 – Coleção de livros Pedra de Rumo.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

Quadro 19 – Coleção de livros Pedra de Rumo.

Coleção	Ano	Downloads
01-Dados Socioeconômicos e Agropecuários do Município de Alcântara – Maranhão – 1980 a 2020	2020	250
		250

Fonte: Elaborado pela pesquisadora/junho-2023

A “Coleção Pedra de Rumo” apresenta análises sobre os conflitos enfrentados na comunidade quilombola de Alcântara, lugar que está sob os olhares atentos dos norte-americanos. O primeiro volume traz uma descrição quantitativa, apresentando a população que ali reside e resiste à tentativa de tomada do território, solo esse cobiçado por se tratar de um ponto estratégico para construção da Base de Lançamento de foguetes. Se observado pela ótica de forças políticas e econômica dar-se-ia a causa como perdida face às disputas de interesses estranhos à população. Todavia, confere ressaltar as lutas travadas há décadas, cuja resistência tem demonstrado o interesse dos agentes sociais pela consolidação da política de autoafirmação e de pertencimento a essas terras tradicionalmente ocupadas e a respeito das quais as lutas se

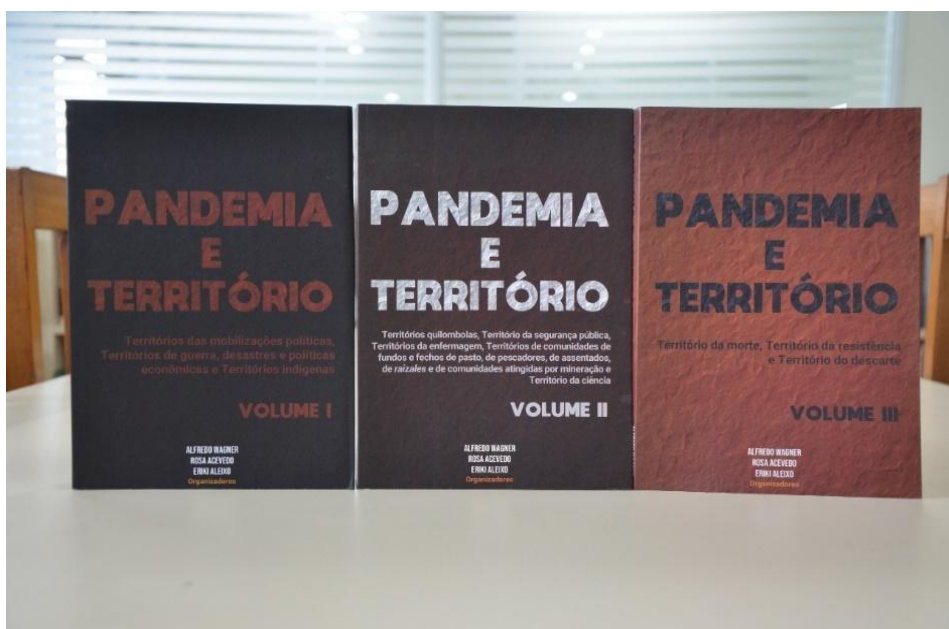
intensificam em face da pauta de reivindicação que tem como centralidade do debate a titulação fundiária daquele território. (MABE, MONTRA STTR, SINTRAB, 2020).

Essa discussão com contribuições do levantamento estatístico e as levantadas nos livros “Alcântara” 1 e 2, da Coleção Nova Cartografia Social, nos ajudam na compreensão do julgamento que fora levado junto à Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), caso esse ainda em julgamento que iniciaram nos dias 26 e 27 de abril de 2023 em Santiago-Chile, buscando o reconhecimento da Comunidade Quilombola que ali resiste à opressão imposta pelo Estado brasileiro.

Em seu acesso via arquivos digital, a coleção colabora com o compartilhamento de 250 *downloads*.

1.2.2.15 Coleção de livros Pandemia e Território

Figura 19 – Coleção de livros Pandemia e Território.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora/junho-2023.

Quadro 20 – Coleção de livros Pandemia e Território.

Coleção	Ano	Downloads
1-Pandemia e Território – Volume 1 – Territórios das mobilizações políticas, Territórios de guerra, desastres e políticas econômicas e Territórios indígenas	2020	118
2-Pandemia e Território – Volume 2 – Territórios quilombolas, Território da segurança pública, Territórios da enfermagem, Territórios de comunidades de fundos e fechos de pasto, de pescadores, de assentados, de raízales e de comunidades atingidas por mineração e Território da ciência	2020	80
3-Pandemia e Território – Volume 3 – Território da morte, Território da resistência e Território do descarte	2020	96
		294

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

Essa produção, considerada atípica, assim como atípicos são todos os acontecimentos que seguiram no momento dessa construção marcada pelo desastroso impacto planetário do período deflagrado como a “Pandemia do COVID-19”.

A coleção teve por propósito refletir acerca dessa realidade vivenciada em meio às unidades sociais cujos efeitos catastróficamente desencadeados, do ponto de vista geral, submeteram à ciência, desafios até então desconhecidos. No Brasil, analisando as experiências narradas pelos agentes sociais – sejam eles pertencentes a povos e/ou comunidades tradicionais, entre outras designações –, tais relatos registrados na coleção expressam legitimamente “o lado mais sombrio da ineficácia histórica das políticas de Estado [das quais] emerge com realce a situação crítica de exclusão e marginalização¹⁵”.

Assim entendida, a Coleção foi acionada como uma ferramenta de alerta ou de pedido de socorro, composta *a priori* por 121 autores que relatavam os momentos difíceis vivenciados pela propagação de vírus mortal que despertou, para além da tragédia, o debate crítico, portanto, reflexivo acerca da visibilidade dos *esquecidos* e abandonados à própria sorte. Os organizadores da coleção apresentam tais designações da seguinte forma:

Trata-se de grandes segmentos sociais invisibilizados, sem condições de enfrentamento à pandemia, que tomaram conhecimento do coronavírus e ficaram cerceados pelo evento epidemiológico e os dispositivos regulamentados para “combatê-lo”. Ao mesmo tempo, começa a ficar mais perceptível, sem muitas palavras desgastadas, o grau de precariedade de suas condições de vida: moradias com insuficiência de serviços básicos, explicada pela ininterrupta “crise de habitação”, o que inviabilizaria qualquer medida de isolamento social, quarentena ou confinamento, ou seja, moradias com carência de água potável, sem rede de esgotos, formando parte do intocado quadro de “crise sanitária” do país. Isto dificulta cotidianamente os cuidados mais triviais de higiene, como o lavar as mãos, e impede esse tipo de prevenção neste tempo de pandemia, quando a norma máxima é a prevenção através de rígidas normas sanitárias (Almeida, Marin e Melo – Coleção “Pandemia e Território” – Vol. 1, 2020, p. 34).

A situação alarmante na busca por sobrevivência que foi evidenciada no período pandêmico, apontou não somente as lutas desiguais que se traçam no decorrer do tempo nessas unidades sociais, que lutam por seu reconhecimento, mas, o período apontou também para a discrepância existente tanto em termos econômicos quanto sociais, nos quais os privilégios de poucos se sobressaem em detrimento do pânico causado pela proximidade com a morte, deixando visível o descaso do Estado em relação a maioria da população marginalizada.

¹⁵Citação extraída do Prefácio da obra: “Pandemia e Território – Volume 1: Territórios das mobilizações políticas, Territórios de guerra, desastres e políticas econômicas e Territórios indígenas – São Luís: UEMA, 2020, p. 34 (Assina o Prefácio: Prof. Gustavo Pereira da Costa – Reitor da UEMA).

As análises das informações constantes da coleção aparecem primeiramente constituídas em 3 volumes, elaborados de acordo com as demandas dos agentes sociais que acionavam os pesquisadores ali envolvidos. Ao tempo em que as obras estariam sendo concluídas, outras demandas foram encaminhadas aos organizadores, ficando as mesmas impossibilitadas de registro na coleção, devido ao tempo exigido para publicação. No total, a Coleção consta o registro de 130 (cento e trinta) autores, cujos textos compõem o universo de um único volume, retratando o acompanhamento criterioso por parte dos pesquisadores naquele momento de luta percorrida em que esse vírus provocou “medos, temores, apreensões e um número cada vez maior de vítimas fatais, sobretudo entre indígenas, quilombolas, ribeirinhos e outros povos e comunidades tradicionais¹⁶”

O volume unificado está disposto também na coleção Nova Cartografia Social o qual, de acordo com o gráfico nº 2, aponta os *downloads* realizados, sinalizando que dos 41.458 acessos aos arquivos, 6.635, ou seja, 16%, são referentes ao acesso ao livro de Volume Único.

Na construção da coleção, é possível identificar o grau de importância face à relevância da utilização das ferramentas digitais tais como, *facebook*, *Instagram* e *WhatsApp* que proporcionaram com maior rapidez a comunicação, tanto nas trocas de mensagens de urgência que surgira e nos acompanhamentos dos pedidos de ajudas realizados, quanto nas manifestações e solidariedade das pessoas que através das “vaquinhas virtuais” possibilitaram a brevidade de respostas, mostrando a celeridade da pesquisa auxiliada pelas tecnologias de ponta.

1.2.2.16 Coleção de livros Narrativas Indígenas

Figura 20 – Coleção de livros de Narrativas Indígenas.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora/junho-2023.

¹⁶Citação extraída da Apresentação Geral constante da obra: “Pandemia e Território – Volume 1: Territórios das mobilizações políticas, Territórios de guerra, desastres e políticas econômicas e Territórios indígenas – São Luís: UEMA, 2020, p. 35 (Assinam a Apresentação, os pesquisadores: Rosa Acevedo, Eriki Aleixo e Alfredo Wagner).

Quadro 21 – Coleção de livros de Narrativas Indígenas.

Livro	Ano	Downloads
01-Cacique do Povo Akrãtikatêjê - Hõpnyre Ronore Jopikti Payaré: planejava a vida à noite olhando estrelas	2021	
02-Ixé Sasiara-Tocaram fogo em tudo: eu me calei	2023	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora/junho-2023.

A coleção Narrativas Indígenas bem como as duas coleções de narrativas anteriores, apresenta relatos das experiências vivenciadas pelo próprio agente social, que se autodefine como indígena. A coleção apesar do quantitativo de trabalhos realizados com a categoria étnica apresenta, até o momento 02 (dois) livros. Estes surgem a partir das narrativas de lutas, conflitos, ameaças e desafios em busca de autoafirmação assegurada por via de seus direitos étnicos e territoriais.

Nas experiências relatadas é possível observar que, além da pressão imposta pela usurpação das terras tradicionalmente ocupadas, os organizadores da Coleção objetivam suas impressões em face da importância que se tem acerca do registro da memória coletiva, ponto balizador das lutas registradas nesta Coleção, cujo livro:

[...] contribui de forma marcante por trazer sua própria fala, a sua narrativa, sem mediações e permitir conhecer diretamente o pensamento, ações e práticas desta liderança indígena. A partir da voz que descreve ações e pensamentos sobre o fazer dessa liderança é possível construir uma reflexão sobre as relações e posições que o Estado brasileiro estabelece com os povos indígenas, em especial, quando estes aparecem como antagonistas de projetos desenvolvimentistas. A posição generalizada é de relegar sua existência e lutas à invisibilidade. Ocorre uma violência silenciosa contra estes protagonistas políticos na construção da nação brasileira na contemporaneidade (Jurandir Santos de Novaes, Rosa Elizabeth Acevedo Marin, 2021, p. 14)

Os arquivos da coleção, não estão disponíveis no site, mas o livro número 01, publicado em 2021, distribuiu 500 (quinhentos) exemplares na comunidade. Nas análises relativas à Coleção, percebe-se a complexidade de realização da pesquisa científica, frente às ameaças vivenciadas no decorrer do tempo.

1.2.2.17 A coleção de livros Informes Legislativos

Figura 21 – Coleção de livros Informes Legislativos.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

Quadro 22 – Coleção de livros Informes Legislativos.

Coleção	Ano	Downloads
01– Megaempreendimentos em Implementação na Amazônia: Impactos na sociedade e na natureza – Marcia Anita Sprandel Territórios de guerra, desastres e políticas econômicas e Territórios indígenas-Volume 01, 2021	2021	49
02 – Megaempreendimentos em Implementação na Amazônia: Impactos na sociedade e na natureza – Volume 02, 2021, Marcia Anita Sprandel	2020	42
		91

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

A “Coleção Informes sobre o Processo Legislativo”, trata de levantamentos realizados em decorrência da tramitação de processos legislativos. Após análises pelos pesquisadores, tais autos são dispostos à coletividade com vistas a garantir discussões junto aos movimentos sociais ali envolvidos. Os levantamentos trazem informação sobre a mobilização de trabalhadores quanto a destinação das terras da União.

O Palácio do Congresso Nacional é um espaço público onde atuam das mais diversas forças políticas, econômicas e sociais do país e do exterior. O objetivo desta pesquisa é entender como essas forças agem em relação à temática da Amazônia, especialmente no que se refere aos megaprojetos em implantação (Sprandel, 2021, p. 11).

Essa informação e conhecimento das leis aplicadas são relevantes para futuras decisões quanto ao direcionamento das atividades desenvolvidas.

A coleção contribui com 02 produções e 91 *downloads*.

1.2.3 Acervo Fotográfico

Figura 22 – Acervo fotográfico.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, julho/2023

Quadro 23 – Acervo fotográfico.

Coleção	Ano	Downloads
01-Parnarama e Bom Jardim – Leonardo Carneiro	2020	375
02-Tikuna – Leonardo Carneiro	2020	573
03-Arequipá – Leonardo Carneiro	2020	447
		1395

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

O Acervo fotográfico, apresenta experiências etnográficas vivenciadas por Leonardo Carneiro¹⁷, e que ficaram registradas através de fotografias. Dois desses acervos, o número 01 (um) e o número 03 (três), foram desenvolvidos em comunidades do Estado do Maranhão, as quais registram reuniões e assembleias sindicalistas em que se seguiam a discussão em torno dos conflitos agrários e permeavam o ano de 1979. O Acervo número 02 (dois) foi realizado em 1985 numa Aldeia Tikuna, do Alto Solimões, estado do Amazonas. De acordo com o autor, os registros procuram enfatizar a importância da fotografia como construtora da memória visual e o significado disso para a cultura Tikuna (Carneiro, 2020).

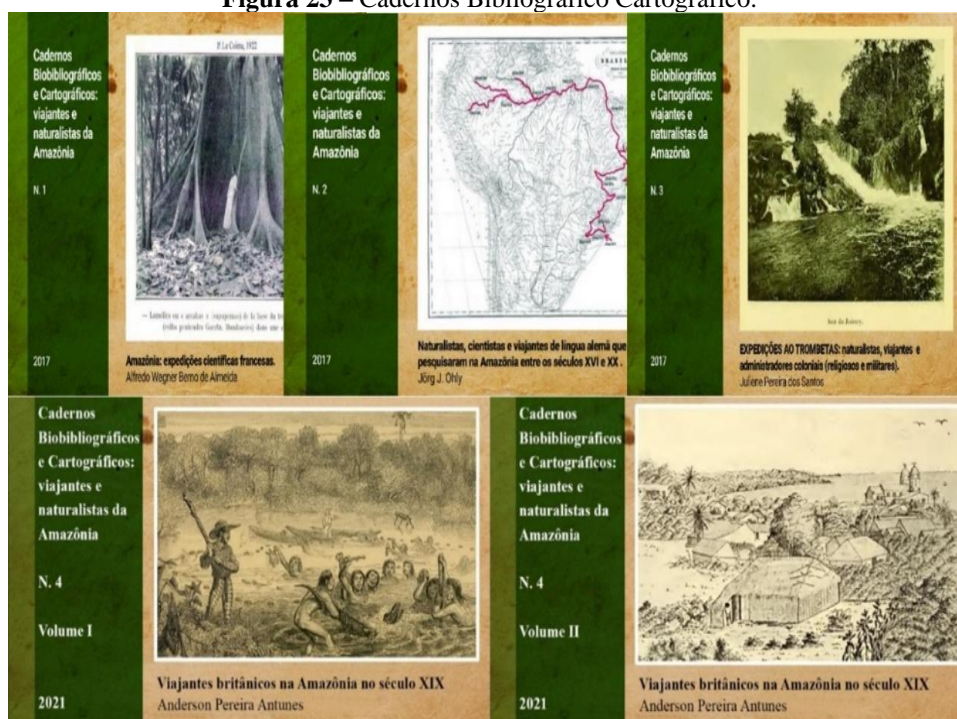
O autor descreve também as dificuldades em se registrar e preservar o acervo, o qual sofre com a ação do tempo. Essa questão, no presente, parece simples devido os avanços tecnológicos, todavia, na data dos registros essas situações apresentavam um grau de bastante complexidade.

¹⁷ Leonardo Azeredo Carneiro, fotógrafo que acompanhou e realizou os registros através de imagens nas comunidades do Maranhão e em Terras Indígenas Tikuna no Alto Solimões, no fim da década de 70 e na década de 80

O acervo contribui com o acesso de 1.395 (mil, trezentos e noventa e cinco) *downloads* em seu arquivo digital.

1.2.4 Cadernos Bibliográfico Cartográfico

Figura 23 – Cadernos Bibliográfico Cartográfico.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, dezembro/2023.

Quadro 24 – Cadernos Bibliográfico Cartográfico: Viajantes e Naturalistas da Amazônia.

Cadernos	Ano	Downloads
1-Amazônia: Expedições Científicas Francesas (do Século XVIII o XX)	2017	284
2-Viajantes, cineastas, cronistas de língua alemã (Alemanha, Áustria, Suíça) na Amazônia nos séculos XIX e XX	2017	210
3-Expedições ao Trombetas/PA séculos XVIII a XX Naturalistas, viajantes e administradores coloniais (religiosos e militares)	2017	200
4-Cadernos Biobibliográficos e Cartográficos: Viajantes Britânicos na Amazônia no século XIX Anderson Pereira Antunes	2021	66
5-Cadernos Biobibliográficos e Cartográficos: Viajantes Britânicos na Amazônia no século XIX Anderson Pereira Antunes	2021	41
6-Biobibliographical and cartographical notebooks: British travellers in 19th century Amazonia. - n. 4, v. 1	2021	
7-Biobibliographical and cartographical notebooks: British travellers in 19th century Amazonia. - n. 4, v. 2	2021	
		801

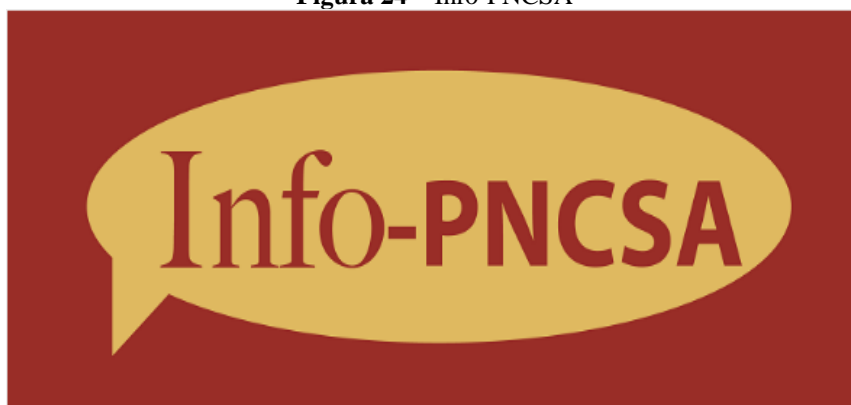
Fonte: Elaborado pela pesquisadora, dezembro de 2023.

A produção da Coleção de Cadernos Bibliográficos Cartográficos: Viajantes e Naturalista da Amazônia, perpassa por análise sobre a trajetória de alguns dos viajantes e

naturalista (franceses, alemães, austríacos, suíços e britânicos), que pela Amazônia passaram entre o século XVIII e XX e que contribuíram com suas percepções sobre a diversidade aqui existente, as quais serviram de estudos para grandes compreensões. Mesmo que algumas dessas informações não estejam expressas de forma claras em sites de pesquisas, é possível encontrar registros em museus e bibliotecas no exterior, onde a possibilidade de uma pesquisa minuciosa seria possível (Antunes, 2021).

1.2.5 Info-PNCOSA

Figura 24 – Info-PNCOSA



Fonte: PNCOSA, 2023.

Quadro 25 – Info-PNCOSA

Coleção	Ano	Downloads
Informativo N° 01 – A política da FUNAI para Isolar os “Isolados” na fronteira Acre-Ucayali	2015	18
Informativo N° 02 – Quilombolas do rio Pacajá debatem com Vereadores da Câmara Municipal de Portel as estratégias de mapeamento da empresa Cikel Verde Madeira e ABC Norte	2015	21
Informativo N° 03 – Trabalho escravo e desmatamento	2015	22
Informativo N° 04 – Indígenas da etnia Tenharin participam de Audiência de Instrução no município de Humaitá-AM	2015	14
Informativo N° 05 – Trabalho escravo e desmatamento II	2015	
Informativo N° 06 – 694 famílias no município de Barcelos/AM entre indígenas, artesãos e pescadores são ameaçadas de despejo por sentença judicial que favorece o Comando da Aeronáutica	2015	18
Informativo N° 07 – Conflito territorial	2015	
Informativo N° 08 – Nota Sobre os Projeto de Lei Patrimônio Genético e Conhecimentos Tradicionais Associados	2015	31
Informativo N° 09 – CARTA ABERTA DA CONAQ	2015	17
Informativo N° 10 – Nota técnica 25 de março de 2015	2015	15
Informativo N° 11 – Conflito fundiário em Barcelos – AM	2015	14
Informativo N° 12 – Marco Legal – “Conhecimentos Tradicionais”	2015	35
Informativo N° 13 – Sancionada a Lei 13.123/15 sem atender interesses de povos e comunidades tradicionais	2018	23

Informativo N° 14 – Quebradeiras de Coco Babaçu na V Marcha das Margaridas	2018	25
Informativo N° 15 – Observações sobre Afrorreligiosidade em Cuba: exercício etnográfico	2018	19
Informativo N° 16 – Reforma no “Centro de Ciência e Saber: Museu Comunitário Casa Branca”: No Assentamento de Vila Conceição, Município de Imperatriz – MA	2018	22
Informativo N° 17 – Quilombo de Abacatal, Ananindeua – Pará : Direitos territoriais e conflito socioambiental	2018	89
Informativo N° 18 – “Gran Canal Interoceânico” Megaprojeto na Nicarágua, América Central	2018	51
Informativo N° 19 – Relatório de Atividades da Delegação Queniana no Brasil – 02 a 30 de outubro de 2015	2018	36
Informativo N° 20 – A Construção do Canal Interoceânico da Nicarágua começará em 2016, mas continua sendo questionada por cientistas e pelas populações que serão atingidas	2018	38
Informativo N° 21 – Nicarágua e Colômbia Continuam Disputando Direitos Sobre o Território Caribenho Entre os Dois Países	2018	34
Informativo N° 22 – “Conhecimentos Tradicionais” – Quadro Comparativo PL 7735/2014 e PLC 2/2015	2018	58
Informativo N° 24 – Estudo sobre a expansão de plantações de dendê e danos sociais e ambientais realizou observações de campo nos municípios de Acará e Bujaru	2018	60
Informativo N° 25 – Gamela	2017	195
Informativo N° 26 – Museu Russo de Etnografia – São Petersburgo, Rússia	2018	102
Informativo N° 27 – Corredores Logísticos e Povos e Comunidades Tradicionais	2018	96
Informativo N° 28 – Informações preliminares sobre a situação da Resex Baixo Rio Branco Jauaperi	2018	77
		1.130

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

O Info-PNCSA, apresenta em sua maioria informações de acontecimentos relacionados a Leis aprovadas e que promovem conflitos nos quais as comunidades tradicionais são as mais afetadas, e como forma de resistência lutam por seus direitos territoriais, socioambientais e de existência contra esses atos que contribuem com a usurpação de direitos étnicos e territoriais.

Na série se observou que dos 28 informativos realizados, estão ausentes três, e como barreira na construção do quadro se encontrou a falta de data da informação e a não sequência de alguns Info, que se perderam devido ao *hackeamento*. Aliás, em que pese esses entraves, há, por outro lado, a confirmação de acesso em seus arquivos digitais que se soma 1.130 (um mil, cento e trinta) *downloads*.

1.2.6 Notícias

As Notícias Destaques, contribui dinamicamente com a divulgação das mais diversificadas informações. Essas informações estão relacionadas às atividades de pesquisa que estão sendo realizadas junto a rede Nova Cartografia Social. Nessas notícias é possível verificar questões de denúncias, bem como informações da atuação de pesquisadores e instituições públicas junto a povos e comunidades tradicionais, levando em consideração suas abrangências

nas esferas políticos-organizativas, bem como o seu reconhecimento no âmbito nacional e internacional.

Na questão dos aparatos proporcionados pela mídia, verificou-se a necessidade de ampliar a divulgação das notícias por meio de páginas no Facebook e Instagram que auxiliam o *site*. A partir da recuperação dos dados, ou seja, pós rackeamento foi possível contabilizar 120 (cento e vinte) notícias, publicada em tempo real, proporcionando ainda mais de 350.000 (trezentos e cinquenta mil) visitas¹⁸.

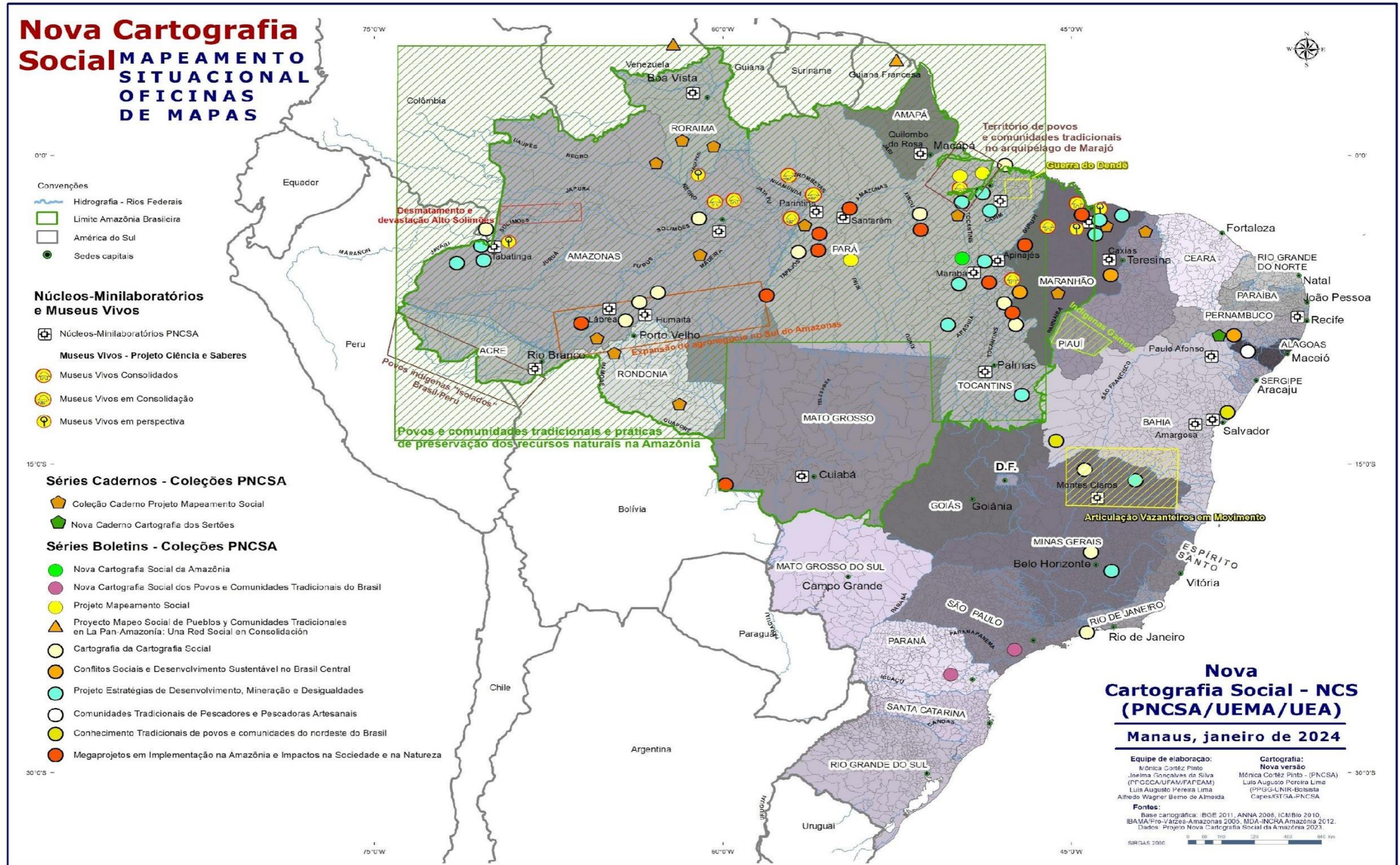
¹⁸ Essas informações foram retiradas de registros analíticos do tráfego de acesso, correspondente a página <http://novacartografiasocial.com.br/>

CAPÍTULO II - A DINÂMICA RELACIONAL NA CONSTRUÇÃO DO MAPEAMENTO SOCIAL: AGENTES SOCIAIS E PESQUISADORES NA LUTA POR DIREITOS ÉTNICOS E TERRITORIAIS

Neste capítulo, abordam-se assuntos relativos à dinâmica que se dá na relação das atividades desenvolvidas pelo PNCSA junto a povos e comunidades tradicionais. Desta feita, a pesquisa evidencia o protagonismo dos agentes sociais que vai desde a solicitação do mapeamento realizado na área de interesse, fazendo referência à forma pela qual se constrói a relação dialógica entre o agente social e os pesquisadores vinculados ao PNCSA. Diz respeito, portanto, à análise acerca do resultado dessa parceria objetivada nas produções literárias das coleções de Fascículos, Boletins Informativos e Cadernos, resultado das atividades realizadas no período de 2005 a 2023, aqui caracterizadas através dos mapeamentos situacionais.

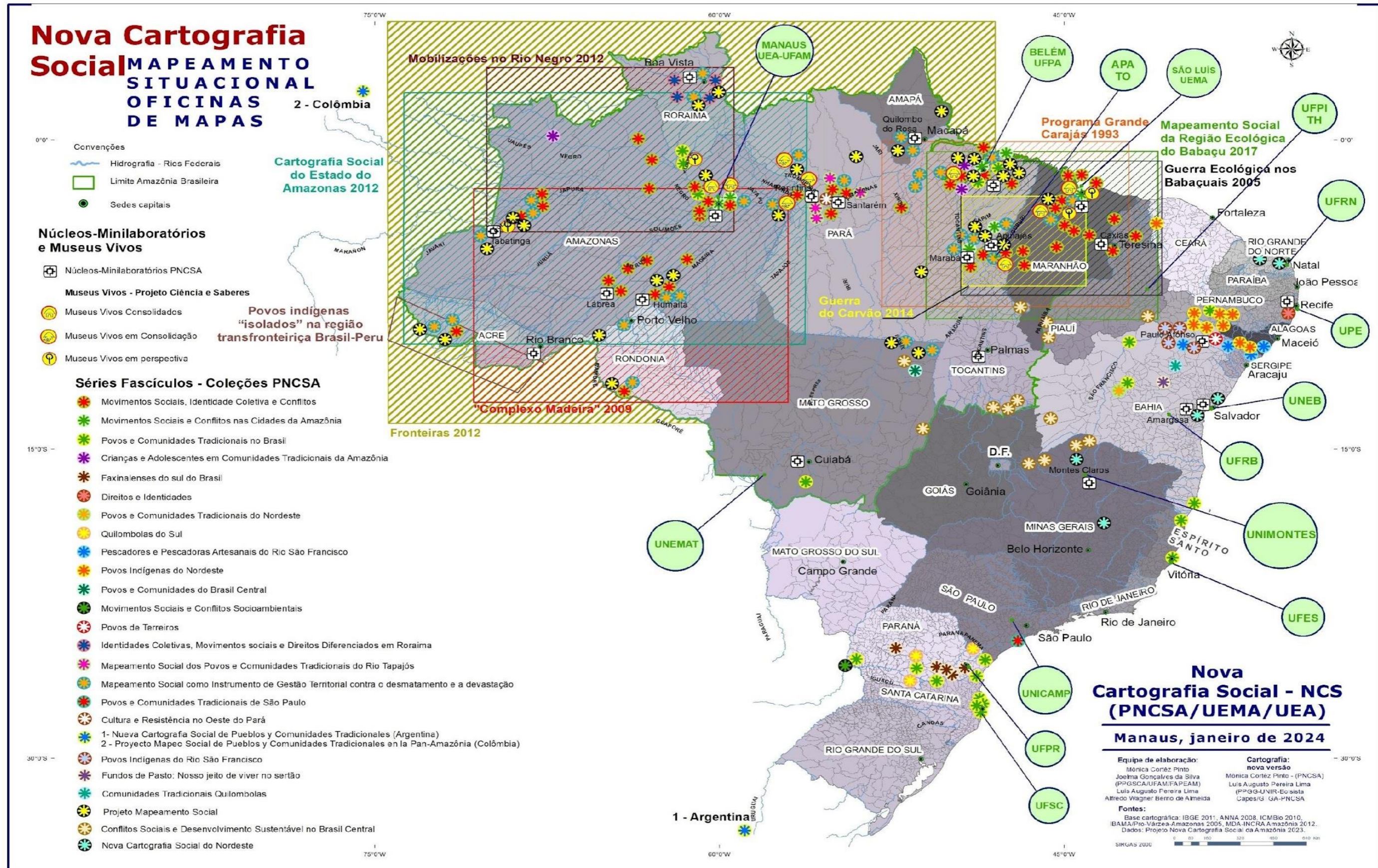
Tais mapas são aqui entendidos como constitutivos e constituídos por relações sociais que conectam pessoas a lugares; identidades a territórios com ênfase nas situações de vida e trabalho em face da construção do projeto de identidade étnica dos atores envolvidos, conforme assuntos identificados nos itens abaixo.

Mapa 1 - Oficinas de mapas - Série Cadernos e Boletins.



Fonte: PNCSA, com contribuição dos dados levantados pela pesquisadora, janeiro 2024.

Mapa2 - Oficinas de mapas - Série Fascículos.



Fonte: PNCSA, com contribuição dos dados levantados pela pesquisadora, janeiro 2024.

2.1 A produção científico-acadêmica no âmbito do PNCSA: uma dinâmica relacional

Os Mapas Nº 1 e Nº 2, possibilitam uma visão panorâmica do desenvolvimento que a pesquisa científica realizada pelo PNCSA tem alcançado no decorrer dos anos em território nacional e internacional. Essa dinâmica é resultante das Oficinas de Mapas realizadas, que para além das publicações, proporciona uma dinâmica de interação entre pesquisadores, instituições públicas e agentes sociais.

O mapeamento cartográfico realizado pela rede de pesquisadores do PNCSA, é uma relevante forma de se construir conhecimentos. Trata-se dos chamados mapas situacionais que apresentam um forte ponto de pressão diante do Estado, considerando-se os propósitos político-organizativos de povos e comunidades tradicionais na luta pela autoafirmação de seus territórios.

Acsehrad (2015) salienta que a criação de mapas se destacava em alguns pontos fundamentais sendo eles:

i) *a priori* estava ligado para identificação de rotas; bem como para criar jurisdição e facilitar o controle do Estado, essa análise é discutida por Foucault (1996), conforme apontado no capítulo I, quando afiançava essa estratégia como ação de domínio;

ii) mapas voltados para o zoneamento da utilização de territórios; nesse quesito percebe o interesse de megaempreendimento em territórios apontados com potencial econômico da exploração dos seus recursos naturais.

Assim entendido, é possível tecer os pontos de relevância nesse processo científico, visto se tratar de um instrumento potencialmente político capaz de perturbar as relações de poder e refletir de formas pontuais nas relações de conflitos sociais travados ao longo de confrontos com aqueles antagonistas históricos. Nesse contexto se evidenciam interpretações erradas sobre determinada área geográfica, ou seja, sem considerar que o conhecimento local pode representar consequências terríveis ou até mesmo o extermínio para determinada comunidade tradicional (Pacheco de Oliveira, 2013)¹⁹.

Dentro desse processo de reconhecimento e de luta por autoafirmação de seu território é que a rede Nova Cartografia Social, apresenta um quantitativo de 319 (trezentos e dezenove) mapas situacionais produzidos nas comunidades tradicionais.

Esse mapeamento realizado pelos próprios agentes sociais com o apoio do PNCSA e Instituições Públicas, precisa ainda ser estudado como equilíbrio diante das questões que se

¹⁹ Cf. Pacheco de Oliveira, João. Intervenção Oral na sessão livre “Cartografia Social e Estratégias de territorialização”. Recife: XVI ENAMPUR, Recife, 2013).

encontram na disputa no momento da construção, as quais podem sofrer alterações mediante a mudanças instigadas frente aos constantes conflitos de disputas recorrentes desses povos e comunidades tradicionais, seja ela por imposição e mudanças drásticas, seja por ações dos megaempreendimentos e força do poder de Estado.

A produção desse mapeamento bem como observado pelo seu quantitativo equivale cerca de 40% das publicações estando contida nos boletins, cadernos e fascículos trazendo levantamento específicos sobre determinada situação.

Na dinâmica dessas produções intelectuais, foi possível identificar a existência da relação de confiança que existe entre agentes sociais e pesquisadores. A construção dessa relação demanda tempo e sua consolidação exigiu uma certa disposição de análise dessas lutas por autoafirmação e atuação junto aos órgãos competentes que pudessem orientar na defesa de seus direitos constantemente violados. Quando falamos dessa relação de “confiança”, nos reportamos na interação que se dá a partir das informações contidas nas próprias publicações, em que os agentes sociais relatam suas lutas e dificuldades na conquista do seu espaço social, bem como nas questões de cunhos empírico observáveis e como acionam suas trocas simbólicas.

Essa dinâmica se inicia a partir da solicitação de um mapeamento cartográfico, por parte dos agentes sociais, representantes de determinada comunidade tradicional. Tais demandas muitas vezes se apresentam como um pedido de socorro dizendo “nós existimos” e mesmo que se tenha pesquisadores com conhecimento acurados nas mais diversificadas áreas de cartografia e mapeamento social, é realizado junto aos coordenadores do PNCSA, uma discussão sobre a situação atual da área territorial que ocupam. Isto implica direcionar pesquisadores que já tenham realizado pesquisa ou estudos voltados para a comunidade solicitante, sem comprometer a sua forma organizativa, sua identidade coletiva e assumindo, dessa maneira, uma responsabilidade social com os agentes envolvidos, tendo consciência dos riscos que estão em pauta, sobretudo, em se tratando de comunidades em situação de conflito por reconhecimento étnico e territorial. Após o comprimento dessas diretrizes, é realizada a Oficina de Mapas.

De acordo com as análises das produções, foi possível aferir mais de 300 (trezentos) mapeamentos realizados no decorrer de quase duas décadas. As oficinas de mapas, permitem uma proximidade social e uma certa familiaridade entre agentes sociais e pesquisadores, onde há uma troca de conhecimento possibilitando averiguar falhas de interpretações daquilo que se é colocado, amenizando desta forma a violência simbólica constituída com presença do pesquisador (Bourdieu,1997, p 696).

Na realização das Oficinas de Mapas é proporcionado aos agentes sociais treinamentos com ferramentas tecnológicas, tais como: Sistema de Posicionamento Global-GPS para coleta de pontos georreferenciados e apoio com materiais para a elaboração dos croquis do local em análise. Esses croquis são desenhados pelos próprios agentes sociais e dão suporte para construção dos mapas de seus territórios e que são armazenados e tabulados no software de ArcGis. Concomitante a isso é realizado um curso de Legislação Ambiental junto a esses agentes sociais, possibilitando o conhecimento e esclarecimentos sobre as leis, normas e os aparatos jurídicos que os assistem, bem como a utilização de seus recursos naturais.

Nesses Mapeamentos, os agentes sociais passam a apontar os pontos relevantes daquilo que consideram afirmar sua existência em determinado espaço geográfico. Entre as análises realizadas foi possível identificar questões que se apresentam com frequência nas narrativas, entre elas estão: “*quem somos e o que pretendemos*”. Essas perguntas se sobressaem numa lógica, não de questionários dirigidos ou entrevistas com escutas ativas, mas a partir de conversas espontâneas em momentos de descontração em que o agente social se predispõe em contar suas lutas e desafios, colocando-se como o protagonista da própria história (Bourdieu,1997).

Partindo das análises dessas produções foi possível aferir a participação de cerca de 5.094 (cinco mil e noventa e quatro) agentes sociais envolvidos no período de 2005 a 2023, sendo esse quantitativo com foco nos Boletins Informativos, Fascículo e Cadernos não sendo aqui contabilizados os Mapas Síntese que apresentam discussões relevantes para o protagonismo que está em jogo, ou seja, dos agentes sociais.

Uma das questões cruciais nessa construção é o cuidado que se tem pela integridade do agente social em questão, levando em conta que por mais que eles possam expor suas dificuldades, lutas e resistências, é necessário está ciente do compromisso e a seriedade no que tange a responsabilidade que o pesquisador assume, entre elas a do cuidado com a vida, estando ciente de que esses agentes em certos casos estão em pleno conflito e ameaças por sua autoafirmação.

Nas análise dos mapas situacionais produzidos, foi possível identificar uma redefinição de sua produção, fato esse que se deu devido a necessidade de uma representação ampla de seu território, a exemplo disso encontramos na coleção Megaprojetos em Implementação na Amazônia e Impactos na Sociedade e na Natureza, no Boletim Nº 12 intitulado: Quilombola de Anajatuba, com apresentação de 18 áreas mapeadas, ou seja 18 mapas no mesmo Boletim, levando em consideração pontos relevantes apresentado pela comunidade no seu processo político organizativo e na luta do reconhecimento por seu território.

Outra redefinição que se tem reconfigurado no decorrer dos anos é criação dos croquis dos mapas, em alguns casos eles são construídos com matérias primas escolhidas pela própria comunidade. A exemplo disso temos o croqui anexado ao Fascículo nº 05, da Coleção Cartografia Social do Nordeste, realizado na comunidade Indígena Mendonça. Esse croqui foi construído pelos agentes sociais, em tecido conforme registro na Figura 25, abaixo.

Figura 25 – Criação do croqui Águas do Território Mendonça.

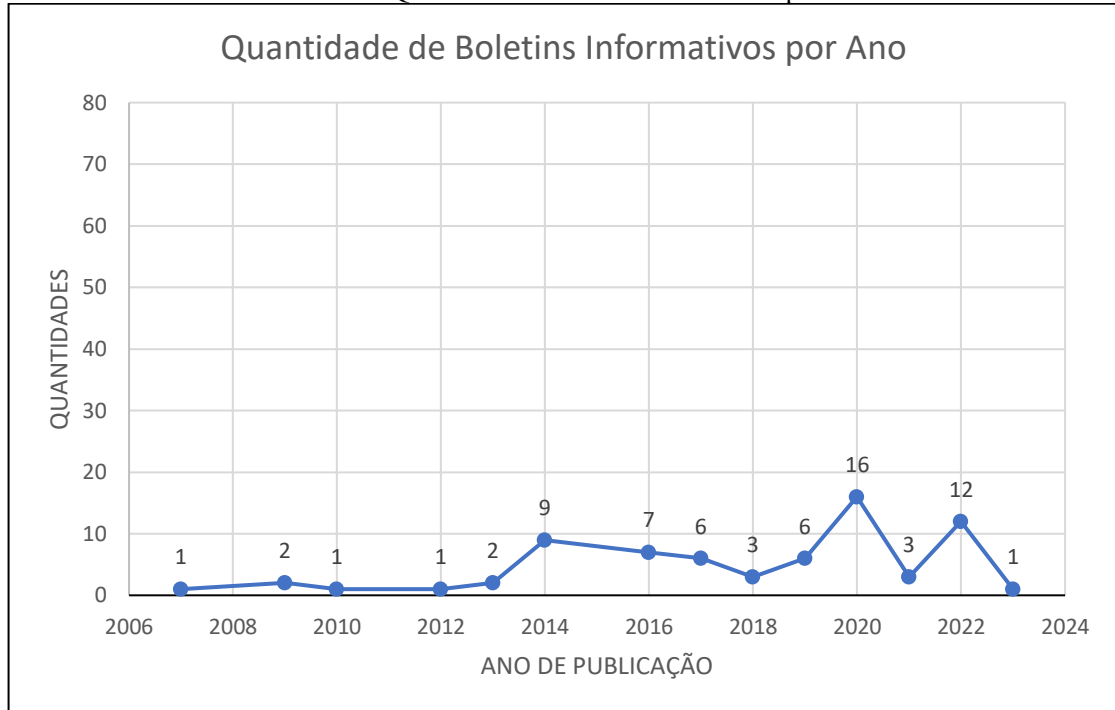


Fonte: Créditos da Foto, Taisa Lewitzki, Fascículo nº 05, da Coleção Cartografia Social do Nordeste/2022.

Partindo dessas informações é possível aferir o protagonismo que se revela pela autonomia dos agentes sociais nas produções. Dentro desse contexto é que se apresentam os resultados dessa dinâmica relacional realizadas nas oficinas.

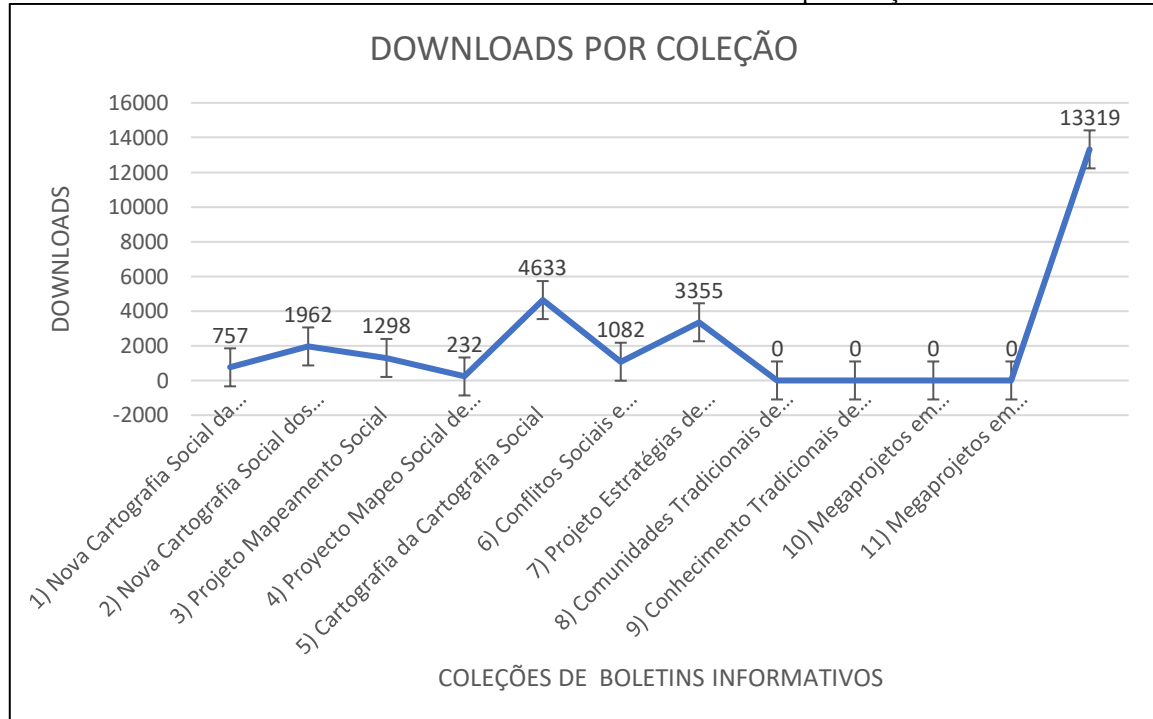
2.2 Produção de Boletins

Gráfico 5 – Quantidade de boletins informativos por ano.



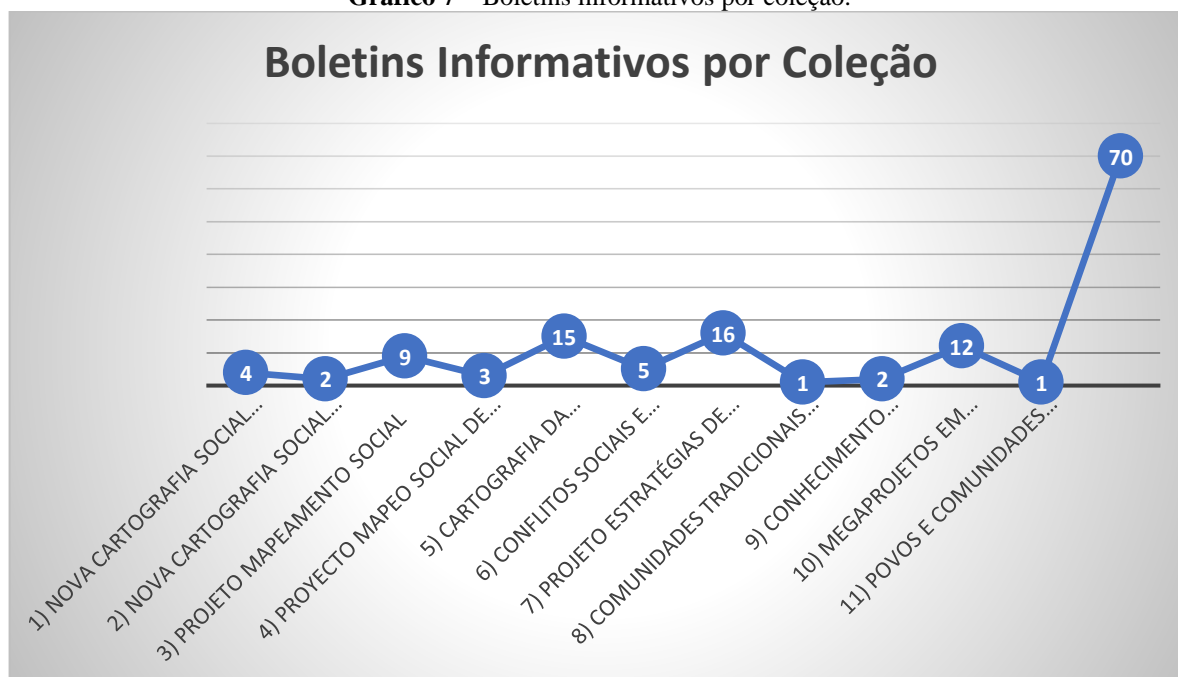
Fonte: Elaborado pela pesquisadora/junho-2023.

Gráfico 6 – Downloads de boletins informativos por coleção.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, dezembro/2023.

Gráfico 7 – Boletins informativos por coleção.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora/junho-2023.

A série “Boletins Informativos” apresenta informações relevantes advindas das comunidades tradicionais e se dispõem, de maneira periódica, com registros legais de ISSN junto ao IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia) de suas publicações.

Os levantamentos até 2017 apontavam 05 (cinco) coleções e 26 (vinte e seis) números publicados, Lima (2017). Atualmente, a série de Boletins Informativos, conta com 11 (onze) coleções e 70 (setenta) números publicados. Esse percentual de 100% aponta o crescimento do número de coleções e mais de 100% nos números publicados e demonstra como a pesquisa relacionada a comunidades tradicionais tem avançado no decorrer dos anos. Isto enaltece as lutas por autoafirmações e pela garantia dos direitos étnicos e territoriais, historicamente negados a povos e comunidades tradicionais. Essas análises expressam também as formas pelas quais esses agentes sociais têm se articulado politicamente.

As contribuições de exemplares impressos contam com a tiragem aproximada de 60.000 (sessenta mil) exemplares distribuídos, gratuitamente, nas próprias comunidades onde foram realizadas as pesquisas. O PNCSA disponibiliza de forma gratuita os arquivos no formato digital em seu *site*.

Diante das análises que se apresentam há de se levar em conta os profícuos resultados advindos dos produtos dessas pesquisas e a forma pela qual essa interação é capaz de auxiliar as comunidades tradicionais, os movimentos sociais e, portanto, os agentes sociais em meio as suas lutas. Ter o conhecimento técnico das ferramentas de mapeamento associado ao

conhecimento local, permite romper com as regras impostas pelo monopólio de mapeamento que é colocado pelo Estado, trazendo para uma análise reflexiva sobre os direitos violados dessas comunidades.

A seção de Boletins Informativos, dialoga com diversas denominações identitárias, tais como indígenas, quilombolas, benzedeadas e benzedores, quebradeiras de coco-babaçu, ribeirinhos, pescadores e pescadoras, vazanteiros, migrantes, geradeiras etc.

Essas unidades sociais, são marcadas por lutas desiguais, atingindo proporção de relevância à medida que o reconhecimento de seus direitos é alcançado.

Dentre os levantamentos realizados as Coleções que passamos a analisar são:

- 1) Nova Cartografia Social da Amazonia - 04 publicações produzidas entre 2007 à 2010;
- 2) Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil – 02 publicações produzidas entre 2012 a 2013;
- 3) Projeto Mapeamento Social – 09 publicações produzidas em 2014;
- 4) Proyecto Mapeo Social de Pueblos y Comunidades Tradicionales en La Pan-Amazonía: Una Red Social en Consolidación – 03 publicações produzidas entre 2016 à 2019;
- 5) Cartografia da Cartografia Social – 15 publicações produzidas entre 2016 à 2019;
- 6) Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central – 05 publicações produzidas em 2019;
- 7) Projeto Estratégias de Desenvolvimento, Mineração e Desigualdades- 16 publicações produzidas em 2020;
- 8) Comunidades Tradicionais de Pescadores e Pescadoras Artesanais - 01 publicação produzida em 2021;
- 9) Conhecimento Tradicionais de povos e comunidades do nordeste do Brasil - 02 publicações produzidas entre 2021 e 2022;
- 10) Megaprojetos em Implementação na Amazônia e Impactos na Sociedade e na Natureza- 12 publicações produzidas entre 2022-2023;
- 11) Povos e Comunidades Tradicionais do Alto Solimões- com 01 publicação produzida entre 2022-2023.

2.2.1 Coleção de Boletins Informativos Nova Cartografia Social da Amazônia

Figura 26 – Coleção de boletins informativos - Nova Cartografia Social da Amazônia.



Fonte: PNCSA, fevereiro/2023.

Quadro 26 - Coleção de boletins informativos - Nova Cartografia Social da Amazônia.

Boletins	Ano	Downloads
01 – “Complexo Madeira” em notícias período 2005 a 2007	2007	110
02 – Complexo Madeira – Conflitos Sociais na Panamazônia	2009	83
03 – Nossas Vidas Nossos Direitos – Portal da Amazônia	2009	467
04 – O Direito de dizer “não” à construção da hidrelétrica de Marabá	2010	97
		757

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

A primeira coleção da série de “Boletins Informativos”, apresentou informações detalhadas através de um mapa situacional do Complexo Madeira, levantamento, este, realizado a partir de fontes secundárias, tais como: notícias da imprensa regional e nacional. A coleção traz discussão e críticas levantadas pelos movimentos sociais ali envolvidos contra os megaempreendimentos. Nela são levados em consideração os impactos negativos que persistem na atualidade em decorrência de interesses políticos e econômicos, que mais privilegiam grandes empresas e prejudicam as comunidades tradicionais. A fala da senhora Rosa²⁰ traduz o desconforto e a indignação causados pela Construção da Hidrelétrica de Marabá:

Hoje todo mundo tá velho. Não tem condições de colocarem a gente debaixo da água, é muito difícil a gente chegar ver o lote da gente, virar só água”. Quando eu vejo falar disso eu fico triste demais... Tudo que a gente sofreu aqui por um pedaço de terra, pra hoje a gente, de repente, sair. E difícil demais... Às vezes, eu digo que só vou sair daqui quando os bichos tiver tudo boiando por aí... Eu luto por aquele lugar, porque

²⁰ Rosa dos Santos Silva, quebradeira de coco do Movimento Interstadual das Quebradeiras de Coco Babaçu e “assentada” no Pará.

eu amo aquele lugar, onde a gente criou nossos filhos, trabalhou... pra gente sair de repente? Não é fácil não. Meus filhos todos foram criados naquele lugar, já tenho netos. Eu amo aquele lugar. A gente luta muito, enquanto eu puder lutar, eu luto por aquele lugar. O que depender de mim eu luto mesmo. Eu amo aquele lugar!”. (Boletim Informativo Nova Cartografia Social da Amazônia Nº 04: O direito de dizer não à construção da Hidrelétrica de Marabá, 2010, p. 6).

A contribuição nos arquivos digitais soma um acesso de 757 (quinhentos e cinquenta e sete) *downloads* e o total de 4.000 (quatro mil) exemplares impressos e distribuídos.

2.2.2 Coleção de Boletins Informativos-Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil

Figura 27 - Coleção de boletins informativos Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, julho/2023.

Quadro 27 – Coleção de boletins informativos Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil.

Boletins	Ano	Downloads
01-O direito de afirmação da Identidade de Benzedeiras e Benzedores, municípios de Rebouças e São João do Triunfo, Paraná	2012	629
02-A luta das comunidades tradicionais da Juréia pelo direito de permanência em seu território e manutenção da sua cultura, litoral Sul de São Paulo	2013	133 3
		1.962

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, julho/2023.

A Coleção Boletins Informativos-Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil, com 02 (dois) Boletins referentes ao Sul do Brasil, apresenta a luta que se faz necessários pela permanência em território tradicionalmente ocupado. Nessa Coleção são relatadas as invasões ou apropriações de terras por grandes empreendimentos em nome da chamada “modernidade”, o que leva a perdas imensuráveis e até mesmo a dizimação de

comunidades tradicionais. Quanto a isso, Cleuza²¹, uma das participantes da Oficina de mapas, enfatiza:

Então a gente vivia assim, o que a gente plantava era mais pra comer, mas também você fazia uma roça de arroz, a gente colocava empilhado assim os cachinhos de arroz, quando a gente queria comer do arroz, tirava aquele arroz do cacho pra bater, ponhava, no sol depois socava no pilão, era tudo socado no pilão, ninguém mandava pilar arroz. Feijão ninguém comprava nada, ninguém comprava. Agora não. Fazia farinha, ainda tem, caindo os pedaços, mas tem a casa que eu fazia farinha, ainda tem o forno no lugar de torrar a farinha. Mas por causa dessa lei do cão que ponharam acabou tudo, acabou tudo (Boletim Informativo Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil N°01. 2013, p. 5).

Outra discussão que a coleção apresenta é a luta contra as formas de repressão aplicadas às práticas tradicionais, com destaque os confrontos por se negar os conhecimentos das práticas das benzendeiras e dos benzedores, que lutam por seu reconhecimento e pleno exercício desses conhecimentos tradicionais.

Além da distribuição do material impresso que somaram dois mil exemplares distribuídos nas localidades das pesquisas, ainda contam com o acesso de 1.962 (um mil novecentos e sessenta e dois) *downloads*.

2.2.3 Coleção de Boletins Informativos Projeto Mapeamento Social

Figura 28 - Coleção de boletins informativos Projeto Mapeamento Social.



Fonte: PNCSA, junho/2023.

²¹ Cleuza da Silva, antiga moradora do Rio das Pedras, atual moradora do Despraiado, janeiro de 2012.

Quadro 28 - Coleção de boletins informativos Projeto Mapeamento Social.

Boletins	Ano	Downloads
01 – Guerra do Carvão – A devastação dos babaçuais e a desestruturação de modos de vida dos povos e comunidades tradicionais	2014	158
02 – Penalva – Território de Sansapé, Território de Formoso, Território de Monte Cristo	2014	78
03 – Hidrelétrica de Curuá-Una – Organização e resistência das comunidades rurais do lago e do entorno da hidrelétrica de Curuá-Una	2014	78
04 – Povos indígenas “isolados” na região transfronteiriça Brasil-Peru	2014	442
05 – Ação e resistência indígena contra ameaças e em defesa dos territórios tradicionais	2014	104
06 – Desmatamento e a devastação no Alto Solimões – Panorama do desmatamento nas terras indígenas	2014	60
07 – Direitos Territoriais – Território de povos e comunidades tradicionais no arquipélago de Marajó	2014	106
08 – Violação de direitos e devastação: “linhão” nas comunidades quilombolas de Viana – MA	2014	73
09 – Guerra do Dendê – Quilombolas atingidos pela expansão do dendê no Pará	2014	199
		1298

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, julho/2023.

A Coleção Boletim Informativo-Projeto Mapeamento Social, foi produzida a partir das relações de pesquisa de agentes locais ligados aos movimentos sociais, nela se publicou 09 (nove) boletins informativos. A série apresenta áreas mapeadas a partir de levantamento dos movimentos sociais e agentes sociais, os quais estão em constantes lutas por suas áreas territoriais e o reconhecimento de suas atividades tradicionais. Uma luta que se expressa no desafio de manter seus modos de vida contra os progressivos abusos cometidos pelas empresas privadas e de inescrupulosas ações estatais.

O relato de Alberto Augusto²², interlocutor da pesquisa, mostra o aprofundamento da crise acerca do agravamento das relações de trabalho e modos vida sofridos em detrimento desses novos empreendimentos instituídos em seu território:

A comunidade está sendo prejudicada. Ela tem vários problemas: na mata, o desmatamento; no lavrado, a caça. Aqui também temos limites, todos cercados de fazendas, não pode nem dá um passo para o outro lado, que já é fazenda, temos a vila aqui pertinho. A rede elétrica é prejudicada pela acácia, nós somos os mais prejudicados também. Há vários desmatamentos. Então é isso, nós viemos aqui para apresentar como está a nossa comunidade, como estão sendo prejudicados nossos animais. Então, é importante dizer pelos mapas o que a gente tem.... Para o outro lado tem 5.550 hectares pequeno, uma parte é lavrado uma parte é mata; é muito ruim. Antes de chegarmos lá, foi desmatado abeirando o rio. Isso é muito ruim. Cada pau

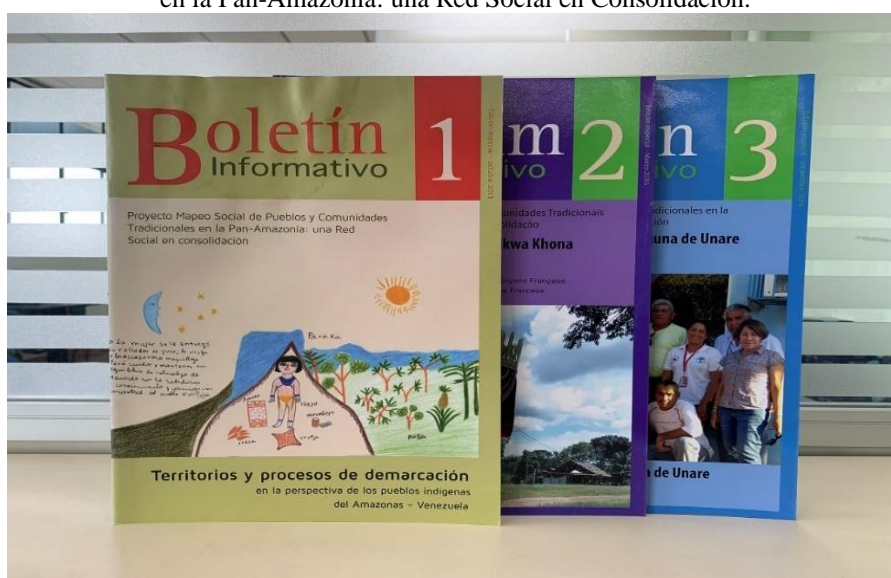
²²Alberto Augusto Vicente, 48 Anos, Etnia Wapichana, Tuxaua Ti Muriru, participante da Oficina de Mapeamento dos conflitos socioambientais que atingem as TI's da região Serra da Lua, nos municípios de Cantá e Bonfim, da região Murupu, no município de Boa Vista e da região do Taiano, no município de Alto Alegre. Nessas TI's, Indígenas de Roraima e suas lideranças têm seus territórios tradicionais cercados por plantios de acácia, assentamentos rurais, fazendas, açudes para criação comercial de peixes e outros empreendimentos privados como soja e arroz.

que caiu no rio, não fomos nós que desmatamos. Foram os fazendeiros que moravam antes. (Boletim Informativo Mapeamento Social Como Instrumento de Gestão Territorial Contra o Desmatamento e a Devastação: processo de capacitação de povos e comunidades tradicionais. nº 05, 2014, p. 16).

A série contribui com 1.292 (um mil duzentos e noventa e dois) *downloads* em seus arquivos digitais e 9.000 (nove mil) exemplares impressos e distribuídos.

2.2.4 Coleção de Boletins Informativos-Proyecto Mapeo Social de Pueblos y Comunidades Tradicionales en la Pan-Amazônia: una red social en consolidación

Figura 29 – Coleção de boletins informativos - Proyecto Mapeo Social de Pueblos y Comunidades Tradicionales en la Pan-Amazônia: una Red Social en Consolidación.



Fonte: Suelem Maciel, mestranda PPGAS/UFAM, julho/2023.

Quadro 29 - Coleção de boletins informativos - Proyecto Mapeo Social de Pueblos y Comunidades Tradicionales en la Pan-Amazônia: una Red Social en Consolidación.

Boletins	Ano	Downloads
01 – Territorios y procesos de demarcación en la perspectiva de los pueblos indígenas	2013	95
02 – Na Lokono Arowaka Kakuthi Shikwa Khona Sainte Rose de Lima, Kayeninro	2016	95
03 – Pescadores Artesanales de la Laguna de Unare El Hatillo, Venezuela	2016	42
		232

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, julho/2023.

A Coleção Proyecto Mapeo Social de Pueblos y Comunidades Tradicionales en La Pan-Amazônia: Una Red Social en Consolidación, contribui com 03 (três) boletins referentes a atividades desenvolvidas em países vizinho, tais como: Venezuela e Guiana Francesa, trazendo críticas ao modo de como são subjogados, tendo suas terras e seus conhecimento extintos de forma arbitrária.

A respeito das incertezas quanto a situação de existência material, Hubert Biswana²³ relata o seguinte:

Pode ser que daqui a cinco anos, daqui a dez anos, a aldeia vai se tornar um bairro. Se tornou individual. Antigamente era roça, agora não tem mais; era todo o mundo junto, éramos solidários. Será que vamos ficar em comunidade ou será que vamos nos tornarmos simples moradores de um bairro? Caso cada um se tornar dono (individual), aí já é um perigo; temos que ficar juntos. Como é que vamos fazer? porque é o Rochambeau (aeroporto) que tem a gestão disso tudo, dos terrenos que ficam atrás da aldeia. Isso é o que não tou entendendo. Estamos com um título de propriedade e não podemos construir. Temos um título para cultivar a terra. Então, não podemos construir. Caso a aviação civil exigir da gente que saíamos daqui, teremos que ir embora. (Boletim Informativo Proyecto Mapeo Social de Pueblos y Comunidades Tradicionales en la Pan-Amazonía: una red social en consolidación, Boletim N° 2, 2016, p. 18).

A contribuição da coleção em forma digital, lista 232 (duzentos e trinta e dois) *downloads* e o quantitativo de três mil exemplares impressos e distribuídos.

2.2.5 Coleção de Boletins Informativos Cartografia da Cartografia Social

Figura 30 – Coleção de boletins informativos Cartografia da Cartografia Social.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, julho/2023.

Quadro 30 - Coleção de boletins informativos Cartografia da Cartografia Social.

Boletins	Ano	Downloads
01 – Ribeirinhos em Defesa do Rio Tapajós – Comunidade Pimental, Trairão e Itaituba, Pará	2016	260
02 – La Marina – Barrio, Identidad, Religión y Tradición	2016	235
03 – Iroko, El Espíritu de lo Sagrado – Identidad de la Comunidad de La Ceiba, Balcón Arimao, La Habana	2016	86

²³ Hubert Biswane, membro de Kayeno, participantes da Oficina, na oca da aldeia indígena Santa Rosa de Lima, Matoury da Guiana Francesa.

04 – Cartografia Social de Trindade – A pesca artesanal da comunidade caiçara de Trindade (Paraty, RJ)	2016	309
05 – Comunidades Quilombolas do Jalapão – Os Territórios Quilombolas e os conflitos com as Unidades de Conservação	2016	207
06 – Cartografia dos Povos e Comunidades Tradicionais do Rio São Francisco – Comunidade Quilombola Pesqueira Vazanteira de Caraíbas	2017	153
07 – Entre a Aldeia e a Cidade – O Povo Mura na Construção do Movimento Indígena em Manicoré – AM	2017	94
08 – Ribeirinhos da Ilha do Capim – Frente aos grandes empreendimentos no Baixo Tocantins	2017	200
09 – O Povo Mura no Rio Itaparanã – Situações de Conflito, Resistências e Luta pela Demarcação de suas Terras	2017	100
10 – “O Jogo do Índio” – Jogos Interculturais Indígenas – Manaus a Grande Aldeia	2017	103
11 – Atingidos Pelo Projeto Minas-Rio – Comunidades a jusante da barragem de rejeitos	2018	2368
12 – Povos Tradicionais da Volta Grande do Xingu – Garimpeiros, Agricultores, Assentados, Indígenas, Pescadores e Moradores	2017	261
13 – Campeonato da Língua Paumari – Vara akhanina vani aabono anadanova ariathi aogariki (Ampliação do vocabulário através do diálogo para fortalecer a Língua Paumari)	2018	54
14 – Comunidade do Cajueiro – Não é o Território que é nosso. Nós é que somos do Território	2018	122
15 – Asociacion De Autoridades Indigenas Aticoya – Proceso De Reconocimiento De Las Problematicas Socioambientales Del Resguardo Ticuna Cocama Yagua De Puerto Nariño	2019	81
		4633

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, julho/2023.

A Coleção de Boletins Informativos Cartografia da Cartografia Social, tem a pesquisa e produções textuais realizadas e orientadas pela rede de pesquisadores vinculados às Instituições Públicas e suas relações com agentes sociais de cada localidade apontada, os quais estão ligados diretamente aos movimentos sociais. Produção esta que resultou na publicação de 15 (quinze) boletins.

Trata-se de uma contribuição que se dá na diversidade das situações dos conflitos vivenciados por povos e comunidades tradicionais. Um dos agravantes em torno de tais situações, é o descaso do poder público quando o assunto envolve questões econômicas.

No relato da senhora Darcilia²⁴ sobre o impacto causado pelo empreendimento Minas-Rio:

Estou esperando um grande reassentamento, porque é muito triste morrer como Bento Rodrigues. E isso é a minha certeza que eu quero ter, na minha vida, é ter paz para os meus filhos viverem, é ter paz para os moradores, e nem só meus filhos, a todos na minha vizinhança, nem só até aqui onde esse rio transbordar essa sujeira que a Anglo American faz. [...] Eles têm que enxergar. A minha família foi a primeira que saiu desde a Borba Gato e eles não reconhecem a gente como atingido debaixo de um

²⁴ Darcília, 55 anos, “Comunidade Passa Sete” em Depoimentos proferidos e em Audiência Pública, realizada pelos Ministérios Públicos Estadual e Federal. Condições de vida das comunidades residentes abaixo da barragem de rejeitos do Projeto Minas-Rio, comunidade do Jassém, município de Alvorada de Minas – MG, em 29/08/2017.

empreendimento. E eu espero que para todos nós atingidos, um grande reassentamento para a gente viver a vida feliz, para os filhos da gente ter uma vida feliz. (Boletim Cartografia da Cartografia Social: uma síntese das experiências, Nº 11, 2018, p. 17).

Os impactos gerados após grandes empreendimentos, muitas vezes não são noticiados ou tomadas providencias quanto às necessidades demandadas pelas comunidades a curto, médio ou longo prazo.

A contribuição da coleção em forma digital conta com 4.633 (quatro mil, seiscentos e trinta e três) *downloads*, e o arquivo de maior acesso entre os 15 (quinze) números publicados é o número 11, que se refere à tragédia e os danos irreparáveis que foram deixados pelo rompimento de barragem do Projeto Minas/Rio.

2.2.6 Coleção de Boletins Informativos Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central

Figura 31 – Coleção de boletins informativos Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, julho/2023.

Quadro 31 - Coleção de boletins informativos Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central.

Boletins	Ano	Downloads
01 – Resistimos para existir: dizemos não à usina nuclear no São Francisco	2019	834
02 – Articulação Vazanteiros em Movimento	2019	83
03 – Vai derrubando tudo pela frente: os efeitos dos megaempreendimentos	2019	86
04 – Agronegócio da cana de açúcar no sudeste do Maranhão – Campestre do Maranhão	2019	48
05 – XI Assembleia Geral da Coordenação Indígenas da Amazônia Brasileira: pela garantia e proteção dos territórios	2019	31
		1082

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, julho/2023.

A Coleção Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central, apresenta 05 (cinco) números publicados de Boletins Informativos. Na coleção é possível identificar que os conflitos por direitos territoriais se dão nas demais regiões brasileiras.

As palavras do interlocutor Evanildo²⁵, expressa a dificuldade da própria comunidade em se unir na luta por direitos, devido a falsas promessas por melhorias das condições de vida:

Hoje a gente tá convivendo com a usina, era muita gente que não tinha sabedoria na época da barragem, sabia que vinha dinheiro[...]. Aí hoje já sai a usina nuclear, eu creio que do mesmo jeito que se chegou a barragem, a usina nuclear tá acontecendo, eles não tem atendimento, o entendimento deles é o dinheiro e hoje a cidade tá parada e continua pior ainda do que era, e hoje é muita dificuldade e quando fala “usina vai ter emprego” [...]. Então é isso, acabou, e hoje ta terminando de acabar com essa usina (Boletins Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável No Brasil Central Nº 01, 2019, p. 4).

A coleção contribui com o acesso a arquivos que totaliza 1.082 (um mil e oitenta e dois) *downloads* e disponibilizou 2.500 (dois mil e quinhentos) exemplares impressos.

2.2.7 Coleção Boletins Informativos Projeto Estratégias de Desenvolvimento, Mineração e Desigualdades

Figura 32 – Coleção de boletins informativos Projeto Estratégias de Desenvolvimento, Mineração e Desigualdades.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, julho/2023.

Quadro 32 - Coleção de boletins informativos Projeto Estratégias de Desenvolvimento, Mineração e Desigualdades.

BOLETINS	ANO	Downloads
01 – Indígenas Gamela no Cerrado Piauiense	2020	424
02 – Ribeirinhos, pescadores e pescadoras do Vilar e Moju na Ilha Xingu – PAE Santo Afonso: território e resistência de nossas origens	2020	185
03 – Povos tradicionais indígenas do Vale do Javari	2020	216
04 – Cartografia Social do Baixo Tocantins até sua foz no Rio Pará, ao sul da Ilha de Marajó: Povos e Comunidades tradicionais na rota dos grandes empreendimentos no Pará	2020	228
05 – Guerra no território do Conde: comunidades tradicionais, migrantes, Estado e empresas na disputa territorial	2020	145
06 – Trabalhadores da Agricultura Familiar: Acampados oprimidos pela mineração em Canaã dos Carajás	2020	522
07 – Pescadores e Ribeirinhos Sudeste do Pará	2020	135

²⁵ Evanildo José da Silva, quilombola do Poço dos Cavalos. Depoimento realizado em 05/2018 em Oficina para construção de Mapas.

08 – Raízes e lutas da Comunidade Quilombola São Joaquim	2020	57
09 – Comunidade Geraizeira Pindaíba – MG	2020	105
10 – Cartografia Social de Paracatu de Baixo, Mariana (MG)	2020	225
11 – Povo Omágua Kambeba: mobilização política e resistência nos territórios indígenas do Alto Solimões	2020	185
12 – Quilombolas, Pescadores, Ribeirinhos e Extrativistas sob efeitos sociais e ambientais da UHE – Tucuruí e ameaçados pelos projetos da Hidrovia do Tocantins – Araguaia	2020	105
13 – Povos Tikuna e Kokama de Benjamin Constant – Movimento pela demarcação da terra tradicionalmente ocupada	2020	170
14 – Território quilombola de Santa Rosa dos Pretos: conflitos com a duplicação da BR 135 em Itapecuru Mirim – MA	2020	383
15 – Vila Fé em Deus, Pedreiras, Violas, Cariongo e Santana São Patrício (Santa Rita) e Oiteiro dos Nogueiras (Itapecuru Mirim): territórios quilombolas intrusados pela duplicação da BR 135	2020	131
16 – Pescadores de Tutóia e Paulino Neves: Conflitos étnicos e devastações provocadas pela implantação de parques eólicos no Maranhão	2020	139
		3.355

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, julho/2023.

A “Coleção de Boletins Informativos Projeto Estratégias de Desenvolvimento, Mineração e Desigualdades”, com seus 16 (dezesesseis) números publicados fornecem ampla divulgação sobre reivindicações e conflitos que se intensificam entre as comunidades tradicionais e o poder do Estado, na busca por direitos étnicos e territoriais.

Na fala do interlocutor Joaquim²⁶ é possível notar as desigualdades em meio à correlação de forças estabelecidas entre poder e segmentos representativos.

A nossa situação hoje é de enfrentar, enfrentar toda a sociedade e trabalhar numa só coisa (sic). Nós lá não temos um mandato, ainda, mas o vizinho do lado tem. E o vizinho do lado, de acordo com o mandato tá atingindo, nós também, porque (...) a Vale ela não tem fronteira, ela é sem fronteira, ela pega todos os lados. Ela vai com a tropa de choque pra tirar o vizinho, não vai mexer comigo? É claro que sim! É claro que a ordem do juiz vai decretado: tira todo mundo, tudo é sujeira, tira tudo. Então é esse caso (Boletim Estratégias de Desenvolvimento, Mineração e Desigualdade, N°. 6, p. 7).

A coleção contribui com 3.355 (três mil, trezentos e cinquenta e cinco) *downloads* e a somatória de 16.000 (dezesesseis mil) exemplares impressos e distribuídos.

²⁶ Joaquim Sousa (Acampamento Alto da Serra, 2017), participante da Oficina de mapeamento.

2.2.8 Coleção de Boletins Informativos Comunidades Tradicionais de Pescadores e Pescadoras Artesanais

Figura 33 - Coleção de boletins informativos Comunidades Tradicionais de Pescadores e Pescadoras Artesanais.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, julho/2023.

Quadro 33 - Coleção de boletins informativos Comunidades Tradicionais de Pescadores e Pescadoras Artesanais.

Boletins	Ano	Downloads
02 – Pescadoras e Pescadores Artesanais do cânion do São Francisco.	2020	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, julho/2023.

A Coleção Comunidades Tradicionais de Pescadores e Pescadoras Artesanais representa a luta por reconhecimento e a busca por seus direitos em meio a exploração de suas relações de trabalho e modos de vida. O interlocutor da pesquisa, Afonso,²⁷ expressa preocupação quanto ao assunto:

Os impactos de antes da criação do MONA (Monumento Natural) era de descaso. Nós éramos invisíveis, se não tivéssemos feito essa cartografia ninguém acreditava que tinha tanto pescador nessas águas. Eles [governo] diziam nas audiências que só tinha três grandes donos de terra aqui. É verdade que aqui tem uns latifundiários que tem o poder sobre as terras. Mas, eles não enxergavam o povo pobre que viviam mesmo dessas águas. “Você acredita que eles enxergam só quem tem um título de terra!? os pescadores ribeirinhos que não têm documento, que vive só das águas como é que vai ter título de terra? Eles não enxergavam nem os assentamentos de reforma agrária que tinha nessa região que estava regularizado pelo INCRA. Imagina nós que não tinha nada. (Boletim Comunidades Tradicionais de Pescadores e Pescadoras Artesanais N° 02, 2020, p. 8).

A Coleção foi recém inserida no site, por isso não possui registro de *downloads*, contribui com 1.000 (mil) exemplares impressos e distribuídos junto a comunidade. Outra situação observada foi não portar nos arquivos do PNCSA, o número 01 da Coleção, motivo pelo qual não há, aqui, o registro da Figura.

²⁷ Afonso, pescador e participante da Oficina de mapeamento realizada em 2018.

2.2.9 Coleção de Boletins Informativos Conhecimento Tradicionais de povos e comunidades do nordeste do Brasil

Figura 34 - Coleção de boletins informativos Conhecimento Tradicionais de Povos e Comunidades do Nordeste do Brasil.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, julho/2023.

Quadro 34 - Coleção de boletins informativos Conhecimento Tradicionais de Povos e Comunidades do Nordeste do Brasil.

Boletins	Ano	Download
01 – Comunidades Geraizeiras e de Fundo e Fecho de Pasto da Bacia do Rio Corrente	2021	
02 – Relatório Técnico Comunidade Pesqueira e Quilombola Conceição de Salinas	2021	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, julho/2023.

A coleção traz um levantamento de reivindicações e mobilizações realizadas em comunidades tradicionais do Nordeste na busca por seus direitos. Situação essa que cresce no decorrer nos anos à medida que o chamado “Progresso” invade territórios e desrespeita aqueles direitos fundamentais dos agentes sociais. Essa luta continua sem resposta digna por parte do Estado, o que os deixa à margem das políticas públicas.

No relato de Jamilton²⁸, interlocutor da pesquisa, pode-se notar as perdas sofridas pela comunidade:

[...] Então, percebe que na medida que o agronegócio chega, ele chega, iludindo e propagado pelas autoridades do município, e trazendo essa ilusão de que vai gerar emprego, né? E bota o povo para vender todos os territórios, coletivo e individual, pra vim pra cidade, pra essa pessoa voltar a trabalhar nas propriedades que eram deles [...]. E percebe que nesse período foi exatamente o período em que a cidade mais cresceu com essa ilusão, essa propagação de que a roça, os gerais, ele não serve pra muita coisa, era terra sem valor, que não tinha valor nenhum. O pessoal acabava vendendo por preço de banana, coisas baratas. E quem comprava aquilo ali, para revender, por um valor mais satisfatório, mais lucrativo, e que dizia que ali ia gerar

²⁸Jamilton Santos Magalhães autor do texto corrido das páginas 03 a 07 do Boletim (Associação Comunitária dos Pequenos Criadores do Fecho de Gado Bravo, Galho da Cruz e Lodo - Correntina). Oficina de Mapeamento realizada em 2018.

emprego para aquelas pessoas, que ia gerar riqueza. Percebe que não tem lá essas riquezas, e sim, muita e muita degradação ambiental no município. (Boletim Informativo-Conhecimentos Tradicionais de Povos e Comunidades do Nordeste do Brasil Nº 01, 2021, p. 5).

A coleção recém colocada no site ainda não possui downloads de seus arquivos e contribuiu com um total de 2.000 (dois mil) exemplares distribuídos na comunidade.

2.2.10 Coleção de Boletins Informativos Megaprojetos em Implementação na Amazônia e Impactos na Sociedade e na Natureza

Figura 35 - Coleção de boletins informativos Megaprojetos em Implementação na Amazônia e Impactos na Sociedade e na Natureza.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, julho/2023.

Quadro 35 - Coleção de boletins informativos Megaprojetos em Implementação na Amazônia e Impactos na Sociedade e na Natureza.

Livro	Ano	Downloads
01-BOLETIM 1: Assentamentos e acampamento de Açailândia em conflitos com o avanço da produção de soja.	2022	
02-BOLETIM 2: Povo Munduruku do Médio Tapajós e a expansão logística da soja.	2022	
03-BOLETIM 3: Assentados, agricultores, indígenas, ribeirinhos, moradores de vila na volta grande do Rio Xingu: situações sociais de deslocamento e desapropriação com a instalação do Projeto Volta Grande da Mineração.	2022	
04-BOLETIM 4: Portos para transbordo de soja e os impactos sobre pescadores no Médio Tapajós.	2022	
05-BOLETIM 5: A expansão do agronegócio no Sul do Amazonas.	2022	
06- BOLETIM 6: Grilagem, desmatamento e queimadas na terra indígena Mura Harabagady no km 90 da Transamazônica (Lábrea - AM).	2022	
07-BOLETIM Nº 07: Povos Indígenas do Sudeste o Pará Gavião Akrãtikatêjê, Parkatêjê, Kyikatêjê, Guarani Mbyá, Aikewara-Suruí, Awaeté-Parakanã	2022	
08- BOLETIM Nº 08 PAE Lago Grande	2022	
09-BOLETIM Nº9 Gleba Tauá 1 e 2	2022	
10-BOLETIM N.10 Mulheres Indígenas do Baixo Tapajós: Cuidado 2 Resistência -	2022	

11-BOLETIM N.11 Identidade Chiquitana: luta pelo direito ao território	2022	
12- BOLETIM N. 12: União das Comunidades Quilombolas de Anajatuba- Uniquituba	2022	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, julho/2023.

Entre os múltiplos impactos causados com a implementação dos megaempreendimentos, as comunidades tradicionais, diretamente por eles afetadas, ainda enfrentam as ameaças causadas pelos exploradores de suas terras.

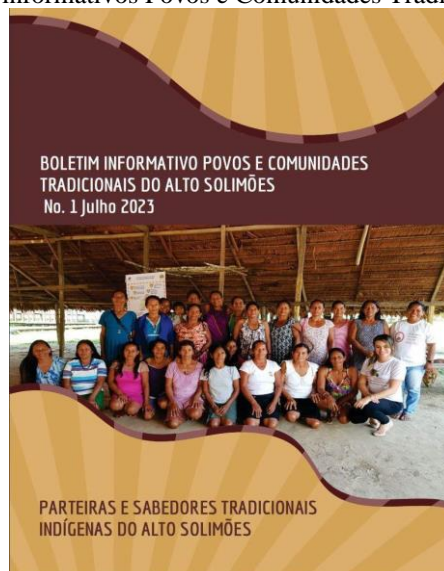
Conforme relatos da interlocutora Raimunda²⁹, frente aos desafios enfrentados na busca de permanecer em seu território tem-se:

[...] eu estou minha aldeia Itaparanã, falando um pouco do que nós passamos na nossa aldeia, depois de 2015 para cá. Sofremos muito com os grileiros que invadem nossas terras. Ninguém pode mais caçar, ir atrás de uma comida pra comer, porque somos ameaçados. Os invasores estão invadindo, tem os grileiros aí invadindo nossas terras, prometendo de matar a gente. A gente não pode mais sair atrás de uma caça para comer, não pode mais andar nas terras da gente, que é cheia de grileiros nas fundiárias das terras, invadindo, avançando até passando das fundiárias eles estão ao nosso redor. (Boletim Informativo Megaprojetos em Implementação na Amazônia e Impactos na Sociedade e na Natureza Nº 06, 2022, p.3).

A coleção não possui acesso em seus arquivos digitais por ainda não estar inserida no site. Em fase de impressão dos doze números com um quantitativo de 500 (quinhentas) unidades por número, totalizando 6.000 (seis mil) exemplares que serão distribuídos nas comunidades em que foi realizada a pesquisa.

2.2.11 – Coleção de Boletins Informativos Povos e Comunidades Tradicionais do Alto Solimões

Figura 36 – Coleção de boletins informativos Povos e Comunidades Tradicionais do Alto Solimões.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, dezembro/2023

²⁹ Meu nome se chama Raimunda Mura, participante da Oficina de Mapeamento, realizada em 2021.

Quadro 36 – Coleção de Boletins Informativos Povos e Comunidades Tradicionais do Alto Solimões.

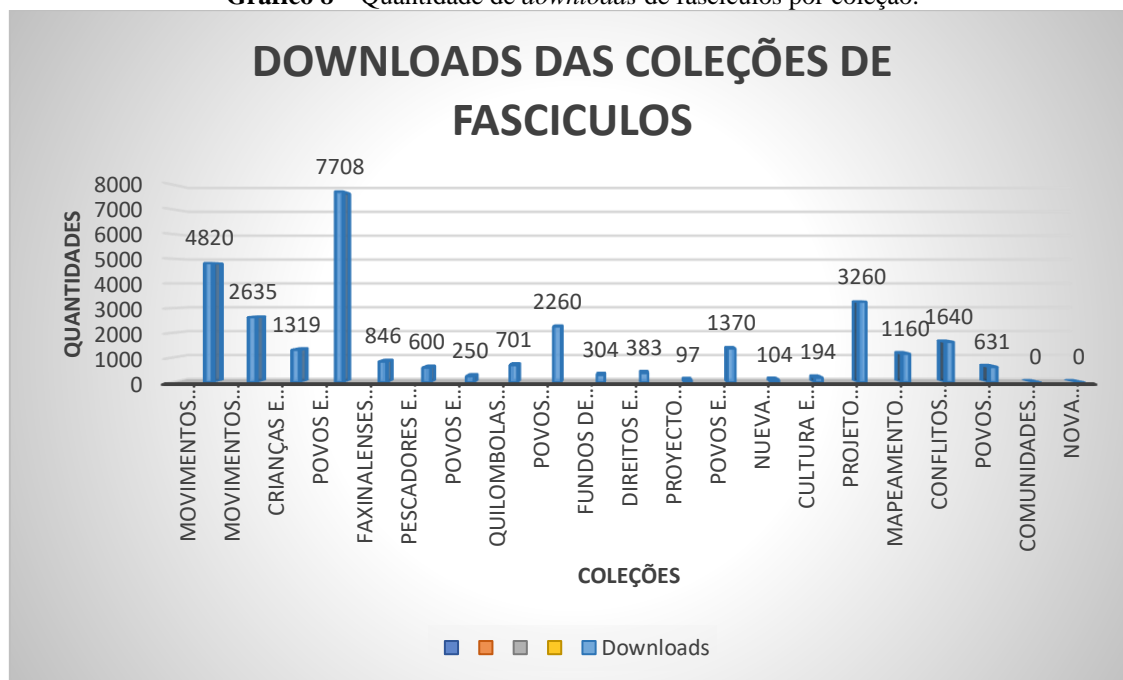
Boletim	Ano	Downloads
Mapa 01- Parteiras do Alto Solimões	2023	31

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, dezembro/2023.

A Coleção Boletim Informativo Povos e Comunidades Tradicionais do Alto Solimões com seu primeiro número “Parteira do Alto Solimões”, apresenta a luta pela sobrevivência da prática dos saberes tradicionais em terras indígenas sem desconsiderar os cuidados exigidos pelos órgãos de saúde. Essas lutas são expressas através de apresentações e oficinas onde há trocas de saberes e parcerias para esse reconhecimento.

A coleção não possui 31 (trinta e um) acesso em seu arquivo digital e está em fase de impressão para distribuição junto à comunidade.

2.3 Produção de Fascículos

Gráfico 8 – Quantidade de *downloads* de fascículos por coleção.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, julho/2023.

Seguindo os critérios legais de reconhecimento de registros junto ao IBICT, ou seja, ISBN (International Standard Book Number/Padrão Internacional de Numeração de Livro), as coleções de fascículos se dispõem de maneira periódica, sendo a mais exponents em termos de publicações.

Os levantamentos até 2017 apontavam 16 (dezesseis) coleções e 163 (cento e sessenta e três) números publicados (Lima, 2017). Atualmente, a série de Fascículo conta com 21 (vinte e uma) coleções e 191 (cento e noventa e um) números publicados.

A exemplo dos Boletins, os Fascículos são elaborados através das oficinas de mapeamento realizadas junto a povos e/ou nas comunidades tradicionais. Esses agentes sociais são os protagonistas das informações e os pesquisadores e as instituições de ensino e pesquisa são facilitadores desses registros. Tais informações podem ser acionadas pela própria comunidade como instrumento para suas reivindicações, na defesa de seus direitos.

As contribuições impressas contribuem com cerca de 190.000 (cento e noventa mil) exemplares, levando em consideração que cada número publicado tem o quantitativo de 1000 (mil) unidades impressas. No *site*, o acesso aos arquivos digitais, contam com 33.357 (trinta e três mil, trezentos e cinquenta e sete) *downloads*.

Após levantamento foram identificadas as coleções abaixo relacionadas que passaremos a analisá-las.

1-Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos-2005-2013: 48 fascículos sendo que 02 (dois) na versão da língua inglesa;

2-Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia-2006-2010: 30 fascículos;

3-Crianças e Adolescentes em Comunidades Tradicionais da Amazônia-2007-2009: 03 fascículos;

4-Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil-2007 a 2011: 20 fascículos;

5-Faxinalenses do Sul do Brasil-2008: 05 fascículos;

6-Pescadores e Pescadoras Artesanais do Rio São Francisco-2009: 04 fascículos;

7-Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil Central-2009: 01 fascículo;

8-Quilombolas do Sul-2009-2010: 03 fascículos;

9-Povos Indígenas do Nordeste-2010-2011: 09 fascículos;

10-Fundos de Pasto: Nosso jeito de viver no sertão-2012: 01 fascículo;

11-Direitos e Identidades-2012-2016: 02 fascículos;

12-Proyecto Mapeo Social de Pueblos y Comunidades Tradicionales en La Pan-Amazonía: Una Red Social en Consolidación-2013: 01 fascículo;

13-Povos e Comunidades Tradicionais de São Paulo-2013: 01 fascículo;

14-Nueva Cartografía Social de Pueblos y Comunidades Tradicionales-2013: 01 fascículo;

15-Cultura e Resistência no Oeste do Pará-2013: 01 fascículo;

16-Projeto Mapeamento Social-2013-2014: 30 fascículos;

17-Mapeamento Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Rio Tapajós-2015-2017: 04 fascículos;

18-Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central-2018-2019: 14 fascículos;

19-Povos Indígenas do Rio São Francisco; 2019-2022: 04 fascículos;

20-Comunidades Tradicionais Quilombolas-2020: 02 fascículos;

21-Nova Cartografia Social do Nordeste-2021: 07 fascículos.

2.3.1 Coleção de Fascículos Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos

Figura 37 – Coleção de fascículos Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos.



Fonte: site do PNCSA.

Quadro 37 – Coleção de fascículos Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos.

Fascículos	Ano	Downloads
01 – Quebradeiras de coco babaçu – Piauí	2005	228
02 – Quebradeiras de coco babaçu – Mearim	2005	118
03 – Quebradeiras de coco babaçu – Tocantins	2005	143
04 – Quebradeiras de coco babaçu – Baixada Maranhense	2005	122
05 – Quebradeiras de coco babaçu – Pará	2005	113
06 – Quebradeiras de coco babaçu – Imperatriz	2005	128
07 – Quilombolas da Ilha de Marajó – Pará	2006	307
08 – Quilombolas de Caxias – Maranhão	2006	265
09 – Quilombolas de Codó, Peritoró e Lima Campos – Maranhão	2006	112
10 – Quilombolas atingidos pela Base Espacial de Alcântara – Maranhão	2007	279
11 – Quilombolas de Bujaru e Concórdia – Pará	2006	108
12 – Mulheres do arumã do Baixo Rio Negro – Amazonas	2006	68
13 – Grupo TucumArte – Artesanatos em palha de Tucumã – Santarém PA	2007	80
14 – Quebradeiras de coco do Quilombo de Enseada da Mata – Maranhão	2007	72
15 – Quilombolas do Tambor – Parque Nacional do Jaú – Novo Airão AM	2007	142
16 – Ribeirinhos da região do Zé Açú em defesa de sua história e da natureza – Parintins AM	2007	92
17 – Piaçabeiros do Rio Aracá – Barcelos AM	2007	74
18 – Mulheres Artesãs – Indígenas e Ribeirinhas de Barcelos AM	2007	59
19 – Quilombolas de Coelho Neto – Maranhão	2007	138

20 – Ribeirinhas da várzea do Parauá e Costa do Canabuoca – Manacapuru AM	2007	74
21 – Movimento das Peconheiras e Peconheiros da Ilha de Itacoãzinho, Igarapé Caixão e Igarapé Genipaúba – Baixo Acará PA	2007	60
22 – Ribeirinhos e Agricultores do Lago do Cururu – Manacapuru AM	2008	64
23 – Movimentos Ribeirinhos e Indígenas em defesa dos lagos e da vida – Setor 1 Caité – Tonantins AM	2008	48
24 – Povos do Aproaga – São Domingos do Capim PA	2008	192
25 – Luta dos Quilombolas Pelo Título Definitivo – Oficinas de Consulta – Alcântara MA	2008	117
25 – The quilombola (maroon) struggle for the definitive land title – Consultation workshop – Alcântara MA	2008	40
26 – Trabalhadores AgroExtrativistas da Reserva Extrativista de Ciriaco – Realidades e Desafios – Maranhão	2008	59
27 – A lutas das quebradeiras de coco contra o carvão do coco inteiro – Bico do Papagaio – Maranhão Tocantins Pará	2008	70
28 – Mulheres quebradeiras na defesa do babaçu contra as carvorarias – Médio Mearim – Maranhão	2009	67
29 – Uso de recursos naturais em comunidades quilombolas – Santarém PA	2009	119
30 – Ribeirinhos e Ribeirinhas de Abaetetuba e sua diversidade cultural – Pará	2009	160
31 – Kuntanawa do Alto Rio Tejo – Alto Juruá – Acre	2009	76
31 – Kuntanawa of the upper Tejo river – Upper Juruá River – Acre	2009	32
32 – Ribeirinhos, Extrativistas e Agricultores da Associação das Comunidades do Lago do Antônio – Humaitá AM	2009	46
33 – Comunidades extrativistas da Resex Ituxi – Lutando por uma vida melhor – Lábrea AM	2009	66
34 – Comunidade Quilombola de Santa Fé do Guaporé – Costa Marques RO	2009	118
35 – Comunidades Tradicionais de Democracia, Jatuarana, Pandegal, Santa Eva e Terra Preta do Ramal 464 – Histórias de lutas e conquistas – Manicoré AM	2010	56
36 – Quilombolas, Agricultores(as), Quebradeiras de coco, Pescadores do Território de Formoso – Penalva MA	2010	80
37 – Pescadores e Pescadoras, Agricultores e Agricultoras do Lago do Puraquequara e Jatuarana – Luta e guerra contra a opressão do exército. A vitória das comunidades ribeirinhas, área rural de Manaus – Manaus AM	2011	76
38 – Associação Indígena Karapanã – Assika – Rio Cuieiras, Baixo Rio Negro AM	2012	73
39 – Quilombolas de Monte Alegre – Trilhando Caminhos que dona Vitalina nos ensinou – Médio Mearim MA	2012	54
40 – O Povo Indígena Pirahã em defesa do seu território tradicional no Sul do Amazonas – Hiaitihyii aba aigioo Pirahã ogiaaga bigi apatiso kaoai bogi aoaga micihiai akasaba apagaiso	2013	66
41 – Movimentos Kokama – Como tudo começou – São Paulo de Olivença AM	2013	88
42 – Organização Kaixana – Santo Antônio do Iça AM	2013	58
43 – Povos Indígenas do Município de Lábrea – Lutando por nossas terras – Amazonas	2013	83
44 – Povos Indígenas de Canutama – Lutando pelos nossos direitos – Banawa, Paumari, Apurinã, Karipuna, Miranha, Katukina, Jamamad – Canutama AM	2013	62
45 – Terras Indígenas de Tapauá – Lutando por uma vida melhor – Paumari, Apurinã, Mamori, Deni – Amazonas	2013	68
46- Moradores do Baixão do Tufi (Altamira) desalojados pelas obras da usina Hidrelétrica de Belo Monte	2015	
		4.820

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

A coleção de Fascículos Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos, dá início a série das atividades do PNCSA, no período entre 2005 a 2013. Esta produção contempla 48 (quarenta e oito) fascículos, sendo dois deles, os números 25 e 31, na língua inglesa. Neles é

discutida a busca pelo instrumento que melhor represente os movimentos sociais, suas lutas, seus enfrentamentos em face dos conflitos e histórias de resistência política.

O ponto alto das discussões são as oficinas de mapeamento as quais os agentes sociais envolvido denominam de “oficinas de consulta”. As práticas de campo apontam discussões por eles deliberadas sobre a melhor forma pela qual deve se dar a representatividade organizada com vistas a identificar e discutir assuntos relacionados aos seus direitos étnicos e territoriais.

Em trecho do relato de Luzia Betânia³⁰, podemos identificar a luta que se constrói pelo reconhecimento do seu território:

Nós iniciamos uma luta, luta esta que temos que estar unidos, nos juntar e lutar, mas lutar pelo território. Território das comunidades quilombolas de Salvaterra. Não podemos pedir, terra por exemplo só para Bacabal. Temos que pedir terras para todos, falar a mesma língua. Temos que nos reunir com frequência para conseguir os nossos objetivos; não é cada um por si e sim cada um por todos, e todos por um que é o território quilombola de Salvaterra (Fascículo Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos N° 7, 2006, p. 3).

A coleção contribui em acesso digital com 4.820 (quatro mil, oitocentos e vinte) *downloads*. E a distribuição de exemplares impressos totalizaram em 48.000 (quarenta e oito mil).

2.3.2 Coleção de Fascículos Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia

Figura 38 - Coleção de Fascículos Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia.



Fonte: PNCSA.

³⁰ Luzia Betânia Alcântara (Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Quilombolas da ilha de Marajó, em 10/12/2005).

Quadro 38 - Coleção de Fascículos Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia.

Fascículos	Ano	Downloads
1-Indígenas na Cidade de Belém	2006	151
2-Homossexuais na Cidade de Belém	2006	108
3-Afro-religiosos na Cidade de Belém	2006	216
4-Negras e Negros na Cidade de Belém	2007	101
5-Catadores na Cidade de Belém	2007	65
6-Pessoas com Deficiência na Cidade de Belém	2007	44
7-Feirantes e Ribeirinhos dos Portos Públicos de Belém	2007	85
8-Ribeirinhos das Ilhas de Belém	2007	160
9-Moradores do Riacho Doce e Pantanal – Igarapé Tucunduba – Belém	2007	96
10-Fé e Esperança: Mulheres Guerreiras de Campos Sales – Manaus AM	2007	57
11- Histórias de Lutas e Conquistas dos Moradores do Bairro Jesus Me Deu – Manaus AM	2007	85
12-Famílias da Comunidade Parque Riachuelo I – Manaus AM	2007	49
13 – Parque Riachuelo II: Histórias, Conquistas e Reivindicações – Manaus AM	2007	40
14 – Ontem um dono, hoje milhares: A História do Bairro Parque São Pedro – Manaus AM	2007	80
15 – Comunidade Negra de São Benedito da Praça 14 de Janeiro – Manaus AM	2007	80
16 – Indígenas na Cidade de Manaus: Os Sateré-mawé no Bairro Redenção	2007	177
17 – Mulheres Indígenas e Artesãos do Alto Rio Negro em Manaus	2007	117
18 – Comunidade “Beco dos Pretos” – Morro da Liberdade – Manaus AM	2007	97
19 – Indígenas na Cidade de Rio Preto da Eva – Comunidade Indígena Beija-flor	2007	82
20 – Indigenous People in Preto da Eva River City – Beija-flor indigenous Community	2007	28
21 – Bairro do Cabelo Seco – Marabá PA	2007	98
22 – Carvoeiros de Rondon do Pará	2007	37
23-A Luta pela Regularização Fundiária – Moradores da Agrisal Salinópolis, Pará	2008	85
24 – Indígenas nas Cidades de Manaus, Manaquiri e Iranduba – Processo de Territorialização dos Sateré-mawé	2008	69
25 – Associações Indígenas na Cidade de Manaus – AMARN – Associação de Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro NUMIÃ KURA	2008	74
26 – Movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis (LGBT) – Manaus AM	2009	116
27 – Catadores na Cidade de Manaus – Vida de Lutas e Conquistas	2009	46
28 – Ilê axé alagbedê olodumare – Casa de Axé Ferreiro de Deus – Povos de Terreiro Poço do Lumiar – Maranhão	2009	75
29 – Watchimaüciü: Indígenas Tikuna na Cidade de Manaus	2009	47
30 – Pescadores e Extrativistas das Ilhas ao Sul de Belém	2010	70
		2.635

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

A “Coleção Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia”, com a contribuição de 30 fascículos, resultam das lutas de movimentos sociais que se mobilizam nas áreas urbanas. O número 06 (seis) da coleção, foi publicado em *braille* dando visibilidade às pessoas com deficiência da cidade de Belém/PA. O número 20 da série conta com versão em inglês e representa a primeira comunidade indígena a utilizar o mapeamento e registro realizado pelos levantamentos do fascículo, com reconhecimento na área urbana, ou seja, na cidade de Rio Preto da Eva/AM.

Na fala do interlocutor Fausto³¹ podemos identificar como se deu a organização dessa comunidade.

Pra ajudar mais a união dos povos aqui na Beija-flor, foi quando nós tivemos, eu tive a ideia de em 99, de fazer o primeiro movimento cultural na comunidade Beija-flor! Esse movimento incluído a participação de todas as etnias que estavam aqui nesse tempo. E nós pedimos que cada grupo que estava aqui se unisse com sua família, seus filhos e mostrasse a cultura dele, fez com que todas as etnias se unisse. E então em 99 teve início essa programação que uniu todos os povos. E hoje nós temos a programação de todo ano, mês de abril, a semana do índio... que dura três, quatro dias de programação (Fascículo Nº 20: Movimento Sociais e Conflitos na Cidade, 2008, p. 4).

Sua contribuição de forma digital com o acesso dos arquivos em *downloads* chega a 2.635 (dois mil, seiscentos e trinta e cinco). Além dos 20.000 (vinte mil) exemplares impressos e distribuídos.

2.3.3 Coleção de Fascículos Crianças e Adolescentes em Comunidades Tradicionais da Amazônia

Figura 39 – Coleção de Fascículos Crianças e Adolescentes em Comunidades Tradicionais da Amazônia.



Fonte: site do PNCSA.

Quadro 39 – Coleção de Fascículos Crianças e Adolescentes em Comunidades Tradicionais da Amazônia.

Fascículos	Ano	Downloads
01 – Crianças e Adolescentes Ribeirinhos e Quilombolas de Abaetetuba	2007	926
02 – Jovens de Comunidades Tradicionais do Baixo Tocantins	2008	191
03 – Adolescentes e Jovens Indígenas do Alto Rio Negro	2009	202
		1.319

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

³¹Fausto, Sateré-Mawé, participante da Oficina de Mapeamento na Comunidade Beija-flor, em 20/10/2007.

A “Coleção Crianças e Adolescentes em Comunidades Tradicionais da Amazônia”, Fascículo Nº 01, contou com participação de 348 (trezentos e quarenta e oito) pessoas, entre crianças e adolescente que marcaram presença nas 12 (doze) oficinas realizadas.

No Fascículo são apontados os problemas que impactam diretamente na educação, entre eles: escolas em situação precária, falta de professores e as dificuldades encontradas no deslocamento dos alunos.

O Fascículo Nº 02, realizado em comunidade tradicional do baixo Tocantins, apresenta reivindicações em torno de educação e emprego. A falta dessas oportunidades leva muitos jovens a se envolverem com drogas e as adolescentes engravidarem cedo, entre os 13 e 16 anos.

O Fascículo Nº 03, apresenta a criação e as reivindicações do Departamento de Adolescentes e Jovens Indígenas do Rio Negro-DAJIRN/FOIRN, realizado em São Gabriel da Cachoeira, cuja cartografia primou por reafirmar a histórica existência desses povos nos limites daquele território. Com esses registros, identificaram-se problemas relacionados às drogas, prostituição e alcoolismo, enfatizando-se também informações sobre casos de suicídios entre adolescentes, bem como há registro das falas que reivindicam apoio junto ao Estado quanto a operacionalidade de políticas públicas.

Esses fascículos apresentam o quantitativo de 1.319 (mil, trezentos e dezenove) acessos em seus arquivos digitais e 3.000 mil exemplares impressos e distribuído nas comunidades.

2.3.4 Coleção de Fascículos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil

Figura 40 – Coleção de Fascículos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil.



Fonte: PNCSA.

Quadro 40 – Coleção de Fascículos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil.

Fascículos	Ano	Downloads
01 – Povos dos Faxinas – Paraná	2007	1013
02 – Fundos de Pasto – Nosso Jeito de Viver no Sertão – Lago do Sobradinho BA	2007	516
03 – Quilombolas de Jambuaçu – Moju PA	2007	736
04 – Comunidade dos Pescadores e Pescadoras Artesanais – Mostrando sua Cara, Vez e Voz – Submédio e Baixo São Francisco	2007	555
05 – Ribeirinhos e Quilombolas – Ex-moradores do Parque Nacional do Jaú – Novo Airão AM	2007	314
06 – Quilombolas de Conceição das Crioulas – Salgueiro PE	2007	353
07 – Ribeirinhos e Artesãos – Itaquera, Gaspar, Barreira Branca e São Pedro – Rio Jauaperi RR e AM	2007	259
07 – River-dwellers and Artisans – Itaquera, Gaspar, Barreira Branca and São Pedro – Jauaperi River RR and AM	2007	92
08 – Quilombolas de Linharinho – Espírito Santo	2007	352
09 – Cipozeiros de Garuva – Floresta Atlântica SC	2007	383
10 – Povoado Pantaneiro de Joselândia – Mato Grosso	2007	344
11 – Comunidade Quilombola Invernada Paiol de Telha Fundão – Paraná	2008	225
12 – Comunidade de Pescadores de Caravelas – Sul da Bahia	2009	238
13 – Expressões Culturais e Ofícios Tradicionais em Goiabeiras Velha – Vitória ES	2010	711
15 – Ilhéus do Rio Paraná atingidos pelo Parque Nacional da Ilha Grande e APA Florestal – Paraná	2009	214
16 – Pescadores Artesanais da Vila Superagui – Guaraqueçaba PR	2010	278
17 – Movimento em defesa da Costa da Lagoa: Pescadores e Pescadoras Artesanais – Referências Culturais da Costa da Lagoa – Florianópolis, Ilha de Santa Catarina	2010	169
18 – Capoeira da Ilha – Florianópolis, Ilha de Santa Catarina	2010	176
19 – Quilombolas do Morro do Boi – Santa Catarina	2011	292
20 – Comunidade Tradicional dos Agricultores e Pescadores Artesanais dos Areais da Ribanceira – Imbituba SC	2011	488
		7.708

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

A “Coleção Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil”, apresenta as dificuldades sofridas por parte dessas comunidades, tais como: a usurpação de seu território, nos quais as grandes empresas “oferecem empregos e melhoria de vida”, o que na realidade se transforma em total descaso e exploração de seus recursos naturais, tirando-lhes, diante do poder público, o direito ao território

No “Fascículo Povos dos Faxinais do Paraná”, chama atenção a fala do interlocutor Antônio Miguel³² a respeito da importância que significou realizar o mapeamento daquele território:

Esse mapeamento pra mim eu acho muito importante porque ele é um reconhecimento. Não adianta eu dizer que tem um faxinal se ele não aparece em documento nenhum, e ele estando no mapa ele está sendo reconhecido, tem mais força pra brigar como governo. Se vamos brigar por algum recurso: “Não! O meu faxinal tá aqui no mapa tal”. Então o mapeamento é importante por isso, é um reconhecimento, tem mais força para frente e de sair pela frente. (Fascículo Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil Nº01, 2007, p. 5).

³² Antônio Miguel Rodrigues de Lima, faxinal dos Seixas, município de São João do Triunfo, julho de 2006.

A coleção apresenta 7.708 (sete mil e setecentos e oito) acessos aos seus arquivos digitais e um somatório de 20.000 (vinte mil) exemplares distribuídos.

2.3.5 Coleção de Fascículos Faxinalenses do Sul do Brasil

Figura 41 – Coleção de Fascículos Faxinalenses do Sul do Brasil.



Fonte: PNCSA.

Quadro 41 – Coleção de Fascículos Faxinalenses do Sul do Brasil.

Fascículos	Ano	Downloads
01 – Faxinalenses: fé, conhecimentos tradicionais e práticas de cura – Associação Aprendizizes da Sabedoria de Mediciniais e Agroecologia – ASA	2008	242
02 – Faxinalenses no Setor Centro – Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses	2008	176
03 – Faxinalenses no Setor Sul – Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses	2008	168
04 – Faxinalenses no Setor Metropolitano de Curitiba – Articulação Pixurão dos Povos Faxinalenses	2008	116
05 – Faxinalenses do Núcleo Metropolitano Sul de Curitiba – Articulação Pixurão dos Povos Faxinalenses	2008	144
		846

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

A Coleção Faxinalenses do Sul do Brasil, apresenta o termo “faxinalense” como sendo uma terra de uso comum, em que é realizada a criação de animais, as constantes plantações cujas atividades engendram as forças sociais advindas dessas produções de trabalho. No Fascículo são também apontadas as dificuldades quanto a utilização do saber tradicional, principalmente quanto à utilização de plantas medicinais e das práticas das benzedadeiras que não são reconhecidas, além de sofrem discriminação por parte dos mais jovens que não tem o interesse de aprender ou levar esse conhecimento adiante (Fascículo Nº 01 Faxinalense do Sul do Brasil, 2008).

A coleção conta com 846 (oitocentos e quarenta e seis) acessos em seus arquivos digitais e 5.000 mil exemplares impressos e distribuídos.

2.3.6 – Coleção de Fascículos de Pescadores e Pescadoras Artesanais do Rio São Francisco

Figura 42 – Coleção de Fascículos de Pescadores e Pescadoras Artesanais do Rio São Francisco.



Fonte: Site do PNCSA.

Quadro 42 - Coleção de Fascículos de Pescadores e Pescadoras Artesanais do Rio São Francisco.

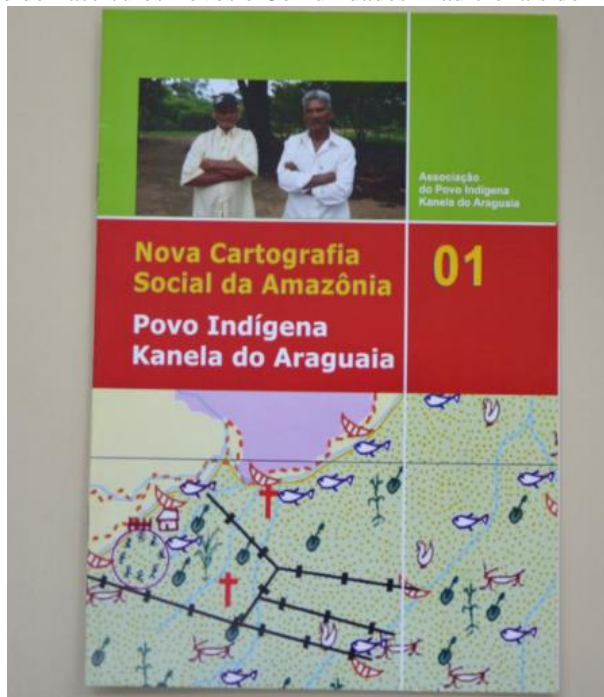
Fascículos	Ano	Downloads
01 – Pescadores e pescadoras artesanais de Santarém – Remanescentes do Cabeço – Foz do São Francisco	2009	237
02 – Pescadores e pescadoras artesanais do Açude Público Cororobó – Mostrando sua cara e seus problemas – Canudos BA	2009	112
03 – Pescadores e pescadoras artesanais do Cânion do São Francisco – Alagoas Bahia Sergipe	2009	117
04 – Pescadores e pescadoras artesanais de Resina – Foz do São Francisco	2009	134
		600

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, julho/2023.

A coleção representada por pescadores e pescadoras Artesanais do Rio São Francisco, contém informações relacionadas a problemas resultantes da construção de barragem, os quais influenciaram o crescimento do nível das águas, levando a desapropriação de comunidades. Para além disso, apresentam, ainda, outras lutas por direitos em meio a grande exploração da “pesca” e através de cujos conflitos buscam se organizar com intuito de ganhar força e representatividade diante do poder público. A coleção conta com 600 (seiscentos) acessos em seus arquivos digitais e a distribuição de 4.000 (quatro mil) exemplares impressos.

2.3.7 Coleção de Fascículos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil Central

Figura 43 – Coleção de Fascículos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil Central.



Fonte: site do PNCSA.

Quadro 43 – Coleção de Fascículos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil Central.

Fascículos	Ano	Download
01 – Povo Indígena Kanela do Araguaia	2009	250

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, julho/2023.

A “Coleção Fascículo Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil Central” conta com 250 (duzentos e cinquenta) acessos em seus arquivos digitais e apresenta através da sua cartografia, a história dos indígenas Kanela do Araguaia na busca de sua autoafirmação territorial e reconhecimento étnico. É possível verificar na fala do interlocutor Joaquim³³, as dificuldades enfrentadas em meio à reivindicação por direitos após sobreviver a um massacre:

No mês de abril eu voltei no Maranhão, nós voltamos em cinco pessoas. Fomos pegar o nosso reconhecimento. Ainda tinha gente que reconhecia, tinha índio na aldeia lá que conheceu o irmão da minha mãe, fomos reconhecidos. Nós chegamos no índio e eu comecei a contar o caso, o caso do meu avô e tinha índio velho que conhecia o meu avô, tinha gente lá da família que conhecia. Está com muito tempo, mas tinha quem conhecia... O cacique ficou ouvindo, dois caciques, um daqui outro de lá. Quando eu estava terminando o caso, o cacique que estava ali falou, “não, está tudo bem, você pode parar e tal, eu conheci o irmão da tua mãe, ele morreu faz tantos anos. (Fascículo Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil Central N°01, 2008, p. 5).

³³Vice cacique Joaquim Pereira dos Santos, participante da Oficina de Mapeamento realizada nos dias 26 e 28 de novembro de 2008, no município de Canabrava do Norte-MT.

Esses registros possibilitam reconhecer que os conflitos sofridos por povos e comunidades tradicionais, apresentam, de certa maneira, a forma desigual das lutas vivenciadas.

2.3.8 Coleção de Fascículos Quilombolas do Sul

Figura 44 - Coleção de Fascículos Quilombolas do Sul.



Fonte: Site do PNCSA.

Quadro 44 - Coleção de Fascículos Quilombolas do Sul.

Fascículos	Ano	Downloads
01 – Comunidade Quilombola Invernada Paiol de Telha Fundão – Paraná	2009	277
02 – Comunidade Quilombola de João Surá – Paraná	2009	210
03 – Comunidade Quilombola do Rocío Adelaide Maria Trindade Batista, Castorina Maria da Conceição e Tobias Ferreira – Palmas PR	2010	214
		701

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, julho/2023.

A coleção apresenta a narrativa de vida de comunidades quilombolas do Sul do país. Essas narrativas demonstram as dificuldades enfrentadas, as lutas e os conflitos por reconhecimento e autoafirmação estão presentes nos demais estados da federação brasileira.

A coleção conta com 701 (setecentos e um) acessos em seus arquivos digitais e 3.000 (três mil) exemplares impressos e distribuídos nas comunidades de realização da pesquisa.

2.3.9 Coleção de Fascículos Povos Indígenas do Nordeste

Figura 45 - Coleção de Fascículos Povos Indígenas do Nordeste.



Fonte: Site do PNCSA.

Quadro 45 - Coleção de Fascículos Povos Indígenas do Nordeste.

Fascículos	Ano	Downloads
01 – Tuxá de Rodelas	2010	453
02 – Pankararú	2010	307
03 – Truká	2010	139
04 – Tumbalalá	2010	338
05 – Pipipã	2010	525
06 – Kambiwá	2010	165
07 – Kariri Xocó	2011	184
08 – Xocó	2011	149
09- Tapuya Karirí	2012	0
		2.260

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, julho/2023.

A coleção traz em sua cartografia, informações de comunidades indígenas existentes no Nordeste. Dentro desses levantamentos é possível identificar o modo de vida desses povos, suas crenças, festas, seus conhecimentos quanto ao uso das plantas, o cultivo do solo e o modo de organizar seus movimentos representativos e suas pautas de reivindicação pela manutenção de seu território.

Conforme relato de Jeronimo³⁴, partícipe dessa atividade de pesquisa, é possível perceber a preocupação, quanto ao reconhecimento do seu território:

O território que é tudo, abaixo de Deus, é nossa vida, nossa terra: Lagoa do Jacaré, Aldeia da Missão, Serrote do Lampião e dos Brabo, Faveleira, Cabeça do Queno. As Aldeias são: Aldeia Travessão do Ouro que é perto da Serra do Periquito, a Aldeia Capoeira do Barro, aqui tem muitos não índios que foram assentados pelo INCRA, Aldeia Faveleira onde tem índios e não índio, Aldeia Serra Negra só tem gente quando

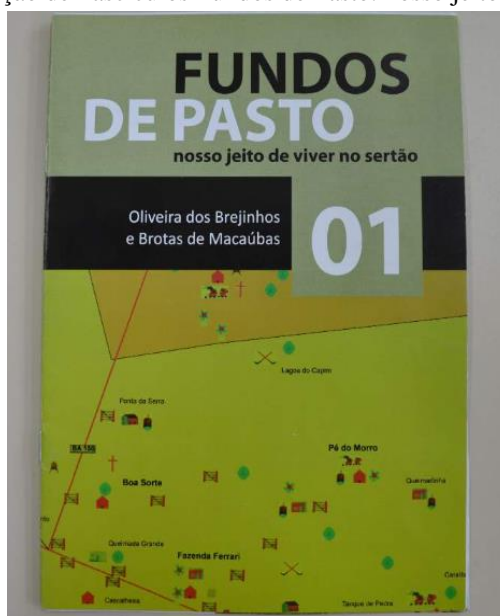
³⁴Jerônimo – Vice-Pajé do povo indígena PIPIPÃ.

vamos fazer ritual do aricuri lá é perto da Serra Negra mesmo, Aldeia Caraúbas é perto da Serra do Taiado e o Serrote do Tamanduá é a única aldeia dentro do território Pipipã, mais o território demarcado como área Kambiwá é autodeterminada como território Pipipã que é as Aldeias Travessão do Ouro, Faveleira e Capoeira do Barro. A gente sofre com os fazendeiros que tomou conta de muitas terras, terra boa nossa o INCRA veio e assentou um bocado de não índio. E agora a transposição quer cortar o nosso território que ainda não tá nem demarcado. (Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil: Povo Indígena Pipipã, 2010, p. 5).

A coleção apresenta 2.260 (dois mil, duzentos e sessenta) acessos em seus arquivos digitais e a distribuição de 9.000 (nove mil) exemplares impressos e distribuídos.

2.3.10 Coleção de Fascículos Fundos de Pasto: nosso jeito de viver no sertão

Figura 46 – Coleção de Fascículos Fundos de Pasto: nosso jeito de viver no sertão.



Fonte: site do PNCSA.

Quadro 46 - Coleção de Fascículos Fundos de Pasto: nosso jeito de viver no sertão.

Fascículos	Ano	Downloads
01 – Oliveira dos Brejinhos e Brotas de Macaúbas – BA	2012	304

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, julho/2023.

A “Coleção Fundo de Pasto” com a publicação de um fascículo, discute sobre a legalização de terras anteriormente utilizadas como sendo de *uso comum*, com destaque na criação de animais, todavia, a partir da construção da BR-242, tal fato impulsionou uma forma organizativa que se deu através de Associação. Esta, por sua vez, entre outras reivindicações, mantém como pauta a luta por reconhecimento territorial e suas formas características de trabalho e modos de vida. A coleção traz uma análise dos desafios diante da continuidade de

seus representantes e a luta incessante diante da exploração de recursos naturais por parte dos agronegócios. O interlocutor Gilmar³⁵ se refere a essas ameaças da seguinte forma:

Na questão da segurança da terra, as ameaças ao coletivo do fundo de pasto são diversas. Um exemplo das ameaças é o problema de demarcação do fundo de pasto. Muitas pessoas, às vezes, vendem sua terra para outra pessoa de fora que não tem nenhum vínculo com a Associação. Acaba que essas pessoas trazem problemas. Um dos problemas é que elas chegam e não vão respeitar os costumes da Associação, dos associados. E o outro problema é que tem gente que compra a área individual e está de olho em levar uma parte do fundo de pasto. (Fascículo Nº 01 Fundos de Pasto: Nosso jeito de viver no sertão, 2012, p.5).

A coleção apresenta 304 (trezentos e quatro) acessos em seu arquivo digital.

2.3.11 Coleção Direitos e Identidades

Figura 47 – Coleção de Fascículos Direitos e Identidades.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, julho/2023.

Quadro 47 – Coleção de Fascículos Direitos e Identidades.

Fascículos	Ano	Downloads
01 – Xukuru do Ororubá – PE	2012	314
02 – Times de Futebol do Bairro de Santo Amaro, Recife – PE	2016	69
		383

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

A “Coleção Direitos e Identidades”, tem uma peculiaridade pois apresenta duas formas de cartografia distintas, uma com o mapeamento de comunidade indígena e outra de uma organização de times de futebol. Desta feita, a coleção é regida pelo critério regional representando a necessidade de se distinguir que a luta por reconhecimento se dá em todas as categorias.

³⁵Gilmar Rosa da Silva, Jatobá, texto elaborado conjuntamente em oficina realizada em janeiro de 2010.

Na coleção, as categorias têm nos objetivos centrais de sua cartografia, o “mapeamento social” da comunidade. As Aldeias Xukurus, buscavam o reconhecimento de sua existência demarcada com base nos aspectos culturais, no modo de vida, por eles identificados como “memória do processo de luta e construção do Território”. (Fascículo Direitos e Identidades Nº 01, 2012).

Nas atividades com os times de futebol de Recife, foi apresentado o mapeamento através da organização desses times, apresentando suas dificuldades e desafios. Nesse contexto, percebemos como a criação dos times mobilizou várias representações de bairros em Recife e como suas atividades contribuem para a socialização através do lazer (Fascículo Direitos e Identidades Nº 02, 2016)

A coleção apresenta 383 (trezentos e oitenta e três) acessos em seu arquivo digital.

2.3.12 Coleção de Fascículos Proyecto Mapeo Social de Pueblos y Comunidades Tradicionales en La Pan-Amazonía: Una Red Social en Consolidación

Figura 48 – Coleção de Fascículos Proyecto Mapeo Social de Pueblos y Comunidades Tradicionales en La Pan-Amazonía: Una Red Social en Consolidación.



Fonte: site do PNCSA.

Quadro 48 – Coleção de Fascículos Proyecto Mapeo Social de Pueblos y Comunidades Tradicionales en La Pan-Amazonía: Una Red Social en Consolidación.

Fascículos	Ano	Downloads
01 – Territorio y vida de las comunidades afroatrateñas	2013	97

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

A “Coleção Proyecto Mapeo Social de Pueblos y Comunidades Tradicionales en La Pan-Amazonía: una red social en Consolidación”, expõe informações relacionadas a atuação

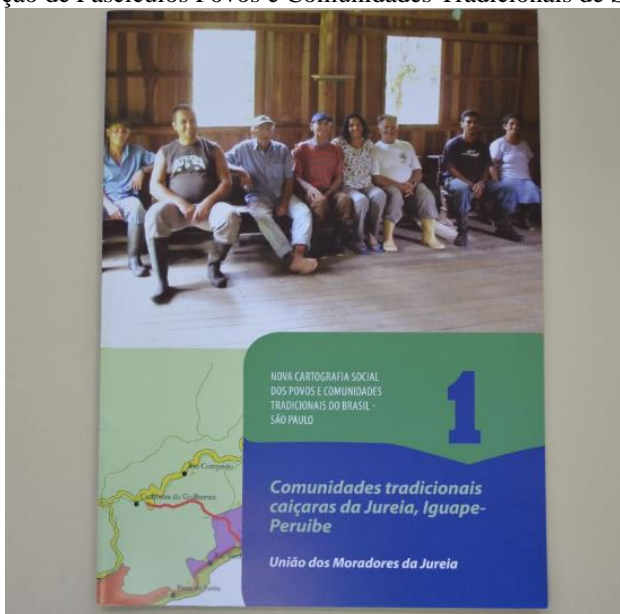
do Consejo Comunitário de Mayor de la Asociación Campesina Integral del Atrato-COCOMACIA.

Essa associação reúne 9 (nove) municípios colombianos representando comunidades negras em defesa de seus territórios. Para tanto, expõe problemas sobre a ameaça que paira sobre os recursos naturais da coletividade, bem como destaca as situações de violências a que são submetidos e cobram do Estado cumprimento do seu papel de responsabilidade em defesa de seus direitos (Fascículo N° 01: Território y Vida de las Comunidades Afroatrateñas, Chocó-Colômbia, 2013).

A coleção contribui com o acesso em seus arquivos digitais com 97 (noventa e sete) *downloads*.

2.3.13 – Coleção de Fascículos Povos e Comunidades Tradicionais de São Paulo

Figura 49 - Coleção de Fascículos Povos e Comunidades Tradicionais de São Paulo.



Fonte: site do PNCSA.

Quadro 49 - Coleção de Fascículos Povos e Comunidades Tradicionais de São Paulo.

Fascículos	Ano	Downloads
01 – Comunidades tradicionais caçaras da Jureia, Iguape-Peruibe – União dos Moradores da Jureia	2013	1.370

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

A “Coleção Povos e Comunidades Tradicionais de São Paulo”, em sua publicação de número 01 destaca a história de luta e resistência em defesa do território, representado pela União dos Moradores de Jureia. Essa comunidade teve suas terras tomadas primeiramente por uma empresa privada que se dizia *dona do pedaço*. Outro problema apresentado foi a criação de um Projeto de usina nuclear que colocou a situação como um assunto de Estado.

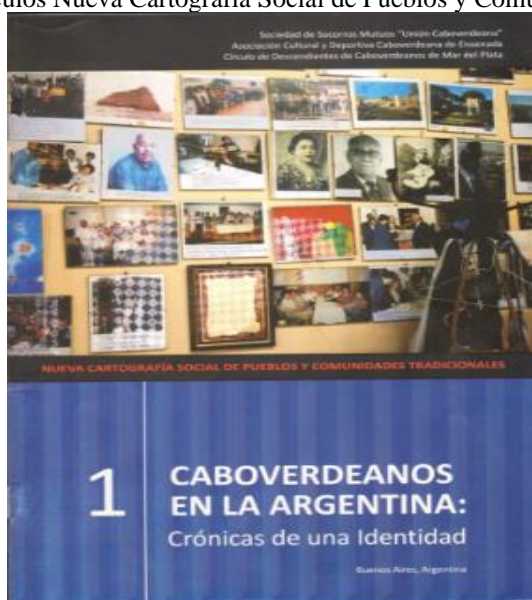
O Fascículo aponta depoimentos do interlocutor Dauro³⁶ que assevera pontos de discussões sobre as dificuldades enfrentadas em meio a retirada do seu lugar de moradia:

Ninguém sabe ao certo quando chegaram na Jureia os nossos antepassados. Em 1850, os primeiros registros de terras do país já registravam nomes de famílias que hoje são comuns na região: Prado, Alves, Pinto, Rodrigues, Lima, Carneiro, Silva, Fortes, Trigo, Lara, Aquino, Pontes, dentre outras. E esse povo de dantes viveu na Jureia até que veio a Gomes de Almeida Fernandes, uma empresa que disse que era dona das terras da região e que ia transformar nosso território em loteamento para uma cidade de 70 mil habitantes[...] E hoje tem a proposta do governo do estado para a recategorização da área, mas não é a proposta que nós queremos. Nós temos a nossa própria proposta, que respeita a nossa tradição (Fascículo nº 01 “Povos e comunidades tradicionais de São Paulo”, 2013, p. 3).

Sua contribuição dos arquivos digitais se dá com 1.370 (mil, trezentos e setenta) *downloads*.

2.3.14 Coleção de Fascículos Nueva Cartografía Social de Pueblos y Comunidades Tradicionales

Figura 50 - Coleção de Fascículos Nueva Cartografía Social de Pueblos y Comunidades Tradicionales.



Fonte: site do PNCSA.

Quadro 50 - Coleção de Fascículos Nueva Cartografía Social de Pueblos y Comunidades Tradicionales.

Fascículos	Ano	Downloads
01 – Caboverdeanos e la Argentina: crónicas de una Identidad	2012	104

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

O Fascículo número 01 da “Coleção Nueva Cartografía Social De Pueblos Y Comunidades Tradicionales”, expõe narrativa sobre o espaço de trabalho, principalmente próximo aos portos, no que se refere a cultura, organização política e social dos caboverdeanos

³⁶Dauro, 48 anos, Grajaúna, atualmente morador de Barra do Ribeira, dezembro de 2012.

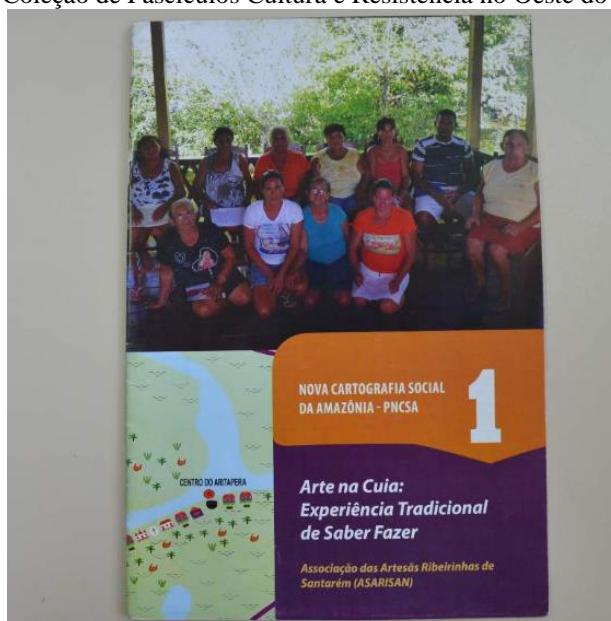
existentes na Argentina, com o intuito de dar visibilidade à sua existência, destacando a resistência de lutas envidadas em prol de seus direitos étnicos.

A agente social Carollina³⁷, participante da pesquisa, enfatiza, afirmando: “Nuestro trabalho como descendientes caboverdeanos es hacer reconocer nuestro grand lugar en este país. Tenemos que llevar nuestra cultura que podamos y hacer reconocer el valor y la importância de la gente negra” (Valle, 2012, p. 2).

Sua contribuição nos arquivos digitais se dá com o acesso de 104 (cento e quatro) *downloads*.

2.3.15 Coleção de Fascículo Cultura e Resistência no Oeste do Pará

Figura 51 - Coleção de Fascículos Cultura e Resistência no Oeste do Pará.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, julho/2023.

Quadro 51 – Coleção de Fascículos Cultura e Resistência no Oeste do Pará.

Fascículos	Ano	Downloads
01 – Arte na Cuia: Experiência Tradicional de Saber Fazer – Associação das Artesãs Ribeirinhas de Santarém	2013	194

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, julho/2023.

A Coleção Cultura e Resistência no Oeste do Pará, traz mapeamento sobre artesãs ribeirinhas, sua forma de conhecimento, suas artes através das cuias, o aprendizado e suas organizações a fim de alcançar seu espaço (Fascículo Nº 01 - Arte na cuia: experiência tradicional de saber fazer, 2013).

³⁷ Señorita Carollina Kalypolitis, 26 años. Participante das atividades de elaboração do Fascículo 01. Caboverdeanos en la Argentina: da Coleção Nueva Cartografía Social de Pueblos y Comunidades Tradicionales.

Sua contribuição através do acesso digital se dá através de 194 (cento e noventa e quatro) *downloads*.

2.3.16 Coleção de Fascículos Projeto Mapeamento Social

Figura 52 - Coleção de Fascículos Projeto Mapeamento Social.



Fonte: Site, PNCSA.

Quadro 52 - Coleção de Fascículos Projeto Mapeamento Social.

Fascículos	Ano	Downloads
01 – Comunidade do Paraizinho – Humaitá AM	2013	264
02 – Nossa Senhora Auxiliadora – Humaitá AM	2013	78
03 – Bom Jardim – Benjamin Constant AM	2013	230
04 – Quilombolas do Ria Andirá – Barreirinha AM	2014	155
05 – Quebradeiras de Coco Babaçu e Agroextrativistas – Sudeste do Pará	2014	146
06 – Terra Indígena Pindaré – Bom Jardim MA	2014	142
07 – Trabalhadores Rurais do Cujubim Beira Rio – Caracará RR	2014	81
08 – Desmatamento e a Devastação de Castanhais – Amaturá/AM	2014	70
09 – Associação de Moradores e Produtores da Comunidade Remanescente de Quilombolas do Rosa AP	2014	107
10 – Quilombolas do Forte Príncipe da Beira-Vale do Guaporé – Costa Marques RO	2014	191
11 – Quilombolas da Ilha de São Vicente – Araguatins TO	2014	116
12 – Quilombolas de São Tomé de Tauçú – Portel PA	2014	65
13 – Assentados e acampados – Rondon PA	2014	43
14 – Quilombolas do Rio Mutuacá e seus afluentes – Currálinho PA	2014	59
15 – Invasão da Acacia mangium – Terras Indígenas RR	2014	47
16 – Grupo Vida e Esperança Rede de Conhecimentos Tradicionais do Alto Juruá – Marechal Thaumaturgo AC	2014	41
17 – Comunidade remanescente de Quilombo dos Rios Arari e Gurupá em busca da liberdade	2014	77
18 – Quilombolas de Cachoeira Porteira – Alto Trombetas, Oriximiná PA	2014	334
19 – Vila Jirau: ribeirinhos, extrativistas e moradores das comunidades deslocadas por hidrelétricas – Rio Madeira RO	2014	83
20 – Identidade e território Pastana Yudja Juruna – São Félix do Xingu PA & Santa Cruz do Xingu MT	2014	88

21 – Indígenas na luta contra a devastação em seus territórios – Rio Cuieiras, Manaus AM	2014	69
22 – Quilombolas do rio Pacajá – Portel PA	2014	88
23 – Comunidades Quilombolas de Passagem e Peafú – Santarém e Monte Alegre PA	2014	139
24 – Extrativistas da RESEX rio Cajari em ação – Amapá	2014	63
25 – Aldeia indígena Akrãtikatêjê – Pará	2014	71
26 – Quilombolas de Viana Pedro Rosário – Borneu MA	2014	77
27 – Identidade e território do povo indígena Xerente do Araguaia – Mato Grosso	2014	68
28 – Índios “isolados” na Terra Indígena Kaxinawá do rio Humaitá – Tarauacá AC	2014	78
29 – Movimento Kambeba: a resistência ao longo do tempo – São Paulo de Olivença AM	2014	84
30 – Acampados no Acampamento João Canuto – Tucuruí PA	2014	106
		3.260

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

A Coleção Projeto Mapeamento Social, com 30 (trinta) números publicados entre 2013 e 2014, aborda as atividades de mapeamento, envoltas à resistência da cultura, dos modos de vida e das lutas por reconhecimento identitário. As atividades foram realizadas junto a povos e comunidades tradicionais entre elas: aldeia, comunidades remanescentes de quilombo, quebradeiras de coco babaçu, agroextrativistas, trabalhadores rurais, associação de moradores e produtores, assentados, acampados. De acordo com relato Da interlocutora Maria Amélia³⁸:

(um aparte) Até o povo daqui da comunidade de Matupiri precisa tirar o sustento dessa mata. E hoje a gente já não pode tirar nem o cipó, não pode tirar um ambé porque eles vêm proibir (...) Não são remanescentes de quilombo. Quando eles entraram aí as famílias quilombolas já existiam nessa área, só que nesse tempo a gente não sabia o valor que nós, os quilombola, tinham (...) Embora falem que eu sou exigente, sou mesmo, sou contra os fazendeiros! (...) Eu tenho coragem, eu sou filha de Benedito Pereira de Castro (...) Aliás, a Cabeceira da Campina foi uma área sempre protegida pelo meu pai, ele nunca consentiu ninguém fazer isso. Por que? Porque ele já sabia que mais tarde, como meu avô dizia: ‘Você pode trocar um pedaço de terra por um punhado de farinha, e, no final, você não terá o direito de botar a farinha na tua mesa [...]’. (Mapeamento Social como Instrumento de Gestão Territorial Contra o Desmatamento e a Devastação: Processo de Capacitação de Povos e Comunidades Tradicionais: Quilombolas Do Rio Andirá: 2014, p. 5)

A coleção contou com expressivo número de pesquisadores na realização das oficinas e nas elaborações de cada fascículo publicado. O acesso nos arquivos digitais soma 3.260 (três mil, duzentos e sessenta) *downloads*.

³⁸ Maria Amélia dos Santos Castro – Presidente da Federação das Organizações Quilombolas do Município de Barreirinha-FOQMB e participante da Oficina de Mapeamento, realizada no quilombo de Santa Tereza do Matupiri em 2013, rio Andirá-Município de Barreirinha-AM.

2.3.17 Coleção de Fascículos Mapeamento Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Rio Tapajós

Figura 53 – Coleção de Fascículos Mapeamento Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Rio Tapajós.



Fonte: site do PNCSA.

Quadro 53 – Coleção de Fascículos Mapeamento Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Rio Tapajós.

Fascículos	Ano	Downloads
01 – Território Indígena Mundukuru do Planalto Santareno	2015	483
02 – Aldeia/Comunidade de Escrivão Mundukuru Cara Preta	2015	200
03 – Aldeia/Comunidade de Pinhel (Maytapu) Aveiro – PA	2015	240
04 – Território Terra dos Encantados (Povos Tupaiú, Tapajós e Arara Vermelha) – Santarém – PA	2017	237
		1160

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

A “Coleção Mapeamento Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Rio Tapajós”, exhibe assuntos que dizem respeito aos modos de vida organizativa, tais como: os costumes, crenças, seus meios de trabalho acionados junto ao cultivo da terra, o estabelecimento da política de autoafirmação com vistas a consolidar seus direitos, num franco rebatimento com madeireiros, pecuaristas e outro setores responsáveis pela arbitrária invasão às terras tradicionalmente ocupadas. A iniciativa de se organizarem através de seus movimentos sociais tem sido o meio de luta acionada para fixar interesses étnicos de pertença e permanência conquistada através da política de territorialidade.

A coleção contribui com 1.160 (mil cento e sessenta) acessos em seus arquivos digitais.

2.3.18 Coleção de Fascículos Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central

Figura 54 - Coleção de Fascículos Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, julho/2023.

Quadro 54 – Coleção de Fascículos Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central.

Fascículos	Ano	Downloads
01 – Fecho de Brejo Verde na luta por nosso modo de vida – Comunidade de Fecho de pasto Brejo Verde, Bahia	2018	311
02 – Luta e resistência pelo território – Comunidade quilombola Kaágados, Tocantins	2019	89
03 – Cartografia social de povos e comunidades tradicionais do Rio São Francisco – Comunidade Tradicional Quilombola pesqueira vazanteira de Croatá	2018	110
04 – Cartografia social de povos e comunidades tradicionais do Rio São Francisco – Comunidade Tradicional Quilombola Família Lídia Batista do Sangradouro Grande	2018	112
05 – A resistência das comunidades tradicionais de Campos Lindos em seus territórios: Serra do Centro e Mirante	2018	96
06-Comunidade Quilombola Buriti do Meio	2019	
07 – Comunidade Quilombola Kalunga do Mimoso – Kalungueiros na luta pela regularização do seu território	2019	72
08 – Relatos das Lutas e Esperanças da Comunidade Quilombola Claro, Prata e Ouro Fino	2019	68
09 – Território e Luta do Povo Guarani – Aldeia Jaguari – Cocalinho/MT	2019	45
10 – Comunidade Tradicional Vazanteira da Ilha de Pau de Légua	2019	352
11 – Indígenas Kariri e quilombolas do Mocambo, Sumidouro e Tapuio Queimada Nova – PI	2019	65
12 – Comunidade Brejo das meninas: luta e resistência pela posse da terra no cerrado	2019	227
13 – Território do Rio Riozinho Comunidade Santa Fé	2019	64
14 – Retireiros e Retireiras do Araguaia – Lutas, Território e Identidade	2019	29
		1640

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, julho/2023.

A “Coleção Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central”, com 16 (dezesseis) Fascículos produzidos, apresenta a luta das comunidades tradicionais por seus direitos, os quais são bruscamente afetados diante dos chamados “grandes empreendimentos”

que, ao se instalarem, invadem terras com o intuito de explorar os recursos naturais, bem como inferem nas práticas de reconhecimento, de autoafirmação cujos conflitos se aprofundam em meio a possíveis conquistas por titulações fundiárias de terras.

A gente não queria que tivesse conflito aqui nas nossas áreas, porque conflito, para o comum, traz coisas negativas... E, ao mesmo tempo, esse, pra a gente, trouxe coisas positivas. A comunidade, partindo para o conflito, foi uma defesa. Uma defesa para vida, porque ninguém vive sem água. O que levou o povo a fazer isso? Veio uma empresa e grileiros, achando que eram donos da terra e achavam que o pessoal não tinha consciência de que são terras tradicionais. Se enganaram. As pessoas usam e sabem que tem o direito de usar e de preservar. E eles, não. Achem que podem comprar de alguém, e tomar posse e fazer o que bem quer. Mas o povo aqui tem o reconhecimento disso, e procurou pessoas capazes de orientar melhor, e foi pra luta, pra defender. Porque se não houvesse o conflito, não teria a defesa. Então foi muito bom essa organização da comunidade se reunir para fazer o conflito e a gente sim, conseguir essa vitória de preservar a água, que é a única fonte de vida que a gente tem aqui em nossa comunidade. E ajuda mais de 200 famílias... A beber, a lavar, irrigar... Então é uma riqueza, e se tivesse acontecido lá, a gente não teria essa água aqui mais não (Fascículo Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central – N. 01, 2018, p. 8-9).

A coleção colabora com 2.270 (dois mil, duzentos e setenta) acessos em seus arquivos digitais.

2.3.19 Coleção de Fascículos Povos Indígenas do Rio São Francisco

Figura 55 – Coleção de Fascículos Povos Indígenas do Rio São Francisco.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, julho/2023.

Quadro 55 - Coleção de Fascículos Povos Indígenas do Rio São Francisco.

Fascículos	Ano	Downloads
01 – Povo Pankararé de Glória – Bahia	2019	268
02 – Povo Truká-Tupan de Paulo Afonso – Bahia	2019	200
03 – Povo Kariri-Xokó de Paulo Afonso – Bahia	2019	163

04 – Povo Pankararu Opará de Jatobá – Pernambuco	2022	
		631

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

A coleção Povos Indígenas do Rio São Francisco, surge a partir da coleção Brasil Central apresentando comunidades indígenas que sobrevivem em meio a conflitos resultantes de situações adversas. Em meio a essas lutas percebe-se como o protagonismo político se instaura mediante a correlação de forças. O interlocutor Manoel³⁹, relata fatos sobre esse aspecto:

Ser índio Pankararé é que meu pai e minha mãe eram índios, e meus avós já vem de meus avós que também eram índios. E mim sinto feliz. Eles morreram e eu fiquei trabalhando na ciência até hoje. Eu comecei com 9 anos de idade e já tô com 62 anos, e eu mim sinto orgulhoso por quer nós temos nossa aldeia, e eu quero chegar se Deus quiser até o fim. (Fascículo Povos Indígenas do Rio São Francisco – N. 01, 2019, p. 3).

A Coleção apresenta 631 (seiscentos e trinta e um) acessos em seus arquivos digitais.

2.3.20 Coleção de Fascículos Comunidades Tradicionais Quilombolas

Figura 56 - Coleção de Fascículos Comunidades Tradicionais Quilombolas.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, julho/2023.

Quadro 56 – Coleção de Fascículos Comunidades Tradicionais Quilombolas.

Fascículos	Ano	Downloads
01 – Comunidade Quilombola Casinhas Jeremoabo/BA	2020	

³⁹ Manoel Ribeiro do Nascimento, participação em Oficina de Mapeamento/2017. Brejo do Burgo no Território Pankararé Glória.

02- Comunidade Quilombola Baixa de Quelé, Jeremoabo/BA	2020	
--	------	--

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

A “Coleção Comunidades Tradicionais Quilombolas”, com duas publicações em sua coleção, traz o mapeamento da existência e do modo de vida, dos quilombolas de Casinha e Baixa de Quelé, Jeremoabo/BA, que lutam pela preservação de suas terras e existência. No relato do interlocutor José⁴⁰:

Nasci e me criei aqui, só tinha mata, só tinha uma estradinha pelo meio. A gente rogava o terreno, plantava dentro e comia o que dava. Coronel João Sá, foi pegando as terras e espremendo os negros pra cá. As casinhas eram lá embaixo, mas o coronel foi tomando a terra e espremendo, espremendo e todo mundo vindo pra cá. Ele fez as escrituras como quis. Muita gente foi embora. A gente tinha que trabalhar pra ele até em troca de comida, porque não tinha nada pra comer e não tinha terra pra plantar. (Fascículo Comunidade Quilombola Casinhas Jeremoabo/BA, Nº 01, 2020, p. 10).

A coleção não possui acesso em seus arquivos digitais por ter sido lançada recentemente no *site*.

2.3.21 Coleção de Fascículos Nova Cartografia Social do Nordeste

Figura 57 – Coleção de Fascículos Nova Cartografia Social do Nordeste.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

Quadro 57 - Coleção de Fascículos Nova Cartografia Social do Nordeste.

Fascículos	Ano	Downloads
01 – Tapuias Tairariús da Lagoa de Tapará	2022	
02 – Quilombo Rio dos Macacos	2022	
03-Fascículo Quilombo Quingoma	2022	

⁴⁰José Carvalho dos Santos, participante da Oficina realizada em 2020, na comunidade quilombola de Casinhas-Jeremoabo/BA. Interlocutora do Fascículo nº 01.

04 – Território Mendonça – Práticas, Conhecimentos e Formas de Organização	2022	
05 – Território Mendonça – Águas do Território Mendonça	2022	
06-Fascículo Comunidade Quilombola e Apanhadora de Flores de Raiz	2022	
07 – Comunidade Pesqueira e Vazanteira de Canabrava	2022	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

A coleção Nova Cartografia Social do Nordeste, uma das recentes coleções lançadas pelo núcleo do PNCSA/BA, nela se relatam as lutas das comunidades tradicionais, suas práticas e conhecimentos, a busca incessante por organização que a represente e afirmando sempre o propósito de mobilização política junto aos órgãos do poder público. Assim podemos notar através do Relato da interlocutora Ana Lúcia⁴¹:

Já tem muitos lugares que foram devastados, tem lugar que a gente procura e não acha (plantas medicinais). Tem folhas que é só do inverno, tem folhas que é só do verão [...]. No rio mesmo privatizou o rio e ninguém mais pode passar pelo rio, nem pescar, nem mais nada. A comunidade perdeu sua pesca, a sua caça. Uma via aterrou e a outra, a área está restrita. (Coleção Fascículo Nova Cartografia Social do Nordeste, nº3, 2022, p.11).

Por ser uma coleção que foi lançada recentemente no site, não há registro de acesso em seus arquivos digitais, tendo, todavia, a distribuição de seus exemplares impressos junto às comunidades e pesquisadores envolvidos nas atividades de pesquisas.

2.4 Produção de Cadernos

A série “Cadernos”, traz em seu conteúdo informações relevantes advindas de comunidades tradicionais, as quais dizem respeito às suas lutas, modo de vida, conhecimento tradicionais e modo de organização social, que possibilita representatividade junto às esferas legais.

As coleções estão dispostas de maneira periódica, com registros legais de ISSN junto ao Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) de suas publicações. Inicialmente de acordo com dados levantados, esses cadernos teriam funcionalidades de cartilha que seriam apresentadas ao Fundo Amazônia-BNDES/2013 como um dos produtos que fora proposto pelo Projeto aprovado, revelando-se, todavia, a necessidade de as comunidades envolvidas relatarem seus conflitos e lutas, fato que impulsionou a criação da série Cadernos.

[...] ao adotar o termo Cadernos o objetivo tornou-se mais flexível e tanto consistiu em veicular informações produzidas no âmbito das próprias comunidades sobre sua localização, seu processo de afirmação identitária e suas práticas cotidianas de resistência aos desmatamentos, à devastação e aos efeitos das “grandes obras”, como

⁴¹ Ana Lúcia Santos da Silva (Dona Ana), participante da Oficina realizada no Quilombo de Quingoma/BA, em 2018. Interlocutora do Fascículo nº 03.

os desastres socioambientais e a contaminação de recursos hídricos (Almeida e Marin, 2013, p. 20).

Atualmente a série de Cadernos, conta com 02 (duas) coleções e 13 (treze) números publicados, suas contribuições impressas contam com a tiragem de 13.000 (treze mil) exemplares, distribuídas nas próprias comunidades onde foram realizados os levantamentos, o PNCSA disponibiliza também de forma gratuita os arquivos no formato digital que contam com o acesso de 1.734 (mil, setecentos e trinta e quatro) *downloads*.

De acordo com o critério cronológico, se tem os seguintes dados:

1) Coleção Caderno Projeto Mapeamento Social com 10 (dez) números publicados em 2014;

2) Nova Caderno Cartografia dos Sertões – 02 (dois) números publicados em 2021, sendo que uma na versão português/inglês e a outra em português/espanhol.

As coleções publicadas são as que passamos a analisar nos subitens a seguir.

2.4.1 Coleção de Cadernos Projeto Mapeamento Social

Figura 58 – Coleção de Cadernos Projeto Mapeamento Social.



Fonte: Coleção Projeto Mapeamento Social.

Quadro 58 – Coleção de Cadernos Projeto Mapeamento Social.

Cadernos	Ano	Downloads
01 – Resistência e Mobilização dos Povos Indígenas do Baixo Tapajós	2014	331
02 – Devastação e Desmatamento em Comunidades Quilombolas no Maranhão	2014	186
03 – Povos e comunidades tradicionais e suas práticas de preservação dos recursos naturais na Amazônia	2014	229
04 – Devastação e lutas sociais na Amazônia maranhense	2014	127
05 – Identidades coletivas e conflitos sociais no médio e baixo Rio Negro: processo de desmatamento e devastação em terras tradicionalmente ocupadas	2014	107

06 – Desastres socioambientais das hidrelétricas no Rio Madeira e a grande cheia de 2014	2014	118
07 – Hidrelétricas, desmatamento e devastação em terras indígenas no sul do Amazonas e no estado de Rondônia	2014	89
08 – Comunidades Quilombolas do Município de Esperantina	2014	188
09 – A luta dos trabalhadores rurais e pescadores de Caracaraí (RR) em defesa de seus direitos	2014	100
10 – Atingidos pela hidrelétrica de Tucuruí	2014	138
		1.613

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

A Coleção Projeto Mapeamento Social, de acordo com essa perspectiva os assuntos envolvem conflitos relacionados a resistência de povos e comunidades tradicionais, frente aos desastres ambientais, tais como: a criação de hidrelétricas, devastação de matas, e possível preservação dos recursos naturais. Assim entendido, em sua apresentação se tem:

Este caderno tem o objetivo de evidenciar as reivindicações de comunidades tradicionais, organizadas em unidades de mobilização, cujas identidades coletivas abrangem tanto indígenas Baré, Karapano, Tikuna, Tariano, Kambeba, Apurinã, Baniwa, Tukano, Coripaco e Arapapaço, com ribeirinhos que tem seus territórios intrusados por empresas de extração de areia, seixo, madeira, pesca comercial de “arrastão” e traficantes de quelônio. (Caderno Nova Cartografia Social, Nº 5, 2014, p.2).

Esses cadernos se tornam arquivos de registros das lutas dessas comunidades por seus direitos e que na maioria das vezes ficam à mercê da própria sorte. Lutar pela manutenção de seus recursos naturais e outras formas de conquistas implica articular junto ao Estado certos acordos com vistas à legalização de territórios. De acordo com a reivindicação de um dos interlocutores do Caderno nº 05, o senhor Manuel Chagas⁴², assim se expressa:

Queremos nossa área demarcada, porque estamos bastante ameaçados por madeireiros, por pescaria, de pessoas estranhas que entram sem permissão da gente, principalmente na época em que está seco. As próprias comunidades vizinhas, de gente que não é indígena, estão trazendo muita bebida alcoólica e drogas, principalmente com os de menores. Queremos a demarcação por motivo de ainda ter direito a nossa terra, nossa e dos parentes que pertencem a nossa comunidade, a nossa aldeia. Desde quando eu me entendi, que eu sabia que existiam direitos indígenas, que existem. Então eu vim procurar a minha defesa, o meu direito que nós temos. (Caderno Nova Cartografia Social, nº 5, 2014, p. 15).

A contribuição aos acessos digitais, se dá em 1.613 (mil, seiscentos e treze) *downloads*.

⁴²Sr. Manuel Chagas da Silva, 63, Tuxaua da Comunidade São Thomé, Rio Cuieiras.

2.4.2 Coleção de Cadernos da Nova Cartografia dos Sertões

Figura 59 - Coleção de Cadernos da Nova Cartografia dos Sertões.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

Quadro 59 - Coleção de Cadernos da Nova Cartografia dos Sertões.

Cadernos	Ano	Downloads
01 – Articulação Sertão Antinuclear – Não a usina nuclear em Itacuruba, no Nordeste e no Brasil-1A – Articulação Sertão Antinuclear – Inglês	2021	131
02 – Articulação Sertão Antinuclear – Não a usina nuclear em Itacuruba, no Nordeste e no Brasil - 1B – Articulação Sertão Antinuclear – Espanhol	2021	
		131

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

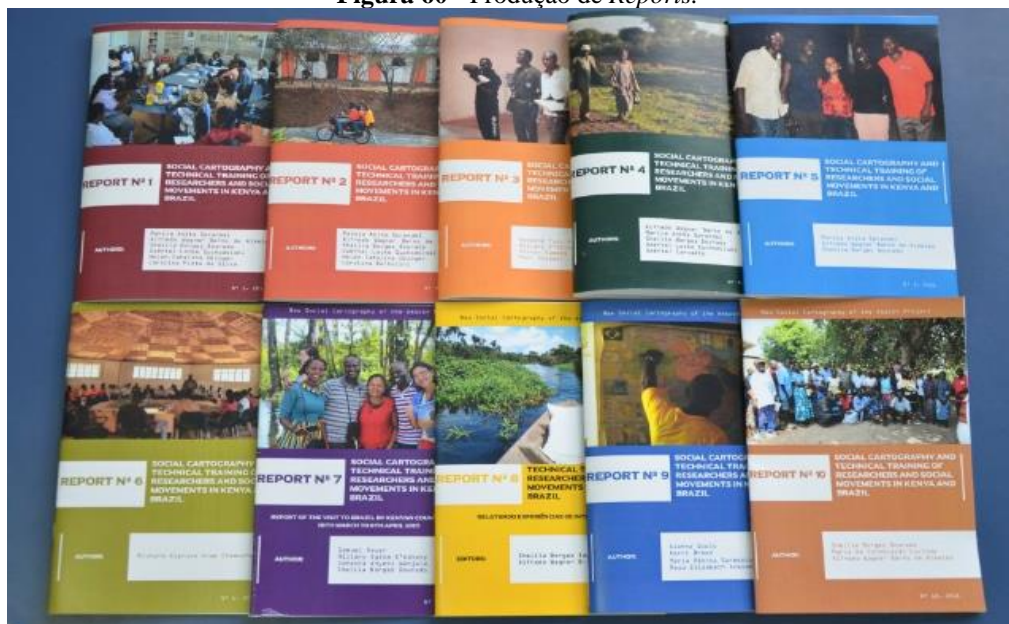
A Coleção Cadernos da Nova Cartografia dos Sertões, é uma série que série contribui com a publicação de duas versões em língua estrangeira (português/inglês e português/espanhol), apresentando a pesquisa relacionada às lutas dos povos tradicionais em meio aos avanços das grandes empresas.

A coleção reflete a diversidade social, saberes e suas respectivas práticas, assim como as situações de conflito e conhecimento intrínsecos aos processos reais de contextos localizados. A finalidade precípua da coleção concerne, pois, a uma descrição aberta e plural, que demonstra a relevância da autoridade etnográfica no processo de produção de conhecimentos científicos sobre situações concretas de tensões sociais e antagonistas (Cadernos Nova Cartografia Social dos Sertões, 2021, p.2).

Nesse contexto, pode-se averiguar que a pesquisa científica ali produzida, procura apresentar os agentes sociais como os protagonistas de uma luta desigual que se propaga no decorrer do tempo. Trata-se de contribuições nos arquivos digitais que somam o acesso de 131 (cento e trinta e um) *downloads*.

2.5 Produção de Reports

Figura 60 - Produção de Reports.



Fonte: PNCSA.

Quadro 60 - Coleção de Reports.

Coleção	Ano	Downloads
01-Project social cartography and technical training of researchers and social movements in Kenya and Brazil	2016	164
02-Project social cartography and technical training of researchers and social movements in Kenya and Brazil – Report 2	2015	64
03-Project social cartography and technical training of researchers and social movements in Kenya and Brazil – Report 3	2016	58
04-Project social cartography and technical training of researchers and social movements in Kenya and Brazil – Report 4	2016	64
05-Project social cartography and technical training of researchers and social movements in Kenya and Brazil – Report 5	2016	66
06-Project social cartography and technical training of researchers and social movements in Kenya and Brazil – Report 6	2016	68
07-Project social cartography and technical training of researchers and social movements in Kenya and Brazil – Report 7	2016	91
08-Project social cartography and technical training of researchers and social movements in Kenya and Brazil – Report 8	2016	57
09-Project social cartography and technical training of researchers and social movements in Kenya and Brazil – Report 9	2016	89
10-Project social cartography and technical training of researchers and social movements in Kenya and Brazil – Report 10	2016	87
		808

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, junho/2023.

A série *Reports* com a publicação de 10 (dez) números, é o resultado de pesquisas que obtiveram o Termo de Cooperação Técnica entre Brasil e Kenya, através das seguintes instituições: Universidade Federal do Amazonas (Pós-Graduação Programa de Antropologia Social), Universidade Estadual do Maranhão (Programa de Pós-Graduação em Cartografia e

Política na Amazônia), Universidade do Estado do Amazonas (Cartografia Social da Amazônia) e a Universidade de Nairobi (Faculdade de Direito), Kenya Land Alliance.

Essas produções narram experiências vivenciadas por pesquisadores que participaram de atividades realizadas em comunidades tradicionais. Os pesquisadores representantes do Quênia⁴³ estiveram em outubro de 2017, por cerca de 30 (trinta) dias realizando visita de campo em pequenos povoados (indígenas e quilombolas) e nas capitais dos estados do Amazonas, Pará e São Luís. Em maio de 2018, pesquisadores brasileiros⁴⁴ estiveram no Quênia, visitando Nairobi, Nakuru e na região sul do país visitando Kwale. Essa troca de experiência técnica e científica foi possibilitada com a aprovação do projeto Cartografia Social e Formação Técnica de Pesquisadores e Movimentos Sociais no Quênia e no Brasil, financiado pela Ford Foundation (FFORD).

O acesso em seus arquivos digitais soma um quantitativo de 808 (oitocentos e oito) *downloads*.

⁴³ O grupo era composto pelo professor Samuel Owuor, do Departamento de Geografia da Universidade de Nairóbi, bem como por Hillary K'Odiény e Johanna Wanjala, ambos integrantes da equipe do KLA.

⁴⁴ Alfredo Wagner Berno de Almeida (UEA/UFAM/UEMA), Maria da Consolação Lucinda (UEMA), Sheilla Borges Dourado (UEMA) e Antônio João Castrillón (UNEMAT).

CAPÍTULO III - AS INTERVENÇÕES DE PESQUISA ENTRE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS COMO INSTRUMENTOS DE AUTOAFIRMAÇÃO ÉTNICA

Este capítulo tem por propósito identificar e selecionar, por critérios, as produções textuais realizadas pelo PNCSA, com vistas a evidenciar qual a importância dessas ações realizadas por diversos pesquisadores vinculados às Instituições Públicas de Ensino e Pesquisa. O resultado dessa parceria constituída diz respeito, portanto, às intervenções de pesquisa entre povos e comunidades tradicionais, cujas produções literárias estão objetivadas nos 319 (trezentos e dezenove) mapas situacionais (Vide: Anexo 1) publicados nas Coleções apresentadas e analisadas no Capítulo II.

Desta forma, dentre essas centenas de publicações, existentes e mapeadas, emerge ou entra em ação o protagonismo de grupos étnicos, mediante aos quais optou-se por discutir, de forma mais detida, 02 (dois) trabalhos de pesquisadores que atuam nas respectivas produções, quais sejam: uma intervenção de pesquisa diz respeito aos trabalhos das quebradeiras de coco babaçu, trabalho, este, voltado especificamente para a luta de gênero feminino; outra intervenção se refere à explanação acerca dos direitos étnicos, com ênfase nas propostas do movimento político-organizativo que se volta para a titulação fundiária de territórios tradicionalmente ocupados pelos quilombolas.

Anteriormente a esses assuntos, fez-se necessário identificar algumas categorias analíticas com vistas à compreensão dos assuntos acima registrados. Para tanto, optou-se por inserir dois temas constante dos subitens abaixo identificados, quais sejam: 3.1 Os grupos étnicos: um novo protagonismo em ação; 3.2 Autocartografia: uma “nova cartografia social” em disputa.

3.1 Os grupos étnicos: um *novo* protagonismo em ação

Quadro 61 - Os grupos étnicos com maior quantitativo de produções.

Grupo Étnico	Fascículos	Boletins	Livro	Caderno	Quantidade
Povos Indígenas	51	20	20	6	97
Quilombolas	53	14	26	4	97
Quebradeiras De Coco Babaçu	10	1	9		20
Afro-Religiosos	2		2		4
Curadores/Benzedeiras		7	1		8
T o t a l					226

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, janeiro de 2024.

O quadro 61 representa os cinco grupos étnicos com maior incidência de pesquisa realizada pelo PNCSA/Instituições Públicas junto a povos e comunidade tradicionais. As reflexões acerca dessa literatura contemporânea que vem sendo construída a partir das ações dos próprios agentes sociais, articuladas à contribuição do PNCSA juntamente com as Instituições Públicas de Ensino e Pesquisa, representam, de certo modo, uma quebra das concepções eruditas historicamente contada a respeito desses povos e comunidades tradicionais. Concepções essas que influenciaram diretamente na formação do pensamento social amazônico e que contou com a marcante ação colonial. Quanto a isso, Balandier declara a gravidade dessa ação, afirmando que:

[...] perturbou brutalmente a história dos povos a ela submetidos, impondo-lhes, ao se estabilizar, uma situação de um tipo bem particular. Não se pode ignorar este fato, que condiciona não somente as reações dos povos “dependentes”, mas explica, ainda, certas reações de povos recentemente emancipados. A situação colonial traz problemas ao povo subjugado – que lhes responde na medida em que certo “jogo” lhe é concedido –, à administração que representa a suposta nação tutora (e defende seus interesses locais), ao Estado recentemente criado sobre o qual pesa toda uma inércia colonial (Balandier, 2014, p. 33).

Nesse sentido, as publicações e os trabalhos realizados nessas centenas de comunidades nos permitiram compreender o processo de construção étnica de povos e comunidades tradicionais face à dinâmica das ações protagonizadas pelos próprios agentes sociais. Trata-se das lutas por direitos fundamentais a respeito das quais se deve propor reflexões sobre a posição dessas comunidades, seus desafios, suas ações político-organizativos frente aos conflitos sociais, lutas e conquistas.

Podemos refletir ainda que essa ação possibilita para esses agentes sociais o seu lugar de fala assumindo o protagonismo de suas histórias e atuando ativamente para o processo de descolonização. Linda Smith (2018) afirma que a relação dos pesquisadores com os povos indígenas, desde o período colonial, é marcada sempre por violência e submissão destes povos aos estados coloniais. Cruz (2021) afirma que a autora:

[...] explora conceitos centrais do pensamento ocidental, como tempo, espaço, história, teoria, escrita, indivíduo/sociedade, corpo/mente, evidenciando as múltiplas formas através das quais tais ideias e conceitos foram estruturantes nas relações coloniais e, conseqüentemente, na pesquisa, reproduzindo uma retórica da superioridade do mundo do colonizador. Nesse sistema de conhecimento, as ideias ocidentais são apresentadas como únicas possíveis, não havendo lugar para outras visões de mundo. O mundo colonial é visto como um laboratório em que teorias são testadas e conhecimentos são roubados, ao passo que o sujeito colonizado é destituído de sua humanidade e coisificado, para ser estudado como componente da paisagem local, tal qual a fauna e a flora (Cruz, 2021, p. 78).

Nas análises das produções foi possível identificar situações concretas que vêm sendo protagonizadas por esses agentes sociais, trazendo dessa forma esclarecimentos sobre as condições de lutas muitas delas proporcionadas pela invasão de seus territórios e destruição dos seus recursos naturais em face aos grandes empreendimentos que atuam em nome do chamado “desenvolvimento” que de forma célere usurpa o direito desses povos e comunidades tradicionais.

3.2 Autocartografia: uma “nova cartografia social” em disputa

Ao se falar em cartografia social podemos aferir que o termo vai além de mapas que demarcam uma posição geográfica. Anderson (1993)⁴⁵ apresenta três pilares que constituem o poder do Estado, estando, estes, nitidamente envoltos na construção dessa “nova cartografia social”. São eles: a área geográfica, a identidade coletiva e o reconhecimento dessa identidade.

No que se refere à categoria de lutas por autoafirmação da identidade coletiva e dos grupos étnicos, Barth (2000) aborda as especificidades de trajetórias desta unidade social. Em relação ao contato, o autor tece críticas aos que acreditam que os principais fatores das diversidades culturais e sua manutenção sejam o isolamento social e geográfico. Para ele, as fronteiras étnicas permanecem apesar do fluxo de pessoas que atravessam esses limites, isto é: Em primeiro lugar, (...) as distinções entre categorias étnicas não dependem da ausência de mobilidade, contato e informação, mas implicam efetivamente processos de exclusão e de incorporação, através dos quais, apesar das mudanças de participação e pertencimento ao longo das histórias de vida individuais, estas distinções são mantidas. Em segundo lugar, há relações sociais estáveis, persistentes e frequentemente vitais que não apenas atravessam essas fronteiras como também muitas vezes se baseiam precisamente na existência de status étnicos dicotomizados.

Dito de outro modo, as distinções étnicas não dependem da ausência de interação e aceitação social, mas, ao contrário, são frequentemente a própria base sobre a qual sistemas sociais abrangentes são construídos. A interação dentro desses sistemas não leva à sua destruição pela mudança e pela aculturação: as diferenças culturais podem persistir apesar do contato interétnico e da interdependência entre etnias (Barth, 2000, p. 26). Cardoso de Oliveira (2005, p. 10) afirma que, para Barth, há uma diferenciação entre “organização social” e “cultura”, cujo autor procurou mostrar que a ordem cultural pode mudar significativamente sem, no entanto, ocorrer mudança na identidade étnica de seu membro. É nesse sentido que

⁴⁵ Cf Benedict Anderson. Comunidade Imaginadas

Cardoso de Oliveira afirma que “os elementos ditos culturais sempre estarão a serviço da identidade como sinais diacríticos, diferenciadores, manejados pelos indivíduos e grupos para marcar simbolicamente suas respectivas especificidades” (Cardoso de Oliveira, 2005, p.11). Assim entendido, as identidades são construídas a partir das diferenças, isto é, das fronteiras étnicas, e reforçam a identidade de um grupo. Por isso, o contato é o que proporciona o surgimento das fronteiras étnicas dos grupos.

Para que se compreenda estas identidades étnicas, Barth (2000) sugere ao pesquisador trabalhar uma metodologia que fuja de modelos fechados, isto é, daquelas tipologias que fixam formas de grupos. A supressão desses modelos, permitirá explorar os diferentes processos envolvidos na geração e manutenção dos grupos étnicos, permitindo-se, com isso, o deslocamento do foco da investigação ao trazê-la para a constituição interna quanto à identificação histórica de cada grupo nos limites das fronteiras étnicas e de sua manutenção. É importante reconhecer que apesar das categorias étnicas levarem em conta diferenças culturais, não podemos pressupor qualquer relação de correspondência simples entre as unidades étnicas, suas semelhanças e diferenças culturais. As características a serem efetivamente levadas em conta não correspondem ao somatório das diferenças “objetivas”; dizem respeito, sim, àquelas que os próprios atores consideram significativas (Barth, 2000, p. 32).

Cabe aqui reforçar a ideia de que para apreender esta diferenciação ou pensar os grupos étnicos bem delimitados, deve-se eleger os elementos que o próprio grupo considera significativo para marcação das diferenças ou elementos semelhantes a outros grupos que ele se considera próximo. Essas fronteiras, que são o ponto central da discussão de Barth (2000), são as fronteiras sociais, embora, para ele, isto tenha como contrapartida a fronteira territorial. Existem critérios de pertencimento a um determinado grupo, como também pode servir para sinalizar a exclusão ou o *não* pertencimento, ocasionado nas referidas fronteiras.

As delimitações dos grupos étnicos não são apenas definidas ou necessariamente baseadas na ocupação de territórios exclusivos; elas podem ser mantidas não só pela forma de recrutamento, mas como elas se expressam e são validadas continuamente. A fronteira étnica canaliza a vida social de um grupo, “ela implica uma organização, na maior parte das vezes bastante complexa, do comportamento e das relações sociais” (ibid., p. 34). Neste sentido, Barth (2000) utiliza-se da metáfora de um jogo, no qual a identificação de um sujeito com um grupo étnico parte da ideia de que se “jogue o mesmo jogo”. A propósito disso, a fronteira étnica “consiste numa fronteira política materializada nos marcos ou reavivamento de pedras de rumo e de limites naturais, cuja simbologia é acionada para fixar as diferenças” (Almeida, 2011, p. 95).

A reflexão sobre territorialidade na Antropologia pode ser vista também a partir de Almeida (2008). Segundo este autor, a territorialidade funciona como um fator de identificação, defesa e força, mesmo quando se trata de apropriação provisória dos recursos naturais pelos grupos sociais. As relações desses grupos são baseadas em laços solidários e de ajuda mútua delimitada fisicamente que consideram comum, essencial e inalienável. Almeida (*ibid*) inclui em sua discussão as categorias de territorialização e territorialidade a respeito das quais recupera de Oliveira esses termos e constrói uma noção prática designada como “territorialidade específica” para nomear as delimitações físicas de determinadas unidades sociais que compõem os meandros de territórios etnicamente configurados. A partir disso, Almeida trabalha o conceito de “territorialidades específicas”, entendendo-as sob a perspectiva de “territorialidades que podem ser consideradas como resultantes de diferentes processos sociais de territorialização e como delimitando dinamicamente terras de pertencimento coletivo que convergem para um território” (Almeida, 2008, p. 29).

Podemos aferir nessas análises dois relevantes pontos a serem debatidos: um deles é o reconhecimento territorial a partir dessa “nova cartografia”; o outro está relacionado a uma episteme de construção do conhecimento no campo científico. Apresentar esse novo cânone epistêmico em construção, é fazer uma crítica à ciência erudita já consolidada e ao mesmo tempo considerar o que já foi produzido pelos chamados “pensadores do conhecimento”. Essa preocupação já estava mencionada por Bourdieu (1998)⁴⁶ ao criticar que essa “nova” construção do saber poderia causar a perda de anos que foram investidos ao conhecimento intelectual, no entanto, o próprio autor assevera crítica ao modelo racionalista científico universal, que se autoproclama como “detentor do conhecimento” afim de legitimar a violência simbólica imposta por esse monopólio. Desta feita é que surge o termo “nova cartografia social⁴⁷”.

Partindo dessas análises procuramos apresentar situação concreta em que essa autcartografia se apresenta como instrumento de luta por autoafirmação, cujas categorias étnicas e as intervenções de pesquisa constam das reflexões trazidas nos itens posteriores.

⁴⁶ Bourdieu, Pierre – *Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal*. 1998, Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor.

⁴⁷ Ao contrário de qualquer significação única, dicionarizada e fechada, a ideia de “nova” visa propiciar uma pluralidade de entradas a uma descrição aberta, conectável em todas as suas dimensões, e voltada para múltiplas “experimentações” fundadas, sobretudo, num conhecimento mais detido de realidades localizadas. A verificação in loco de situações empiricamente observáveis remete a relações de pesquisa entre os investigadores e os agentes sociais estudados, que no caso em pauta do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia referem-se às comunidades tradicionais, cujos efeitos se manifestam, de maneira diferenciada, nos resultados obtidos. Esta descrição de pretensão plural compreende práticas de trabalho de campo e relações em planos sociais diversos, que envolvem múltiplos agentes, os quais contribuiriam na descrição com suas narrativas míticas, suas sequências cerimoniais, suas modalidades próprias de uso dos recursos naturais e seus atos e modos intrínsecos de percepção de categorias (tempo, espaço) e objetos.

3.3 Quebradeiras de coco babaçu: o protagonismo feminino sob a ótica do movimento político-organizativo

A Constituição Federal Brasileira-CF/1988, possibilitou a criação de novas formas organizativas entrelaçadas pelos movimentos sociais. Entre esses movimentos surgiu a especificação da identidade coletiva das quebradeiras de coco babaçu. Essa categoria não é citada por acaso, pois seus processos de construção histórica se destacam anteriormente à criação do PNCSA. Para além da Constituição de 1988, estudos informam que esse protagonismo feminino ganha força e notoriedade desde as intervenções de pesquisa realizadas no âmbito do Projeto a partir dos anos de 2004-2005.

A partir das análises realizadas nas cartografias com quebradeiras de coco babaçu, foi possível ter uma visão panorâmica das lutas pelo reconhecimento identitário travadas há décadas por esse grupo étnico. Nos primeiros registros em cartografias relacionados à publicação de Fascículos – resultantes das Oficinas de Mapa Social, conduzidas pelo PNCSA –, é possível identificar a impressão das quebradeiras de coco babaçu, conforme consta de narrativas das interlocutoras vinculadas ao MIQCB-Piauí⁴⁸:

“Este fascículo mostra claramente a situação em que se encontram as quebradeiras de coco babaçu da região norte do estado do Piauí. Devemos buscar novas formas de produção que não seja pela utilização de veneno, pela devastação, pela venda do coco inteiro e pela derrubada dos cachos verdes, e sim por tecnologias apropriadas e sustentáveis. Por fim, demonstramos aqui nossa realidade e o nosso desejo de mudança, acreditando que a organização é base para a conquista de uma vida digna.” (Fascículo Nº 01, p.03 da Série: Movimentos Sociais, identidade Coletiva e Conflitos-Quebradeiras de coco babaçu do Piauí-São Luís, 2005).

Nas análises dos dados levantados das produções de Livros, Fascículos, Boletins e Cadernos foi possível pontuar cerca de 20 materiais produzidos a respeito das quebradeiras de coco babaçu, conforme Quadro Nº 61, acima registrado. Aliás, é enfática a fala em que outra agente social manifesta a importância da pesquisa como um instrumento da luta por reconhecimento. “[...] A pesquisa é um grande avanço para o trabalho do regional, se não fica só no papel, a pesquisa ajuda, pois precisamos repassar as informações umas para as outras⁴⁹”

⁴⁸ Domingas de Fátima Freitas, Helena Gomes da Silva, Diana Maria Souza, e Francisca Rodrigues dos Santos, coordenadoras do MIQCB – Piauí.

⁴⁹ Dona Maria Santana de Lima Campos - Quebradeira de coco babaçu (Fascículo Nº 2, p. 03 da Série: Movimentos Sociais, identidade Coletiva e Conflitos-Quebradeiras de coco babaçu do Mearim-São Luís, 2005).

(Fascículo Nº 2, p. 03 da Série: Movimentos Sociais, identidade Coletiva e Conflitos-Quebradeiras de coco babaçu do Mearim-São Luís, 2005).

Na atualidade é possível perceber a consolidação de propósitos alcançados ao longo do processo de construção político-organizativa, cujas produções resultantes da realização de intervenções de pesquisa deu notoriedade ao protagonismo feminino engendrado pelas quebradeiras de coco babaçu. Nas análises das produções e no acesso ao site do PNCSA, há que se notar alguns pontos relevantes que possibilitaram o reconhecimento desse protagonismo feminino, entre os quais se destacam a condição do *ser* mulher, mãe, extrativista, bem como se tem por ênfase o conhecimento tradicional acumulado sobre os recursos naturais, sendo estes imprescindíveis para a existência material e, portanto, diz respeito às condições econômica e social da produção e comercialização do coco babaçu.

Com a criação e a organização do Movimento Interestadual de Quebradeiras de Coco Babaçu-MIQCB⁵⁰, foi possível promover mobilizações políticas para além das fronteiras estaduais⁵¹. Essa força organizativa proporcionou condições de diálogo junto às instâncias jurídicas do Estado; uma espécie de acordo tácito a imprimir formas de respeitabilidade quanto aos direitos étnicos e aos critérios a serem respeitados no âmbito da produção extrativista, bem como na comercialização do coco babaçu e de seus derivados. Trata-se da garantia de direitos, próprios do gênero, cujas lutas por autoafirmação tem enfrentado sérios entraves por adentrar num campo de discussão anteriormente composto por homens, fato que gerando certa forma de desconfiança quanto a esse protagonismo feminino. Todavia, em meio a esses entraves, há que considerar outras instâncias que tem favorecido o movimento político de mulheres, a exemplo das conquistas no âmbito internacional, através das quais se tem conquistado certo reconhecimento e apoio financeiro, possibilitando, com isso, novas formas de acesso a políticas públicas própria do movimento feminino.

A propósito dessas conquistas, registam-se os minuciosos trabalhos realizados por pesquisadores vinculados ao PNCSA, com apoio das Universidade Federais: do Amazonas-UFAM; do Sul e Sudeste do Pará-UNIFESSPA; do Tocantins-UFT, do Pará-UFPA; e das

⁵⁰ Em 1991, com a ajuda de organizações não governamentais, as quebradeiras articularam o primeiro Encontro Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu, em São Luís (MA), o qual resultou na criação da Articulação das Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu. Em 1995, no II Encontro Interestadual, o nome foi mudado para Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB). As articulações ao longo de décadas promoveram a autonomia econômica de muitas mulheres, além do aumento do capital social das comunidades e o desenvolvimento de lideranças capazes de articular com órgãos governamentais em prol de direitos. Cf. apresentado em pesquisa do <https://miqcb.org/sobre-nos>

⁵¹ As reflexões de Barth (2005) sobre fronteiras étnicas podem ser resgatadas para a compreensão sobre as referidas fronteiras estaduais.

Universidades Estaduais: do Amazonas-UEA; do Maranhão-UEMA. Adiciona-se a essas intervenções de pesquisa a colaboração imprescindível das quebradeiras de coco babaçu, cujas produções permitiram apontar dados precisos quanto às localizações territoriais, bem como foi possível proceder a análise acerca do processo de gênese social dessa identidade étnica e as formas de atividades produtivas resultantes da extração e comercialização de coco babaçu.

Para efeito ilustrativo, registra-se, aqui, uma das atividades resultantes de parcerias construídas a partir da intervenção de pesquisa que culminou na produção do mapa “Nova Cartografia Social dos Babaçuais: Mapeamento Social da Região Ecológica do Babaçu”, realizada em São Luiz do Maranhão, momento em que foi entregue em versão impressa às quebradeiras de coco babaçu, no dia 22 de novembro de 2016,⁵² conforme figura abaixo.

Figura 61 - Intervenção de pesquisa: encontro das quebradeiras de coco babaçu para entrega do mapa situacional.



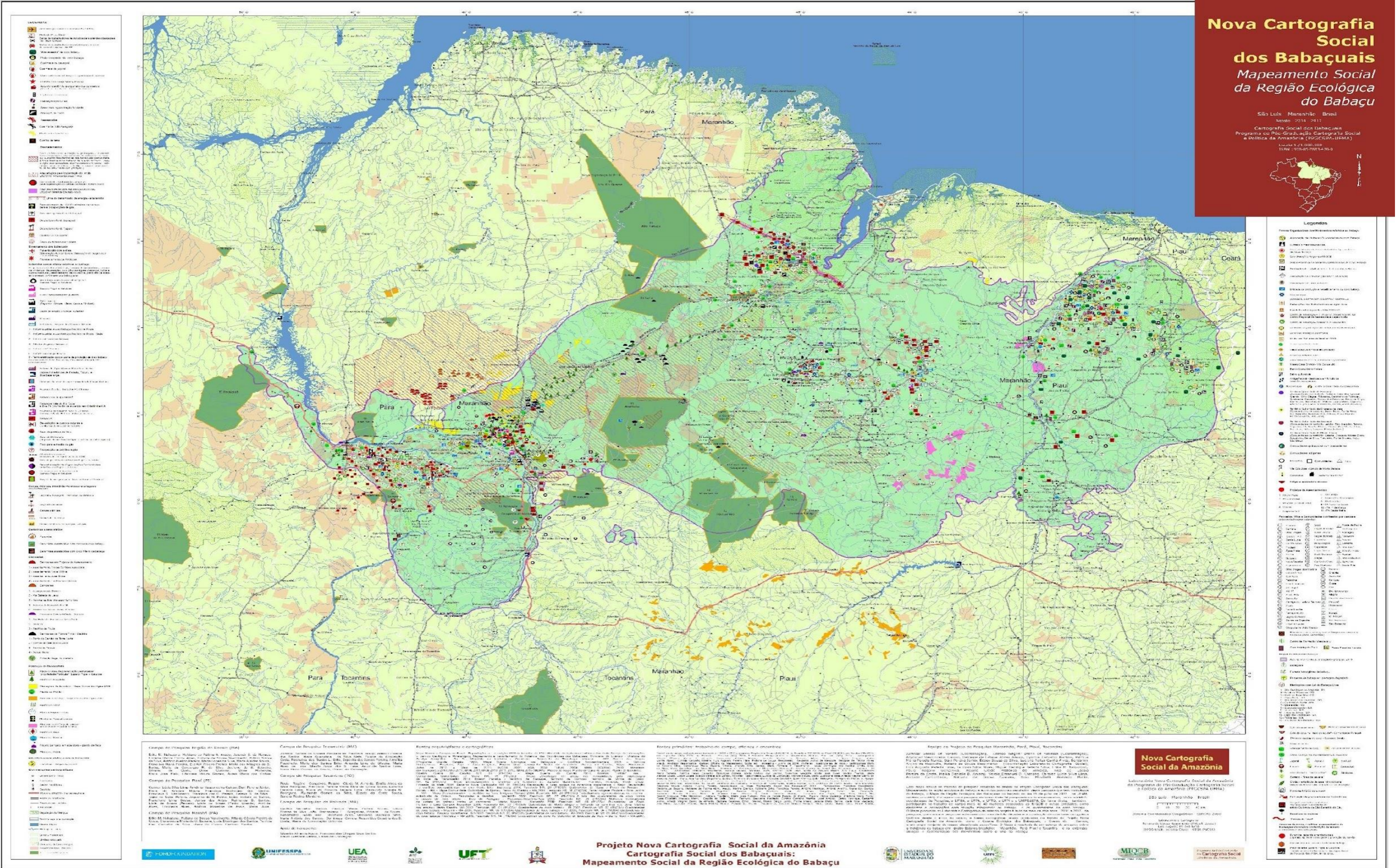
Fonte: PNCSA, 2024.

De acordo com análises, no Mapa 3, abaixo registrado, é possível identificar um crescimento consideravelmente extraordinário de áreas mapeadas da Cartografia dos Babaçuais entre os anos de 2005 a 2018. Por isso mesmo, torna-se evidente que esse movimento político-organizativo vem se notabilizando ao ressignificar, socialmente, suas modalidades de produção

⁵² Mapa “Nova Cartografia Social Dos Babaçuais” Entregue em Versão Impressa às Quebradeiras De Coco Babaçu em São Luís – MA. Pesquisado em [Http://Novacartografiasocial.Com.Br/Mapa-Nova-Cartografia-Social-Dos-Babacuais-Entregue-Em-Versao-Impressa-As-Quebradeiras-De-Coco-Babacu-Em-Sao-Luis-Ma/](http://Novacartografiasocial.Com.Br/Mapa-Nova-Cartografia-Social-Dos-Babacuais-Entregue-Em-Versao-Impressa-As-Quebradeiras-De-Coco-Babacu-Em-Sao-Luis-Ma/) em 05/01/2024.

extrativista, condição firmada por via da representatividade desse protagonismo construído por essas quebradeiras de coco babaçu.

Mapa3- Cartografia dos Babaçuais.



Fonte: FNCSA. Disponível em: <http://novacartografiasocial.com.br/download/mapa-nova-cartografia-social-dos-babacuais/>

A reconfiguração da forma organizativa do MIQCB, tem se mostrado pujante na luta pela conquista e fixação em seu espaço social. Essa reivindicação de direitos encontra amparo nas leis aprovadas em favor da preservação das palmeiras de babaçu⁵³, bem como fixa compromissos quanto à consolidação de titulação de Terras⁵⁴.

Atualmente esse movimento tem estudado a possibilidade de construir, coletivamente, certos conceitos voltados para as atividades educacionais, cuja especificidade inerente à consolidação de direitos étnicos permita construir suporte para elaboração de um plano político-pedagógico, condição emergencial para a organização político-social das quebradeiras de coco babaçu.

A partir dessa reconfiguração político-organizativa, dar-se-á o rito de passagem propício à situação, sendo este o elo pelo qual as mulheres, anteriormente vista numa posição de antagonismo estático de extrativismo, se destacam politicamente por assumirem seu espaço como protagonistas, levando-se em conta a questão de gênero a ser incorporada nesse processo de luta, materializado na força do protagonismo construído no decorrer dos anos.

Ao apontar a trajetória da produção científica relacionada às quebradeiras de coco babaçu, isto tem sido relevante no processo de dar vez e voz às mulheres em face dos desdobramentos político-organizativos de sua identidade coletiva, frente à complexidade dos seus trabalhos (Gorz, 2005).

Em 2023 foi realizado o IX ENCONTRÃO DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU⁵⁵, intitulado “Quebradeira de Coco Babaçu, rompendo barreiras”, conforme encarte abaixo registrado na Figura 62.

⁵³ Lei Municipal nº 934/2004, que “dispõe sobre a preservação das palmeiras de babaçu no município de São Domingos do Araguaia, Estado do Pará, e dá outras providências.”

⁵⁴ Lei nº 7.295 de 10 de dezembro de 2019, Piauí.

⁵⁵ Com o objetivo de dialogar com base das quebradeiras de coco babaçu nas Regionais do Pará, Tocantins, Piauí, Imperatriz-MA, Mearim/Cocais-MA e Baixada Maranhense, o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) realizou, no mês de dezembro de 2022, o IX Encontro das Quebradeiras de Coco Babaçu. O evento teve como tema: Quebradeiras de coco rompendo barreira. E Lema: Semando Resistência para o Bem Viver nos territórios. No chamado encontrinho foi celebrado a aprovação da Lei nº 7.888, de 09 de Dezembro de 2022, quais seja entre os dias 12 a 14 de julho de 2023 a realização do IX Encontrão

Figura 62 - Encarte do IX encontro das Quebradeiras de Coco Babaçu.



Fonte: Site do MIQCB⁵⁶

Tais iniciativas certamente tem fortalecido o movimento político desse grupo étnico, imprimindo à luta suas ressignificações que perpassam as formas de existência material; síntese histórica das produções extrativistas e comerciais das quebradeiras de coco babaçu, fato através do qual se percebe a construção social, ativamente engendrada no sentido de superação da invisibilidade a que toram submetidas.

Os incentivos conquistados por meio de fomentos econômicos contribuíram para a criação do Projeto Cartografia Social do Babaçuais, possibilitando a construção de um mapeamento acurado sobre a existência dessa comunidade (Vide Figura 62).

Ao acessar a coleção de livros referentes a quebradeiras de coco babaçu, verificou-se que há quatro narrativas que identificam as lutas vivenciadas por representantes do MIQCB. Dizem respeito às declarações de mulheres que expressam inúmeras dificuldades cotidianas, bem como fazem referência às conquistas alcançadas em meio a situações de conflito face à violação e de seus direitos étnicos e territoriais.

Narrativa da interlocutora Silva Neta⁵⁷:

[..] O sindicato é dos trabalhadores rurais, por que a gente não é sócio?” “Por que a gente não se associa nisso?” “O que tem a ver?” E foi aí que a gente descobriu que o sindicato daqui de Imperatriz não associava mulher. Aí a gente começou uma oposição sindical. Na época eram muitos companheiros que tinham essa mesma indagação [...] A gente começou esse trabalho com essa documentação de mapa. E o

⁵⁶<https://www.miqcb.org/post/muita-anima%C3%A7%C3%A3o-marcou-o-primeiro-dia-do-ix-encontr%C3%A3o-das-quebradeiras-de-coco-baba%C3%A7u>, pesquisado em 18 de dezembro de 2023.

⁵⁷ Consultar livro Maria Querobina da Silva Neta, autora do livro. Sou uma Mulher Praticamente Livre, disponível em <http://novacartografiasocial.com.br/download/01-sou-uma-mulher-praticamente-livre-maria-querobina-da-silva-neta/>

mapa pra mim é uma coisa de visibilidade. [...] Mas se você bota isso no mapa. Isso aqui foi a comunidade, tinha tantos moradores e que viveram aqui tantos anos e hoje não existem mais. Por que? Ai veio a curiosidade, também por que saíram dali. Então são essas coisas pra gente continuar vivenciando o que nós perdemos. Ainda outro dia na oficina que o Nova Cartografia trabalhou a Convenção 69. E que a gente se deparou com um artigo dentro da lei, que a gente dizia assim “Olha rapaz, o pessoal do Olho D’água, da Coquelândia é igualzinho os índios. É igualzinho os negros, porque esse povo não se frecharam para lutar pelo que era deles?. porque eles têm direito de usucapião, porque eles foi quem criaram. Deixaram tudo por causa da falta de informação, falta de vontade política dos governantes, de quem se identifica como representante do povo. São essas e outras mais que nós tentamos alinhar para não cair no esquecimento de uma vez por todas. E o mapa pra mim é um retrato falado. (Silva Neta, 2018, p.65-66)

Narrativa da interlocutora Oliveira⁵⁸.

Nossos pais eram maranhenses e hoje o Pará tem quebradeira de coco, mas não é reconhecida, nem valorizada. E também a função é bem diferente, quando aqui não é só quebrar coco que sustenta nossa família. Tem mais dinheiro. Enquanto nas outras regiões: no Maranhão, no Tocantins, no Piauí, as mulheres se dedicam a cuidar de suas famílias, a procurar dias melhores têm como profissão e como renda quase principal de sua vida é quebrar coco.

E esses estudos nos mostraram a importância do nosso trabalho. Como mulheres fez a gente se sentir, pessoas, que, a gente não se sentia. Fez a gente conhecer nossos direitos, cumprir nossos deveres e fazer parte dessa sociedade que a gente fazia de uma forma sem conhecimento. (Oliveira, 2017, p.156);

Narrativa da interlocutora Santos⁵⁹:

Esse projeto da Nova Cartografia foi uma coisa maravilhosa, foi onde a gente do MIQCB foi tomar pé de saber como era muita coisa. Tinha umas coisas que a gente não tinha consciência que existia. Através da cartografia tomamos novos rumos e novos passos. Foi aí que descobrimos onde tem as quebradeiras e onde têm os babaçuais. É assim, muita gente dizia que em um lugar como Bom Jesus (sul do Piauí) não tinha babaçu e através da cartografia foi descoberto que lá também tem babaçu. Em vários lugares tem babaçu, isso foi maravilhoso para nós e para eu conhecer. [...] Outra coisa: é importante fazer essas pesquisas junto com a gente e depois vir mostrar o resultado do trabalho que vocês fazem, o resultado da entrevista que fazem com a gente. Eu agradeço. E fazer o mapa também é bom, pois a gente passa a ter consciência de onde tem tudo. Isso é muito importante. É como diz a história: o mapa é um guia para a gente. Os mapas conseguem ajudar a gente, com ele temos uma luz nas mãos, luz para nos guiar onde está escuro. Os mapas são os nossos guias. Hoje eu estou aqui, mas amanhã eu posso não estar. Então tem que ter esses guias para mostrar esse momento. Foi muito bom apresentar o mapa para as autoridades. Às vezes as pessoas não tem conhecimento das situações e das pessoas que lutaram. Nós é que trabalhamos para o Brasil, certo? A gente é quem trabalhou e trabalha, é preciso que eles reconheçam. É um direito de todo trabalhador e trabalhadora contar a sua história (Santos, 2017, p. 118-19).

Nas análises das Narrativas das quebradeiras de coco babaçu, é possível asseverar que, e as conquistas alcançadas, se intensificaram com a utilização correta no manejo, na

⁵⁸ Oliveira, Cledeuza Maria Bizerra. Sou Filha de Quebradeira de Coco. Disponível em: <http://novacartografiasocial.com.br/download/02-sou-filha-de-quebradeira-de-coco/>

⁵⁹ Santos, Francisca Rodrigues dos. Chica Lera: a história dos movimentos sociais e a luta das Quebradeiras de coco babaçu no Piauí. Disponível em: <http://novacartografiasocial.com.br/download/03-chica-lera-a-historia-dos-movimentos-sociais-e-a-luta-das-quebradeiras-de-coco-babacu-no-piaui-francisca-rodrigues-dos-santos/>

comercialização de seus produtos e no conhecimento de seus direitos, neste sentido, proporcionando instrumentos de lutas à sua forma organizativa face aos atos de Estado.

3.4 Narrativa quilombola: a luta por direitos étnicos e pela titulação fundiária de terras tradicionalmente ocupadas

Nas análises realizadas dentre os grupos organizativos abordados pelo PNCSA, verificamos o quantitativo de 97 (noventa e sete) produções referentes ao termo *quilombo*. Pode-se asseverar que essa questão representa, de certa forma, um cenário de lutas fortalecidas no decorrer dos anos. No Brasil, historicamente, o termo *quilombo* se volta para resistência contra o Estado que permitia a imobilização da força de trabalho levando a população negra a condições sub-humana de *escravidão* extremas, impedindo a autonomia produtiva da terra (Marin *et al*, 2019).

Com a promulgação da Constituição Federal Brasileira de 1988, o Art. 68, dos Atos das Disposições Constitucionais Transitórias-ADCT, prevê que: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”.

Soma-se a essa prerrogativa constitucional a aprovação do Decreto N°. 4.887/2003⁶⁰ assinado pelo então Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Através desse marco regulatório é que se dá a operacionalização administrativa sobre os trâmites dos direitos étnicos e territoriais atribuídos aos remanescentes de quilombo que estejam ocupando aquelas terras por eles tradicionalmente ocupadas. Através dos aportes constitucionais é possível compreender a possibilidade dessa luta no interior dos critérios jurídicos, sobretudo para desconstruir aquelas leis anteriores que reforçava tratar se da existência de interpretações ancoradas, por exemplo, na concepção de “escravos fugido”, pressupondo-se uma população escondida e, portanto, distantes dos grandes centros. Assim, para construir o conceito de identidade e autoafirmação dos chamados quilombos faz-se necessário, conforme Almeida (2011, p. 43): “buscar através do consenso do coletivo ações que se transformaram em história e nela fez-se verdade”. A propósito:

Cada grupo tem sua própria história, legitimando sua condição, construiu sua identidade coletiva a partir dela. Existe, pois, uma atualidade dos quilombos deslocada de seu campo de significação “original”, isto é, da atriz colonial. Quilombo se mescla com conflito, com confronto, com emergência de identidade (...) A dimensão histórica

⁶⁰ Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias-ADCT.

e arqueológica dos quilombos cede lugar a esta atualidade de mobilização política (Almeida, 2011, p. 43 e 95).

Após 35 anos da criação da CF/88, podemos aferir o quanto esse reconhecimento tem alavancado uma luta histórica, a ponto de, na contagem do CENSO do IBGE/2022⁶¹, se tem o registro de que no Brasil há cerca de 1,3 milhão de pessoas que se autodeclaram quilombolas. Trata-se de um marco na história do Brasil que traz para visibilidade a possibilidade da garantia de assegurar um leque de políticas públicas, extensivas aos direitos étnicos e territoriais conquistados. Aliás, não se trata apenas de uma estatística, mas do reconhecimento da existência desse grupo étnico, fato que assegura, sim, uma vitória do movimento organizativo diante do Estado.

Verifica-se que as lutas do coletivo quilombola vão para além do reconhecimento identitário ocorrido em meio aos conflitos impregnados de ameaças pelas quais, em caso extremos, registam-se mortes por execução contra aqueles que se “autodeclaram” como quilombolas, daí a importância das titulações de terra como algo fundamental para assegurar tais direitos constitucionais. A afirmação reiteradamente colocada por Almeida (2011, p. 49) sintetiza tais fundamentos acerca de uma ordem de fatos. Diz o autor: “A ação coletiva aqui não dissocia lutas econômicas de afirmação identitária, nem tampouco território de identidade”.

A relação de pesquisa mencionada no Capítulo II, possibilita uma análise detida de situações vivenciadas nos quilombos. Essas experiências foram aprofundadas em relatórios antropológicos, ou estão registradas nas Dissertações e Teses permitindo uma gama de informações sobre a questão das lutas que se travam nesses territórios.

Através das cartografias sociais realizadas junto a essas comunidades tradicionais é possível observar como esta atuação vem se desdobrando há décadas. Nos três primeiros anos de criação do PNCSA, foram identificadas cerca de 20 (vinte) comunidades que, a partir das Oficinas de Mapas Sociais, coordenadas pelo Projeto, tiveram suas Certidões de Autodeclarações Identitárias emitidas pela Fundação Cultural Palmares-FCP, atribuindo-lhes, com isso, a designação oficial de *comunidades remanescentes de quilombos*, condição preliminarmente necessária para compor o processo de Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Uma exigência relativa aos trâmites administrativos no que se refere à solicitação da titulação fundiária de terras tradicionalmente ocupada, conforme prevê o Art. 68 da CF/88. Trata-se, portanto, de conquistas alcançadas pelos agentes sociais que, através de seus segmentos

⁶¹<https://censo2022.ibge.gov.br/noticias-por-estado/37489-ibge-divulga-retrato-ineditosobre-quilombolas-e-ressalta-modelo-de-consulta-as-liderancas-dessa-populacao>

representativos, solicitaram ao PNCSA o mapeamento situacional de seus territórios, produto, este, resultante das Oficinas de Mapas realizadas nas respectivas comunidades. Atualmente, tais atividades estão objetivadas na produção e publicação de Fascículos, Boletins e Cadernos.

Em 2006, foi lançado o livro “Os quilombos e a Base de lançamento de foguetes de Alcântara”. Esse livro baseado em laudo antropológico sofreu grande pressão por se colocar contra os Atos do Estado, em rebatimento, inclusive, à teoria “desenvolvimentista”. Assim procedendo, a luta das comunidades remanescentes de quilombo em Alcântara ganhou força nas instâncias jurídicas internacionais. Dado o acúmulo de situações que perpassam o agravamento de conflitos sociais ali instalados e, embora os pedidos de desculpas advindos do Estado Brasileiro, ainda há muito a se fazer, enquanto se procrastina a emissão da titulação fundiária daquele território.

Em um dos primeiros fascículos produzido pelo PNCSA em 2006, na fala da senhora Luiza Betânia⁶², expressa a importância da luta e apoio das comunidades envolvidas:

Nós iniciamos uma luta, luta esta que temos que estar unidos, nos juntar e lutar, mas lutar pelo território. Território das comunidades quilombolas de Salvaterra. Não podemos pedir, terra por exemplo só para Bacabal. Temos que pedir terras para todos, falar a mesma língua. Temos que nos reunir com frequência para conseguir os nossos objetivos; não é cada um por si e sim cada um por todos, e todos por um que é o território quilombola de Salvaterra.” (Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos, Fascículo 7: Quilombolas da Ilha de Marajó, 2006, p. 3).

Ao se discutir a categoria quilombo, podemos asseverar certa transformação em suas relações políticos-organizativas que tem sido expressiva no decorrer dos anos, alcançando até mesmo o alto escalão do governo, com o chamado Ministério da Igualdade Racial-MIR⁶³. Isso não significa, no entanto, privilégios adquiridos e, sim, um lugar de possibilidade para luta que, em se tratando de atores coletivos, estes souberam, segundo Acselrad (2017, p. 14): “[...] dar respostas aos desafios da criação de espaços para o exercício de uma política transformadora e, em ambos os casos, em condições extremamente adversas ao desenvolvimento de lutas sociais”.

Em se tratando de atores coletivos, o PNCSA tem acompanhado e possibilitado ferramentas para construção desse conhecimento produzido via intervenção de pesquisa. Essa relação se articula entre pesquisadores ligados às Instituições Públicas de Ensino e a

⁶² Luzia Betânia Alcântara (Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Quilombolas da ilha de Marajó, em 10/12/2005), pesquisado em <http://novacartografiasocial.com.br/download/07-quilombolas-da-ilha-de-marajo-para/>

⁶³ O Ministério da Igualdade Racial, órgão da administração pública federal direta, tem como atribuição elaborar políticas e diretrizes destinadas à promoção da igualdade racial e étnica; políticas de ações afirmativas e combate e superação do racismo; políticas para quilombolas, povos e comunidades tradicionais, entre outras. A pasta foi fundada em janeiro de 2023, após 20 anos do início das políticas de promoção da igualdade racial no Brasil. Site: www.gov.br/igualdaderacial

imprescindível participação dos agentes sociais face ao processo de construção identitária. A propósito, Ranciaro afirma que:

As informações prestadas pelos representantes desses segmentos são cruciais, sobretudo para proceder as análises no que se refere aos desdobramentos das lutas e conquistas resultantes das pautas de reivindicação do movimento organizativo dessas comunidades de remanescente de quilombos (Ranciaro, 2021, p. 54).

Na condição de professora vinculada ao quadro funcional da UFAM e de pesquisadora credenciada junto ao PNCSA, na obra intitulada “Quilombos do Andirá: das travas à abertura dos cadeados”, Ranciaro (2021, p. 56-59) descreve e analisa os processos de construção identitária dos quilombos do Andirá⁶⁴. A autora aponta a relevância do mapeamento social construído a partir da parceria estabelecida entre o PNCSA/Instituições Públicas e os agentes sociais. De acordo com as explicações de Ranciaro, essa construção resultou da demanda encaminhada pela Federação das Organizações Quilombolas do Município de Barreirinha-FOQMB, solicitando ao PNCSA que fosse estudada a possibilidade de realização de uma Oficina de Mapas.

Essa atividade foi realizada em 2013, no quilombo Santa Tereza do Matupiri, área do rio Andirá-Município de Barreirinha/AM. Ao acessarmos o Mapa Social⁶⁵ (Ranciaro, 2021, p. 58) verificou-se que essa elaboração resultou dos croquis elaborados pelos próprios agentes sociais, quando da realização da Oficina de Mapas. Nele, se tem a dimensão do “território quilombola; suas potencialidades quanto aos recursos naturais e, em entre outras, as áreas de conflito agrário” (idem, p. 56). No mapa, é possível identificar, ainda, os 58 itens legendados, permitindo ao leitor compreender a realidade da área que compõe o universo do território quilombola do Andirá.

O livro de Ranciaro (2021), aqui analisado, informa que simultaneamente à Oficina de Mapas, foi realizado o Curso de GPS com o propósito de capacitar uma equipe de quilombolas, ficando os mesmos responsáveis por “bater” os pontos de identificação do território. Por solicitação da referida Federação dos quilombos do Andirá, foi ministrado o Curso sobre a

⁶⁴ A obra é produto da tese de doutorado, intitulada “*Os cadeados não se abriam de primeira: processos de construção identitária e a configuração do território de comunidades quilombolas do Andirá – Município de Barreirinha-Amazonas*”. O trabalho foi defendido em 2016, junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Universidade Federal do Amazonas-PPGAS/UFAM.

⁶⁵ Esse Mapa que consta da obra, foi extraído do Fascículo Nº 4, intitulado “Quilombos do Andirá-Município de Barreirinha-AM. Projeto Mapeamento Social como instrumento de gestão territorial contra o desmatamento e a devastação: processo de capacitação de povos e comunidades tradicionais: quilombolas do Andirá: Santa Tereza do Matupiri, São Pedro, Trindade, Boa Fé e Ituquara - Barreirinha/Amazonas. Equipe de Pesquisa: Maria Magela Mafra de Andrade Ranciaro [et al]. Manaus: UEA, 2014.

Convenção 169/OIT, no quilombo de Santa Tereza do Matupiri, de 26 a 30 de setembro de 2013.

Nos registros da autora, às páginas 258-259, há informações de que uma semana após essa atividade, os quilombos reuniram-se em Assembleia Geral para deliberarem sobre o processo de autoidentificação étnica e, dois meses após o encaminhamento das Atas dessa Assembleia à FCP, ou seja, em novembro de 2013, são emitidas as Certidões de Autodefinição dos Quilombos do Andirá, assinadas pelo então presidente da FCP, senhor José Hamilton Santos de Almeida.

Utilizando como anexo, tanto o Fascículo resultante daquela Oficina, no qual está registrado o Mapa Social dos Quilombos, quanto as Certidões de Autodefinição, em 2014, Maria Amélia dos Santos Castro, então Presidente da FOQMB, emite Ofício ao INCRA solicitando providências referente aos trabalhos do RTID com vistas ao processo de titulação fundiária do território. De acordo com Ranciaro, este trabalho iniciou em 2014, encerrando em 2016 após as conclusões do RTID que tem como documentos fundamentais os dois Relatórios: o Ambiental e o Antropológico (Ranciaro, 2021, p. 257-261).

Se tomarmos por base o ano este ano de 2024, há que admitir a procrastinação referente a esse pleito face aos 08 (oito) anos em que até o presente momento, os quilombos aguardam pela emissão da titulação fundiária desse território tradicionalmente ocupado.

Assim é que se tem uma das questões de embates ao reconhecimento territorial dos quilombos: os conflitos agrários, pecuários etc. Pauta essa discutida amplamente nas instâncias jurídicas do Estado. Aliás, mesmo que se negue a existência dessas comunidades tradicionais ou que se tente deslocar essa identidade coletiva para outra categoria, no caso “ribeirinho”, não os reconhecendo como quilombo, entre outras situações, esta, é, sim, uma outra forma de usurpação de direitos étnicos, embora assegurados constitucionalmente.

Sobre a categoria quilombo, o PNCSA criou uma coleção de livros intitulada ‘Narrativas Quilombolas’ com sete publicações, que apresentam relatos de lutas e conquistas referente ao espaço social que lhe é devido. O lançamento da coleção foi possibilitado com a aprovação do “Projeto Nova Cartografia das Comunidades Quilombolas no Brasil” que também produziu um acervo documental⁶⁶ consistente que propicia compreensões detidas sobre o assunto.

A propósito das análises, resultantes das intervenções de pesquisa realizadas por Ranciaro (2021), junto ao PNCSA, observa-se a relevância dessa construção acadêmica

⁶⁶<http://novacartografiasocial.com.br/download/catalogo-de-fontes-documentais-e-arquivisticas-sobre-comunidades-quilombolas-no-brasil/>

conforme consta da narrativa da agente social, Maria Amélia⁶⁷, então presidente da Federação das Organizações Quilombolas do Município de Barreirinha-FOQMB:

[...] no dia 11 de janeiro de 2013, realizamos uma Assembleia que aprovou o Ofício de pedido nosso pra ser realizada a Oficina de Mapeamento do nosso território e do Curso de GPS. Aí, tá... Levamos pra Cartografia esse nosso pedido e quando foi no dia 14 até o dia 19 de fevereiro de 2013 foi acontecendo esses dois trabalhos, com a presença de mais de sessenta pessoas de todas as cinco comunidades, onde compartilharam essas pessoas da Cartografia junto com a gente [...] e aí foi que aconteceu a história que hoje nós somos (Maria Amélia, 2016, p. 57).

Como se pode averiguar, a história dos quilombos sempre foi marcada com enfrentamentos de lutas e desafios, sobretudo em face dos conflitos travados com aqueles antagonistas históricos, via de regra, associados aos grandes empreendimentos dos agronegócios ou por outros agentes externos vinculados a instituições, sejam elas públicas ou privadas.

⁶⁷ Citação extraída da obra de Maria Amélia dos Santos Castro, intitulada “Trilhas percorridas por uma militante quilombola: vida, luta e resistência!”, Maria Magela Mafra de Andrade Ranciaro, org.; Alfredo Wagner Berno de Almeida, ed., - Rio de Janeiro: Casa 8, 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dada a complexidade que contém a discussão sobre as realidades amazônicas, em seus vários aspectos e dimensões, a pesquisa aqui apresentada fornece resultados concisos e provisórios sobre a formação do pensamento social na Amazônia, abrindo possibilidades para discussões e reflexões posteriores.

Vários fatores possibilitaram para que essas discussões ganhassem o seu significado científico, dentre os quais destacam-se: o *locus* da pesquisa referente ao espaço físico que, na cidade de Manaus, abriga o PNCSA; a interlocução estabelecida com os autores cujos conceitos adotados permitiram assegurar a fundamentação teórica adotada; as orientações obtidas quanto ao teor dos temas, entre outros, com destaque à compreensão sobre *identidade, conflito, território e territorialidade*; e as intervenções de pesquisa, articuladas às narrativas dos agentes sociais extraídas das mais diversas produções literárias conduzidas pelo PNCSA.

Cada passo dessa trilha constituiu-se num verdadeiro repertório interpretativo que, associado aos dados quantitativos – registrados por meio das dezenas de quadros e figuras –, tais dados propiciaram condições para debruçar-me sobre as mais diferentes interpretações acerca do objeto refletido e analisado ao longo do processo de construção da presente dissertação, obedecendo ao cumprimento do prazo estabelecido pelo PPGSCA.

A partir das análises realizadas no Capítulo I relativas às noções, tanto epistêmicas quanto operacionais acerca do conceito de *cartografia social* é possível inferir, resumidamente, que a Amazônia apresenta uma pluralidade alargada e que se espraia rumo a diversos conceitos fundados numa visão contrária à conservadora ideia biologizada acerca de sua própria existência. Por via dessas inovadoras modalidades de intervenções de pesquisa, rompe-se definitivamente com concepções estáticas, acionando, assim, conceitos que incidem perceber a dinâmica que se estabelece entre as contraditórias relações estabelecidas no âmbito das condições de vida e trabalho daqueles agentes sociais, a respeito dos quais foi possível perceber que os mesmos se recusam à passividade e aceitação voluntária acerca dos conflitos resultantes da negação dos direitos étnicos e territoriais a eles imputados.

Isso reforça a ideia de que na interpretação das produções técnico-científicas foi possível identificar, além do quantitativo, as ações que se realizam num determinado núcleo de pesquisa. São mobilizações que extrapolam os limites deste vasto território brasileiro, alcançando reconhecida interlocução de âmbito internacional, face à busca pelo reconhecimento étnico e pela valorização do conhecimento tradicional, que se concretiza nas mais diversificadas formas de pesquisas conforme demandam as mais diversas peculiaridades regionais; uma qualidade

admiravelmente registrada em livros, fascículos, artigos e ensaios, doravante destaque dado e análise feita ao longo desta pesquisa.

Reitera-se, portanto, a convicção que se tem sobre a importância dos levantamentos apresentados nos quadros, gráficos e imagens. Trata-se de um procedimento metodológico imprescindível para o aprofundamento das análises que caracterizam as intenções, propósitos e objetivos da presente dissertação. Tais iniciativas podem ser verificadas nos dados computados de forma quantitativa e analítica e, que, uma vez sistematizados, tais produções propiciaram a fundamentação teórico-interpretativa, conforme se verifica a seguir nos II e III Capítulos.

No Capítulo II, destacam-se os dados analíticos assim identificados: a) Apresenta a dinâmica relacional na construção das pesquisas, que apontou os agentes sociais como protagonistas de suas próprias histórias. Nessas produções foram contabilizados mais de 5.000 (cinco mil) agentes sociais envolvidos e registrados nos fascículos, boletins e cadernos, isso não considerando aqueles envolvidos na produções de livros, dados a respeito dos quais é possível identificar o extraordinário alcance da pesquisa científica; b) As produções científicas construídas estão registradas a partir das cartografias sociais que revelam como os povos e comunidades tradicionais tem utilizado essas pesquisas como instrumento de luta. As discussões constantes deste capítulo destacam, ainda, as formas de existência no interior daqueles territórios, além de que é possível identificar que as práticas da *autocartografia* se ligam imediatamente à construção da emancipação política de povos e comunidades tradicionais e, portanto, há que perceber a quebra da política de tutela e/ou do monopólio, antes em poder do Estado, levando os agentes sociais a lutarem pela conquista de sua autonomia e autoafirmação identitária. Deste modo, tais atos de resistência, em síntese podem ser vislumbrados pelos dados da pesquisa que identificou, no âmbito do PNCSA, 319 (trezentos e dezenove) mapas, cuja produção acadêmica compreende uma descrição detalhada, de características etnográficas, abrangendo praticamente toda a Amazônia Legal, se estendendo por áreas do território internacional, ou seja, transcendendo ao bioma, incorporando agentes sociais de uma região bem mais ampla e igualmente complexa. Dados esses apresentados nos mapas n° 01 e 02.

No Capítulo III, dois assuntos se destacam: a) Das centenas de publicações existentes e mapeadas, para efeito de análise mais acurada acerca das intervenções de pesquisa e, tendo por base os 319 (trezentos e dezenove) registros constantes do Capítulo II, foi possível analisar as ações de dois grupos étnicos, quis sejam: a) uma intervenção de pesquisa diz respeito aos trabalhos das quebradeiras de coco babaçu, trabalho, este, voltado especificamente para a luta de gênero feminino; b) outra intervenção se refere à explanação acerca dos direitos étnicos, com

ênfase nas propostas do movimento político-organizativo que se volta para a titulação fundiária de territórios tradicionalmente ocupados pelos quilombolas. Justifica-se esse critério analítico em razão desses dois grupos étnicos, registrarem maior incidência de pesquisa realizada pelo PNCSA/Instituições Públicas junto a povos e comunidade tradicionais. As reflexões acerca dessa literatura contemporânea vêm sendo construída pelos próprios agentes sociais. Por meio desses trabalhos realizados entre as publicações de fascículos, boletins, livros e cadernos, se tem como registro: 97 (noventa e sete) no que diz respeito aos quilombolas; e 20 (vinte) às quebradeiras de coco babaçu (Vide Quadro 61).

Quanto aos mapas elaborados com rigor e persistência desde o rio Mearim (MA) até o Alto Solimões ou o Alto Rio Negro (AM) constata-se a complexidade deste imenso território brasileiro. Trata-se de cenário de alta complexidade territorial, no qual registram-se grandes lagos e lavrados, além de florestas ombrófilas, várzeas e campina, somando-se às áreas cultivadas com produtos alimentares, áreas extrativas como aquelas das quebradeiras de coco babaçu, seringueiros, castanheiros, piaçabeiros, peconheiros, pescadores, ribeirinhos e quilombolas. Em todas estas regiões a ação de agentes sociais – dedicados à conservação dos recursos naturais e à manutenção de suas terras tradicionalmente ocupadas – revela a construção social de unidades de residência, aldeias e povoados que resistem historicamente às pressões expansionistas das plantações vinculadas aos mercados de *commodities*.

Em síntese, trata-se, aqui, de evidenciar, por via desta pesquisa, o extraordinário repertório de resultados a propiciar conhecimentos amplos acerca de problemas tão característicos de uma região imersa sobretudo em conflitos agrários, promovidos com e pela invasão à região, seja através da fixação de megaprojetos ou pelo descaso do próprio poder público, via de regra, associado a esses empreendimentos.

Assim, agudizam-se os conflitos sociais que nas duas últimas décadas tem abalado tragicamente toda a região, não apenas com atos de violência praticados, entre outros, contra indígenas, ribeirinhos, quilombolas, mas, nos referimos às mudanças climáticas que resultam também de ações humanas. Exemplo dessa agressão diz respeito à poluição de rios e lagos ou das devastações e desmatamentos de florestas e de regiões, com os focos de incêndio, que se espalham por todas as áreas florestadas, deixando as cidades imersas em densas colunas de fumaça, como das recentes consequências enfrentadas tanto em Manaus como em todo o Estado do Amazonas.

Diante desse quadro dramático é que se deve levar em conta o sentido de vanguarda política que perpassa os meandros das produções acadêmicas; da capacidade que os movimentos político-organizativo engendram em face das práticas resultantes das sucessivas

pesquisas aqui registradas, incluindo-se aquelas relativas às vítimas de COVID-19⁶⁸. Trata-se dos registros objetivados em obras científicas que além de registrar como memória a crise pandêmica que se abateu sobre o nosso país – no primeiro trimestre de 2020 – servem também ao propósito de analisar e compreender aquelas situações caóticas que ameaçam a reprodução física e social de povos e comunidades tradicionais.

Do ponto de vista da produção literária engendrada no âmbito das parcerias articuladas entre o PNCSA, os agentes sociais e pesquisadores vinculados às instituições públicas de ensino há que admitir se tratar de um vasto repertório interpretativo cujas produções acadêmicas têm circulado amplamente pelos setores da vida social, sobretudo, através das publicações alcançando um público amplo e difuso. Desta feita, entrega-se ao leitor os mais variados gêneros textuais materializados numa produção estimada em 880 (oitocentos e oitenta) títulos ou publicações, contabilizando, aproximadamente, 800.000 (oitocentos mil) exemplares impressos e distribuídos. Acrescentando-se os acessos com downloads, tem-se um total de 202.251 (duzentos e dois mil, duzentos e cinquenta e um) acessos. Neste montante não estão inclusos “*hits*”, nem consultas sem impressão, que ultrapassam 358.000 (trezentos e cinquenta e oito mil). As distribuições e consultas efetivas totalizam, portanto, 1.003.131 (um milhão, três mil cento e trinta e um) exemplares impressos e *online*.

O somatório dessas ações evidencia a dimensão do alcance das atividades desenvolvidas junto a povos e comunidades tradicionais que, em meio a conflitos e desafios, incorporam formas de resistência política na incessante luta por direitos étnicos e territoriais.

⁶⁸ Trata-se da publicação da obra “Pandemia e Território”, editada em III Volumes, assim organizados: “Pandemia e Território – Volume 1 – Territórios das mobilizações políticas, Territórios de guerra, desastres e políticas econômicas e Territórios indígenas”; “Pandemia e Território – Volume 2 – Territórios quilombolas, Território da segurança pública, Territórios da enfermagem, Territórios de comunidades de fundos e fechos de pasto, de pescadores, de assentados, de raizales e de comunidades atingidas por mineração e Território da ciência”; “Pandemia e Território – Volume 3 – Território da morte, Território da resistência e Território do descarte”

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri. **Cartografias sociais, lutas por terra e lutas por território: um guia de leitura**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2015.

_____. **O lugar e as possibilidades da política: sentidos da cartografia**. Rio de Janeiro/São Luís. Casa 8, 2017.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Terras tradicionalmente ocupadas: Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livres”, “castanhais do povo”**. Manaus, PPGSCA/UFAM, 2006.

_____. **Os Quilombos e a base de lançamento de foguetes de Alcantara: laudo antropológico-Brasília**. MMA, 2006.

_____. **Terras tradicionalmente ocupadas: Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livres”, “castanhais do povo”**. 2ª Edição. Manaus, PPGSCA/UFAM, 2008.

_____. (Orgs)... [et al. **Cadernos de debates Nova Cartografia Social: conhecimentos tradicionais na Pan-Amazônia** /]. – Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia / UEA Edições, 2010.

_____. **Quilombo e Novas Etnias**. Manaus. UEA Edições, 2011.

_____. **O Congresso Nacional e o Desmatamento na Amazônia**, 2014.

_____. **Antropologia da Amazônia: dissonância e desafios à institucionalização**. - 1. Ed. -Manaus: UEA Edições/ PNCSA, 2019.

_____. Marin, Rosa Elizabeth Acevedo. Melo, Eriki Aleixo de. Orgs. **Pandemia e Território**. São Luís: UEMA Edições/ PNCSA, 2020.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas, reflexiones sobre el origen ay la difusión del nacionalismo** / trad. de Eduardo L. Suárez. - México: FCE, 1993.

BALANDIER, G. **“Aspects de l’évolution sociale chez les Fang du Gabon”**, in Cah. Intern. de Soc., volume IX, 1950, p. 82

BARTH, Fredrik. **Ethnic Groups and Boundaries**. Tradução e impressão: Poutignat & Philippe. Teorias da etnicidade. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998. Parte II: Grupos étnicos e suas fronteiras, de Frederik Barth, p.185-228.

_____. **Os grupos étnicos e suas fronteiras**. In: O Guru, o Iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. pp. 25-68.

BAUMAN, Zigmunt, 1925- **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual; tradução, Plínio Dentzien**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2003.

BOLETIM INFORMATIVO Nova Cartografia Social da Amazônia: **O Direito de dizer não à Construção da Hidrelétrica de Marabá**. Ed. 4. Manaus: UEA Edições / PPGAS-UFAM, 2010

BOLETIM INFORMATIVO **Nova Cartografia Social Dos Povos E Comunidades Tradicionais Do Brasil**– Conhecimentos Tradicionais e Mobilizações Políticas: A luta das comunidades tradicionais da Juréia pelo direito de permanência em seu território e manutenção da sua cultura, litoral Sul de São Paulo N. 1 . – Manaus : Editora da UEA.2013.

BOLETIM INFORMATIVO **Mapeamento Social como Instrumento de Gestão Territorial contra o Desmatamento e a Devastação** : processo de capacitação de povos e comunidades tradicionais. – N. 5)-Manaus: UEA Edições, 2014

BOELTIM INFORMATIVO **Proyecto Mapeo Social de Pueblos y Comunidades Tradicional en la Pan-Amazonía**: Una Red Social en Consolidación, N° 2. Manaus: UEA Edições, 2016.

BOLETIM INFORMATIVO Cartografia da Cartografia Social: uma síntese das experiências, N° 11, Manaus: UEA Edições, 2018.

BOLETIM INFORMATIVO **Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central** N° 01, Manaus: UEA Edições/PNCSA, 2019.

BOLETIM INFORMATIVO **Estratégias de Desenvolvimento, Mineração e Desigualdade**. N. 6 (setembro. 2019). – São Luís: UEMA Edições/PPGCSPA/PNCSA, 2020.

BOLETIM INFORMATIVO **Comunidades Tradicionais de Pescadores e Pescadoras Artesanais** N° 02, pescadores e pescadoras artesanais do cânion São Francisco. -- 1. ed. -- Paulo Afonso, BA: Sociedade Brasileira de Ecologia Humana - SABEH, 2020.

BOLETIM INFORMATIVO **Conhecimentos Tradicionais de Povos E Comunidades do Nordeste do Brasil**. Comunidades Geraizeiras e de Fundo e Fecho de Pasto da Bacia do Rio Corrente – N.01 EDUFRB, 2021.

BOLETIM INFORMATIVO **Megaprojetos em Implementação na Amazônia e Impactos na Sociedade e na Natureza** N° 06. Ed. EDUEMA/PPGSPA/PNCSA/2022.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

_____, **A Miséria do Mundo**. 5. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____, **Contrafogos**: táticas para enfrentar a invasão neoliberal. 1998, Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor.

_____, **A economia das trocas simbólicas**. 6 Ed. São Paulo, SP. Perspectiva, 2007.

BORGES, Jorge Luis. **El hacedor**. Buenos Aires, Alianza Editorial, 2016, p.119.

CADERNOS CERU, série 2, v. 25, n. 1, junho de 2014. **A SITUAÇÃO COLONIAL: ABORDAGEM TEÓRICA**, publicado originalmente nos Cahiers internationaux de sociologie, vol. XI, Paris, p. 44-78, 1951.

CADERNOS DE DEBATES NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL: Territórios quilombolas e conflitos /Alfredo Wagner Berno de Almeida (Orgs)... [et al]. – Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia / UEA Edições, 2010.

CADERNO Nova Cartografia Mapeamento Social como Instrumento de Gestão Territorial contra o Desmatamento e a Devastação: processo de capacitação de povos e comunidades tradicionais. – N. 5 - Manaus: EUA Edições, 2014.

CADERNOS Nova Cartografia Social dos Sertões. Articulação Sertão Nuclear: não a Usina em Itacuruba, no Nordeste do Brasil. EDUFRB. 2022.

CANTANI, Afrânio Mendes. **As possibilidades analíticas da noção de campo social.** Educ. Soc., Campinas, v. 32, n. 114, p. 189-202, jan.-mar. 2011

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** – (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1) São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Maria Amélia dos Santos. **Trilhas percorridas por uma militante quilombola: vida, luta e resistência!** ; Maria Magela Mafra de Andrade Ranciano, org.; Alfredo Wagner Berno de Almeida, ed.; Juliene Pereira dos Santos, trans. – Rio de Janeiro: Casa 8, 2016.

CATÁLOGO MAPEAMENTO SOCIAL CONTRA O DESMATAMENTO E A DEVASTAÇÃO. Org. Alfredo Wagner Berno de Almeida, Rosa Elizabeth Acevedo Marin ... [et al.]. – Manaus: UEA Edições, 2015.

CUNHA, Raimundo Lopes (1894-1941). **Raimundo Lopes: dois estudos resgatados.** Org Heloisa Maria Bertol Domingues, Alfredo Wagner Berno de Almeida; prefácio Luiz de Castro Faria. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010. p 174.

CRUZ, Felipe Sotto Maior. **Povos Indígenas, Pesquisa e Descolonização.** Revista Brasileira de Ciências Sociais [online]. 2021, v. 36, n. 105.

DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. **A história das ciências e os saberes na Amazônia.** Rio de Janeiro / São Luís: Casa 08, 2016.

FARIAS, Luiz de Castro. **Antropologia: duas ciências, notas para uma história da antropologia no Brasil.** Org. Alfredo Wagner Berno de Almeida e Heloisa Maria Bertol Domingues- Brasília: CNPq: Rio de Janeiro: MAS, 2006.

FARIAS JÚNIOR, Emmanuel de Almeida ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; (Orgs.) **Nova Cartografia social: povos e comunidades tradicionais.** Manaus: UEA Edições, 2013.

FASCÍCULO Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos N° 7. Casa 8. Manaus. UEA. 2006

FASCÍCULO Movimento Sociais e Conflitos na Cidade. Casa 8. Manaus. UEA. 2008.

FASCÍCULO Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil. Casa 8. Manaus. UEA. 2008.

FASCÍCULO Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil Central N°01, Casa 8. Manaus. UEA. 2008

FASCÍCULO Nº 01 Fundos de Pasto: Nosso jeito de viver no sertão, Casa 8. Manaus. UEA.2012

FASCÍCULO Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil : Comunidades tradicionais caiçaras da Jureia, Iguape-Peruíbe – Manaus : UEA Edições, 2013.

FASCÍCULO Nº 4 Mapeamento social como instrumento de gestão territorial contra o desmatamento e a devastação: processo de capacitação de povos e comunidades tradicionais: quilombolas do rio Andirá:– Manaus: UEA, 2014.

FASCÍCULO Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central – N. 01 Fecho de Brejo Verde na luta por nosso modo de vida – Comunidade de Fecho de pasto Brejo Verde, Bahia N. 01 – Manaus: UEA Edições, 2018.

FASCÍCULO Nova Cartografia Social do Brasil da Comunidade Quilombola de Casinhas: Jeremoabo – Bahia. Paulo Afonso, BA: SABEH, 2020.

FASCÍCULO Nova cartografia social do Nordeste / Quilombo Quingoma / N. 3 . EDUFRB, 2022.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 6.ed. Tradução de Salimas T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 407 p.

_____. M. **A ordem do discurso** 2.ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996. 79 p.

GORZ, André. **O imaterial**: Conhecimento, Valor e Capital. Trad de Celso Azzan Júnior. - São Paulo: Annablume, 2005. 108 p.

GUSFIELD, J. R. **Community** – a critical responde. New York: Harper & Row Publisher,1975.

LIMA, Rosiane Pereira. **Preservação digital e “divulgação científica” na Amazônia**. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia), Manaus 2017.

LIMA, Maria do Socorro Teixeira. **Quebradeira de Coco, Professor e Poeta** - Uma Palmeira de Coco de Babaçu com Muitas Amêndoas. São Luís: EDUEMA, 2021.

LOPES. José Sergio Leite. **Memória e Transformação Social**. Rio de Janeiro / São Luís: Casa 08, 2016.

MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo. **Cadernos de Debates Nova Cartografia Social: Quilombolas, reivindicações e judicialização dos conflitos**. Org. Alfredo Wagner Berno de Almeida... [et al]. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazonia/UEA Edições, 2012.

_____. **Povos Tradicionais no Arquipélago do Marajó e Políticas de Ordenamento Territorial e Ambiental**. Rio de Janeiro: CASA 08, 2015.

MARIN, CARVALHO E ALMEIDA. **Cimarrones, marrons, quilombolas, boni, raizales, garifunas e palenqueros nas Américas** - 1. Ed. Manaus: UEA Edições / PNCSA, 2019.

MARTINS, Cynthia Carvalho [et al.]; autores, Davi Pereira Júnior ... [et al.] organizadores. **Insurreição de saberes: práticas de pesquisa em comunidades tradicionais. Interpretações do Maranhão** /,- Manaus: Universidade do Estado do Amazonas - UEA, 2011.

_____. autores, Davi Pereira Júnior ... [et al.] organizadores. **Insurreição de saberes: práticas de pesquisa em comunidades tradicionais. Interpretações do Maranhão** /,- Manaus: Universidade do Estado do Amazonas - UEA, 2013.

MUSSO, Pierre – “**A Filosofia da Rede**” in TRAMAS DA REDE (Org. PARENTE, André). Porto Alegre. 2004. Ed. Sulina.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de.; BAINES, Stephen Grant (Orgs.). **Nacionalidade e etnicidade em fronteiras**. Brasília: Editora: Universidade de Brasília, 2005. (Coleção América)

OLIVEIRA, João Pacheco. Intervenção Oral na sessão livre “**Cartografia Social e Estratégias de territorialização**”. Recife: XVI ENAMPUR, Recife, 2013)

_____, **Regime tutelar e faccionalismo: política e religião em uma reserva Ticuna**. Rio de Janeiro: CASA 8, 2015.

_____, in FARIAS JÚNIOR, Emmanuel de Almeida ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; (Orgs.) **Nova Cartografia social: povos e comunidades tradicionais**. Manaus: UEA Edições, 2013.p.13.

PALMEIRA, Moacir, in FARIAS JÚNIOR, Emmanuel de Almeida ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; (Orgs.) **Nova Cartografia social: povos e comunidades tradicionais**. Manaus: UEA Edições, 2013.p.155.

PINTO, Lúcio Flávio. **O fim da Amazônia: grilagem e desmatamento** / Prefácio de Rosa Elizabeth Acevedo Marin. – Manaus: UEA Edições, 2014.

RANCIARO, Maria Magela Mafra de Andrade. **Quilombos do Andirá: das travas à abertura dos cadeados**. Manaus: Editora Valer, 2021.

REIS, FERREIRA ARTHUR CEZAR – *IN*: Prefacio. ADONIAS, Isa — **A cartografia da região amazônica**. Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1963. 716 p. Mapas. 27 cm.

SANTOS, Francisca Rodrigues dos. **Chica Lera: a história dos movimentos sociais e a luta das Quebradeiras de coco babaçu no Piauí** - 1. Ed. - Manaus: UEA Edições/ PNCSEA, 2019.

SHIRAIISHI NETO, Joaquim. **Leis do babaçu livre: práticas jurídicas das quebradeiras de coco babaçu e normas correlatas**. Manaus: PPGSCA-UFAM/Fundação Ford, 2006.

_____, **O Direito dos povos e comunidades tradicionais no Brasil: declarações, convenções internacionais e dispositivos jurídicos definidores de uma política nacional**. 2ª Ed. Manaus/PPGAS-UFAM/NSCA-CESTU-UEA Edições, 2010

_____, **O Direito das minorias: passagem do “invisível” real para o “visível” formal**. 2ª Ed. Manau: Edições, 2013.

SMITH, Linda Tuhiwai. (2018). **Descolonizando Metodologias: Pesquisa e Povos Indígenas**, Curitiba, Ed. UFPR. 239 pp.

SPRANDEL, Marcia A. **O Congresso Nacional e o desmatamento na Amazônia** / Alfredo Wagner Berno de Almeida; Marcia Anita Sprandel – Manaus, AM: UEA Edições, 2014.

TÖNNIES, Ferdinand. **Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais**. IN: FERNANDES, Florestan (Org.). **Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

VELHO, Otávio Guilherme. **Frente de expansão e estrutura agrária: estudo do processo de penetração numa área da Transamazônica** -3 Ed. – Manaus: UEA Edições, 2013.T

_____. **Revisitando as frentes de expansão**. Rio de Janeiro / São Luís: Casa 08, 2016.

ANEXO 01 - LEVANTAMENTO DE MAPAS SITUACIONAIS

01-Coleção de Fascículos Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos			
Qtd	Nome da Publicação	Ano	downloads
01	MAPA 1-Guerra Ecológica nos Babaçuais- Conflitos Socioambientais	2005	270
02	MAPA 2-Guerra Ecológica nos Babaçuais- Conflitos Socioambientais	2005	142
03	MAPA 3-Guerra Ecológica nos Babaçuais- Conflitos Socioambientais	2005	179
04	MAPA 4-Guerra Ecológica nos Babaçuais- Conflitos Socioambientais	2005	142
05	MAPA 5-Guerra Ecológica nos Babaçuais- Conflitos Socioambientais	2005	134
06	MAPA 6-Guerra Ecológica nos Babaçuais- Conflitos Socioambientais	2005	142
07	MAPA 7-O território quilombola de Marajó	2005	339
08	MAPA 7-Território de pesca das comunidades quilombolas de Salvaterra	2006	326
09	MAPA 8-Quilombolas de Caxias – Maranhão	2006	124
10	MAPA 09-Quilombolas -Codo-Peritoro-LimaCampos– Maranhão	2006	348
11	MAPA 10-Território das Comunidades Remanescentes de Quilombo	2006	125
12	MAPA 11-Quilombolas-Bujaru-Concordia	2006	77
13	MAPA 12-Mulheres do arumã do Baixo Rio Negro – Amazonas	2007	96
14	MAPA 13- Comunidade Urucureá	2007	79
15	MAPA 14-Quebradeiras de coco do Quilombo de Enseada da Mata – Maranhão	2007	163
16	MAPA 15-Quilombo do Tambor: Novo Airão, Rio Jaú, Novo Airão, Amazonas	2007	103
17	MAPA 16-Ribeirinhos da região do Zé Açú-Parintins AM	2007	108
18	MAPA 17-Piaçabeiros do Rio Aracá, Barcelos – Amazonas	2007	75
19	MAPA 18-Mulheres Artesãs – Indígenas e Ribeirinhas de Barcelos AM	2007	165
20	MAPA 19- Quilombolas de Coelho Neto – Maranhão	2007	83
21	MAPA 20-Ribeirinhas da várzea do Parauá e Costa do Canabuoca – Manacapuru AM	2007	87
22	MAPA 21-Movimento das Peconheiras e Peconheiros da Ilha de Itacoãzinho, Igarapé Caixão e Igarapé Genipaúba – Baixo Acará PA	2007	70
23	MAPA 22-Ribeirinhos e Agricultores do Lago do Cururu – Manacapuru AM	2008	51
24	MAPA 23 – Movimentos Ribeirinhos e Indígenas em defesa dos lagos e da vida – Setor 1 Caité – Tonantins AM	2008	244
25	MAPA 24 – Povos do Aproaga – São Domingos do Capim PA	2008	147
26	MAPA 25 – Luta dos Quilombolas Pelo Título Definitivo – Oficinas de Consulta – Alcântara MA	2008	59
27	MAPA 25.1 – The quilombola (maroon) struggle for the definitive land title – Consultation workshop – Alcântara MA	2008	70
28	MAPA 26 – Trabalhadores AgroExtrativistas da Reserva Extrativista de Ciriaco – Realidades e Dasafios – Maranhão	2008	74
29	MAPA 27 – A lutas das quebradeiras de coco contra o carvão do coco inteiro – Bico do Papagaio – Maranhão Tocantins Pará	2008	82
30	MAPA 28 – Mulheres quebradeiras na defesa do babaçu contra as carvorarias – Médio Mearim – Maranhão	2009	76
31	MAPA 29 – Comunidades quilombola de Tiningú,Saracura, Murumurutuba, Bom Jardim, Arapema, Murumuru – Santarém PA	2009	131
32	MAPA 30 – Ribeirinhos e Ribeirinhas de Abaetetuba e sua diversidade cultural – Pará	2009	193
33	MAPA 31 – Kuntanawa do Alto Rio Tejo – Alto Juruá – Acre	2009	85
34	MAPA 31 .1– Kuntanawa of the upper Tejo river – Upper Juruá River – Acre	2009	35
35	MAPA 32 – Ribeirinhos, Extrativistas e Agricultores da Associação das Comunidades do Lago do Antônio – Humaitá AM	2009	57
36	MAPA 33 – Comunidades extrativistas da Resex Ituxi – Lutando por uma vida melhor – Lábrea AM	2009	89

37	MAPA 34 – Comunidade Quilombola de Santa Fé do Guaporé – Costa Marques RO	2009	153
38	MAPA 35 – Comunidades Tradicionais de Democracia, Jatuarana, Pandegal, Santa Eva e Terra Preta do Ramal 464 – Histórias de lutas e conquistas – Manicoré AM	2010	74
39	MAPA 36 – Quilombolas, Agricultores(as), Quebradeiras de coco, Pescadores do Território de Formoso – Penalva MA	2010	89
40	MAPA 37 – Pescadores e Pescadoras, Agricultores e Agricultoras do Lago do Puraquequara e Jatuarana – Luta e guerra contra a opressão do exército. A vitória das comunidades ribeirinhas, área rural de Manaus – Manaus AM	2011	90
41	MAPA 38 – Associação Indígena Karapanã – Assika – Rio Cuieiras, Baixo Rio Negro AM	2012	90
42	MAPA 39 – Quilombolas de Monte Alegre – Trilhando Caminhos que dona Vitalina nos ensinou – Médio Mearim MA	2012	60
43	MAPA 40 – O Povo Indígena Pirahã em defesa do seu território tradicional no Sul do Amazonas – Hiaitiyii aba aigioo Pirahã oigiaa bigi apatiso kaoai bogi aoaga micihiai akasaba apagaiso	2013	73
44	MAPA 41 – Movimentos Kokama – Como tudo começou – São Paulo de Olivença AM	2013	96
45	MAPA 42 – Organização Kaixana – Santo Antônio do Iça AM	2013	84
46	MAPA 43 – Povos Indígenas do Município de Lábrea – Lutando por nossas terras – Amazonas	2013	104
47	MAPA 44 – Povos Indígenas de Canutama – Lutando pelos nossos direitos – Banawa, Paumari, Apurinã, Karipuna, Miranha, Katukina, Jamamad – Canutama AM	2013	77
48	MAPA 45 – Terras Indígenas de Tapauá – Lutando por uma vida melhor – Paumari, Apurinã, Mamori, Deni – Amazonas	2013	75
49	MAPA 46- Moradpores do Baixão do Tufi (Altamira) desalojados pelas obras de usinas Hidrelétrica	2015	0
02- Coleção de Fascículo Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazonia			
50	MAPA 1-Indígenas na Cidade de Belém	2006	189
51	MAPA 2-Homossexuais na Cidade de Belém	2006	142
52	MAPA 3-Afro-religiosos na Cidade de Belém	2006	278
53	MAPA 4-Negras e Negros na Cidade de Belém	2007	121
54	MAPA5-Catadores na Cidade de Belém	2007	82
55	MAPA 6-Pessoas com Deficiência na Cidade de Belém	2007	58
56	MAPA 7-Feirantes e Ribeirinhos dos Portos Públicos de Belém	2007	109
57	MAPA 8-Ribeirinhos das Ilhas de Belém	2007	195
58	MAPA 9-Moradores do Riacho Doce e Pantanal – Igarapé Tucunduba – Belém	2007	116
59	MAPA 10-Fé e Esperança: Mulheres Guerreiras de Campos Sales – Manaus AM	2007	63
60	MAPA 11- Histórias de Lutas e Conquistas dos Moradores do Bairro Jesus Me Deu – Manaus AM	2007	199
61	MAPA 12-Famílias da Comunidade Parque Riachuelo I – Manaus AM	2007	58
62	MAPA 13 – Parque Riachuelo II: Histórias, Conquistas e Reivindicações – Manaus AM	2007	51
63	MAPA 14 – Ontem um dono, hoje milhares: A História do Bairro Parque São Pedro – Manaus AM	2007	93
64	MAPA 15 – Comunidade Negra de São Benedito da Praça 14 de Janeiro – Manaus AM	2007	110
65	MAPA 16 – Indígenas na Cidade de Manaus: Os Satere-mawé no Bairro Redenção	2007	207
66	MAPA17 – Mulheres Indígenas e Artesãos do Alto Rio Negro em Manaus		127
67	MAPA 18 – Comunidade “Beco dos Pretos” – Morro da Liberdade – Manaus AM	2007	115
68	MAPA 19 – Indígenas na Cidade de Rio Preto da Eva – Comunidade Indígena Beija-flor	2007	112
69	MAPA 20 – Indigenous People in Preto da Eva River City – Beija-flor indigenous community	2007	40

70	MAPA 21 – Bairro do Cabelo Seco – Marabá PA	2007	110
71	MAPA 22 – Carvoeiros de Rondon do Pará	2007	50
72	MAPA 23-A Luta pela Regularização Fundiária – Moradores da Agrisal Salinópolis, Pará	2008	0
73	MAPA 24 – Indígenas nas Cidades de Manaus, Manaquiri e Iranduba – Processo de Territorialização dos Sateré-mawé	2008	81
74	MAPA 25 – Associações Indígenas na Cidade de Manaus – AMARN – Associação de Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro NUMIÁ KURA	2008	84
75	MAPA 26 – Movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis (LGBT) – Manaus AM	2009	141
76	MAPA 27 – Catadores na Cidade de Manaus – Vida de Lutas e Conquistas	2009	51
77	MAPA 28 – Ilê axé alagbedê olodumare – Casa de Axé Ferreiro de Deus – Povos de Terreiro Poço do Lumiar – Maranhão	2009	84
78	MAPA 29 – Watchimaïcü: Indígenas Tikuna na Cidade de Manaus	2009	58
79	MAPA 30 – Pescadores e Extrativistas das Ilhas ao Sul de Belém	2010	85
03-Coleção Crianças e Adolescentes em Comunidades Tradicionais da Amazônia			
80	MAPA 01 – Crianças e Adolescentes Ribeirinhos e Quilombolas de Abaetetuba	2007	961
81	MAPA 02 – Jovens de Comunidades Tradicionais do Baixo Tocantins	2008	209
82	MAPA 03 – Adolescentes e Jovens Indígenas do Alto Rio Negro	2009	233
04-Coleção de Fascículos- Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil			
83	MAPA 01 – Povos dos Faxinas – Paraná	2007	1425
84	MAPA 02 – Fundos de Pasto – Nosso Jeito de Viver no Sertão – Lago do Sobradinho BA	2007	865
85	MAPA 03 – Quilombolas de Jambuaçu – Moju PA	2007	943
86	MAPA 04 – Comunidade dos Pescadores e Pescadoras Artesanais – Mostrando sua Cara, Vez e Voz – Submédio e Baixo São Francisco	2007	739
87	MAPA 05 – Ribeirinhos e Quilombolas – Ex-moradores do Parque Nacional do Jaú – Novo Airão AM	2007	647
88	MAPA 06 – Quilombolas de Conceição das Crioulas – Salgueiro PE	2007	497
89	MAPA 07 – Ribeirinhos e Artesãos – Itaquera, Gaspar, Barreira Branca e São Pedro – Rio Jauaperi RR e AM	2007	501
90	MAPA 07 – River-dwellers and Artisans – Itaquera, Gaspar, Barreira Branca and São Pedro – Jauaperi River RR and AM	2007	173
91	MAPA 08 – Quilombolas de Linharinho – Espírito Santo	2007	485
92	MAPA 09 – Cipozeiros de Garuva – Floresta Atlântica SC	2007	591
93	MAPA 10 – Povoado Pantaneiro de Joselândia – Mato Grosso	2007	452
94	MAPA 11 – Comunidade Quilombola Invernada Paiol de Telha Fundão – Paraná	2008	327
95	MAPA 12 – Comunidade de Pescadores de Caravelas – Sul da Bahia	2009	341
96	MAPA 13 – Expressões Culturais e Ofícios Tradicionais em Goiabeiras Velha – Vitória ES	2010	862
97	MAPA 15 – Ilhéus do Rio Paraná atingidos pelo Parque Nacional da Ilha Grande e APA Florestal – Paraná	2009	392
98	MAPA 16 – Pescadores Artesanais da Vila Superagui – Guaraqueçaba PR	2010	410
99	MAPA 17 – Movimento em defesa da Costa da Lagoa: Pescadores e Pescadoras Artesanais – Referências Culturais da Costa da Lagoa – Florianópolis, Ilha de Santa Catarina	2010	258
100	MAPA 18 – Capoeira da Ilha – Florianópolis, Ilha de Santa Catarina	2010	285
101	MAPA 19 – Quilombolas do Morro do Boi – Santa Catarina	2011	419
102	MAPA 20 – Comunidade Tradicional dos Agricultores e Pescadores Artesanais dos Arais da Ribanceira – Imbituba SC	2011	731
5-Coleção de Fascículos Faxinalenses do Sul do Brasil			
103	MAPA 01 – Faxinalenses: fé, conhecimentos tradicionais e práticas de cura – Associação Aprendizagem da Sabedoria de Mediciniais e Agroecologia – ASA	2008	318
104	MAPA 02 – Faxinalenses no Setor Centro – Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses	2008	224
105	MAPA 03 – Faxinalenses no Setor Sul – Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses	2008	204

106	MAPA 04 – Faxinalenses no Setor Metropolitano de Curitiba – Articulação Pixurão dos Povos Faxinalenses	2008	147
107	MAPA 05 – Faxinalenses do Núcleo Metropolitano Sul de Curitiba – Articulação Pixurão dos Povos Faxinalenses	2008	184
6-Coleção de Fascículos Pescadores e Pescadoras Artesanais do Rio São Francisco			
108	MAPA 01 – Comunidade de Pescadores Artesanais do Saramém	2010	299
109	MAPA 02 – Pescadores e pescadoras artesanais do Açude Público Cocorobó	2010	135
110	MAPA 03 – Pescadores e pescadoras artesanais do Cânion do São Francisco – Alagoas Bahia Sergipe	2010	167
111	MAP 04 – Pescadores e pescadoras artesanais de Resina – Foz do São Francisco	2010	167
7-Coleção de Fascículos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil Central			
112	01 – Povo Indígena Kanela do Araguaia	2009	316
8-Coleção de Fascículos Quilombolas do Sul			
113	MAPA 01 – Comunidade Quilombola Invernada Paiol de Telha Fundão – Paraná	2009	357
114	MAPA 02 – Comunidade Quilombola de João Surá – Paraná	2009	263
115	MAPA 03 – Comunidade Quilombola do Rocío Adelaide Maria Trindade Batista, Castorina Maria da Conceição e Tobias Ferreira – Palmas PR	2010	271
9-Coleção de Fascículos Povos Indígenas do Nordeste			
116	MAPA 01 – Povo Indígena Tuxá de Rodelas	2010	543
117	MAPA 02 – Povo Indígena Pankararú	2010	339
118	MAPA 03 – Povo Indígena Truká	2010	196
119	MAPA 04 – Povo Indígena Tumbalalá	2010	372
120	MAPA 05 – Povo Indígena Pipipã	2010	548
121	MAPA 06 – Povo Indígena Kambiwá	2010	320
122	MAPA 07 – Povo Indígena Kariri Xocó	2011	222
123	MAPA 08 – Povo Indígena Xocó	2011	190
124	MAPA 09- Povo Indígena Tapuya Karirí	2012	0
10-Coleção de Fascículos Fundos de Pasto: nosso jeito de viver no sertão			
125	MAPA 01 – Fundo de Pasto Nossa História de Vida no Sertão: Oliveira dos Brejinhos e Brotas de Macaúbas – BA	2012	349
11-Coleção de Fascículos Direitos e Identidades			
126	MAPA 01 – Mapas da retomadas dos Xukuru do Ororubá – PE	2012	613
127	MAPA 02 – Mapa dos Campos e das Sedes de Futebol do Bairro de Santo Amaro, Recife – PE	2016	109
12-Coleção de Fascículos Proyecto Mapeo Social de Pueblos y Comunidades Tradicionales en La Pan-Amazonía: una red social en Consolidación			
128	MAPA 01 – Territorio Coletivo del Consejo Comunitario Mayor dela Asociación Campesina Integral del Atrato-COCMCIA, Zona 8 y 9	2013	119
13-Coleção de Fascículos Povos e Comunidades Tradicionais de São Paulo			
129	MAPA 01 – Comunidades tradicionais caiçaras da Jureia, Iguape-Peruibe – União dos Moradores da Jureia-Proposta UMJ	2013	1.641
14-Coleção de Fascículos Nueva Cartografía Social de Pueblos y Comunidades Tradicionales			
130	MAPA 01 – Caboverdeanos e la Argentina: crónicas de una Identidad	2012	115
15-Coleção de Fascículos Cultura e Resistência no Oeste do Pará			
131	MAPA 01 – Território das Artesãs Associadas à ASARISAN	2013	241
16-Coleção de Fascículo Projeto Mapeamento			
132	MAPA 01 – Agricultores, extrativistas do Paraizinho contra o desmatamento e luta pela posse da terra do rio Madeira – Humaitá /AM	2013	344
133	MAPA 02 – Nossa Senhora Auxiliadora do Rio Ipixuna: Agricultores, extrativistas e assentados contra o desmatamento e o “mercado ilegal” de terras – Humaitá AM	2013	100
134	MAPA 03 – Povos Kokama e Tikuna – Benjamin Constant AM-Demarcação contra a Devastação	2013	257
135	MAPA 04 – Quilombolas do Rio Andirá – Santa Tereza do Matupiri, Trindade, São Pedro, Boa Fé e Itaquara- Barreirinha AM	2014	193
136	MAPA 05 – Quebradeiras de Coco Babaçu e Agroextrativistas – Sudeste do Pará	2014	186

137	MAPA 06 –Desmatamento e Conflitos na Terra Indígena Pindaré – Bom Jardim MA	2014	201
138	MAPA 07 –É por água é por Terra é pela vida! Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do Cujubim Beira Rio – Caracará RR	2014	103
139	MAPA 08 – Agroextrativistas da Castanha do Brasil, Amaturá - AM: Contra o Desmatamento e a Devastação de Castanhais	2014	102
140	09 – Quilombolas do Rosa Macapá-AP	2014	123
141	10 – Quilombolas do Real Forte Príncipe da Beira- Costa Marques RO	2014	219
142	11 – Quilombolas da Ilha de São Vicente – Tocantim-Pará	2014	150
143	12 – Quilombolas de São Tomé de Tauçú no Rio Acutipereira– Portel PA	2014	75
144	13 – Assentamentos Rurais José Dutra da Costa e Nova Vitória e Acampamento Deus Te Ama- Rondon- PA	2014	57
145	14 – Quilombolas do Rio Mutuacá e seus afluentes – Currallinho PA	2014	70
146	15 – Impactos Socioambientais nas Terras Indígenas de Roraima ocasionados pela invasão da Acacia mangium – Terras Indígenas RR	2014	53
147	16 –Rede de Conhecimentos Tradicionais do Alto Juruá – Marechal Thaumaturgo AC	2014	47
148	17 – Comunidade remanescente de Quilombo dos Rios Arari e Gurupá, Cachoeira do Arari, Estado do Pará	2014	88
149	18 – Território Quilombola de Cachoeira Porteira – Alto Trombetas, Oriximiná PA	2014	474
150	19 – Ribeirinhos, extrativistas e moradores das comunidades deslocadas pela Usinas no Rio Madeira RO-Vila Jirau voltando a beira que resiste	2014	108
151	20 – Aldeia Pastana Juruna kapôtnhinôri – São Félix do Xingu PA & Santa Cruz do Xingu MT	2014	113
152	21 – Indígenas no Rio Cuieiras, Manaus AM: Aldeia de São Thomé, Três Unidos, Nova Esperança, Kauanã, Terra Preta, Barreirinha e Boa Esperança	2014	84
153	22 – Quilombolas do rio Pacajá – Portel PA	2014	102
154	23 – ARQPEAFU Conquistando seu espaço -Pará	2014	157
155	23.1 – Quilombo de Passagem valorizando a Identidade	2014	72
156	24 – Extrativistas da RESEX rio Cajari em ação – Amapá	2014	98
157	25 – Indígena Akrãtikatêjê na TI Mãe Maria:expropriados e deslocados pela Eletronorte para a Construção da UHE – Pará	2014	98
158	26 – Comunidade Quilombolas de Bornéu Pedro do Rosário –MA	2014	84
159	27 – Identidade e território do povo indígena Xerente do Araguaia – Porto Alegre do Norte -Mato Grosso	2014	90
160	28 – Presença de “isolados” nos altos rios iboiaçu, Humaitá, Muru, Tarauacá , Jordão e Envira- AC	2014	103
161	29 – Área Indígena Kambeba do Município de São Paulo de Olivença AM	2014	106
162	30 – Acampados no Acampamento João Canuto – Tucuruí PA	2014	127
17-Coleção de Fascículo Mapeamento Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Rio Tapajós			
163	01 – Território Indígena Mundukuru do Planalto Santareno	2015	556
164	02 – Aldeia/Comunidade de Escrivão Mundukuru Cara Preta	2015	238
165	03 – Aldeia/Comunidade de Pinhel (Maytapu) Aveiro – PA	2015	306
166	04 – Território Terra dos Encantados (Povos Tupaiú, Tapajós e Arara Vermelha) – Santarém – PA	2017	304
18-Coleção Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central			
167	01 – Fecho de Brejo Verde na luta por nosso modo de vida – Comunidade de Fecho de pasto Brejo Verde, Bahia	2018	398
168	02 – Comunidade quilombola Kaágados de Kaágados, Tocantins	2019	110
169	03 – Comunidade Tradicional Quilombola pesqueira vazanteira de Croatá-MG	2018	149
170	04 – Comunidade Quilombola Família Lídia Batista do Sangradouro Grande-MG	2018	130
171	05 – Território das Comunidades Tradicionais da Serra do Centro- Campos Lindos	2018	118
172	05.1 – Território das Comunidades Tradicionais da Serra do Centro- Campos Lindos (Demonstração de da Cobertura Vegetal no ano de 1984)	2018	118
173	5.2 Território da Comunidades Tradicioanis do Mirante- Campos Lindo	2018	118
174	06-Comunidade Quilombola Buriti do Meio	2019	

175	07 – Território Quilombola Kalunga do Mimoso –	2019	88
176	08 – Território Quilombola Claro, Prata e Ouro Fino	2019	88
177	09 – Território tradicionalmente ocupado pelo Povo Indígena Guarani de Cocalinho - Aldeia Jaguari - MT	2019	66
178	10 – Comunidade Tradicional Vazanteira da Ilha de Pau de Léguas-Manga-MG	2019	380
179	11 – Indígenas Kariri e quilombolas do Mocambo, Sumidouro e Tapuio Queimada Nova – PI	2019	80
180	12 – Comunidade Brejo das Meninas, município de Santa Filomena e Baixada Grande do Ribeiro (PI)	2019	422
181	13 – Território do Riozinho, Comunidade Santa Fé - Municípios de Santa Filomena e Ribeiro Gonçalves - Piauí	2019	73
182	14 – Território e Identidade dos Retireiros do Araguaia - Luciara - MT	2019	53
19-Coleção de Fascículo Povos Indígenas do Rio São Francisco			
183	01 – Território do Povo Indígena Pankararé – Bahia	2019	482
184	02 – Território do Povo Indígena Truká-Tupan-Bahia	2019	281
185	03 – Território do Povo Indígena Kariri-Xokó da Bahia	2019	308
186	04 – Território do Povo Pankararu Opará de Jatobá – Pernambuco	2022	48
20-Coleção de Fascículo Comunidades Tradicionais Quilombolas			
187	01 – Cartografia da Comunidade Quilombola Casinhas Jeremoabo/BA	2020	30
21-Coleção de Fascículo Nova Cartografia Social Do Nordeste			
188	01 – Ambiente e Cultura dos Tapuias da Lagoa de Tapará	2022	30
189	02 – Comunidade Quilombola e Pesqueira Rio dos Macacos-BA	2022	37
190	03- Quilombo Quingoma/Kingoma	2022	21
191	04 – Práticas, Conhecimentos e Formas de Organização do Território Mendonça	2022	49
192	05 – Águas do Território Indígenas Mendonça	2022	41
193	06-Comunidade Quilombola e Apanhadora de Flores de Raiz	2022	10
194	07 – Comunidade Pesqueira e Vazanteira de Canabrava	2022	11
MAPAS DOS BOLETINS			
01-Coleção Nova Cartografia Social da Amazônia(4 Boletins)			
195	MAPA 01-Complexo do Madeira em Notícia	2007	118
196	MAPA 02-Compelxo Madeira- Conflitos Sociais na Panamazonia	2009	90
197	MAPA 03-Impactos Sócio-Territoriais causados pelo Projeto Portal da Amazonia	2009	503
198	MAPA 04-Hidrelétrica de Marabá:Territorialidades Especifica e Conflito	2010	111
02-Coleção Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil (2 Boletins)			
199	MAPA 01-Proposta UMJ-2013	2013	1418
200	MAPA 02-Mapeamento Social da Benzedeiras, Benzedeiros, Curadeiras, Curadores, Costureiras, Costureiros de Rendidura,Machucadura e Parteiras	2012	679
03- Coleção Mapeamento Social (9 Boletins)			
201	MAPA 01-Formas Organizativas das Quebradeiras de coco	2014	171
202	MAPA 02-Desmatamento e Conflito em Território Quilombola na Baixada Maranhense: Formoso, Sansapé, Monte Cristo, Enseada da Mata	2014	84
203	MAPA03-Organização e Resistência das Comunidades Rurais em Mojuí dos Campos (PA)	2014	85
204	MAPA 04-Presença de índio Isolados nos rios Humaitá, Auto Murú, Iboiaçú, Alto Tarauacá, Jordão e Alto Enviara	2014	481
205	MAPA 05-Impactos SocioAmbientais nas Terras Indígenas de Roraima, ocasionados da Acacia Manguim	2014	112
206	MAPA 06-Meso Região do Alto Solimões: Desmatamento, Conflito por Terra e Invasão de Lagos	2014	64
207	MAPA 07-Questões Socioambientais e ordenamento territorial no arquipélago do Marajó e municípios do Baixo Tocantins	2014	113
208	MAPA 08-Devastação em áreas das comunidades pela implantação da linha de transmissão	2014	76
209	MAPA 09-Territórios Quilombolas atingidos pelo Cultivo de Dende no Nordeste Paraense	2014	208

04-Coleção Proyecto Mapeo Social de Pueblos y Comunidades Tradicionales en La Pan-Amazonía: Una Red Social en Consolidación (3 Boletins)			
210	MAPA 01- Territorios de Pueblos Indigenas do Estado do Amazonas	2013	99
211	MAPA 02- Village Ameridien Arowaca, Saint Rose Lima- Matouri Guiana Francesa	2016	98
212	MAPA 03- Pescadores Artesanales de Laguna de Unare, El Hatillo, Venezuela	2014	49
213	MAPA 04- Mapa Urbano de San Jose de Borvolento, Estado de Miranda Venezuela	2017	1
05-Coleção Cartografia da Cartografia Social			
214	MAPA 01 - MAPA - Pimental - Rio Trairão, Tapajós e Itaituba - PA	2016	267
215	MAPA 02 - MAPA - La Marina: Barrio, Identidad, Religión e Tradición	2016	238
216	MAPA 03 - MAPA - Comunidad de La Ceiba, Balcón Arimao, La Lisa	2016	90
217	MAPA 04 - MAPA - Pesca Artesanal na Comunidade Tradicional Caçara de Trindade, Paraty, RJ - Enseada do Caixa d'Aço	2016	535
218	MAPA 05 - MAPA - Comunidades Quilombolas do Jalapão	2016	219
219	MAPA 06 - Comunidade Quilombola Pesqueira Vazanteira de Caraibas	2017	160
220	MAPA 07 - Indígenas Mura: Entre a Aldeia e a Cidade - Manicoré - AM	2017	98
221	MAPA 08 - Ilha do Capim	2017	205
222	MAPA 09 - O Povo Mura do Ria Itaparanã	2017	105
223	MAPA 10 - Jogos Interculturais Indígenas da Comunidade Nossa Senhora do Livramento - Manaus (AM)	2017	110
224	11 - MAPA - Atingidos Pelo Projeto Minas-Rio - COMUNIDADES À JUSANTE DA ÁREA DA MINERADORA ANGLO AMERICAN (MG)	2018	2382
225	MAPA 11.1 - Atingidos Pelo Projeto Minas-Rio - Comunidade Passa Sete (MG)	2018	2382
226	MAPA 11.2 - Atingidos Pelo Projeto Minas-Rio - Comunidade Água Quente (MG)	2018	2382
227	MAPA 11.3 - Atingidos Pelo Projeto Minas-Rio - Comunidade São José do Jassém	2018	2382
228	MAPA 12. - Volta Grande do Xingu	2017	268
229	MAPA 13- Terra Indígena Paumari do Lago Maraha - Lábrea (AM)	2018	55
230	MAPA 14 - Território do Cajueiro - São Luís (MA)	2018	132
231	Mapa 15 - Mapa Situacional De Conflitos Socioambientales En El Resguardo Ticuna, Cocama Y Yagua De Puerto Nariño Y Leticia	2018	84
232	MAPA -15.1 - Mapa Situacional De Conflitos Socioambientales En El Área De Manejo De La Comunidad De San Martín De Amacayacu	2018	84
233	MAPA 15.2 - Mapa Situacional De Conflitos Socioambientales En El Área De Manejo De La Comunidad Siete De Agosto	2018	84
06-Projeto Estratégias de Desenvolvimento, Mineração e Desigualdades			
234	MAPA 1 - Indígenas Gamela no Cerrado Piauiense	2020	484
235	MAPA 2 - Território e Resistência de Nossas Origens - Associação Agroextrativista PAE São Afonso - Igarapé Vilar	2020	203
236	MAPA 3 - Povos tradicionais indígenas do Vale do Javari	2020	232
237	MAPA 4 - Conflitos Socioambientais e ameaças aos direitos territoriais de povos e comunidades tradicionais da Ilha Xingu	2020	244
238	MAPA 4 - Cartografia social dos povos e comunidades tradicionais na rota dos grandes empreendimentos no Baixo Tocantins e Ilha do Marajó	2020	244
239	MAPA 5 - Território do Conde	2020	156
240	MAPA 6 - Trabalhadores da Agricultura Familiar: Acampados oprimidos pela mineração em Canaã dos Carajás - Pará	2020	534
241	MAPA 7 - Pescadores e Ribeirinhos - Sudeste do Pará	2020	152
242	MAPA 8- Raízes e lutas da Comunidade Quilombola São Joaquim	2020	60
243	MAPA 9- Território da Comunidade Tradicional Geraizeira Pindaíba - Rio Parda de Minas - MG	2020	115
244	MAPA 10 - Cartografia comunitária de Paracatu de Baixo: múltiplos danos do rompimento da Barragem de Fundão, Mariana (MG)	2020	263
245	MAPA 11- Efeitos do garimpo no território Omágua - São Paulo de Olivença - AM	2020	208
246	MAPA 12- Formações no Rio Tocantins à jusante da UHE Tucuruí (Baião)	2020	120

247	MAPA 12,1 - Territorialidades Especificas de Tucuruí à Calados	2020	120
248	MAPA 13 - Povos Tikuna e Kokama de Benjamin Constant – Movimento pela demarcação da terra tradicionalmente ocupada	2020	182
249	MAPA 14 - Comunidade Quilombola Santa Rosa dos Pretos - Itapecuru Mirim/MA	2020	404
250	MAPA 15-1 - Comunidade Quilombola Cariongo - Santa Rita/MA	2020	139
251	MAPA 15-2- Comunidade Quilombola Cariongo - Santa Rita/MA	2020	139
252	MAPA 15-3 - Comunidade Quilombola Oiteiro dos Nogueiras	2020	139
253	MAPA 15-4- Comunidade Quilombola Pedreiras - Santa Rita/MA	2020	139
254	MAPA 15-5 - Comunidade Quilombola Santana/São Patrício - Santa Rita e Itapecuru Mirim/MA	2020	139
255	MAPA 16- A Implantação do Parque Eólico: Conflitos e Territorialidades	2020	164
07-Coleção Projeto Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central (5 Boletins)			
256	MAPA 01- Conflitos Socioambientais e Ações Coletivas no Sertão de Itaparica	2019	860
257	MAPA 1-1 - Territorialidades e Conflitos Socioambientais em Itacuruba - PE	2019	860
258	MAPA 2 - Articulação Vazanteiros em Movimento	2019	87
259	MAPA 3- Conflitos socioambientais na região de Caxias e Coelho Neto	2019	87
260	MAPA 4 - Campestre do Maranhão - Agronegócio da Cana de Açúcar e a Devastação dos Babaçuais	2019	51
261	MAPA 5- Campestre do Maranhão - Agronegócio da Cana de Açúcar e a Devastação dos Babaçuais	2019	33
08-Coleção Conhecimentos tradicionais de Povos e Comunidades do nordeste do Brasil (2 Boletins)			
262	MAPA 1- Comunidades Geraizeiras e de Fundo e Fecho de Pasto da Bacia do Rio Corrente	2021	24
263	MAPA 2- Terras Tradicionalmente Ocupada pela Comunidade Aquilombola Pesqueira de Conceição de Salinas: Destaque das visitas da DPU e PDE/BA	2022	29
09-COMUNIDADES TRADICIONAIS DE PESCADORES E PESCADORAS ARTESANAIS			
264	MAPA 1-Terra e Território: Assentamentos de Reforma Agrária e Território de Pesca	2022	0
265	MAPA 01-1 Território de Pescadores e Pescadoras Artesanais do Olho D'água do Casado/AL	2022	0
10-Megaprojetos em Implementação na Amazônia e Impactos na Sociedade e na Natureza			
266	MAPA 01- Assentamento do João do Vale	2022	9
267	MAPA 2-Praia do Mangue, Praia do Índio e portos no Médio Tapajós -PA	2022	14
268	MAPA 2-1 Terras indígenas do Alto Tapajós e a expansão da Logística da Soja-PA	2022	14
269	MAPA 3 - Ênfase na sobreposição dos requerimentos ANM, Belo Sun Mineradora sobre os assentamentos	2022	14
270	MAPA 4- Comunidade de Pescadores em Itaituba-PA e Expansão Portuária	2022	8
271	MAPA 4-A-Comunidade de Barreiras-Levantamento Parcial de áreas de uso do Rio Tapajós	2022	8
272	MAPA 5- Expansão do Agronegócio no Sul da Amazonia	2022	3
273	MAPA 5-1 Processos Minerários no Sul do Estado do Amazonas	2022	3
274	MAPA 6- Grilagem, Desmatamento e Queimadas nas Terras Indigenas Mura, Harabagadyno KM 90 da Transamazonica(Lábrea-AM)	2022	5
275	MAPA 7 Povo Indigena Gavião Akrätikatêjê, Parcatêgê, Kyukatêjê- Pará	2022	27
276	MAPA 7-1 Povo Indigena Guarani Mbyá-Pará	2022	27
277	MAPA 7-2 Povo Indigena Suruí- Aikewara-Para	2022	27
278	MAPA 7-3 Povo Indigena Aweté Parakanã-Para	2022	27
279	MAPA 8 PAE Lago Grande-Santarém-PA	2022	19
280	MAPA 8-1 Comunidade Cabeceira de Ouro-PAE Lago Grande Santarém-PA	2022	19
281	MAPA 8-2 Comunidade do Cabeceira do Marco PAE Lago Grande Santarém-PA	2022	19
282	MAPA 9 Território Gleba Tauá	2022	4
283	MAPA 10 - Aldeias Lideradas po Mulheres	2022	6
284	MAPA 11- Território Chiquitano	2022	7
285	MAPA 11-1 Território e Identidade da Aldeia Vila Nova Barbecho	2022	7
286	MAPA 11- Comunidade Nossa Senhora Aparecida Osbi	2022	7

287	MAPA 11-3 Territorio Comunidade Santa Mônica	2022	7
288	MAPA 11-4 Territorio Comunidade Nova Fortuna	2022	7
289	MAPA 12.1-Comunidades Quilombolas de Anajatuba / MA	2022	18
290	MAPA 12.2-Comunidades Quilombola Teso Grande e Cupaúba - Anajatuba / MA	2022	18
291	MAPA 12.3-Comunidades Quilombola São Roque - Anajatuba / MA	2022	18
292	MAPA 12.4-Comunidades Quilombola São Pedro - Anajatuba / MA	2022	18
293	MAPA 12.5-Comunidades Quilombola São José e Bernardo - Anajatuba / MA	2022	18
294	MAPA 12.6-Comunidades Quilombola Santo Antonio do Coco - Anajatuba / MA	2022	18
295	MAPA 12.7-Comunidades Retiro, Companhia e Ilha de Grande - Anajatuba / MA	2022	18
296	MAPA 12.8-Comunidades Quilombola Quebra e Bom Jardim - Anajatuba / MA	2022	18
297	MAPA 12.9-Comunidades Quilombola Ponta Bonita / MA	2022	18
298	MAPA 12.10-Comunidades Quilombola Pedrinha e Queluz- Anajatuba / MA	2022	18
299	MAPA 12.11-Comunidades Quilombola Ladeira- Anajatuba / MA	2022	18
300	MAPA 12.12-Comunidades Quilombola Ilhas do Teso- Anajatuba / MA	2022	18
301	MAPA 12.13-Comunidades Quilombola Flexeira- Anajatuba / MA	2022	18
302	MAPA 12.14-Comunidades Quilombola Cumbi- Anajatuba / MA	2022	18
303	MAPA 12.15-Comunidades Quilombola Carro Quebrado- Anajatuba / MA	2022	18
304	MAPA 12.16-Comunidades Quilombola Bairro de São Benedito- Anajatuba / MA	2022	18
305	MAPA 12.17-Comunidades Quilombola Bacabal e Centro Isidoro- Anajatuba / MA	2022	18
306	MAPA 12.18-Comunidades Quilombola Assutinga e Assutinga 01- Anajatuba / MA	2022	18
11-Povos e Comunidades Tradicionais do Alto Solimões			
307	Mapa 01- Parteiros do Alto Solimões	2023	31
MAPA DOS CADERNOS			
COLEÇÃO PROJETO MAPEAMENTO SOCIAL			
308	01 – Resistência e Mobilização dos Povos Indígenas do Baixo Tapajós	2014	351
309	02 – Devastação e Desmatamento em Comunidades Quilombolas no Maranhão	2014	199
310	03 – Povos e comunidades tradicionais e suas práticas de preservação dos recursos naturais na Amazônia	2014	241
311	04 – Devastação e lutas sociais na Amazônia maranhense	2014	139
312	05 – Identidades coletivas e conflitos sociais no médio e baixo Rio Negro: processo de desmatamento e devastação em terras tradicionalmente ocupadas	2014	114
313	06 – Desastres socioambientais das hidrelétricas no Rio Madeira e a grande cheia de 2014	2014	127
314	07 – Hidrelétricas, desmatamento e devastação em terras indígenas no sul do Amazonas e no estado de Rondônia	2014	93
315	08 – Comunidades Quilombolas do Município de Esperantina	2014	202
316	09 – A luta dos trabalhadores rurais e pescadores de Caracaraí (RR) em defesa de seus direitos	2014	104
317	10 – Atingidos pela hidrelétrica de Tucuruí	2014	144
COLEÇÃO CADERNOS DA NOVA CARTOGRAFIA DOS SERTÕES			
318	01 – Articulação Sertão Antinuclear – Não a usina nuclear em Itacuruba, no Nordeste e no Brasil-1A – Articulação Sertão Antinuclear – Inglês	2022	149
319	02 – Articulação Sertão Antinuclear – Não a usina nuclear em Itacuruba, no Nordeste e no Brasil - 1B – Articulação Sertão Antinuclear – Espanhol	2022	3